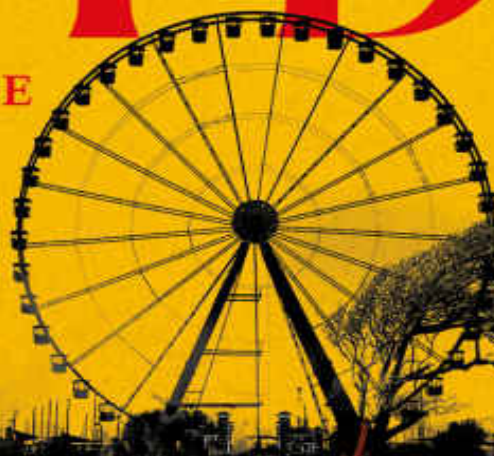


HIDE

ESCONDA-SE
QUEM
PUDER



KIERSTEN WHITE

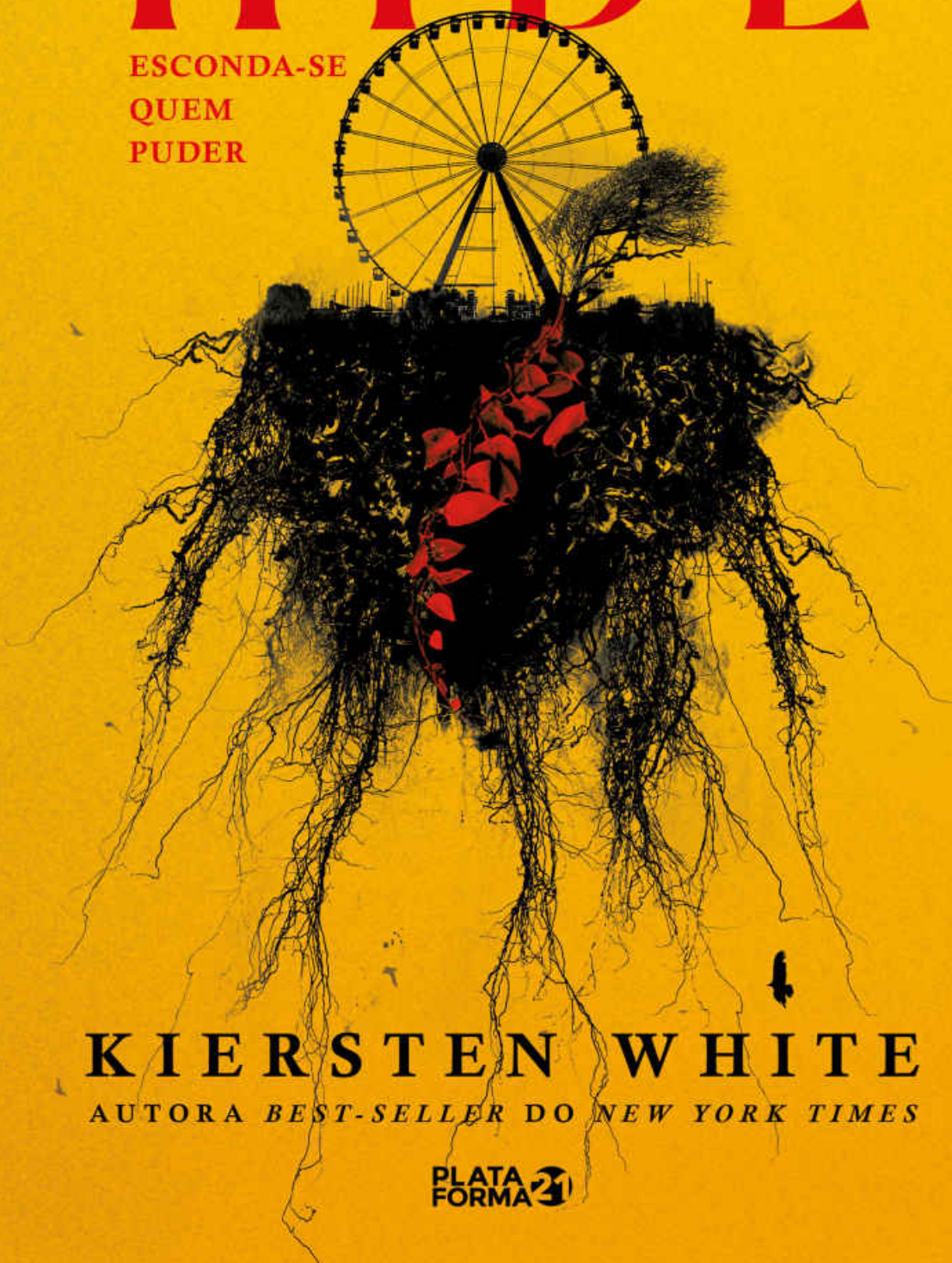
AUTORA *BEST-SELLER* DO *NEW YORK TIMES*

PLATA
FORMA 3



HIDE

ESCONDA-SE
QUEM
PUDER



KIERSTEN WHITE

AUTORA *BEST-SELLER* DO *NEW YORK TIMES*

PLATA
FORMA 21

Table of Contents

1. [HIDE – esconda-se quem puder](#)
2. [Da mesma autora](#)
3. [Folha de rosto](#)
4. [Créditos](#)
5. [Dedicatória](#)
6. [1](#)
7. [2](#)
8. [3](#)
9. [4](#)
10. [Primeiro dia](#)
11. [Segundo dia](#)
12. [Terceiro dia](#)
13. [Quarto dia](#)
14. [9](#)
15. [Quinto dia](#)
16. [11](#)
17. [12](#)
18. [Sexto dia](#)
19. [Agradecimentos](#)
20. [Sua opinião é muito importante](#)

HIDE — ESCONDA-SE QUEM PUDER

DA MESMA AUTORA, PELA PLATAFORMA21

A sombria queda de Elizabeth Frankenstein

As Novas Lendas de Camelot

A farsa de Guinevere (v.1)

A traição de Camelot (v.2)

A maldição de Excalibur (v.3)

Saga da Conquistadora

Filha das trevas (v.1)

Dona do poder (v.2)

Senhora do fogo (v.3)

A Última Caça-Vampiros

Caçadora (v.1)

Escolhida (v.2)

KIERSTEN WHITE

HIDE

ESCONDA-SE QUEM PUDE

Tradução
Lavínia Fávero

PLATA
FORMA 

Título original *Hide*

© 2022 by Kiersten Brazier.

Publicado originalmente em inglês nos Estados Unidos por Del Rey, um selo da Random House, divisão da Penguin Random House LLC, Nova York. Direitos de tradução mediados por Taryn Fagerness Agency e Sandra Bruna Agencia Literaria, SL. Todos os direitos reservados.

© 2022 VR Editora S.A.

Plataforma21 é o selo jovem da VR Editora

Hide é uma obra de ficção. Nomes, lugares e eventos são fruto da imaginação da autora ou foram utilizados de forma fictícia. Qualquer semelhança com eventos, locais ou pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência.

DIREÇÃO EDITORIAL Marco Garcia

EDIÇÃO Thaíse Costa Macêdo

PREPARAÇÃO Marina Constantino

REVISÃO João Rodrigues e Juliana Bormio de Sousa

DIAGRAMAÇÃO Victor Malta e Pamella Destefi

DESIGN DE CAPA Scott Biel

ADAPTAÇÃO DE CAPA Victor Malta

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

White, Kiersten

Hide [livro eletrônico]: esconda-se quem puder / Kiersten White; tradução Lavínia Fávero. – Cotia, SP: Plataforma21, 2022.

ePub

Título original: Hide

ISBN 978-65-88343-37-1

1. Ficção de suspense 2. Ficção norte-americana I. Título.

22-116502 CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Cibele Maria Dias – Bibliotecária – CRB-8/9427

Todos os direitos desta edição reservados à

VR EDITORA S.A.

Via das Magnólias, 327 – Sala 01 | Jardim Colibri

CEP 06713-270 | Cotia | SP

Tel. | Fax: (+55 11) 4702-9148

plataforma21.com.br | plataforma21@vreditoras.com.br

Para as novas gerações, que incumbimos
da responsabilidade de salvar a todos nós:
vocês não deveriam ter que fazer isso. Mil desculpas.

O Parque de Fascinações abriu em 1953.

perca-se na diversão! – propagandeavam os cartazes, e era verdade: multidões se acotovelavam para atravessar os portões pela manhã e só iam embora, mesmo sem querer, quando o sol se punha. Holofotes perto da saída guiavam a debandada. Não havia mapas, nenhuma daquelas placas de você está aqui para guiar os visitantes. Era um parque projetado para engolir. A vegetação era exuberante, com árvores altíssimas. Fileiras de plantas podadas em formatos característicos enfeitavam todas as trilhas muradas para circular no parque, completando a sensação de maravilhamento. Montanhas-russas, chapéus mexicanos, carrosséis, jogos e brincadeiras, atrações como o túnel do amor, a casa dos espelhos e o trem-fantasma. Só que a atração que ficava bem no meio do parque estava sempre fechada para reformas.

O parque ficava aberto de meados de maio até o início de setembro. Havia placas indicando acesso só para brancos nos primeiros anos, o que passou a ficar implícito, com bastante ênfase, quando isso se tornou mais difícil de ser declarado oficialmente, depois que a segregação racial foi proibida nos Estados Unidos. E, durante uma semana a cada sete anos, a entrada era franca. Os portões se escancaravam, e os imigrantes que vinham trabalhar durante o verão e os parentes distantes dos moradores ricos da cidade, que normalmente não tinham dinheiro para desfrutar de algo feito puro e simplesmente para fugir da realidade, adentravam, de olhos arregalados. Não havia venda de ingressos nem controle de público, apenas um parque lotado de gente alegre.

Em 1974, durante a semana grátis, um empresário de destaque, do interior do estado, resolveu fazer uma visita. Não fora convidado, mas estava pensando em investir, já que a prima de uma prima era dona do parque. Só que, antes, queria ver as atrações com os próprios olhos. Levou a esposa e os dois filhos e transformou a ida em férias.

A filhinha, de cinco anos, nunca mais foi vista.

Um dos trabalhadores imigrantes foi preso pelo assassinato dela, mas a publicidade negativa deixou uma mancha permanente. E, com isso, o Parque de Fascinações fechou as portas.

Uma hora os boatos morreram. As plantas cresceram. A natureza foi, lentamente, cooptando as atrações, os carrinhos, as montanhas-russas. O que não desmoronou enferrujou, e o que não enferrujou envergou, e o que não envergou afundou com o peso do mato e da negligência.

Em algum lugar, bem perto do centro – a atração que estava sempre fechada, pela qual poucas pessoas sequer passavam, graças à estranha disposição do parque –, um sapato ficou preso nos galhos mais baixos de uma árvore ornamentada. Sem ter quem a podasse, o animal verdejante foi crescendo lentamente, cada vez mais, até o sapato ficar na altura dos olhos.

Era de couro envernizado, estava desbotado e rachado pelo tempo que passou à mercê dos elementos. E era do tamanho perfeito para alguém de cinco anos.

“É preciso gastar dinheiro para ganhar dinheiro”, costumava dizer o pai dela.

Uma vez, também disse “Três, dois, um: lá vou eu! Podem sair que eu vou pegar todo mundo!”, arrastando a faca pela parede, uma trilha sonora para acompanhar os últimos suspiros da irmã. Mack pode ter apenas imaginado os suspiros. Quem poderia dizer ao certo?

Ela não. E, mesmo que pudesse, não diria.

E tampouco estava dizendo algo agora, sentada de frente para a coordenadora. A reunião era obrigatória, uma “exigência do abrigo”, apesar de ela estar ali há vários meses, e aquela ser a primeira.

– Anda, Mackenzie. Me ajuda a te ajudar.

O sorriso da mulher é pintado, como suas maçãs do rosto e sobrancelhas, e com o mesmo capricho. Sua expressão não muda diante do silêncio de Mack. É impressionante. Será que ela treina na escuridão silenciosa de seu quarto, erguendo e reerguendo os cantos dos lábios, com cuidado para não mexer os olhos?

A coordenadora junta as mãos, as unhas pintadas de vermelho-escuro.

– Vou ser sincera com você. As coisas vão mudar por aqui. Acredito que só podemos ajudar quem estiver disposto a se ajudar. Estes abrigos ficaram estagnados, sem esperança, sem progresso. Como podemos viver em uma sociedade que não progride?

O tom de voz é animado, mas os olhos permanecem intocados pela emoção ou pelo sorriso. Inexpressivos. Como se estivessem se escondendo atrás de algo. Mack sente uma estranha afinidade por essa mulher, junto com uma desconfiança instintiva. Mas discorda. O objetivo de um abrigo não é o progresso. É ser um *abrigo*.

– Dei uma olhada na sua ficha. – A mulher aponta para uma pasta de papel pardo em cima da mesa. Mack suspeita que esteja vazia. Torce para que esteja. – É um azar você ter vindo parar aqui. Eu entendo. Você não tem

uma rede de apoio, pessoas a quem recorrer. Alguns meses sem emprego, sem pagar o aluguel, e fica difícil sair dessa. Você precisa virar a página. Contribuir com a humanidade. Só precisa de um pouquinho de sorte antes disso.

– As caixas de doações precisam mais de absorventes internos do que de sorte – fala Mack, com a voz baixa e rouca, pela falta de uso.

A mulher dá uma risadinha, um certo ar de triunfo nos olhos. Mack não deveria ter aberto a boca. A mulher mostra um envelope.

– Por coincidência, um pouco de sorte chegou pelo correio. Se vai ser bom ou não, depende de você. Neste exato momento, é uma oportunidade. E acho que você é perfeita para ela.

Mack nunca foi perfeita para nada na vida. “Perfeita” lhe parece uma palavra de outra língua, dura e incômoda. Mas talvez seja um emprego. Com um dinheirinho para ficar apresentável ela poderia ter uma chance de verdade. Desde que não bisbilhotem seu passado. Desde que não olhem muito de perto. Ela poderia conseguir.

A garota pega a folha de papel que a mulher passa por cima da mesa. É grossa. Parece cara. Mack, de repente, nota as próprias mãos – as unhas roídas, as palmas queimadas, brilhantes, e as cutículas esfiapadas. Ao pegá-lo, será que sujou o papel? É difícil sentir vergonha a essa altura da vida, mas o pensamento se insinua por baixo de sua pele.

Ela tem tanto receio de deixar uma impressão digital – uma impressão que, de alguma maneira, possa prejudicá-la nessa entrevista de emprego imaginária –, que leva vários segundos para processar o que está lendo.

– Por acaso isso é uma piada? – sussurra.

O sorriso da mulher não muda.

– Sei que parece piada. Mas garanto que é para valer.

– Quem foi que te contou?

Finalmente, as bochechas da mulher relaxam, e suas sobrancelhas se aproximam.

– Como assim? Quem me contou o quê? Que é para valer?

“Da minha vida”, pensa Mack. “Quem foi que te contou da minha vida?” Mas a expressão confusa da mulher não pode ser fingida. Será que pode? Se ela pode pintar aquela cara, será que pode pintar emoções também? Mack

solta a carta. Não há marcas de impressões digitais. Mas as palavras mancharam seus pensamentos.

– Por que está dando isso para mim? – Mack sabe que a pergunta a faz parecer perdida, amedrontada, mas não consegue evitar. – Por que *eu*?

A mulher dá risada, uma única explosão de desdém.

– Sei que parece bobagem. O Campeonato de Esconde-Esconde 1-2-3 Pique Salvo o Mundo. Por Deus, é uma brincadeira de criança. Mas é uma oportunidade de ganhar cinquenta mil dólares, Mackenzie. Você poderia usar esse dinheiro para progredir de verdade. Você é jovem. É inteligente. Não é ladra, não é viciada. Não deveria estar aqui.

Ninguém deveria estar ali. E todos ainda estão.

A mulher se inclina para a frente, persuasiva.

– É organizado por uma companhia esportiva, a Pique Esportes Radicais. Posso recomendar você e fazer a sua inscrição. Não é garantido que você vá vencer, mas... acho que há grandes chances. É, acima de tudo, uma prova de resistência. Além disso, tenho a impressão de que você é daquelas pessoas que sabem se esconder muito bem.

A cadeira onde Mack estava sentada vai para trás, fazendo barulho e incomodando as duas. Mas Mack não consegue continuar naquela sala, não consegue pensar, não enquanto alguém estiver olhando para ela. Não enquanto estiver sendo vista. A mulher não conhece a história de Mack e, apesar disso, sabe-se lá como, ela a conhece.

– Posso pensar a respeito – declara Mack. Não é uma pergunta.

– É claro. Mas me fale até amanhã. Se não quiser a vaga, tenho certeza de que outra pessoa vai querer. É muito dinheiro, Mackenzie. Por uma brincadeira boba! – A mulher dá risada de novo e completa: – Eu mesma me inscreveria, mas não consigo ficar mais do que vinte minutos sem fazer xixi.

Ela espera Mack dar risada também.

E continua esperando quando Mack sai pela porta, sem dar um sussurro sequer.

Tudo no abrigo é planejado para fazer as pessoas se lembrarem de que nada é delas. Não há guarda-volumes. Não há cantinhos reservados. Não há

armários. Não há quartos. No espaço, que mais parece uma caixa sem alma e cujo teto é tão alto que um passarinho mora nas vigas, há camas dobráveis. Todas com os mesmos lençóis brancos e ásperos e os mesmos cobertores que pinicam. O vão embaixo das camas precisa ficar livre o tempo todo. Não é permitido usar a mesma cama mais do que duas noites seguidas. Como tudo o que não é tirado até às nove da manhã é confiscado e jogado fora, as pessoas não podem nem sequer deixar seus míseros pertences em cima da cama de armar que não é delas.

Quando as camas estão ocupadas, Mack fica praticamente escondida. É pequena. É calada. Mas agora tem a sensação de que há um holofote sobre si. Todo mundo já pegou suas coisas e saiu. Alguns vão fazer o bico que conseguiram encontrar. Muitos ficarão sentados lá fora, na calçada, até a entrada ser permitida de novo, às quatro da tarde. Os demais, vai saber. Mack não pergunta. Mack não fala. Porque ela vai para um lugar que, tampouco, quer que os outros descubram.

Escondido atrás de uma meia-parede, sufocado pelo cheiro de poeira queimada, um velho aquecedor de água chia e protesta. Mack tem queimaduras reluzentes e permanentes nas mãos, de escalar o aquecedor, de se espremer entre as paredes e subir, toda encolhida.

Deu o nome de Bert ao passarinho que mora nas vigas do teto. A ave está construindo um ninho com restos de lixo, incluindo cabelo. Mas para que está fazendo isso? Como encontrará uma parceira para ter ovos? Será que não quer viver para sempre lá em cima, sozinho, seguro e protegido, naquele local escuro e empoeirado? Mack fica deitada de bruços o dia todo, a três vigas de distância de Bert, apenas existindo. Paciente e vazia como o ninho. E, quando dão quatro da tarde, desce e se junta à fila de gente cansada que pede para dormir em uma cama dobrável que jamais será sua.

Ela conseguirá pensar lá em cima, em seu cantinho perto do pássaro, segura e escondida. Mas tem até amanhã para se decidir. Talvez não pense até lá.

Para no meio do caminho.

Não há nada em cima das camas dobráveis. Incluindo a que ela usou na noite anterior. Onde deixou sua mochila porque não pôde entrar com ela na reunião obrigatória. Por motivo de *segurança*.

Sua mochila sumiu, ou seja: agora ela só tem a roupa do corpo. Ou seja: não pode nem lavar as roupas sem ter que ficar perto da pia, pelada. E que banheiro público vai permitir que Mack faça isso? Ela será notada. Ela será vista.

Ela sabe que não pode pedir para a mulher que administra o abrigo devolver sua mochila. Não vão devolver e vão taxá-la de encenqueira. Seu tempo ali chegou ao fim. Mack não pode se esconder atrás do mínimo de segurança que já teve. Ela já viu como é, qual é o preço a pagar.

1-2-3 Pique Salvo o Mundo. Coisa que, em algumas variações da brincadeira, se diz quando alguém que está se escondendo consegue bater no pique antes de ser pego e resolve que todos, menos o “pega”, vão ganhar, tipo assim, de graça. Mas nada na vida é de graça.

Na sala, o sorriso da mulher loira não diminuiu um milímetro sequer, como se ela estivesse esperando. Como se ela soubesse.

– Está bem – sussurra Mack. – Eu vou.

“Lá vou eu! Podem sair que eu vou pegar todo mundo”, cantarola ele, na cabeça de Mack.

Ela não vai sair. Ela vai ganhar.

E, além do mais, desta vez, sua vida não depende disso.

Quatorze competidores. Sete dias. A lista está fechada. As entregas dentro do parque foram acertadas: comida, gasolina para o gerador, cobertores, camas de armar e tudo o mais que for necessário. Os suprimentos para o lado de fora do parque foram reunidos. Bloqueadores de sinal de celular. Filmes e livros, para a espera interminável. Lavadoras de alta pressão, para o fim inevitável.

A lista é distribuída, acompanhada de fotos. Todo mundo precisa decorá-la. Poucos o fazem. As fotos dos competidores são presas com tachinhas na parede da lanchonete de Ray, uma por uma. Não é para ninguém apostar no resultado – é estritamente proibido –, mas isso não os impede de criar *rankings*, fazer previsões, escolher um favorito. Os competidores podem ser divididos em dois grupos.

Aqueles que podem ser descritos como aspirantes:

Uma modelo e influenciadora *fitness*

Um grafiteiro

Uma apresentadora de canal de trolagem no YouTube

Um desenvolvedor de aplicativo-barra-caseiro

Uma *designer* de joias-barra-passeadora-de-cães

Um devotado instrutor de CrossFit

Uma atriz gravemente alérgica a alimentos

Aqueles que podem ser descritos como empacados:

Um escritor gravemente alérgico a pessoas

Um garoto banido e perdido, em igual medida

O frentista mais gentil de Pocatello, em Idaho

Uma veterana de guerra

Um vendedor de painéis solares

Uma eterna estagiária

E Mack, que não é ninguém, no que depender dela

Dezessete horas dentro de um ônibus para pegar outro ônibus até um terceiro ônibus até uma *van* chamada de ônibus e, finalmente, Mack é entregue no meio do meio do nada. Ela tem o costume de imaginar onde poderia ser mais anônima: em uma cidade grande, com tanta gente em quem reparar que ninguém repara em ninguém; ou no interior, em uma cidade deserta, onde não mora ninguém. Ao sair da *van* e dar de cara com um turbilhão de poeira, sem ninguém para recepcioná-la, suspeita que a segunda alternativa seja a verdadeira. Sua vista alcança quilômetros, ao que parece, nas duas direções da estrada. Ou seja: ela também pode ser vista.

Se ela perder, será que lhe darão a passagem de ônibus para voltar? Ou ficará presa ali? Ela nem sequer sabe onde “ali” é, não tem certeza do estado em que está. É verde, de um verde selvagem, com árvores enormes e enxames de insetos. Parece um terreno plano, mas ela não consegue ver nada além da estrada e das árvores.

Mack se senta na beira da estrada, agarrada à sacola da Pique Esportes Radicais que lhe deram. A sacola contém sete camisetas e quatro calças. Todas em um tom de preto lavado. Novas, mas já desbotadas, de certo modo. Tem a impressão de que são velhas conhecidas.

Também tem um *kit* de higiene, o que lhe parece um ato de misericórdia e ternura. E tinha várias barrinhas de granola e uma garrafa d’água, mas essas sumiram depois de poucas horas das dezessete que levou para chegar ali. Fome é fome. Não faz sentido poupar o que se tem quando pode se dar ao luxo de encher a barriga.

Uma hora depois, seu desconforto se aguça, ficando mais opressor. Não apareceu ninguém. As árvores se assomam às suas costas. A estrada se estende, deserta.

Será que o jogo já começou? Será que ela já perdeu?

Poderia ser pior. Mack está a intermináveis quilômetros de um lugar que conheça, mas tem roupas. Pasta de dente, escova de dente, desodorante, um pente. Uma sacola robusta. Tecnicamente, avançou em relação ao ponto em que se encontrava até então.

O protesto de uma suspensão automotiva já muito agredida a recepciona bem antes de outra *van* estacionar. Ela está resignada. Das duas, uma: ou está ali para levá-la embora – “achei!” – ou para levá-la até a competição

em si.

O veículo despeja outras três pessoas e, logo depois, segue, sem a menor cerimônia, pela estrada infinita. Duas mulheres e um homem. Um garoto, na verdade, é a impressão que Mack tem. Não deve ser muito mais novo do que ela, e é bem mais alto, mas alguma coisa – a risca juvenil do cabelo, o rosto redondo, a camisa branca de mangas compridas, gasta, por dentro das calças azul-marinho baratas que não lhe servem direito – sugere que outra pessoa escolheu suas roupas.

Uma das mulheres está arrumada com a atenção aos detalhes de um artista. É tanto maquiagem e produto de cabelo quanto gente, e Mack fica impressionada com sua perfeição visual. É quase difícil olhar para ela. A outra mulher está de regata preta e calça cargo larga. Manca sutilmente ao se afastar da estrada e se aproximar de Mack.

A mulher manca, cuja cabeça raspada destaca os grandes olhos castanho-escuros, olha para Mack de um jeito desavergonhado. A mulher bonita não olha para Mack de jeito algum. Fica fazendo careta para o celular, levantando-o. Como se, assim, fosse encontrar sinal. E o garoto olha para todos os lados, menos para as mulheres que o acompanham. Um leve brilho de suor na testa, círculos úmidos nas axilas. Parece prestes a fugir.

Alguém ali está mais apavorado do que Mack. É reconfortante.

– Quero morrer, caralho. Não tem sinal mesmo – diz a mulher bonita, por fim, ainda agarrada ao celular, como se ele fosse uma espécie de talismã. – A luz está muito dura, de qualquer jeito. – Pela primeira vez, ela olha para Mack, que se afastou ainda mais da estrada, está quase perto das árvores. – Por acaso te contaram alguma coisa?

Mack faz que não. Quando a *van* a pegou na rodoviária, o motorista disse, apenas: “Pique Salvo?”. O homem até perguntou o que era isso, mas ela só resmungou e fingiu dormir.

– Ava – diz a mulher de cabeça raspada.

– Que foi? – dispara a mulher bonita.

– Ava...

A mulher bonita joga as duas mãos para o alto e repete:

– Que foi?

A mulher de cabeça raspada ergue a sobrancelha, perdendo a paciência.

– Como não conversamos na *van*, estou me apresentando. *Eu me chamo Ava*. E o seu nome é...

Finalmente, a mulher bonita relaxa, dando uma gargalhada.

– Ai, meu Deus, desculpa. Fico tão vaca quando estou com fome. Também me chamo Ava. É por isso que fiquei confusa.

– Que ganhe a melhor Ava, Ava Dois. – O sorriso sarcástico da Ava de cabeça raspada mostra covinhas tão profundas que daria para se perder nelas.

– É o que pretendo. – O tom da Ava bonita é mais de brincadeira do que maldoso. Ela se acomoda no meio das árvores, tira várias *selfies*. Ava de cabeça raspada vira para Mack, na expectativa.

– Mack.

Mack diz o próprio nome como se fosse uma frase completa, torcendo para que a aceitem como tal.

Ava de cabeça raspada se senta no chão, estica uma das pernas com facilidade e posiciona a outra com as mãos.

– Prazer em conhecê-la, Mack. Espero derrotar você, e não é nada pessoal.

Mack não responde. É uma competição. É claro que vão querer vencer.

Ava de cabeça raspada inclina a cabeça para o garoto, que atravessou a estrada e está parado do outro lado, olhando, resoluto, para longe delas. Seus ombros são voltados para dentro, sua postura é menos de expectativa do que de derrota. Já.

– Aquele é o LeGrand. Buscaram ele junto comigo, antes da Ava Dois. Quando tirei o casaco, ele espichou tanto o pescoço para não olhar para mim que achei que ia quebrar. O pobre garoto morre de medo de mulher. O que até pode ser uma vantagem. Vai ficar tão desesperado, não querendo olhar para a gente, que é capaz de nunca sair do esconderijo.

– Acho que ele é *gay* – declara Ava bonita, sentando-se no chão, ao lado da Ava de cabeça raspada. Ava bonita é magra e ossuda. Ava de cabeça raspada é mais corpulenta, parece ser mais forte. Mack admira e inveja a postura de seus ombros, a força de seu abdômen. Sua aparência é desafiadora de um jeito diferente da de Ava bonita, mas ambas chamam atenção.

O cabelo de Mack é curto, a ponto de ela passar tanto por um cara quanto por uma garota. Ela usa camisetas bem maiores do que ela e calças largas, fica com as mãos enfiadas nos bolsos para projetar os ombros para a frente e esconder os seios. Ava e Ava não escondem nada.

Mack pensa que derrotará as duas.

– Não é *gay*, não – diz a Ava de cabeça raspada, então arranca uma folha de grama comprida e a coloca na boca. Ela assopra, mas não sai nenhum som. – Se ele tem tanto medo de ver mulher, só pode estar interessado. – Ela inclina o corpo para trás e aperta os olhos para Mack. – Qual é a sua história? – Há algo que é tanto uma brincadeira quanto uma conferida, pelo jeito que ergueu uma única de suas sobrancelhas marcantes.

Ninguém ali é amigo de Mack. Ninguém é amigo dela. Ninguém será. Mack pode se fingir de educada e torcer para que um resmungo qualquer satisfaça a curiosidade da Ava de cabeça raspada, mas acha que isso não vai acontecer. Então muda de tática.

– Vai se foder – responde Mack.

Ava bonita faz uma careta, ofendida por tabela. A expressão da Ava de cabeça raspada muda, mas não de um jeito ameaçador nem bravo.

– Legal – responde ela. E então se vira de novo para a estrada.

Mack se esconde mais na sombra. Mas, apesar do fora que deu nas duas, ambas as Avas acabam indo para lá e ficando ao lado dela. O sol está implacável, zumbindo como os insetos ao redor delas. Depois de uma ou duas horas, outra *van* vem sacolejando na direção do grupo. Ava bonita corre para falar com quem está lá dentro, mas é a mesma história. Só foram contratados para largar as pessoas ali. Ao longo do dia, mais três *vans* aparecem, até que, por fim, são quatorze pessoas esperando. Todas, pelo jeito, têm mais ou menos a mesma idade, vinte e poucos anos, um pouco mais, um pouco menos.

Agora Mack se sente um tantinho mais à vontade. Com tantas pessoas ali – muitas das quais estão desesperadas para se sobressair e serem notadas, falando e rindo alto –, ela mal chama atenção. Com exceção da de Ava de cabeça raspada, que a observa descaradamente e dá uma piscadela toda vez que seus olhares se cruzam.

Quando a última *van* vai embora, todos ficam olhando para a estrada, na

expectativa.

Cinco horas depois, o clima mudou completamente. Todo mundo está suado. Não há onde se sentar a não ser no chão. Nenhum celular tem sinal. Ninguém tem comida nem água – mas um homem musculoso, muito espertamente, aumenta ofertas monetárias em troca de comida de hora em hora. Uma das mulheres, de cabelo castanho, que mais parece uma propaganda de creme dental, com seus dentes impressionantemente brancos, chora. Muitos juram que farão comentários contundentes da experiência na internet. Dois dos homens sugerem ir acompanhando a estrada até chegar ao vilarejo mais próximo, mas o medo de perder a competição os faz ficar parados no mesmo lugar. Todo mundo está irritado e bravo. Com exceção de LeGrand, que fica a distância, com cara de absolutamente perdido; da Ava de cabeça raspada, que está tirando um cochilo, usando os braços de travesseiro; e de Mack, que sabe que ainda aguenta dois dias antes de para de funcionar por conta da fome. O fantasma de um sorriso assombra seu rosto.

Ela é capaz de vencer.

Quando o delicado hematoma da noite se espalha, chega um ônibus. Desculpas são oferecidas acompanhadas de garrafinhas d'água e sanduíches. A anfitriã do grupo, uma mulher que já passou da meia-idade faz tempo, de terninho cor de pedra preciosa e penteado que desafia a gravidade, está tão sinceramente empolgada de conhecê-los que fica difícil culpá-la pela confusão no cronograma. Um “tarde” onde deveria haver um “manhã”, *e-mails* perdidos, falta de sinal, um rosário de desculpas que se tornam mais aceitáveis pelas calorias e pela hidratação... Só que diversas das mulheres jamais vão perdoá-la pela humilhação de ter que fazer xixi no mato.

Tudo será explicado, promete a mulher. Mas ainda terão que percorrer um longo trajeto de ônibus e, se pudessem fazer o favor de embarcar em fila, rapidinho, rapidinho, rapidinho, porque há tanto que discutir, tanto que preparar, eles têm uma semana tão emocionante pela frente!

Água é engolida, comida é devorada, piadas são contadas. Fazem uso extensivo e agradecido do banheiro do ônibus. Sentam-se em seus lugares,

já dividindo os participantes. LeGrand se senta sozinho. Ava bonita não enxerga mais Mack, concentra-se naquelas que são mais do seu nível. Ava de cabeça raspada segue Mack até a metade do ônibus e senta ao lado dela sem perguntar se pode. É um problema. Mack quer ser invisível, quer ser subestimada, não quer ser vista. É uma competição de esconde-esconde, afinal de contas.

A noite cai. O ônibus dá a partida. Quatorze cabeças exauridas pelo calor e reidratadas balançam em sincronia.

Ninguém passa orientação alguma. Todo mundo já pegou no sono.

Enquanto eles dormem, um reconhecimento de terreno.

As plaquinhas de soldado da Ava de cabeça raspada balançam sobre a regata. Um par é dela mesma. O outro, não. A cabeça da mulher cai no ombro de Mack. A cabeça de Mack repousa contra a penugem macia da cabeça de Ava. É o maior contato físico com outro ser humano que ambas têm em anos. E dormem enquanto isso.

Ava bonita, aspirante a modelo do Instagram, encontrou o belo Jaden, aspirante a dono de academia de CrossFit. Ela não tem patrocinadores e ele não tem academia, mas ambos são encantadores, pela esperança e promessa que representam. A cabeça de Ava bonita está encostada na janela. Ela ronca. Morreria de vergonha se soubesse que fez isso em público, mas não há ninguém acordado para ouvi-la, com exceção do motorista e da anfitriã. O motorista mantém os olhos na estrada, com uma determinação agressiva. Segura o volante como se fosse um escudo. A anfitriã fica perambulando pelo corredor, tocando cada testa com seus dedos suaves como uma pluma, como se estivesse benzendo ou dando a bênção.

A benzedura pula LeGrand, encolhido nos fundos do ônibus, perdido e sozinho, mesmo cercado de gente. Este não é o mundo dele, e ele não sabe como existir nele. Nada, *nada* faz sentido. Ele sonha que está colhendo legumes; os dedos doem, cavando cada vez mais fundo sem encontrar nada, sabendo que devia encontrar algo, devia estar procurando algo, mas só consegue continuar cavando a terra no escuro. Não está procurando legumes. Está cavando uma cova, e isso dói, e ele dói, e está apavorado por saber de quem é a cova.

Ian está com um caderno no colo. A caneta, a coisa mais cara que possui, caiu no chão. Só vai se dar conta disso quando saírem do ônibus e já tiver perdido o objeto. Como poderá escrever sem ela? Tampouco consegue escrever com ela, mas ficará convencido de que é a falta da caneta que o está atrapalhando. Veio em busca de inspiração. E também de dinheiro. Um pouco de dinheiro, um pouco de segurança, e ele conseguiria escrever o mais importante romance dos Estados Unidos.

Brandon parece ser uma pessoa agradável até quando dorme. Há algo de digno e atencioso no modo como dorme completamente ereto, como se estivesse pronto para arregaçar as mangas caso alguém precise de ajuda. Independentemente do que aconteça, já se divertiu e ficará feliz com o resultado. Para ser sincero, nem sequer sabe o que vai fazer com o dinheiro, caso vença. Não consegue se imaginar derrotando ninguém. Acha mesquinho querer vencer, quase uma maldade. Pois, se ele vencer, treze pessoas vão perder. Aquilo é uma aventura. Uma viagem de férias. Brandon não tira um dia de folga desde que começou a trabalhar no posto de gasolina, aos quatorze anos. Só que vovó não está mais esperando por ele. Tem andado meio perdido desde que vovó morreu. Uma aventura é tudo o que ele deseja.

Seu companheiro de assento tomba, fica horas com a cabeça pendurada. Ainda está com as mãos sujas de tinta, da pichação que fez na última rodoviária. Está pronto para deixar sua marca na competição. Tem esperança de ser capaz de criar algo ali que vai acompanhá-lo quando voltar para o mundo. Será o próximo Banksy. *Não*. Será o primeiro Atrius. (Seu nome verdadeiro é Kyle, que ele odeia, assim como tudo o que Kyle era e poderia ser. Mas, como cometeu o engano de errar a grafia de “Atreus”, as chances que tinha de ser encontrado no Google foram roubadas por uma empresa de plano de saúde. Um erro na gestão de marca, cometido por alguém determinado a existir fora do âmbito das marcas.)

Christian pegou no sono com um sorriso no rosto, mas desesperado por dentro. Ninguém ali lhe parece ser um bom contato. Sua ideia de conseguir potenciais oportunidades de negócio fazendo aquilo lhe parece tão improvável quanto vencer essa coisa ridícula. Talvez, conheça alguém da Pique Esportes Radicais. Todo mundo precisa de um bom vendedor. Se

tiver que bater em mais uma porta e sorrir enquanto pergunta sobre painéis solares...

Sydney, a *youtuber*, e Logan, o desenvolvedor de aplicativos, se deram bem na floresta, do jeito que Christian gostaria de ter conseguido se dar bem com alguém. Farão um novo aplicativo juntos, baseado no sucesso incipiente do canal de trolagem que Sydney tem no YouTube. Uma competição nacional de trolagem. Vai ser um sucesso enorme. Os dois estão radiantes mesmo dormindo, certos do futuro brilhante que imaginaram. Jantares com Musk, eventos beneficentes com Gates, parcerias com a Frye Tecnologia e muitas trolagens terríveis para conseguir isso tudo.

Rebecca pesquisou exatamente quanto custaria ir do ponto A ao ponto C. Ela acha que o ponto C basta. O agente com quem esteve em contato disse que ela tem potencial, mas vai ter que se destacar um pouco mais para merecer o interesse dele. Rebecca não conseguiu decidir se o agente quis dizer interesse profissional ou interesse em um teste do sofá. C é a letra que tornará seus sonhos realidade, e cinquenta mil dólares é o número que a levará até a letra que precisa. Ela dorme com a bolsa cheia de canetas de adrenalina autoinjetáveis, grudada no peito como se fosse uma naninha.

Rosiee só quer vender umas joias, caralho. Só para provar que não é a fracassada que a mãe sempre previu que ela seria. Mas fazer joias de prata requer prata, e prata custa dinheiro. Rosiee está se escondendo do ex há quatro anos. Pode se esconder durante uma semana, não é nada. Suas orelhas estão tão lotadas de brincos que fazem barulho ao bater no vidro, enquanto ela descansa. Os olhos da anfitriã se fixam na cobra enrolada no pulso de Rosiee. Tão linda. Ela realmente tem talento.

Na frente do ônibus está Isabella, a eterna estagiária. Ela fez estágio em tantos lugares que nem se lembra de todos. Também quer fazer uma chamada de vídeo com os executivos da Pique. Precisa de um salário. Meu Deus, precisa de um plano odontológico. Cinquenta mil dólares não vão nem sequer cobrir os empréstimos estudantis que contraiu para pagar pelos estudos que só serviram para ela se enterrar ainda mais. O diploma absurdamente caro que ainda não serviu para conquistar um único emprego que sirva como fonte de renda. Ela range os dentes quando dorme.

O ônibus vai sacolejando pelo túnel profundo da noite, isolando do

mundo quatorze sonhadores desesperados.

Quatorze pares de olhos remelentos se abrem. Presumem que acordaram porque o ônibus parou.

Estão enganados. O ônibus parou há horas. Enquanto dormiam, meia dúzia de pessoas entrou. Verificou os nomes e as fotos, riscou de uma lista. A mulher cor de pedra preciosa ficou de novo zanzando pelo corredor, encostando os dedos na testa de cada um, benzendo, e só depois se juntou aos demais, do lado de fora do ônibus. Ela insiste no cerimonial, na formalidade, e todos baixam a cabeça e fazem um minuto de silêncio. Alguns mexem os pés, loucos para sair dali. Poucos reviram os olhos. E outros poucos fecham os olhos, em sinal de gratidão fervorosa. Ao fim do minuto, vão embora, finalizar toda aquela operação logística, assumir seus postos ou se trancar dentro de casa até o próximo encontro, antes que tudo aquilo termine, enfim.

Quando os visitantes somem sem deixar vestígios, os passageiros se espreguiçam. Onze celulares são imediatamente tirados de bolsos e bolsas.

– Sem sinal? – pergunta Isabella, entrando em pânico. E se alguém lhe oferecer um emprego? E se um dos infinitos currículos que mandou tiver sido marcado como potencial candidata? E se alguém quiser entrar em contato pelo LinkedIn? Ninguém torceu tanto, mais do que Isabella, daquele poço de desespero, para receber um *e-mail*.

– Qual é a sua operadora? – pergunta Jaden. Ele abraça o assento para exhibir mais os bíceps. Antes, fazia esse tipo de coisa de propósito, mas agora é um reflexo. Treinou a si mesmo e ao próprio corpo para serem perfeitos.

– Verizon.

– T-Mobile. Nada.

– AT&T – declara Ava bonita, fazendo careta. – Nada também. Nem o aplicativo da Pique Esportes Radicais que a gente foi obrigado a baixar está funcionando. E eu, que ia fazer uma *live* no Insta...

– E quanto ao Termo? – pergunta Isabella.

– Bom, óbvio que eu não ia postar nada específico – responde Ava bonita, fazendo careta de novo.

– É, foi o Termo mais intenso que já vi na vida! – comenta Jaden. Quase todo mundo dá risada e concorda, apesar de, na realidade, ninguém ali já ter se envolvido antes com algo importante a ponto de ter que assinar um Termo de Confidencialidade. Só que ninguém vai admitir isso.

– Tenho quatro barrinhas – diz Sydney. E obtém olhares ávidos, quase desesperados, como resposta. – Só que não! Muito obri... trolada! – Ela se encolhe toda assim que as palavras saem de sua boca. Precisa muito de um bordão melhor para seu canal no YouTube. E agora todo mundo odeia Sydney, que se encolhe no assento de novo. Até Logan se afasta dela. Já era aquela parceria genial para o aplicativo. Em plena luz da manhã, tudo parece menos provável.

– Ninguém tem sinal? Sério? – Rebecca anda pelo corredor, um pouco cambaleante, agarrada na bolsa cheia de injeções de adrenalina. Todo mundo mostra os celulares inúteis. Rebecca para no assento de Mack e Ava. Nenhuma das duas está com o celular na mão. Os olhos de Ava estão arregalados; o rosto de pele oliva, pálido.

– Celulares?

Mack faz que não. Rebecca interpreta o gesto como se Mack estivesse sem sinal, e não como se Mack não tivesse celular.

– E o seu? – pergunta Rebecca para Ava. – Está com sinal?

– Me deixa em paz, caralho – resmunga Ava, sem olhar para a garota. Ava, até então, estivera tão calma, tão alegre. Essa mudança incomoda Mack. Rebecca continua sua jornada até acordar LeGrand, que fingia dormir. Ele tampouco tem celular. As pessoas que o rodeiam são acometidas por um nervosismo profundo, só de pensar nisso. Por instinto, as mãos apertam os próprios celulares, que agora viraram câmeras caras e nada mais.

Ava passa a mão na cabeça raspada. Mack se dá conta de que Ava se tornou “Ava”, não a Ava de cabeça raspada. Ela é a Ava principal na perspectiva de Mack. Quando Mack acordou – antes de Ava –, a cabeça de Ava estava apoiada em seu ombro, aninhada. O leve pinicar da cabeça

tosada de Ava fez Mack se lembrar de filhotes de cachorro. Para seu choque e leve desânimo, ficou triste quando Ava acordou, assustada, ficando longe de seu ombro.

– Você conseguiu dormir? – A pergunta de Ava carrega mais intensidade do que deveria.

Mack faz que sim. É capaz de dormir em qualquer lugar. Estava dormindo quando ele finalmente terminou o que estava fazendo. Ela não ouviu. A polícia já estava lá havia horas quando Mack acordou e saiu de seu esconderijo. Dormir sempre foi sua grande fuga, seu grande consolo. Os pesadelos são reservados para quando está acordada.

– Não durmo em público. – Ava olha em volta, irritadiça. – Nem em avião nem em ônibus nem em nenhum lugar onde não saiba quem está à minha volta ou não me sinta segura.

Ela fingiu tirar aquele cochilo ontem e aproveitou o tempo para ouvir as conversas dos outros e avaliar seus concorrentes.

Mack se sentiu segura quando acordou com Ava encostada em seu ombro. Aquilo não era seguro?

– Foi um longo dia – diz Mack, praticamente sussurrando.

– Já fiquei quatro dias sem dormir, viajando. – Ava cerra e descerra os dentes. Olha para a frente do ônibus, onde não encontra tanto o motorista quanto a anfitriã. Depois tateia o chão em busca da sacola. – Onde foi parar aquela garrafinha d’água que você tinha ontem à noite?

Mack olha na própria sacola. A garrafa d’água havia sumido. Ela sacode a cabeça, o incômodo de Ava estava lhe dando cansaço.

– Ei! – grita Ava, ficando de pé. – Por acaso todo mundo pegou no sono ontem à noite? Alguém ficou acordado? – Pessoas fazem que não. – Alguém sabe onde estamos?

– Eu posso responder a essa pergunta! – diz a anfitriã, que sobe no ônibus, com um sorriso tão reluzente quanto o sol da manhã.

Ava volta a se sentar, fazendo careta.

– Quatorze pessoas, e ninguém ficou acordado.

– Talvez você tenha se sentido segura... – sussurra Mack. Sente frio no ombro, sem a cabeça de Ava apoiada nele.

– *Você se sente segura?*

Mack olha pela janela. Sentiu-se, durante aqueles poucos segundos entre dormir e acordar. E foi a primeira vez, em muito, muito tempo. Mas esse sentimento passou, e não era recíproco, o que tornava tudo mais triste.

– Bem-vindos à cidade de Asterion! É uma maravilha tecnológica – diz a anfitriã, rindo sozinha. – Uma zona livre de celulares, toda natural! Existe um tipo específico de minério aqui, por todos os lados: era um local de mineração. Causa tanta interferência no sinal de celular que as operadoras desistiram. Então, receio que vocês vão ficar sem sinal durante a competição.

– *Wi-Fi*? – pergunta Rebecca, a atriz, atuando como líder na prática.

– Temos uns orelhões à moda antiga. Podem usá-los o quanto quiserem agora de manhã, enquanto terminamos os preparativos, antes de irmos para a zona da competição. Custa vinte e cinco centavos, mas interurbano é mais caro, talvez vocês tenham que ligar a cobrar.

– E quem anda com moedas hoje em dia? – Rosiee verbaliza o que todo mundo pensa, girando uma de suas pesadas pulseiras de prata.

– Por que vocês nos obrigaram a baixar um aplicativo se a gente não pode nem usar? – resmunga Ava bonita.

Logan espicha o pescoço quando comentam sobre o aplicativo. Foi desenvolvido pela Frye Tecnologia, a gigante do Vale do Silício, que leva seu sobrenome. Esse é um dos motivos para ele querer criar aplicativos. Já se sente conectado, como se fosse predestinado a fazer parte desse sucesso.

Mas a mulher sacode a mão, fazendo um gesto de pouco caso.

– Ah! O aplicativo. Esqueci disso. É para ser usado depois da competição, não desinstalem. Para pegar informações, *feedback*, blá-blá-blá. Não é meu departamento. E sinto muito pela falta de sinal: sei quanto vocês, jovens, gostam dos seus celulares! Mas essa foi uma das características que nos fizeram escolher Asterion. Vocês devem se lembrar do Termo. A Pique Esportes Radicais leva isso muito a sério. Como ainda estão na fase de desenvolvimento da competição, precisam controlar o fluxo de informações. Estão pensando em transformá-la em um *reality show*.

Metade dos ocupantes do ônibus fica em alerta, como cães quando farejam algo. Metade se encolhe, como esses mesmos cães, depois de anos de agressão.

– Mas é claro que nada está decidido. Temos todos os direitos reservados. Agora, tenho certeza de que vocês estão com fome. A Lanchonete Star está preparada, esperando por vocês. Enquanto estamos aqui, vou passar o cronograma de hoje.

Mack afunda no assento. Ela não tem dinheiro algum.

– Posso pagar para você – diz Ava. Pelo jeito, Ava enxerga Mack mais do que ela gostaria de ser enxergada.

LeGrand pigarreia. Sua voz grave não combina com a carinha de bebê, e o jeito como ele fala deixa duas coisas claras: que sabe que tem voz grave e que tem vergonha da própria voz.

– Me disseram... *hã...* me disseram que todas as refeições seriam pagas pela organização do evento.

– Ah, é claro, querido. – O batom da anfitriã tinha migrado para os dentes da frente, e seu sorriso parecia ensanguentado. – O café da manhã é por nossa conta! E, durante a competição, vocês farão todas as refeições no local. Agora que estão aqui, só precisam se preocupar com uma coisa: não serem encontrados.

LeGrand fica murcho de alívio. Mack fica contente também. Ela não quer começar de estômago vazio e não quer dever nada para ninguém. Muito menos para Ava.

– Três, dois, um: lá vou eu! – cantarola um dos rapazes, em tom de falsete.

Mack fica com o estômago embrulhado. Talvez não consiga comer nada depois dessa.

Um computador. Um apartamento minúsculo em uma cidade dilapidada. Ninguém com quem falar e nada para fazer pelo resto da vida, a não ser sobreviver. Isso é tudo de que ela precisa. Ela consegue. Tem que conseguir.

Todos saem do ônibus em fila indiana. A cada um que sai, a anfitriã entrega um pacote caprichado, dentro de um saquinho.

– Qual é o nome da senhora? – pergunta Rebecca para a mulher, acomodando-se em seu papel de líder. Ela tem essa qualidade, aquela pitada extra de carisma, que a diferencia dos demais. Que faz todos olharem com atenção, tentando descobrir se ela realmente é mais bonita do que parece. Ela *assume o papel* de bonita. Talvez seja isso.

Ava bonita se aproxima de Rebecca, se afasta em seguida, depois volta a se aproximar. Vira para trás e cruza o olhar com Mack. Revira os olhos, como se ambas estivessem fazendo um comentário sarcástico.

Mack não faz a menor ideia do comentário.

A anfitriã ri da pergunta de Rebecca.

– Linda! E eu ia me apresentar ontem à noite, mas vocês pegaram no sono tão rápido que não quis acordá-los.

Ava faz um leve ruído de dúvida. Mack se afasta dela deliberadamente, vai para o fim da fila. Onde está LeGrand. Que olha para seu pacote com uma expressão alarmada. Mack abre o dela.

– Juridiquês. – Ela faz uma leitura dinâmica. Limites de responsabilidade. Uma repetição do Termo de Confidencialidade. Permissão para ser filmado. Liberação de uso da própria imagem. Termos para realização de entrevistas, divulgação e promoção depois do campeonato, caso a empresa decida fazer.

Mack vai assinar tudo o que for preciso. E, depois, vai pegar o dinheiro e sair correndo. Não tem como não falarem da história dela em algo assim. Mas, com cinquenta mil dólares, Mack pode sumir. Ela pula as cerca de doze páginas do contrato, lê o itinerário e o cronograma. A Lanchonete Star é mencionada na parte da manhã, assim como a leitura das instruções. Que estão todas dentro do pacote. Ai, *meu Deus*. Terão que ficar sentados enquanto Linda lê o pacote inteiro em voz alta para o grupo.

Uma lufada de ar gelado e condicionado atinge todos em cheio quando entram na lanchonete. Fora do posto de gasolina, mas nunca fora de sua zona de conforto quando o assunto é ajudar os outros, Brandon segura a porta para todo mundo entrar, sorrindo e cumprimentando um por um, apesar de a maioria nem notar. Rosiee, a mulher cheia de joias, sorri para ele. O sorriso de Brandon fica mais largo e bobo. Ainda está largo e bobo quando Mack passa por ele de fininho. Ele franze o cenho sutilmente, tentando interpretá-la. Mas, com LeGrand, a fila termina, e Brandon solta a porta, encerrando-os na lanchonete gélida com aquele ar-condicionado e aquele cheiro permanente de *bacon*. Mais tarde, quando Mack trocar de roupa, ainda sentirá esse cheiro, impregnando seu sutiã.

Mack escolhe uma mesa bem no meio do salão e acomoda a sacola debaixo dos pés. Ninguém mais trouxe suas coisas, com exceção da

propaganda de creme dental ambulante, que está agarrada à bolsa como se fosse uma boia. Mas, até aí, é provável que ninguém mais tenha todos os seus pertences dentro de uma única sacola de viagem.

Um homem de barriga grande e braços maiores ainda, cobertos de pelos acinzentados que fazem falta na sua cabeça, sai da cozinha, limpando as mãos no avental engordurado.

– Oiê, olha só essa galera! Deixem-me adivinhar: vocês querem pratos sem glúten. Que tal uma torrada de avocado, não testado em animais, livre de gaiolas? Os avocados foram cultivados em uma comunidade *hippie*, que canta para eles dormirem todas as noites, e nunca tiveram permissão para fazer amizade com uma molécula de glúten sequer – fala. E ri da própria piada.

Rebecca levanta a mão, educadamente, e comenta:

– Na verdade, eu tenho alergia a vários alimentos e...

O homem sacode a mão, fazendo pouco caso, e fala:

– Imaginárias. As pessoas da sua geração, sinceramente... Na minha época, sabe quantos jovens eram alérgicos a amendoim? Nenhum! Agora, todo mundo é tão sensível. Sensível a isso, sensível àquilo. Tenha colhões e aprenda a comer feito adulta! – Ele fala tudo isso com a cadência de um discurso bem ensaiado.

Rebecca não fecha o sorriso e ainda não baixou a mão.

– Eu poderia, literalmente, morrer, se comer frutos secos, marisco ou qualquer coisa que entre em contato com essas duas.

– E, apesar de tudo, olha só você! Ainda não morreu!

– Gary – diz Linda, meio cantarolando –, estamos cientes das alergias de Rebecca. Um café da manhã foi preparado separadamente. Lembra? Pergunte para o Ray.

Gary solta uma bufada de desdém com aqueles lábios volumosos e vermelhos, que não combinam com ele.

– Certo. Tudo bem. Alguém mais precisa de cuidados especiais para seus intestinos especiais? Hum? Sei que é difícil sair do porão da mamãe e enfrentar o mundo real.

– *Gary*.

Ele ergue as mãos, sorrindo.

– Brincadeira, brincadeira. Esses jovens aguentam uma piada, certo?

– Só para constar, moro na garagem dos meus pais, não no porão – resmunga Jaden. Gary dá risada, depois um tapa no ombro do garoto.

– Gostei desse aqui. Sentiram os músculos desse cara? Uau! – Gary aperta o ombro de Jaden e balança a cabeça. – Sei em quem vou apostar meu dinheiro.

– Vocês têm permissão para apostar? – pergunta Ava bonita.

– Não – dispara Linda. Ela respira fundo, e o sorriso volta para seu devido lugar. – Não, mas algumas pessoas da cidade, naturalmente, vão se interessar. Há anos não acontece nada tão importante por aqui. Agora, você pode, por gentileza, anotar os pedidos para irmos ao que interessa?

Gary resmunga:

– Montamos uma cadeia internacional do zero, um fenômeno global da alimentação. Mas, claro, sim, vou anotar os pedidos, feito uma garçonzinha qualquer. – A careta está entalhada em seu rosto, mas ele começa a trabalhar.

– Ei, quem é Ray Callas? – pergunta Brandon, todo feliz, tirando os olhos de uma matéria de revista emoldurada, sobre a lanchonete de cidadezinha pequena que conquistou o mundo.

Outro homem, que estava saindo da cozinha, para e responde:

– Sou eu.

– O sobrenome do meu pai é Callas. Que coincidência! Podemos ser parentes. – Brandon fica radiante, afoito e genuinamente empolgado com a conexão, mas Ray só sacode a cabeça.

– Não.

Sem mais comentários, Ray ajuda Gary a distribuir copos d'água e cardápios gastos.

Mack pede panquecas e ovos e *bacon* e salsicha e torrada e salada de frutas e suco de laranja. Gary ergue a sobancelha peluda.

– Você é boa de garfo. – Então se aproxima e pergunta: – Você é menina ou menino? Como é que eu vou saber? – Em seguida, aponta para o corte de cabelo e as roupas largas de Mack.

– Sabe que as pessoas não são obrigadas a falar sobre o próprio gênero? – diz Ava, sentando-se na cadeira vazia ao lado de Mack.

– Ai, Senhor, proteja-me das lésbicas cheias de opinião. Você por acaso já pensou que só precisava encontrar o homem certo? – O sorriso de Gary é tanto de predador quanto de agressor. – Sabe, na minha época, a gente não *decidia* que não precisava ter gênero, casar e procriar. Aceitávamos como Deus nos criou sem querer que todo mundo engolisse a nossa opinião. E a gente também arrumava um emprego e trabalhava honestamente e saía da casa dos pais antes dos quarenta.

– Muito legal a sua história, cara – diz Ava. – Agora me conta que você subia e depois descia um morro para chegar à escola, andando mais de trinta quilômetros na neve, e que ir para a escola não o fez contrair uma dívida de seis dígitos, e que a sua primeira casa custou menos do que um carro, e aí eu vou te contar a história de como a sua geração fodeu com a minha.

Dureza e frieza surgem no sorriso de Gary, e seu jeito de falar muda, deixando de regurgitar aquelas coisas batidas que leu no Facebook.

– Você vai ser uma das primeiras a sair. Já estou até vendo. Deveria respeitar os mais velhos. Sou veterano de guerra.

– Eu também – responde Ava, recostando-se na cadeira e bocejando. – Vou querer a mesma coisa, só troca o suco de laranja por um *milk-shake* de chocolate.

Linda pigarreia. Gary arranca o cardápio da mão das duas e vai para a próxima mesa. Linda para na mesa de Mack e Ava e coloca a mão suavemente no ombro de uma, depois da outra.

– Não liguem para o Gary. Ele é bem-intencionado. Estamos todos muito felizes por vocês estarem aqui.

– Gary me faz lembrar do meu vô – diz Ava, assim que Linda se afasta. – Eu odiava o meu vô.

Para surpresa de Mack, Ava bonita se senta na mesa delas. Ela parece agitada, não para de olhar para a mesa de Rebecca, que está lotada. LeGrand se senta sozinho no balcão, fazendo careta para o pacote. Ficou olhando fixamente para a mesma página esse tempo todo. O cara alto e desengonçado com jeito de simpático se oferece para ajudar Ray na cozinha, mas Ray faz sinal para ele ir embora. O desengonçado também se senta na mesa delas. E se senta ereto, com um sorriso afoito no rosto.

– Oi! Eu sou o Brandon. Vocês estão animadas? – pergunta. Agora Mack

também sabe o nome dele. Brandon, Ava, Ava bonita, LeGrand. Ela chega à conclusão de que já aprendeu nomes o suficiente. E, de qualquer modo, nenhum desses nomes tem importância.

– Para tomar café da manhã? – pergunta Ava.

Brandon dá risada.

– Não. Quer dizer, estou empolgado com o café da manhã. Trabalho no turno da madrugada. Faz anos que não tomo café da manhã em uma lanchonete como essa! Mas não. Com a competição. Vai ser divertido, né?

Ava bonita dá um sorriso, que mantém estampado no rosto, com o maior capricho. Está sentada com uma postura perfeita e não para de olhar em volta. Examina as paredes, depois os cantos onde as paredes se encontram com o teto.

– O que está procurando? – indaga Mack, sem conseguir se controlar. O jeito que Ava bonita examina tudo a deixa nervosa, como se ela também devesse estar procurando alguma coisa.

– Câmeras. Com certeza vão querer essas imagens também, né?

Mack se encolhe toda, começa a fazer a mesma coisa. Mas não vê nada que pareça uma câmera.

– Ainda não assinamos todos os papéis que vieram no pacote – lembra Ava.

Ava bonita relaxa, solta os ombros. Examina Brandon com um olhar crítico. Os traços dele são agradáveis, comuns. Não é bonito, não é feio. Rosto magro, dentes tortos, olhos pequenos e bondosos. Não há nada de ameaçador nele. Ava bonita resolve responder à pergunta de Brandon, já que ninguém mais se dignou. Mas responde de um jeito simpático, não sedutor. Não vale a pena fazer aliança com ele.

– É, acho que vai ser superdivertido!

Mack e Ava não falam nada. Mack ficaria com a sensação de estar mentindo se demonstrasse empolgação. Mas, como se sente um pouco mal por causa da expressão animada de Brandon, balança a cabeça para ele, bem rápido.

– Acho que vai ser horrível – diz Ava, esticando o braço para mudar a posição da perna direita.

Brandon dá risada, como se fosse uma piada, e Ava não o censura.

Quando a comida é servida, Linda faz exatamente o que Mack suspeitava que ela faria e começa a ler o pacote inteiro em voz alta para todos. Sua única gentileza é pular os documentos do início. Ninguém lê isso, afinal.

Assim que Linda começa a ler o itinerário, LeGrand fecha o pacote dele, com um suspiro de alívio, inclina o corpo para a frente e ouve com atenção. Mack não. Já decorou todas as informações relevantes. O resto são apenas detalhes.

Quatorze competidores.

Sete dias.

Um intervalo de trinta minutos para se esconder no início de cada dia – que é ao amanhecer.

A competição continua até o entardecer.

Ao entardecer, todo mundo sai do seu esconderijo e volta para o acampamento, para jantar e dormir.

– Vamos ficar em cabanas? Como será a distribuição dos quartos? – pergunta Isabella. Como está vivendo no apartamento sublocado de um amigo com outras duas pessoas, as acomodações devem ser superiores ao *closet* reformado que faz as vezes de quarto que os amigos lhe deram. Ela de fato tem que *atravessar* um banheiro para conseguir entrar no quarto. Ou seja: se alguém estiver tomando banho ou usando o banheiro, Isabella fica trancada fora do próprio quarto até que terminem o que estão fazendo.

– Ah – diz Linda, fazendo biquinho. – A situação se parece mais com um acampamento. Teremos banheiros e chuveiros, é claro. E um pavilhão coberto, com camas dobráveis e roupas de cama. É muito mais fácil do que transportar vocês até o local da competição todos os dias e depois ter que voltar. Assim, vocês terão muito mais tempo para descansar.

– Camas dobráveis? – Isabella estava enganada. Não subiu de nível. Como vai conseguir ficar apresentável o tempo todo? Ela *precisa* arranjar um emprego com essa competição. – Vamos dormir ao relento?

– Faz parte do jogo, receio.

– E a refeição durante o dia? – pergunta Rebecca. Ela tem inveja das pessoas que não precisam ficar o tempo todo ponderando cada coisa que comem.

– Teremos suprimentos. Vocês podem levá-los para o parque.

– Que parque? – pergunta Ava, empertigando-se. Este é o primeiro detalhe que recebem a respeito do local onde vão se esconder.

Linda dá um tapa na própria boca e diz:

– Ops! Não falo mais nada! Mas vocês poderão escolher mantimentos, todas as manhãs.

– E se tivermos que fazer xixi? – continua Rebecca. – Haverá intervalos durante o dia?

Linda pigarreia e responde:

– Como eu disse, teremos suprimentos. Incluindo potes com tampa.

– Ser mulher é uma merda. – Jaden e Logan se cumprimentam com um soquinho e dão risada.

– Não vamos poder mesmo fazer intervalos para ir ao banheiro? – insiste Rosiee, nervosa, girando a pulseira de prata. Ela já teve muitos casos de infecção urinária e não está nem um pouco a fim de desencadear mais um.

– Receio que, do amanhecer ao entardecer, o jogo está valendo. Se vocês forem encontrados por qualquer motivo, emergência médica, emergência sanitária, tentando conseguir comida, qualquer coisa, estão fora, sem exceções.

Mack segura o sorriso ao ver que a maioria das pessoas no recinto fica se remexendo, nervosa, cochichando. A loira cautelosa do abrigo tinha razão. Mack praticamente treinou durante anos para participar daquela competição. A garota nunca teve sorte – ou é a garota sem sorte mais sortuda que existe, dependendo do ponto de vista –, mas talvez, e só talvez, isso tenha mudado.

– Mackenzie Black? – O cara musculoso tira os olhos dos papéis e olha em volta. Mack não responde. Seu prato está quase vazio. – Por que esse nome não me é estranho?

Ela deveria ter lido o verso do pacote. Há uma lista com o nome de todo mundo. Merda. Ela não precisava dessa complicação.

A propaganda de creme dental fica de pé. Linda está do lado de fora, terminando de combinar algo com dois homens e um caminhão de entregas. Gary, felizmente, voltou para a cozinha.

– Vamos nos apresentar! Não consegui conversar com todo mundo enquanto ficamos esperando, ontem. Eu me chamo Rebecca Andrews. Sou

atriz. Gosto de longas caminhadas na praia e de competições ridículas. Mas admito que estou decepcionada por não termos mais diversidade no grupo, refletindo o que nosso belo país tem de... – Ela tenta encontrar uma palavra, mas acaba se repetindo: – ... Hã, diversidade. – Fica óbvio que está decepcionada consigo mesma por não ser mais eloquente.

Ava e Rosiee, as duas únicas pessoas do recinto que não são brancas nem passam por brancas, trocam um olhar resignado, mas nenhuma das duas dá trela. Mack não as culpa. Até parece que Rebecca abriria mão da própria vaga para dar uma chance a alguém “diverso”.

Um sujeito, de camisa polo com logo bordado e calça cáqui, fica de pé em seguida. Tem cara de quem deveria estar segurando uma prancheta.

– Christian Berry. Vendedor de painéis solares. Se tiverem uma casa, é só falar comigo, que consigo um precinho bom para vocês.

Ele olha em volta, esperançoso, mas ninguém se manifesta.

A sequência continua. Alguns tentam falar uma ou duas frases inteligentes, como fez a propaganda de creme dental. Outros só falam o nome e o sobrenome. Um cara largadão, usando gorro de lã e moletom de capuz apesar do calor, diz só o nome.

– Atrius, como o plano de saúde? – pergunta o cara da prancheta.

– Não, como o... – Solta um suspiro. – É. Eu escolhi o mesmo nome do plano de saúde. É uma crítica social. Como não posso pagar o plano, me tornei o plano.

Ava dá risada. Atrius olha para ela, com uma expressão de gratidão.

Um cara pálido de olhos fundos – Mack lembra que ele passou a tarde inteira agarrado a um caderno, mas não parecia estar escrevendo nada – faz careta e cruza os braços.

– Não sei qual o sentido disso. Não somos amigos. Estamos aqui para derrotar os outros. Não ligo para o nome de vocês nem para quem vocês são, muito menos para quais são os anseios e os sonhos de vocês.

– Ah, Ian, não fala assim. – Brandon dá um sorriso e completa: – Isso também pode ser divertido, né?

– Eu concordo com Ian – declara Ava, dando de ombros. – Desejo sorte a todos vocês, mas também torço para perderem. Meu nome é Ava, aliás.

– A *outra* Ava – corrige Ava bonita. – *Eu* me chamo Ava e...

O cara dos músculos se recosta na cadeira e cruza os braços:

– Eu me chamo Jaden Harrell...

– O mesmo sobrenome daquele escroto do Brent Harrell? – interrompe-o Ava.

– Quem é esse? – Jaden franze o cenho, e seus bíceps se contraem.

– O juiz da Suprema Corte? Aquele que agrediu mulheres durante a faculdade e agora toma decisões em nome do país inteiro?

Jaden dá de ombros, obviamente irritado por Ava tê-lo interrompido e também porque ela sabia algo que ele não. Fica tenso, o equivalente a um galo que estufa o peito para parecer maior diante de uma ameaça. – E daí, caralho? Bom, sim, meu nome é Jaden. Mas quem é Mackenzie Black?

– Mack? – Ava bonita olha para a garota. – É você, né?

A comida de Mack acabou. Ela se levanta e sai da lanchonete. O calor a cumprimenta como se fosse um velho amigo, enlaçando-a em seu abraço. Linda abana alegremente, mas não se aproxima. Está riscando coisas de uma lista em sua pasta. A sacola de Mack é um peso tranquilizante, pendurado em seu ombro.

A rua tem uma fileira de árvores verdejantes por conta do verão, e todas foram podadas como se tivessem sido modeladas a partir da forma ideal de uma árvore de cidade pequena. A rua é pavimentada com um preto perfeito, e as calçadas se curvam feito córregos em volta das ilhas de árvores. As fachadas de todas as construções estão limpas e bem-cuidadas. Venezianas claras, cores alegres, janelas adornadas. Parece coisa de filme. Mack meio que desconfia de que, se fosse para um beco, não encontraria construções atrás das fachadas das lojas, mas veria vigas de madeira segurando-as, conjuntos de luzes elaboradas, bancadas para os cenógrafos trabalharem.

– É uma comunidade vibrante – diz o motorista do ônibus. Um homem de meia-idade, que parece mais velho, encostado em uma árvore próxima, comendo um sanduíche como se lamentasse por isso. – Uma boa cidadezinha. Uma cidadezinha segura. Sem crimes. Todo mundo tem emprego. Muitos dos negócios locais criam empregos no país inteiro. No mundo, até.

– Posso voltar para o ônibus? – pergunta Mack.

O homem faz que sim. Ainda está olhando para o sanduíche, não para ela.

– Vale a pena lutar. Por lugares assim. São especiais. Raros. Tradições, sabe?

Ela não sabe. Ela entra no ônibus.

– Em que estado estamos, afinal? – pergunta Jaden, ao descer do ônibus.

Linda faz sinal de boca de siri e responde:

– Se vocês não sabem, eu é que não vou contar! O local precisa ser mantido em segredo. Podemos querer usá-lo de novo e não poderemos fazer isso se futuros competidores puderem dar um Google e ter vantagem antes mesmo de a competição começar. Isso consta no Termo que vocês receberam.

– Ah, tá. – Jaden alonga os músculos de propósito. Mack nunca viu ninguém querer tanto ser olhado quanto ele. Nem mesmo Ava bonita ou a propaganda de creme dental são páreo para Jaden. Todo mundo faz fila para desembarcar depois dele. Percorreram umas duas quadras e pararam na frente de uma construção elegante, ainda que um pouco deslocada. Contrastando com as casas em estilo norte-americano tradicional idealizado da rua principal, essa é do mais puro branco. Colunas gregas emolduram a fachada. Tem uma trilha de cascalho ladeada por arbustos e chafarizes, sem ninguém do lado de fora para admirá-los. Igualzinho à rua principal. Até onde Mack pode perceber, eles são as únicas pessoas naquela cidade inteira. Apesar de poder jurar que viu alguns rostos espiando pela janela quando passaram por vários estabelecimentos.

– Que lugar é esse? – pergunta o escritor, franzindo o cenho.

– Um *spa*! – responde Linda, radiante, fazendo um gesto grandioso. Muitas das mulheres e poucos dos homens batem palmas, empolgados. Mack sente pavor. Ava solta um suspiro irritado. LeGrand dá um passo para trás, na direção do ônibus.

– Vou esperar aqui – diz, mas a porta do veículo está fechada.

– Que bobagem! É um presente. A próxima semana será difícil. Deixem que a gente mime vocês antes.

– Vamos conhecer o pessoal da Pique Esportes Radicais? – pergunta a estagiária (Mack imagina que tipo de pessoa gostaria de se apresentar como “atualmente sou estagiária, mas estou pronta para o próximo desafio!” no

meio de uma lanchonete, com um bando de gente obviamente desempregada ou com um emprego ruim). A estagiária está de *blazer* e calça risca de giz. – Estão aí dentro?

– Não, querida. Venham. Estão esperando por vocês, e não queremos perder tempo!

– Então por que vamos a um *spa*? – resmunga Ava.

Mack quer ficar perto do ônibus com LeGrand. Mas Linda volta, pega LeGrand pelo braço e o leva até o interior do local. Pelo jeito, a participação naquilo, como na fatídica reunião no abrigo em que Mack morava, era obrigatória.

O chão é de mármore preto, tão polido que conseguem se enxergar nele. As paredes e a mobília são de um branco impecável. O tipo de branco que grita “Não encoste em mim!” para pessoas como Mack. O tipo de branco que ronrona “Você me merece” para pessoas como Rebecca.

Bem diante da imponente porta de entrada, com uma moldura folheada a ouro, há um retrato a óleo, maior do que o normal. Um jovem de uniforme que, provavelmente, saiu de uma das grandes guerras mundiais, apesar de Mack não saber determinar qual, fica fitando o grupo. As bordas do retrato são escuras, mas ele é cercado de luz, quase formando um halo. Seu olhar é determinado, tem o queixo erguido e nobre e examina o grupo. Uma das mãos segura um livro pequeno e escuro, na altura do coração.

– Quem é? – pergunta Ava bonita, depois de ficar alguns instantes parada diante da pintura.

O sorriso de Linda está parafusado no lugar, mas seus olhos se apertam, reflexivos, quando ela olha para o retrato.

– É o fundador da cidade. Mais ou menos. É bobagem dizer que uma única pessoa fundou uma cidade quando, na verdade, foi um esforço conjunto. Ele certamente não fez isso sozinho! Agora, meninos, vocês vão para a direita. Meninas, vocês vêm comigo.

O grupo se separa. Homens em uma ala, mulheres em outra. Um tanque se esparrama por todo o comprimento da construção. Janelões deixam entrar uma luz que parece viva, no vapor que sobe da piscina. As mulheres mais bonitas são as que mais odeiam tirar a roupa. Ava tira a sua sem pensar

duas vezes. Sua perna direita é uma pintura de Jackson Pollock de feridas, abstrata e disforme, com tantas cicatrizes. Ela entra na piscina soltando um suspiro.

– Tá bem, mudei de ideia. Isso não é perda de tempo. – Ava dá um sorriso e mergulha. A água escorre por sua cabeça quando volta à tona.

As demais acabam entrando também, mas fazem isso tapando-se com a toalha enquanto podem. Ava bonita mantém a toalha firmemente amarrada em volta do corpo mesmo dentro d'água. Vasculha os cantos à procura de câmeras. Não encontra. Não se tranquiliza.

Rebecca nada, com braçadas elegantes e vagarosas.

Ava bonita está *decepcionada* e está decepcionada consigo mesma por estar decepcionada. É feminista. Não quer sentir animosidade pelas outras mulheres, nem mesmo em pensamento. Mas já consegue ver como a temporada será formatada se a competição virar mesmo um programa de tevê. Rebecca será a líder. Ava bonita será “a outra gata”, a eliminável. Talvez possa começar um romance com um dos homens. Isso deve lhe dar um gás, em termos de narrativa. Brandon é o alvo mais fácil, mas não tão cinematográfico. Jaden é uma boa aposta. Ava bonita está tentando se firmar como modelo *fitness*, e ele é instrutor de CrossFit. É uma boa combinação. Preferia ficar na companhia de Mack – algo na garota a tranquiliza. Ou com o querido do Brandon. Gostaria dele se desse uma chance a si mesma. Mas irá atrás de Jaden.

Ava bonita não sabe se haverá um programa de tevê. Ninguém sabe. O conteúdo do pacote era bem vago a esse respeito. Mas, se existir uma chance, ela vai encarar o assunto como se realmente fosse acontecer. E vai fazer de tudo para ser a queridinha, não a vilã. Nem a *outra* Ava.

Está com inveja da empolgação de Brandon, que encara tudo aquilo como uma aventura e não como uma oportunidade. Está tão farta de tentar transformar tudo em uma oportunidade, de tentar explorar cada *hobby*, cada interesse, cada talento, até o próprio rosto e o corpo, porra, em uma tentativa desesperada de ganhar dinheiro suficiente. Da última vez que falou com o pai – há um ano, talvez? –, ele a acusou de ser preguiçosa, de não trabalhar, mas a verdade é que, como qualquer pessoa da sua idade que conhece, Ava bonita está *sempre* trabalhando. Só não está conseguindo se

sustentar fazendo nenhuma dessas coisas. Por enquanto.

Mack encontrou o canto mais distante. Mergulha, deixa o cabelo ficar empapado de água, deixa todo o seu ser ficar empapado, pelo máximo de tempo que consegue, até seus pulmões arderem e ela ver pontinhos pretos. E então espera mais trinta segundos antes de inclinar a cabeça, deixando o nariz e a boca fora d'água. A nuvem de vapor é tão densa que, se não soubessem que ela estava ali, jamais saberiam que ela estava ali.

Isabella senta nos degraus, de braços cruzados, impaciente. Se os organizadores não estão ali, aquilo não lhe serve de nada. Uma tensão acumulada no estômago, que nenhuma quantidade de água morna e relaxante é capaz de aliviar, lhe diz que *nada* daquilo servirá para alguma coisa. Isabella é a primeira a ficar de pé, precisa sair daquele vapor, daquele calor e daquela pressão implacável. Uma funcionária vem correndo em sua direção, trazendo um roupão branco atalhado, e a leva para a sala ao lado.

Rosiee se segura na borda da piscina, apoiando o queixo nos braços enquanto suas pernas flutuam. Não para de mexer na pilha de joias de prata que tirou. Não liga para roupas, mas se sente nua sem suas joias. Modelou a si mesma em cada peça que usa. Este anel, quando falou para a mãe ir para o inferno e resolveu nunca mais falar com ela. Este bracelete, feito com as últimas reservas de prata, uma noite antes de fugir de Mitch. Este delicado colar de coração com ponta afiada, em homenagem à sua avó espirituosa, a única pessoa que já acreditou nela. Quem é Rosiee sem aquela crença pendurada no pescoço?

Quem será Rosiee quando aquela competição terminar, e ela tiver que encarar a realidade de novo? Afunda na água, aperta os olhos até ver apenas a luz refletida na prata. Uma peça nova toma forma em sua cabeça. Uma joia modelada pelo triunfo. Uma joia modelada pela força.

Sydney quer conversar, mas todo mundo está tão nas nuvens, caramba. Ela deveria pensar em uma trolagem incrível para fazer com as garotas. Todas aquelas desconhecidas, juntas, peladas? Mas a água está quente demais, e o vapor a deixa tonta e, mesmo que conseguisse pensar em uma boa trolagem, Linda pegou os celulares de todas quando passaram pela porta.

Trolagens são ridículas, Sydney sabe que são.

Vai completar 27 anos na semana que vem e está obcecada porque vai deixar de ter vinte e poucos anos e passar a ter *quase* trinta, sem nenhuma perspectiva. Passa todo o seu tempo livre observando adolescentes nas redes sociais, para conseguir imitar seus movimentos, seus maneirismos, seu jeito de falar. Às vezes, morre de medo que o fbi examine seu histórico de navegação e questione por que ela tem tanto interesse em meninas menores de idade. Agora, está em um recinto com mulheres de sua idade e não faz ideia de como conversar com nenhuma delas, de como ter uma conversa de verdade, sem roteiro.

Senhor, ela se odeia tanto. Aquele lugar está silencioso demais. Não aguenta mais nem um segundo. Fica de pé e dá um sorriso.

– Que divertido! – declara, alegremente, antes de a funcionária a levar para a sala ao lado.

LeGrand se recusa a tirar a roupa e a ficar no mesmo recinto em que outras pessoas estão sem as suas. Senta-se no saguão e fica esperando. Sob o retrato, há um sofá branco – é tão óbvio que nenhuma criança encostou no sofá que ele sente uma dor física de saudades de Almera. O mundo é enorme, assustador e confuso, e LeGrand não entende como chegou até ali. Quer voltar para casa, colocar Almera no carrinho de mão, empurrá-la o mais rápido que conseguir, até ela gritar de tanto dar risada.

O restante dos homens está na sauna. É um suplício, mas todos fingem que estão adorando. Menos Brandon. Brandon realmente adora. Ele se recosta, respira fundo, deixa o corpo relaxar. Está em uma sauna! Semana passada, teve que limpar o banheiro do posto de gasolina porque alguém passou mal – pelos dois buracos –, sujando tudo, às três da manhã. E hoje, está em um *spa* chique.

– Isso não é incrível? – pergunta.

As unhas de Atrius estão pretas, pintadas para esconder a tinta *spray* que sempre há debaixo delas. Atrius fica descascando o esmalte a esmo. Isso é chato.

Jaden e Logan conversam sobre esportes. É um alívio ter um interesse em comum. Ninguém conversa sobre a competição que estão prestes a encarar.

Christian, assim como Isabella, ainda tem esperanças de que vão conhecer os organizadores do campeonato. Linda deixou escapar algumas informações – aquele será um evento anual –, e ele quer fazer parte da turma. Consegue se imaginar morando naquela linda cidadezinha. Casando-se com alguém. Rosiee surge rapidamente em seus pensamentos, e, em volta dela, a fantasia de churrascos no quintal e crianças encantadoras, de um jeito genérico. Certa vez, alguém lhe disse que crianças inter-raciais são as mais fofinhas, e Christian nunca conseguiu parar de pensar nisso. Não sabe ao certo se isso faz dele uma pessoa racista. Mas será um bom pai, um bom marido. Roubará o emprego de Linda. E nunca mais terá que bater de porta em porta. Queimará uma prancheta naquele churrasco, como um ritual.

Ian é o primeiro a sucumbir. Sai correndo, engolindo, grato, grandes goles de ar frio. Tenta se convencer de que tudo aquilo é uma experiência. Um estudo. Que vai usar tudo em seus escritos. Está zozzo quando uma mulher mais velha o leva, com a maior gentileza, até a sala ao lado.

Banhos frios são oferecidos. Banhos quentes são oferecidos. Travessas de comida *gourmet*. Sais de esfoliação. Massagens. LeGrand continua no sofá. Mack continua na piscina até todo mundo ter saído. Ao se dirigir aos chuveiros, atravessando uma nuvem de perfume deixada por Rebecca, tem uma ideia.

Mack esfrega o corpo, mas sem usar produtos. Recusa a massagem – depois de tantos anos sem ser tocada, tem medo de surtar ou começar a chorar – e os óleos aromáticos que a acompanham. Seu desodorante não tem perfume. Ela sorri com seus botões quando senta sozinha, longe dos demais, de roupão. Será invisível de todas as maneiras possíveis.

No fim, doze participantes são massageados. Como usam vendas de gel, não conseguem ver que a mulher mais velha que os massageia chora em silêncio, o tempo todo. Ela gostaria que os outros dois tivessem lhe permitido fazer aquela gentileza. É a única coisa que tem a oferecer àqueles jovens, a última demonstração de gratidão pelo que eles vão fazer.

– Que merda – diz a garota das trolagens, resumindo, de forma pertinente, como todos se sentem quando o ônibus para na frente de um portão gigante,

de ferro batido. Os últimos raios de sol se lançam quase na horizontal através das árvores, imergindo a cena toda com uma intensidade verdejante.

Acima dos portões, uma placa desbotada e lascada lhes dá boas-vindas ao parque de fascinações. Círculos enferrujados que, um dia, continham lâmpadas, cercam cada palavra, linhas vermelho-escuras de ferrugem escorrem feito lágrimas. Mas a antiga placa não combina nem um pouco com o portão. A placa é uma coisa espalhafatosa, bem de parque de diversões, e foi deixada apodrecendo ali. Mas o portão em si parece ser mais antigo, absolutamente bem-cuidado. Os arabescos de metal formam símbolos, um padrão. Mack quase consegue compreendê-lo, quase – só que não. Tira os olhos daqueles pontos do portão, que não estão conseguindo se concentrar naquilo. Parece querer olhar para outro lado.

Mas é que Mack está cansada.

Todos se grudam nas janelas, tentando enxergar através do denso muro de árvores que os cerca. Quase perdida na vegetação, há uma cerca de tela, com três metros de altura, com arame farpado em cima e tudo. A cerca grita “Caíam fora”. Mas isso não incomoda Mack, que solta um suspiro de alívio. A competição não será em um local fechado. Sem dúvida, haverá construções, mas ela não precisa se esconder *em um local fechado*. Seu medo – não seu pior medo, porque, depois do que aconteceu com sua família, Mack não tem mais piores medos – era que tivessem que ficar dentro de uma casa. Aquilo? Aquilo é diferente. Ela vai ficar bem. Ela consegue aguentar.

Tem que aguentar.

Linda fica de costas para o parque. Não olha pela janela.

– Vamos direto para o acampamento. Por favor, lembrem-se de que o acampamento só pode ser usado do entardecer ao amanhecer. Não teremos piques nem intervalos. Se o sol estiver brilhando, a competição está valendo.

– Podemos entrar no parque hoje à noite? Fazer um reconhecimento do terreno? – pergunta Ava.

– Vocês devem se lembrar do extenso Termo de Isenção de Responsabilidade que todos vocês assinaram. O parque está abandonado há décadas. Algumas das atrações não são seguras. Há buracos nas calçadas,

concreto irregular. Muitos lugares para tropeçar e cair, se estiver escuro. Definitivamente, não está de acordo com o Estatuto das Pessoas com Deficiência.

Seu sorriso é enjoativo de tão doce. Ava fica rígida. Mack se remexe, incomodada com a falsa preocupação. Suspeita que Ava seja a pessoa mais fisicamente capaz do grupo, mas se encolhe toda em vez de dizer isso.

Linda junta as mãos para enfatizar o que diz:

– Além disso, ninguém vai ter vantagem. Todos vocês vão começar juntos, ao mesmo tempo. Vão policiar os colegas para que ninguém saia escondido durante a noite. – Linda dá uma piscadela e completa: – Que aventura!

– Então vamos lá! – diz Jaden.

As mãos do motorista estão agarradas ao volante.

– Ainda é dia.

– Ah, cara, é...

– Eu *não* vou abrir os portões antes que o sol se ponha.

– Tudo bem – fala Brandon, tentando aliviar a estranha tensão causada pela resposta enfática do motorista. – Pode nos falar do parque?

Mack se recosta no assento, ignorando o resumo alegre que Linda faz, falando de um parque de diversões para toda a família que funcionou durante umas duas décadas, na metade do século anterior. Linda não vai passar nenhum detalhe útil. Já deixou isso claro. E estão obrigando todos a ficarem do lado de fora enquanto ainda dá para enxergar bem e conseguir algum tipo de vantagem.

Ava se senta ao lado de Mack. Aponta para a janela.

– É uma pessoa, né? – Mack achou que era uma rocha. Mas, na verdade, é uma estátua. Os contornos da cabeça são sutis, mal dá para reconhecer a forma humana. E, na base, há uma mão branca, perfeitamente decepada, apontando para a direção de onde vieram. Mack faz que sim com a cabeça, olhando para a estátua.

– Bom, isso não é nem um pouco sinistro. – Ava se encosta no banco. – Uma semana em um antigo parque temático em ruínas, provavelmente perigoso. E, ainda assim, não são as piores férias de verão que eu já tive.

– Nem eu – sussurra Mack.

– Você viu a outra Ava se jogando para cima do Jaden? Acha que as pessoas vão formar alianças?

Um olhar de relance revela Ava bonita, sentada mais perto do que seria necessário do próprio sr. Músculos. Mack dá de ombros.

– Só vai haver um vencedor. De que adianta uma parceria?

Ava balança a cabeça, pensativa.

– Verdade. Então, se eu precisar de ajuda...

Mack dá de ombros de novo.

– Justo. Mas... – Ava leva a mão ao coração, e sua expressão muda, adquirindo uma seriedade exagerada. – Se você precisar de ajuda, Mack, juro, vou ter *muita* pena de você quando você for eliminada.

Mack dá uma gargalhada. Ava, satisfeita, fica observando, com os olhos entreabertos, o sol finalmente se pôr e o motorista sair para abrir os portões. As dobradiças rangem, é o único som naquela pesada noite de verão. Apesar de o restante do parque parecer abandonado, a cerca é bem-cuidada, ainda que, mais uma vez, não combine com o portão, consideravelmente mais velho.

– Cada um por si na competição, tudo bem – sussurra Ava. – Mas, olha. Sei que sou paranoica, mas ainda acho que nos doparam. E, se *essa* merda acontecer de novo, cuido de você. Você cuida de mim?

Mack faz que sim. É uma promessa fácil de fazer. Não consegue se imaginar não conseguindo cumpri-la.

O motorista volta para o ônibus e vai dirigindo lentamente, adentrando o parque. O asfalto é acidentado e rachado. Várias vezes, ele precisa manobrar com cuidado para desviar do entulho, difícil de enxergar na noite que cai rapidamente. Parece que essa estrada não faz parte da planta original do parque – diversas muretas da trilha foram demolidas e ainda formam pilhas de pedras nos pontos em que a estrada foi alargada. O motorista faz algumas curvas que parecem aleatórias. Aliando a velocidade agonizante de tão lenta à estrada interminável, fica difícil dizer quantos metros de fato percorreram até finalmente chegarem ao acampamento.

– Vocês ficam aqui – diz Linda. – Vou permanecer com vocês até o início da competição, amanhã de manhã. Só volto ao entardecer.

– Quem vai nos eliminar? – pergunta a estagiária.

Linda dá risada.

– Com certeza, não vou ser eu! Dá para imaginar, uma mulher da minha idade se esgueirando por aí de salto agulha? Tudo faz parte do jogo. Vocês vão descobrir.

– Eu não – brinca o cara sentado ao lado da garota da trolagem, ficando de pé. – Eu não pretendo descobrir.

O escritor revira os olhos:

– Parabéns.

– Esse cara não passa dos dois primeiros dias, de jeito nenhum – diz Ava. Seu comentário é abafado pelo barulho dos demais, que pegam suas coisas para sair do ônibus.

– Qual? – pergunta Mack, como se soubesse o nome deles.

– Os dois. Todos, na verdade. Não acho que nenhum dos caras tem muitas chances.

– E LeGrand?

Ava se vira para avaliar o garoto, que ainda está ensimesmado, lá no fundo do ônibus.

– LeGrand? Sério? Consigo até imaginar ele parado no meio de uma trilha, com cara de perdido.

Mack coloca a sacola no ombro.

– Ele tem cara de quem sabe se esconder.

– Um gambá cheira o outro, né? – O sorriso de Ava é sarcástico. – Você é minha zebra. Mesmo quando está bem do meu lado, tenho a sensação de que, na verdade, não está.

– Três, dois, um: lá vou eu! – grita Jaden, já fora do ônibus.

Mack se encolhe toda, encostando a orelha no ombro. Aquele som de passos. Aquele som de faca arranhando a madeira. Aquele som dos últimos suspiros da irmã, chiados e gorgolejantes. Mack não deveria ter dito que vai proteger Ava se o pior acontecer. Mack já sabe que não vai protegê-la.

Mesmo sem ter quatro paredes nem teto, o acampamento é melhor do que o abrigo. As camas de armar são boas; os cobertores, macios, e há uma mesa repleta de comida e água, ou seja: Mack pode pegar o que quiser, quando quiser – e levar consigo também. Mas, a julgar pelas reclamações e a

decepção de muitos de seus colegas competidores, as circunstâncias deixam muito a desejar, depois do spa.

– Que ótimo. – Brandon solta a sacola em cima da cama, ao lado da cama de Mack. – Nunca acampeei na vida! Só pesquei. Quando meu pai ainda me visitava, ele me levava para o rio Snake. Eu voltava para casa com, tipo, constelações inteiras de picadas de mosquito, mas adorava.

Mack não sabe o que deveria dizer depois dessa. Então, não diz nada.

Pelo jeito, Brandon não se incomoda.

– Tudo bem se eu ficar com essa cama, ao lado da sua? – pergunta.

Mack faz que sim. Ele se deita com as mãos atrás da cabeça, fica olhando para o teto do pavilhão de metal. Brandon é inofensivo. Mack não se incomoda com sua presença e nunca mais pensará nele depois que o garoto for eliminado.

Linda aponta para o pavilhão que os cerca. É a única coisa dentro do parque que parece mais ou menos nova. Chão de cimento, sob um teto de metal corrugado, e uma estrutura com privadas e chuveiros. Luzes no telhado criam áreas cor de laranja em volta deles, deixando todos empalidecidos, e não passam do limite do concreto. Ao lado da mesa de comidas estão um frigobar e algumas máquinas, que Mack não consegue adivinhar para o que servem.

– Esta será a casa de vocês pelos próximos sete dias – diz Linda. – Não há previsão de chuva, e a temperatura deve ficar bem agradável à noite.

– Não podemos dormir fora daqui e alguém nos trazer de ônibus no dia seguinte? – questiona a garota das trolagens. Mack se pergunta se não devia pensar nela como a *mulher* das trolagens, mas... A garota mal faz jus à classificação de adulta.

– Não, os organizadores acreditam que isso atrapalharia muito. A competição foi pensada para ser uma experiência de imersão completa.

– E onde vamos carregar nossos celulares? – O cara que está com a garota das trolagens mostra o dele, um tijolo preto em sua mão.

– Logan – repete Brandon, baixinho, com seus botões, para recordar. Pelo menos alguém está tentando decorar os nomes.

Linda faz que não. Dá um tapinha na grande máquina vermelha e preta, que chega à altura de seus joelhos.

– O gerador é para as luzes e a geladeira. Não há tomadas para vocês ligarem o celular.

– E como vamos tirar fotos? Fazer vídeos? – A garota das trolagens aperta o celular descarregado contra o peito.

– Os direitos de todas as imagens e vídeos da competição pertencem a nós. Mesmo que vocês pudessem usar os celulares, seria uma quebra de contrato ficar com elas ou postar qualquer coisa.

Esse parece ser o fim das perguntas oficiais. Conversas, em voz alta ou cochichadas, dependendo dos interlocutores, começam e terminam no ar quente da noite, enquanto as pessoas escolhem suas camas. LeGrand arrasta a sua o mais longe possível da mulher mais próxima e deita nela encolhido, de roupa, de costas para o grupo.

Ava olha para as garrafas d'água com desconfiança. Mack se aproxima e pega uma garrafa, que bebe até o fim. Em seguida, abre outra e bebe até o fim também. Como vai se desidratar de caso pensado durante o dia, precisa beber o máximo que puder agora à noite. Vai ter que acordar para fazer xixi, mas esse é um preço aceitável a pagar.

Ava a observa, perplexa. Mack pega algumas barrinhas de proteína, depois enche os braços, carregando tudo em que consegue pôr as mãos. Também vai comer o máximo que puder agora à noite e pegar leve no dia seguinte. Está acostumada a não se alimentar entre o café da manhã e o jantar.

– Ei! – diz a garota das trolagens, quando vê o tanto de comida que Mack está levando para a cama.

– Vamos repor tudo, todos os dias – informa Linda. – Vocês só precisam se planejar para amanhã.

Mack guarda barrinhas de proteína suficientes para quatro dias na sacola. Vai pegar barrinhas para mais quatro dias amanhã e o mesmo tanto no dia seguinte, e mais e mais, até ser eliminada ou vencer a competição. Volta para a mesa. Há algumas outras coisas aleatórias. Filtro solar – ela abre um frasco, cheira e o devolve, porque tem perfume. O repelente de insetos também é desprezado pelo mesmo motivo. Há vários vidros vazios. Mack pega dois, assim como lenços umedecidos e uma caixa de lenços de papel.

Ava arregala os olhos, porque entendeu o que ela está fazendo.

– Certo. – Começa a imitar Mack. Mack gostaria de poder ter contado com privacidade para fazer seus preparativos, mas não haverá mais privacidade até a competição começar.

– E se ficarmos menstruadas? – grita Ava. Linda se encolhe toda, olhando para os homens, como se tivesse ficado envergonhada só de pensar.

– Vai ser... uma pena. – Linda diz isso com seriedade demasiada. Fica com o olhar triste. Mack imagina se Linda, que certamente, àquela altura da vida, passou pela menopausa há décadas, já esqueceu como é ficar menstruada. É uma droga, mas acontece. Linda pigarreja e diz: – Tem tudo que precisarem no banheiro.

– Eu só vou ficar menstruada daqui a duas semanas, no mínimo – diz Jaden, com um tom de falsete.

Ava dá um tapinha no ombro dele. É mais um tapão do que um tapinha.

– Cara, já excretei coágulos mais resistentes do que você.

Mack dá risada. Ah, ela torce para que Ava seja logo eliminada. Gosta demais da garota.

Jaden, de cara vermelha, estufa o peito esculpido, por reflexo. Está fazendo isso para a plateia errada. Mack volta até a mesa e termina de pegar seus suprimentos. Ava pega algumas garrafas d'água, a contragosto, e segue Mack até a cama dela. Mas Brandon já ocupou a cama ao lado. Mack fica feliz que Ava não parou ali e foi procurar outro lugar para dormir. As coisas vão ficar mais fáceis quando Ava for eliminada. Mack termina de comer e se encolhe debaixo do cobertor.

– Quem vai ficar acordado para ver se ninguém vai sair por aí? – pergunta a estagiária.

– Vou ficar de vigia hoje à noite – responde Linda, passando a mão no cabelo da estagiária, de um jeito maternal. Talvez as duas tenham criado uma ligação afetiva por causa do amor que compartilham pelos terninhos. – Esta é a única noite que vou passar com vocês, mas todos podem dormir sossegados, sabendo que estou de olho.

Mack não liga. Ela fecha os olhos. Ela tem que estar preparada e só pode se preparar fisicamente. Amanhã, vai ficar sozinha, escondida, apenas com seus pensamentos. E não tem como se preparar para isso.

PRIMEIRO DIA

Mack confere sua sacola mais uma vez. Está deixando metade das roupas em cima da cama – o que lhe dói –, mas precisa de espaço para os suprimentos.

Jaden e outro cara estão se alongando. Ava bonita vai se alongar com eles. E, aí, metade do acampamento está se alongando, como se os participantes estivessem na linha de partida de uma corrida.

É uma teoria razoável. Quem for procurar por eles pode começar perto do acampamento e ir se afastando. Mas é uma estratégia tão óbvia que Mack desconfia que o entorno do acampamento deva ser tão seguro quanto qualquer outro lugar. Agora que consegue enxergar melhor os arredores, aquilo tudo lhe parece absurdo. Como vão encontrar alguém naquela confusão? As árvores se curvam lá no alto. Há um monte de trilhas, tão cheias de mato que até se tornaram parte da vegetação. Todas as calçadas são ladeadas por arbustos impenetráveis ou muros tão elevados que bloqueiam a visão. Ainda está escuro. Mas, mesmo que não estivesse, Mack não conseguiria enxergar mais do que três metros além da clareira do acampamento. Pelo que viu quando entraram de ônibus, concluiu que o resto do parque está no mesmo estado.

– Você vai correr? – pergunta Brandon, com o rosto vermelho de empolgação.

Mack faz que não.

– Legal. Acho que eu vou. Boa sorte! – Ele estende a mão, dando um sorriso franco. Talvez Mack *sinta* saudade dele. Ela aperta a mão de Brandon.

– Para você também. – E Mack deseja mesmo que ele tenha sorte. Mas deseja que ela tenha mais sorte ainda.

Linda está sentada em um quadriciclo. O veículo é tão incompatível com seu terninho cor de pedra preciosa que chega a ser engraçado. Está com os olhos marejados, olhando para o grupo. Então franze o cenho, como se estivesse pensando bem.

– Preciso contar para vocês do desafio-surpresa – diz. Todo mundo congela, esperando aquela nova informação. – Se encontrarem um livro, um livro pequeno, com capa de couro, ganham um bônus por trazê-lo para mim.

– Qual é o bônus? – pergunta Ava, ao mesmo tempo que Jaden grita: – Onde está?

Os olhos de Linda adquirem um brilho que parece de irritação, mas ela fala de um jeito doce, meio cantarolando.

– Se eu falasse onde está, não seria um grande desafio encontrar o livro. – Ela junta as mãos, algo que faz sempre que quer mudar de assunto. – Está na hora de começar! Boa sorte! E... já! – Então dá partida no quadriciclo e vai embora.

Linda não respondeu qual é o bônus, e Mack tem certeza de que isso não constava em nenhum dos papéis do pacote. Parece uma adição estranha, àquela altura da competição. Sem ter um bom motivo para procurar o tal livro, resolve esquecer o assunto. Tentar encontrar algo enquanto alguém está tentando encontrá-la? Não vale a pena correr esse risco.

Ouvindo o motor do quadriciclo de Linda se perder na distância, Mack imagina se os procuradores – pelo jeito, esse é o título que os outros competidores encontraram para se referir àqueles que vão procurar por eles – também terão quadriciclos. Se sim, Mack será capaz de acompanhar seus movimentos pelo barulho.

Ela se afasta da fumaça, que fica pairando no ar feito perfume. Todo mundo já saiu do acampamento, com exceção de Ava, que está do outro lado. Ava acena com a cabeça para Mack e depois vai para o meio das árvores. Mack faz a mesma coisa, na direção contrária.

“Três, dois, um: lá vou eu!”

Ela estremece, porque sentiu uma pontada gelada de pavor na nuca.

Na névoa que antecede o amanhecer, tudo parece lento e suave. Mas a vegetação intensa e selvagem, repleta de espinhos, logo convence Mack a abandonar a ideia de simplesmente entrar no meio dos arbustos e se esconder ali. Ela permite que os vagos resquícios de trilha sufocada pelo mato a levem para longe do acampamento.

O tempo está passando. Mack pode senti-lo a cada batida de seu coração. Mas não se apressa. Vultos espreitam da escuridão. O que ela achou que era uma árvore enorme, mais adiante, revelou-se uma estátua, engolida pelo mato. As árvores trabalhadas com topiaria mudaram de forma, ganhando contornos de pesadelo, pegando algo conhecido e distorcendo até que o familiar se torne monstruoso.

Mack desvia o olhar de uma cabeça inchada e agonizante, que grita seu terror de folhas para o céu. Os galhos são apertados e pequenos. Mesmo se ela conseguisse subir, não conseguiria se esconder ali. E algo naquelas árvores a incomoda, a assombra. Parecem doentes, de um jeito que não consegue traduzir em palavras. Não quer chegar nem perto dessas árvores.

A trilha é cheia de reviravoltas, de uma forma quase agressiva. Não funciona como uma trilha deveria funcionar. Em vez de levar a um destino, parece determinada a confundir. Não há linhas retas. Tudo se curva, tornando impossível enxergar mais do que poucos metros à frente de cada vez. Muros de pedra ladeiam a maioria das trilhas que se ramificam, o que parece uma configuração estranha para um parque temático – bloqueiam os trajetos mais diretos até as atrações. Mack vai mudando de direção aleatoriamente. Ao longe, a uma distância invisível – é difícil avaliar a distância sem nenhum ponto de referência e com uma vegetação tão cerrada –, alguém solta um palavrão.

Mais adiante, há um vão entre as árvores. Como não viu nada mais promissor, Mack se dirige à clareira. Dá de cara com uma série de construções pequenas, caindo aos pedaços, distribuídas ao longo de uma calçada central desimpedida. Na cabana mais próxima, há um homem sentado diante de um piano apodrecido, de costas para Mack.

Ele não se mexe.

Nem ela.

Quando começa a sentir dor, solta o ar e se aproxima, pé ante pé. Onde

deveria existir um rosto, encontra um vazio inexpressivo e lascado. Uma estátua. Talvez, em seus dias de glória, fosse uma estátua de palhaço, sentado ao piano, que encantava as pessoas. Mas, fala sério, que porra.

A possibilidade de sentar no colo da estátua e conseguir se esconder ali, se ninguém olhar de perto, passa brevemente pela sua cabeça. Mas aí Mack teria que ficar o dia inteiro abraçada àquela coisa sem rosto. As mãos, que um dia foram enluvadas, apodreceram, cheias de mofo e pontos pretos. Parecem garras ou ossos.

Mack dá as costas. Aquela deveria ser a parte dos jogos e brincadeiras. Área central? É assim que chamam essa parte de um parque de diversões? Ela não sabe. Estandes competem para ficar em pé, apoiados uns nos outros. Alguns estão caídos, as estruturas ao lado deles se erguendo feito valentões triunfantes. Os que ainda estão intactos têm balcões, prateleiras, interiores na penumbra. Faria sentido se esconder dentro deles.

Mas Mack olha para cima.

Em uma casinha próxima, há um enxame de patos de borracha, que um dia foram alegres, pendurado em redes que pendem do teto, que já cedeu um bocado. “Maddie.” Uma lembrança a atinge feito um tiro, quase obrigando Mack a ir cambaleando para trás, tamanha sua intensidade.

Maddie (quanto tinha três, talvez quatro anos? Mack não consegue lembrar e não fica remoendo a pontada de dor e culpa que sente por não ser capaz de lembrar) embolou um novelo de lã amarela com um nó absurdo, do tamanho do próprio punho cerrado, e declarou que era um pato chamado Poopsie, que ela arrastava para tudo quanto é canto – incluindo a banheira, onde ele se desintegrou e entupiu o ralo. Enquanto Mack observava em silêncio e Maddie chorava de soluçar, a mãe das duas foi pescando fio por fio, em silêncio e com fúria, suando à medida que o horário de o pai das meninas chegar em casa se aproximava.

Poopsie. Mack não pensava em Poopsie desde o dia em que teve que dar o próprio coelho de pelúcia para Maddie, para que a irmã não chorasse até pegar no sono, por ter perdido o pato imaginário. Mas eis que está ali, brincando de esconde-esconde, porra, e há uma casinha cheia de patos de borracha.

Mack não acredita em sinais e, mesmo que acreditasse, Maddie não tem

motivos para lhe mandar um sinal útil. Muito pelo contrário, na verdade. Mas, como está ficando quase sem tempo, Mack sobe no balcão e se agarra à beirada do telhado. Vai subindo como dá. Exatamente como suspeitava, o telhado é côncavo, tendo sido, lentamente, empurrado pela natureza. A madeira está porosa. Range, mas é só um pouco alarmante, não perigoso. Se ceder, Mack pode até ser empalada, mas não quebrará nenhum osso. Mack tira a sacola do ombro e deita de costas, na depressão que existe no meio do telhado prestes a afundar. Daquele ângulo, só consegue enxergar as bordas salientes do telhado que a rodeia e a luz clara e límpida do céu ao amanhecer. Ou seja: ninguém conseguirá vê-la se olhar do chão.

Maddie ensinou Mack a se esconder em lugares inesperados, que ninguém pensa em olhar. E olha onde as duas foram parar.

Sacudindo a cabeça para afugentar esse pensamento – mas não literalmente, porque o teto range, protestando a cada movimento –, Mack pega uma única barrinha de proteína e tira o papel de antemão. Nada de água. Se precisar, vai fazer xixi nas calças. Trouxe uma muda de roupa que pode vestir antes de voltar ao acampamento. Isso se conseguir encontrar o acampamento de novo. A trilha que a levou até ali se resumia a árvores e voltas, sem nenhum ponto de referência. Deveria ter prestado mais atenção.

O céu desabrocha em tons de azul. A competição começou.

Mack fecha os olhos e fica esperando.

O sol vem se esgueirando, como o sol costuma fazer. Um e outro inseto rasteja pelas pernas de Mack, como insetos costumam fazer. Mack não faz nada, como Mack costuma fazer.

A espera é tediosa e calorosa. Com movimentos agonizantes de tão lentos, Mack pega a camiseta extra que trouxe e tapa o rosto com ela, para se proteger do sol. A boca está seca, as costas doem, de ficarem pressionadas contra a superfície irregular.

Não tem problema.

Ela toma o cuidado de não pegar no sono, mas fica existindo em uma espécie de limbo profundo, quase como se meditasse. Uma das famílias que a acolheu por um tempo tinha uma filha que curti meditação. Ela ensinou Mack. A família encontrava Mack a qualquer hora do dia, sentada, de olhos

fechados, completamente imóvel.

– Estou fingindo que morri – dizia. – Eu gosto.

A família não gostava. E a despachou logo em seguida.

O calor opressivo aumenta. Mack fica feliz por ter colocado mangas e calças compridas para proteger a pele, apesar do sufoco causado pela camiseta que cobre seu rosto. Quase não ouve nada, por causa do som da própria respiração suave. Mas...

Uma pisada leve. Não exatamente no ritmo certo para ser de uma pessoa. E então – fica ainda mais difícil ouvir por conta das batidas do próprio coração, que agora está acelerado – parece algo fungando, farejando. Será que existem animais dentro do parque?

O suspiro que se segue, entretanto, parece menos animal. Passos suaves, arrastados, continuam.

Se fosse um animal, parecia estar andando em duas patas. E, se fosse um procurador, Mack fica perturbada. Esperava quadriciclos. Gritos exaltados. Não uma procura quase silenciosa. Que a faz se sentir... caçada.

Ela não está sendo caçada. Pode sair dali a qualquer momento. Levantar e atravessar o portão. Ninguém liga. Mack não está se escondendo porque precisa. Está se escondendo porque essa é a única habilidade que já lhe serviu de algo na vida.

– Vai se foder, pai – sussurra. E espera.

O carrossel parece algo saído de um filme de terror. Mas não um filme de grande orçamento. Um daqueles filmes genéricos e baratos, predestinados a chafurdar nas profundezas da Netflix e no balaio de dvds vendidos a dois dólares no Walmart. Os cavalos lascados e meio podres são mais patéticos que sinistros. Há uma placa, que um dia já teve cores vivas, meio pendurada só por um dos cantos, balançando lentamente ao vento. foi dada a largada! – está escrito. A tinta já era, e agora só restou a madeira, o relevo das letras. Ninguém mais corre ali. Quando muito, Rosie quer correr para bem longe.

Mas está ficando sem tempo. Será que deveria procurar o tal livro? Não vai conseguir encontrar um objeto específico naquele ambiente de pesadelo, de jeito nenhum. Gira os anéis de prata, nervosa, com plena consciência de que o amanhecer está próximo. Talvez não devesse se esconder em uma

atração tão óbvia, mas nada naquele maldito parque parece óbvio. Não é para menos que fechou as portas. Imagine ir ali com crianças! Passaria o dia inteiro tentando encontrar alguma coisa, qualquer coisa, naquela confusão de vegetação. Talvez, antes fosse mais organizado.

Rosiee sobe no carrossel. A plataforma está enferrujada e caindo aos pedaços. Uma das barras que segurava um cavalo se partiu e, quando ela gira para desviar de um pedaço de madeira caído, o metal arranha seu braço, fazendo sangrar.

– Merda – resmunga, cobrindo o ferimento com a mão.

Comida, banheiro, primeiros socorros – tudo isso fará Rosiee ser eliminada. Ela vai ficar bem. Umas poucas gotas de sangue caem, espremidas entre os dedos. Será que um único dia é suficiente para infeccionar? Provavelmente. Rosiee segue em frente. Seus passos são uma dança cautelosa que evita mais ferimentos, dirigindo-se até o centro do carrossel. Dois dos painéis que circundam a parte interna do brinquedo, fechada, estão soltos. Ela se espreme entre eles, tomando cuidado com o braço. Rosiee já foi curvilínea – meu Deus, ela adorava suas curvas, o peso dos peitos, a maciez acolhedora da barriga –, mas perdeu quilos demais, devido ao estresse e à pobreza. Rosiee se espreme entre as grandes engrenagens de metal que um dia fizeram o motor funcionar. Só tem espaço para ficar sentada, e não dá para ver o lado de fora. De cima, minúsculas facadas de luz atravessam o espaço. É o que basta.

Rosiee joga água no braço. Está sangrando, mas não tanto assim. Não vai precisar de pontos nem nada. Ela gostaria de ter uma tira de pano para amarrar ao redor dele. Mas pensar em se amarrar faz sua mente ir para outro lugar.

Às vezes, quando as coisas ficavam ruins – piores, na verdade, já que sempre foram ruins – com Mitch, ela ia para o fundo do armário e se imaginava pequena. Não mais magra, mas menor mesmo, feito uma criança. E então se encolhia, enrolada no xale da avó, e deixava de ser ela mesma por alguns e preciosos instantes.

Depois que Rosiee foi embora, Mitch mandou fotos daquele xale. E depois, como ela não respondeu, mandou um vídeo do xale queimando, junto com todas as fotos dela.

Ela agarra o pingente que tem em volta do pescoço, sujando-o de sangue sem querer. Agora, Rosiee cria suas próprias lembranças de prata, de metal. Fortes, belas e só suas.

Christian dá risada quando vê a montanha-russa no meio de uma área grande e relativamente descoberta. Ele, na verdade, não instala os painéis solares no teto das casas, mas já atendeu tantos pedidos de manutenção que ficou com medo de escadas e de altura.

A montanha-russa é um esqueleto de madeira. Nem é a maior estrutura do parque, mas Christian não sabe disso. Algumas partes cederam. Ele escolhe o trecho que parece mais estável e sobe pela treliça exterior. Alguns segundos suados e cheios de farpas depois, chega ao topo.

Ele não pensou direito antes de fazer isso.

Não há nada lá em cima além dos trilhos apodrecidos. Mesmo que Christian deite de costas, ainda ficará visível do chão. E não consegue ver nenhuma opção melhor, mesmo lá de cima. As árvores devoram o céu, obscurecendo tudo. Christian consegue distinguir algumas áreas onde poderia haver alguma espécie de construção, uma roda-gigante ao longe e alguns dos outros brinquedos irrompendo das árvores, mas não tem como chegar a nenhum deles em tempo, de jeito nenhum.

Mais abaixo, depois de uma descida tremendamente abrupta, um único carrinho ainda permanece nos trilhos. Christian respira fundo e vai ao encontro dele. Só se dá conta de que é absolutamente possível morrer fazendo isso já na metade do caminho. Só que precisa avançar na competição para conseguir impressionar a empresa. Quebrar o pescoço não vai impressionar ninguém. Muito menos Rosiee. Sussurrando promessas de um emprego que não exija muito esforço, já escolhendo os móveis para a maior casa da cidade (sem painéis solares, foda-se a conta da luz), onde ele vai morar com Rosiee, os dois filhos e um cachorro, Christian alcança o carrinho e entra nele.

E dá risada, surpreso. Gravado no metal, na lateral do carrinho, está o sobrenome de solteira de sua mãe. stratton engenharia, está escrito. Que coincidência... Christian nunca conheceu a família da mãe – que foi deserdada quando fugiu com o pai dele. A história não era romântica. A

história era a de uma mulher sendo lentamente oprimida, definhando, envelhecendo diante dos olhos de Christian. Que sempre teve certeza de que a mãe se arrependeu da escolha que fez – se arrependeu dele –, se arrependeu de ter desistido do que estava procurando. A mãe de Christian morreu de câncer de mama há três anos. Certa vez, ele leu que o estresse pode se alojar no corpo, pode supurar e se multiplicar, um câncer do espírito que contribui para o câncer do corpo. Então, de certa forma, foi o fato de sua mãe ter escolhido abandonar o dinheiro e o conforto por aquele pai vagabundo e fracassado e ordinário que a matou, na verdade. Não?

Parece um sinal, ver o sobrenome *Stratton* ali. Como se essa fosse a oportunidade de Christian voltar para o mundo que a mãe abandonou. O mundo que ele vai criar para si mesmo, sua esposa e seus filhos. Christian sorri e se acomoda no carrinho, fica na companhia de uma Rosiee imaginária enquanto a verdadeira sangra, sua e sente medo, no meio de um motor.

Logan sempre teve medo de palhaços. Há alguns anos, deu o duplo azar de terem refilmado It: a coisa somado às visões aleatórias de palhaços em florestas, e o pesadelo recorrente que achava ter ficado para trás, lá na infância, voltou à tona. Logan passou semanas dormindo mal. Jamais vai admitir essa fobia para ninguém – mal consegue admitir para si mesmo –, mas, sério, será que é tão ridícula assim? É um medo muito mais racional do que, digamos, de tubarões. É cem por cento garantido que os tubarões não conseguem pegar quem não entra no mar. Mas palhaços? Pelo que dizem, agora eles andam pelas florestas.

Logan pensa em tudo isso olhando fixamente para a cabeça de palhaço gigante. Qual era seu propósito original, ele não é capaz de dizer. O nariz caiu, e apenas um dos olhos permanece pintado. Só que a boca escancarada do palhaço é uma porta, emoldurada por lábios vermelhos rachados e dentes escurecidos. Logan não consegue descobrir aonde a passagem levava, porque a construção atrás dela já era. (Nunca houve uma construção. Era a entrada de uma tenda, onde era realizado um *show* de mágica que os pais obrigavam as crianças a aguentar, para poderem sentar à sombra por alguns

minutos abençoados, descansar os pés depois de tanto tentar encontrar onde ficava o próximo brinquedo. Logan ficaria aliviado se soubesse que o palhaço em si era uma propaganda enganosa.)

– Seja homem, seu frouxo – sussurra Logan, com seus botões. E que melhor maneira de vencer um medo do que encará-lo de frente, atirando-se à própria cova dos leões, que, no caso, é a boca do palhaço. Ele escala, encontra um vão perfeito para acomodar um corpo humano, entre os dentes e a língua.

Viu só? Palhaços não podem lhe fazer mal. Aquele palhaço vai ajudá-lo. Será uma história engraçada para contar aos funcionários algum dia, quando for contratado pela Frye Tecnologia. Ou, melhor ainda: quando ele for *dono* da Frye Tecnologia. Não vai nem precisar trocar o nome da empresa quando assumir. Imaginar o próprio futuro – especular qual aplicativo *específico*, vai, de alguma maneira, pôr em marcha essa cadeia de acontecimentos – é como beber um copo de leite quente: brando, reconfortante e sonífero.

Logan, que já foi acometido por pesadelos com palhaços, pega no sono dentro de um. Assim como o palhaço, mas por outro motivo, Logan precisa de um nariz novo. Ou, pelo menos, de uma cirurgia de sinusite complicada. Seus roncos ecoam pelos ares, amplificados pela boca de palhaço cavernosa, dentro da qual está dormindo.

Lá pelas duas da tarde, Isabella já está de saco cheio.

Está com calor. Precisa fazer xixi. Não ouviu um único ruído sequer o dia inteiro. Tudo isso mais parece trolagem. Como se aquela tal de Sydney tivesse planejado tudo. Ai, *meu Deus*. E se ela tiver planejado tudo? E se, quando contou a todos que tem um canal de trolagens, estivesse sendo irônica e dramática, para o público dela?

Não pode ser. Nenhum *youtuber* teria dinheiro para bancar tudo aquilo. A menos que Sydney só esteja fingindo ser *youtuber*. O coração de Isabella dispara, sua respiração se torna mais rápida e superficial. Ela fecha os olhos, recobra o controle. Não. A Pique Esportes Radicais tem que ser real.

Só que Isabella tem vários comentários a fazer a eles. Comentários que vai apresentar de um jeito inteligente. Articulado. Misturando elogios e um plano de melhorias e de como divulgar a marca com aquela competição

ridícula. De qualquer modo, Isabella não quer vencer a competição. Quer a porra de um emprego. Quer que aqueles escrotos miseráveis que podem organizar uma brincadeira de criança valendo cinquenta mil dólares lhe deem um salário e benefícios trabalhistas.

Isabella se desvencilha do arbusto bonito que virou moita onde se enfiou. O *blazer* do terninho fica preso, ela consegue sentir o fio puxado até os ossos. Não tem dinheiro para comprar outro. É a melhor roupa que tem para ir a entrevistas de emprego.

Humilhada e com raiva, Isabella se recusa a se rebaixar ainda mais. *Não* vai fazer xixi nos arbustos. Seus saltos quase não fazem barulho enquanto ela volta voando para o acampamento, praticando mentalmente o discurso que vai lhe render um emprego com aqueles escrotos supremacistas do caralho. “Talvez”, pensa, cronometrando cuidadosamente o sorriso que vai suavizar suas palavras, “valha a pena rever a eficácia de oferecer um prêmio de cinquenta mil dólares em uma competição que não teve divulgação nem *posts*”.

Depois de meia hora de caminhada e elaboração, Isabella tem certeza de que seu discurso vai causar a impressão de ser tanto bem pensado quanto natural, assim que conseguir ficar frente a frente com alguém da empresa. Mas ela cometeu um erro. Não há pontos de referência para se guiar. As árvores são tão altas e densas que, combinadas com os muros das calçadas, obscurecem tudo. E, agora, ela está caminhando há tempo demais.

Vira em uma cerca viva altíssima, na esperança de que a sebe margeie o trajeto até algo onde valha a pena chegar, e a segue. Vê uma trilha onde parece haver menos mato. Segue por esse caminho. Quando muda de direção pela quarta vez, tentando corrigir o curso, está cheia de bolhas e prestes a chorar de exaustão e frustração. Essa é a competição mais imbecil de todos os tempos, caralho.

Isabella tira o *blazer* e os sapatos e se senta no meio do caminho. Está com a bexiga tão cheia que os ovários doem. Não vai convencer ninguém a contratá-la nesse estado. Caramba, neste exato momento, ela trocaria o emprego por um banheiro, sem pensar duas vezes.

E então ouve pisadas leves e sutis. Que se aproximam.

– Graças a Deus – diz, secando as lágrimas e ficando de pé. – Você me

encontrou. – Ela se vira para cumprimentar seu salvador.

O pôr do sol nunca foi tão memorável. Mack observa, arrebatada, o azul se tornar roxo e, em seguida, um tom de índigo suave. Faz tanto tempo que não vê um pôr do sol – não valia a pena abrir mão do lugar no abrigo por isso. Mas, esta noite, Mack se pergunta se, afinal de contas, não valia, sim.

Apesar de Linda ter dito “entardecer”, Mack não se mexe até ter contado dez estrelas no céu. Seu corpo inteiro protesta, quase tão alto quanto o teto debaixo dela. Tudo range e geme. Mack sai se arrastando com todo o cuidado e aí pula no chão. Está com um nó de tensão doloroso nas costas, que ela nunca vai conseguir alcançar, e precisa tanto fazer xixi que tem certeza de que vai doer. Mas conseguiu passar o dia sem molhar as calças, o que é uma vitória e tanto.

Como vai levar uma eternidade para encontrar o acampamento, fica de cócoras atrás do prédio com o piano e rega as ervas daninhas que há ali. Quando olha para cima, um alívio quase tão poderoso quanto o de esvaziar a bexiga a atinge em cheio. Um holofote brilha em linha reta na direção do céu, chamando-a de volta para o acampamento.

Mesmo com o farol, leva quase uma hora para chegar lá. Nenhuma das trilhas é direta. Elas fazem curvas, voltas e mudam de direção, retornando constantemente para o mesmo lugar. Mack presta o máximo de atenção, enquanto engole água e devora barrinhas de proteína. Está feliz com o esconderijo que escolheu. Vai tentar encontrá-lo de novo amanhã. E vai tentar não pensar de novo em Maddie, nem em Poopsie, nem em nada que não seja se esconder.

Para sua surpresa, apesar do ritmo lento, é a terceira pessoa a chegar de volta ao acampamento. Linda acena para ela, perto do holofote. Jaden, o dos músculos esculpados, e Ava bonita estão perto da mesa de comidas, quase encostando as cabeças, concentrados em uma conversa. Levam um susto e se afastam quando Mack aparece.

– Nunca fiquei tão entediada nem senti tanta falta do meu celular. Foi o pior dia da minha vida e ainda faltam seis! – cantarola Ava bonita, revirando os olhos para contradizer seu tom alegre.

Mack seca duas garrafinhas d’água, pega uma maçã e se dirige aos

chuveiros. Beber água foi bom, mas ficar debaixo daquele jato, mesmo morno, é divino. Fica ali o máximo possível, lavando tudo, limpando o esforço do dia.

Mais seis dias. Mais seis dias não são nada.

Quando finalmente sai do banho, dez dos competidores já voltaram. Todo mundo está queimado de sol, suado, cheio de picadas e de mau humor. Com exceção de Brandon, é claro.

– Que loucura! – diz ele, levando um prato cheio de comida para a própria cama. – Acho que nunca fiquei tanto tempo parado na vida. Achei uma montanha-russa velha e esquisita, em forma de círculo, ou seria um cilindro? Existe círculo 3D? Não, aí já é uma esfera. Bom, desce formando um anel que contorna a estrutura, umas três vezes. Chama Ciclone. É muito legal! Parecia um pouco óbvio, mas como eu poderia deixar passar? Então escalei a estrutura, achei que ia quebrar, com certeza, e me acomodei, quase no topo. Cara... Queria poder ter andado nela no fim do dia. Ia ser incrível se os brinquedos ainda estivessem funcionando, né?

Mack teve vontade de dizer a Brandon que ele não deveria contar esse tipo de coisa para os outros. Mas Brandon está feliz e despreocupado. Para que se dar a esse trabalho?

Ele repara que Mack está de olho em um biscoito e oferece para ela, sem que Mack tenha pedido.

– Você procurou o livro? Não sei como alguém vai conseguir achar esse negócio por aqui. Vai se esconder no mesmo lugar amanhã ou escolher um lugar novo?

Ava se joga na beirada da cama de Mack. Está manchada de suor, suja e, francamente, gloriosa. Revê-la é tão revigorante quanto se hidratar.

– Acho que não faz diferença, em termos de estratégia – responde Ava. – Esse lugar deve ter um quilômetro e meio, talvez dois, de largura, no mínimo. Voltei para cá acompanhando a cerca do perímetro. É o único lugar que não tem mato. Sendo bem sincera, eu ficaria perplexa se os organizadores conseguissem encontrar até mesmo uma pessoa. Tipo, não há um número limitado de lugares para conferir e simplesmente eliminar da lista.

Brandon entrega seu último biscoito para Ava.

– Acho que vou encontrar um lugar diferente amanhã, de qualquer modo. Vai ser mais empolgante!

Ela sorri.

– É, quatorze horas de silêncio e imobilidade. Tem várias maneiras de tornar isso mais empolgante. Mas estou feliz por vocês dois ainda não terem sido eliminados.

Mack luta contra o instinto de alívio e felicidade que sentiu quando a outra mulher voltou. Ava é uma grande candidata a vencedora. Mack deveria estar decepcionada por Ava ainda estar na competição. Ela se afasta da outra mulher e computa quem ainda está no páreo.

O escritor, agarrado ao caderno, com cara de exausto. Todo mundo que volta fica olhando para ele por um instante até se dar conta de que aquilo é só o caderno dele mesmo, não o tal de livro-bônus sobre o qual Linda comentou.

LeGrand, já enfiado em seu canto.

A mulher de olhos tristes – Ruby? Rosiee? Talvez Mack devesse decorar os nomes, agora que as pessoas vão começar a ser eliminadas – mexendo nas joias de prata e exibindo um curativo no braço.

Jaden e Ava bonita, cochichando de novo.

A propaganda de creme dental conversando com Linda, que está mais animada.

– Você pode nos dar mais informações sobre o tal livro? – pergunta.

Linda dá risada.

– Não, não. Só fiquem de olho.

– E o bônus? – grita Ava.

– Vocês vão saber quando ganharem!

– Então que se foda – resmunga Ava, fazendo pouco caso. Mack sente a mesma coisa e suspeita que outras pessoas também se sintam assim. Que sentido faz tentar ganhar um bônus sem ter nem ideia de que bônus é esse?

A garota das trolagens, tão queimada de sol que está quase roxa, entra toda encolhida no acampamento.

– Alguém viu Logan? – pergunta, pressionando uma garrafinha d’água gelada contra o rosto. O cara da prancheta reaparece, vindo do banheiro, somando-se ao grupo. Mack, sinceramente, não sabe qual deles é Logan,

mas deve ser o cara padrãozinho de boné virado para trás, que sempre se senta ao lado da garota das trolagens. Ou é o cara largadão, de gorro e unhas pintadas de preto, mas Mack não consegue imaginar a garota das trolagens se preocupando com ele. A única outra pessoa que está faltando é a estagiária, que foi para o parque de terninho e salto. Até aí, nenhuma surpresa.

– Nada de Logan, nada de Isabella. Nada de Atrius. – Ava franze o cenho, pensativa. – Ei, Linda! Quem foi eliminado?

Linda não pensa duas vezes:

– Logan e Isabella.

– Quem é Isabella? – pergunta Brandon, e faz uma careta envergonhada em seguida, por não conseguir se lembrar dela.

Ava responde:

– A de *blazer*. Parecia que estava indo para uma entrevista de emprego, não brincando de esconde-esconde em uma floresta de ferrugem sinistra.

– Eu ia fazer um aplicativo com Logan – diz a garota das trolagens. Parece que está à beira das lágrimas. – Quando eles vão vir aqui se despedir?

– Eles já se foram, Sydney – responde Linda.

– Espera aí, sério? – Ava bonita está perplexa. – Nem um tchauzinho? Nem uma despedida, uma entrevista?

– Eles foram encontrados. Estão fora. Dois por dia, é assim que a competição funciona.

Mack franze o cenho. Ninguém tinha lhes contado esse detalhe até então. Parece importante. Se apenas duas pessoas são eliminadas por dia, por que os outros tiveram que continuar se escondendo, se duas pessoas já tinham sido encontradas naquele dia?

Ava, pelo jeito, está se perguntando a mesma coisa. Ela abre a boca, mas Linda a corta imediatamente batendo uma palma enfática.

– Agora, se precisarem de alguma coisa, deixem um bilhete em cima da mesa. Um alarme vai tocar quando faltarem trinta minutos para o jogo começar, de manhã. Vejo vocês... – Ela fica em silêncio por alguns instantes e então tenta sorrir. Mack se pergunta se Linda está triste porque Isabella foi eliminada, pois as duas poderiam ter se aproximado, já que têm

em comum um gosto por terninhos. – Vejo a maioria de vocês amanhã à noite. Durmam bem.

Com um rugido de seu quadriciclo, Linda some no meio da noite.

– Caralho, que frieza – comenta Jaden.

– Talvez seja que nem no *The Bachelor*, e as pessoas só tenham direito a se despedir se continuarem por mais tempo na competição, para conquistar o engajamento do público – comenta a propaganda de creme dental.

– Que público? – resmunga Ava bonita, ainda olhando para o teto do pavilhão, como se pudesse ter deixado passar batido alguma câmera.

A garota das trolagens – Sydney, foi assim que Linda a chamou – se atira na própria cama. Retiraram tudo de cima da cama ao lado e de mais uma, no meio.

– Nem cheguei a pegar o número do celular dele.

– Tenho certeza de que você consegue pegar com Linda quando ela voltar para cá. – A propaganda de creme dental se senta ao lado dela, passando o braço em volta de seus ombros.

Sydney se encolhe toda quando a garota encosta nela.

– Amanhã vou pegar todo o filtro solar que tiver.

Cada um vai para o seu lado, se aprontando para dormir. Apesar de ter passado o dia inteiro deitada, sem se mexer, Mack está exausta. Tenta alcançar o ponto dolorido nas costas, mas é impossível.

– Posso dar um jeito nisso – fala Ava. E fica parada com as mãos estendidas. – Se você quiser. – Ava acabou de sair do banho. Está com cheiro de pele limpa e molhada. Mack quer dizer “não”, precisa dizer “não”, mas é traída pela própria cabeça, que balança, concordando. Ava começa a massageá-la e, aí, Mack não seria capaz de dizer “não” mesmo se esforçando muito.

– Meu Deus, Mack, nunca conheci uma pessoa tão tensa. E olha que fui do Esquadrão Antibomba. – Ava ri baixinho. Suas mãos não são macias. São fortes e vasculhadoras, encontrando os lugares mais sensíveis.

– Ei – diz Ava bonita, aproximando-se delas. Mack, no mesmo instante, despreza sua presença, quer que a garota vá embora. Mas Ava não para de massagear quando Ava bonita fala mais baixo: – Vocês, por acaso, viram alguma câmera?

– Quê? – Mack se obriga a abrir os olhos. Ava bonita chega mais perto.

– Câmeras. Vocês viram alguma? Porque falaram que isso pode virar um *reality show*. Mas ninguém foi filmado nem entrevistado, e não vi nem uma câmera sequer no parque.

– Talvez estejam escondidas – responde Ava. – Ou talvez os procuradores fiquem com elas. Câmeras portáteis, GoPros e tal.

– É. Pensei nisso. Mas aí qual seria o nosso papel? Nem faz sentido gravar um *reality show* desse jeito. O certo seria dar mais atenção às pessoas competindo pelo prêmio, não às pessoas que tentam encontrá-las. Talvez dê para fazer as duas coisas, mas definitivamente teriam que filmar os escondedores.

Ava interrompe a massagem. Ambas as Avas olham para Mack, querendo uma opinião.

– Simulação – diz. – Só para conferir se a mecânica da competição funciona. – Mack torce para que, se conseguir pôr fim àquela conversa, Ava volte a tocar nela.

– Pode ser – fala Ava bonita, franzindo o cenho. – Parece um piloto bem caro, se não estão nem testando enquadramentos ou formatando uma narrativa.

– Até onde a gente sabe – corrige Mack.

– É. Pode ser. Fiquem de olhos bem abertos, procurando câmeras amanhã, tá bem?

– A gente te fala. A menos que você seja eliminada – responde Ava, toda animada.

Ava bonita olha feio para ela.

– Não vou ser eliminada.

Brandon sai do banheiro, e Ava bonita fica de pé. Mack, agora gloriosamente relaxada, à vontade e praticamente com certeza de que Ava não vai voltar à massagem, só quer dormir.

– Mano, alguém mais percebeu que Atrius ainda não voltou? – O cara da prancheta fica olhando para a escuridão. Trocou de roupa, pôs uma camisa polo limpa, de um azul-vivo, com uma espécie de logo na altura do coração.

– Ele está roubando. Provavelmente, deve estar por aí procurando o tal livro, ou mapeando os melhores esconderijos.

Alguns competidores resmungam, concordando.

– Até parece que ele vai conseguir enxergar alguma coisa lá fora – discorda Ava. – Além disso, não é difícil encontrar bons esconderijos.

– Fala isso para o Logan. – Sydney vai até o holofote e o apaga.

– Ei! – exclama a propaganda de creme dental. – Como é que Atrius vai nos achar?

– Não estou nem aí. Atrius quer tirar vantagem ficando lá fora? Deixe que fique lá fora a noite inteira. – Sydney volta para sua cama, pisando firme.

Ava se levanta, se espreguiçando.

– Obrigada – diz Mack, e a palavra é como uma oferenda colocada em um altar para algum deus desconhecido. Ela não sabe o que mais pode fazer, como responder à bondade. – Posso fazer em você? – Mack nunca fez uma massagem em ninguém. Mas não gosta de ficar em dívida, não gosta do fato de já sentir falta das mãos de Ava em seu corpo. Não pode ficar devendo para alguém de quem está tão inclinada a gostar.

– *Nã...* você parece acabada. Descansa. Mais um dia de perfeita imobilidade lhe espera. – O sorriso de Ava é tenso. Mack se dá conta de quanto a outra mulher parece cansada.

– Você por acaso dorme, alguma hora?

– Não me sinto segura – responde Ava, dirigindo-se à própria cama.

Mack acorda no meio da noite. Vai na ponta dos pés até o banheiro, sem fazer barulho. Vozes abafadas chamam a sua atenção quando volta para a cama. Dois vultos estão sentados no limite do acampamento. De início, suspeita que sejam Ava bonita e Jaden. E então se dá conta de que o homem está chorando em silêncio.

– Tudo bem – murmura Ava, a Ava de Mack. – Vou ficar com você até amanhecer.

Mack não consegue ver quem é o homem. Mas o modo como está encolhido conta uma história que Mack conhece muito bem.

– Não precisa – responde ele. LeGrand.

– Não tenho nada melhor para fazer.

Mack sente um puxão bem no meio do peito. LeGrand está sofrendo.

Mack quer ficar acordada com ele. Com Ava.

Mack volta para a cama.

SEGUNDO DIA

Mack acorda antes de o alarme tocar. Deixa as roupas que usou no dia anterior dobradas debaixo da cama e pega mais um cobertor da mesa de suprimentos. É leve, de uma cor escura. Perfeito.

– Ei, a gente pode levar esse tipo de coisa para o esconderijo? – pergunta Jaden.

O cara da prancheta se senta na cama e esfrega os olhos remelentos.

– Isso não me parece justo.

– Não há nada nas regras proibindo. – A mulher das joias muda de posição, seu belo colar de coração escapa de baixo da regata e fica dependurado. Ela coloca lentamente todos os seus anéis e todas as suas pulseiras, como se estivesse vestindo uma armadura. Verifica o curativo. Tem um pouco de sangue, mas não muito. – Além do mais, um cobertor não é lá uma grande vantagem.

Mack se sente mal agora, por não lembrar o nome da mulher.

– Não sabemos disso – diz Jaden.

– Então pega um também – dispara Ava, que está com os olhos vermelhos e tem olheiras fundas e roxas. Não dormiu nada. – Não enche o saco da Mack.

– Falando em saco cheio... – Jaden faz sinal com a cabeça, apontando para Atrius, que está perto da mesa, comendo, com o gorro puxado para baixo. – Por onde andou ontem à noite?

Atrius encolhe os ombros.

– Reconhecendo o terreno.

– Você está roubando!

Atrius dá um sorriso sutil.

– Desculpa, quer dizer, me perdi. Alguém desligou o holofote.

– É, vai se foder. – Sydney escova o cabelo com uma força brutal. – Se você vencer, vou fazer uma reclamação formal.

O sorriso de Atrius acende algo dentro de Mack. O cara não está nem aí, de um modo tão sincero... Ela se aproxima da mesa – com o cobertor dentro da sacola – e belisca algo enquanto pega os suprimentos do dia. As mãos e os braços de Atrius estão cobertos por uma fina camada de tinta seca.

Atrius repara que Mack está olhando para ele.

– Estou deixando minha marca na competição.

– E se não usarem este local de novo?

– Eu faço só por fazer. – Parece uma resposta ensaiada. Mack fica decepcionada. Suspeita que Atrius queira uma plateia tanto quanto Sydney e Ava bonita, só que de outro jeito.

– Certo – diz ela.

– É um labirinto – resmunga ele, girando uma lata de tinta *spray* na mão, que depois enfia no bolso de trás de suas calças caídas.

– A sua arte? – Mack quer se desvencilhar dessa conversa assim que a pergunta sai de sua boca, se arrependendo de ter perguntado.

Atrius franze o cenho e fica pensativo por alguns instantes.

– A arte é um labirinto. O labirinto é arte. Hum... – Então se afasta, voltando para o parque.

– O alarme ainda não tocou! – grita Sydney para ele. Resmungando com seus botões, Sydney pega a lata de filtro solar em aerossol e some no meio da escuridão que antecede o amanhecer.

Rosiee está de olhos fechados e parece estar repetindo instruções para si mesma. Mack suspeita que ela vai se dirigir ao mesmo esconderijo do dia anterior. Faz sentido. Mack também vai fazer isso. Só que não está com pressa, tem uma confiança razoável de que consegue encontrar o local de novo. Vai ao banheiro e, na volta, confere a sacola.

LeGrand passa reto por Ava. Nenhum dos dois diz nada, mas ela acena com a cabeça. E, para a surpresa de Mack, ele faz o mesmo. Parece confuso e receoso, com medo até, quando resmunga:

– Boa sorte. – E então vai se esconder no banheiro.

Ava parece meio morta. Pelo andar da carruagem, não chegará ao fim da competição. Antes que consiga se dissuadir, Mack se aproxima dela.

– Você se sente segura comigo?

– Como? – As sobrancelhas de Ava se juntam. São pretas, como os cílios, que emolduram enfaticamente seus olhos castanho-escuros.

– Você conseguiria dormir se eu ficasse vigiando?

A expressão de Ava se altera, passando por diversas emoções sutis. O sorriso é de cansaço e desconfiança, mas, de certa maneira, mais radiante do que a manhã que se aproxima, rapidamente.

– Sim, acho que conseguiria.

– Vem comigo.

Mack leva Ava para longe do acampamento, que está ficando vazio. Que burrice. Não deveria fazer isso. Mas ainda há tantos competidores, que mal tem? Ava não é mesquinha quando se trata de fazer o bem. Mack é. Hoje, contudo, ainda pode se dar ao luxo de ser generosa. Hoje pagará Ava com a possibilidade de dormir, para as duas ficarem quites. Só isso. Mack só não quer ficar em dívida com Ava.

Depois de virar na direção errada, o que lhe dá um certo pânico, Mack encontra o caminho certo. Elas saem do meio das árvores e chegam à área central.

– Que merda! – grita Ava, segurando Mack e se colocando entre Mack e o perigo que vê logo adiante.

Mack se desvencilha do gesto protetor e segue adiante, dando um tapinha na cabeça de gesso do pianista. O interessante é que a primeira reação de Ava não foi se esconder, mas proteger Mack do agressor. Talvez não seja só Mack que trouxe uma bagagem de trauma, bem maior do que a sacola que carrega, para o parque.

– Encantador – resmunga Ava. Ela acompanha Mack até o estande dos patos. Mas que bom. Ao lado de Ava, Mack não tem tempo de pensar em novelas, banheiras e irmãs. Mack dá um pezinho para Ava subir e, em seguida, sobe também. A parte afundada do teto é suficiente para acomodar as duas, mas muito mal.

À medida que o céu muda de cor, elas se acomodam, ombro com ombro,

quadril com quadril. Mack coloca sua sacola embaixo da cabeça de Ava.

– Um aviso justo – diz Mack. – Vou te acordar se você roncar, e também vou fazer xixi na calça, se precisar.

– Vou fazer a mesma coisa. Xixi na sua calça, quero dizer. Não na minha.

Mack abafa o riso com a mão. Deu mais risada com Ava nos últimos dois dias do que deu nos últimos meses, talvez anos.

– Você fez isso ontem? – sussurra Ava. – Você é durona.

– Não, consegui aguentar. Fiz xixi atrás do prédio do pianista, ali.

– Consegue imaginar Rebecca fazendo xixi na calça para não ser encontrada?

– Aquela que tem cara de propaganda de creme dental? Não consigo nem quero imaginar.

– É, não faz muito meu tipo também. – Ava solta uma gargalhada. – Propaganda de creme dental. Ela parece mesmo, não parece?

O sol está quase nascendo.

– Dorme um pouco – sussurra Mack. – A partir de agora, só silêncio.

Ava se acomoda e apoia a cabeça no ombro de Mack. Não é por acidente, desta vez. Mack solta um longo suspiro, o sol nasce, e o segundo dia – que já começa mais complicado, graças aos próprios impulsos confusos de Mack – tem início.

Faz sete meses. LeGrand só consegue pensar nisso enquanto sobe na árvore. Quem observasse ficaria surpreso de ver com que agilidade aquele menino delicado, rechonchudo e alto – porque, mesmo aos vinte anos, LeGrand ainda é, inegavelmente, um menino –, escala uma árvore na qual parece impossível subir. Só que ele tem muita experiência.

Enquanto se enfia no meio da copa, LeGrand se pergunta: “Será que Almera está morta? Será que ela já morreu?”. A tosse dela estava tão ruim da última vez, e faz sete meses que LeGrand foi banido. Mas poderiam ser sete anos, não faria nenhuma diferença. Ele jamais ficará sabendo. E jamais será capaz de ajudá-la. Tentar ajudar é o que o fez acabar ali, para início de conversa, e LeGrand, sinceramente, não entende – não consegue entender – o que está fazendo nem por quê. Nada no mundo faz sentido. Tudo o que lhe ensinaram sobre as maldades que nele existem está errado, mas nada

parece certo também.

Ele fecha os olhos e pressiona a testa contra a casca áspera da árvore. Finge que está em casa. Que aceitou o fato de que Almera vai ser salva de qualquer maneira, e o que ela passou durante a vida mortal não tem importância, porque tem vocação e foi escolhida por Deus. Que a tosse dela não ficou tão ruim da última vez, a ponto de LeGrand não conseguir mais suportar ficar sentado ao seu lado, segurar sua mão, ver os lábios dela ficarem roxos, enquanto ela tentava respirar. Que ele pôde comemorar o aniversário de treze anos de Almera, no mês passado, fazendo bolhas de sabão para ela e ouvindo sua risada encantada. Que subiu naquela árvore por um instante, para descansar, e sua mãe e suas tias e as dúzias de irmãs estão todas ali, ocupadas, lavando roupa, fazendo pão e costurando. Que, quando descer da árvore, sua irmã vai soltar um gritinho e dar risada, e ele vai levá-la na garupa, por todo o complexo, para Almera não ter que rastejar.

Só que não. Nada disso é real, nem nunca mais vai ser real. LeGrand não consegue nem sequer pensar na risada de Almera, a coisa mais alegre, mais feliz do mundo, sem sentir dor, porque guardou segredo da sua receita para fazer bolhas de sabão, com medo de que o profeta proibisse. E agora, o que faz Almera rir? E agora, quem a carrega nas costas para que ela possa ver outras partes do complexo além da própria cama? E agora, quem adivinha o que Almera precisa, já que ela não pode mais falar?

Almera deve achar que LeGrand a abandonou, assim como abandonou a Deus e todos os ensinamentos da comunidade. LeGrand fez isso por Almera, e ela jamais vai ficar sabendo, e nada disso importa, de todo modo.

Faz sete meses. Sete meses é uma eternidade. Afinal de contas, Deus criou o mundo em sete dias, e LeGrand destruiu o próprio mundo em sete horas.

Brandon está meio que cochilando, encolhido dentro de um carrinho, no meio de um túnel falso, escuro e bolorento. Um tecido cintilante se solta dos corações de madeira. Um cisne agressivo, de asa quebrada, o vigia, e há querubins – sabe-se lá como, ainda estão pintados com cores vivas, depois de tantos anos – pendurados no teto. Ele tinha duas alternativas hoje de

manhã: o Esconderijo dos Apaixonados e o Inferno do Submundo. Mas, como a outra atração tinha um demônio bem grande e assustador pendurado na entrada, escolheu o esconderijo, cujo nome, além do mais, tem tudo a ver com a competição.

Brandon não consegue decidir do que ele gosta mais: de ficar escondido, o que é empolgante, mesmo sendo meio chato, ou de ficar com o pessoal, depois. Torce para que mantenham contato quando a competição terminar. Talvez até venham lhe visitar. Ou ele poderia visitá-los! Brandon gosta mesmo de Ava, apesar de ficar intimidado com a cabeça raspada dela. Suspeita que Ava seja lésbica, o que é superlegal. Nunca teve uma amiga lésbica. Acha que não existem lésbicas em Idaho. E Mack é calada, mas Brandon gosta dela e tem certeza de que Mack também gosta dele. Jaden e Christian são parecidos demais com os garotos da cidade grande que vivem em Boise, que têm pais e cabanas de verão no rio Snake e roubam coisas do posto de gasolina, apesar de terem dinheiro. Mas a outra Ava, bom, Brandon mal consegue falar com ela, de tão bonita que é. Rebecca também. E Rosiee. Gosta de todos. Menos de Jaden e de Christian. Mas está sendo injusto, porque nem sequer os conhece.

À noite, vai tentar conversar com eles também. Com a pobre da Sydney, toda queimada de sol – tomara que esteja se sentindo melhor – e com Ian, o cara emburrado, e com Atrius, o cara que trapaceia. Dependendo de quem for eliminado. Talvez consiga convencer todos a jogarem alguma coisa ou algo assim, agora que já tiveram dois dias para se enturmar. Brandon olha, radiante, para os querubins sorridentes. Meu Deus, essa é a coisa mais legal que já aconteceu na sua vida.

Jaden foi cuidadoso. Teria que ser ainda mais cuidadoso se quisesse vencer. Queria que fosse outra pessoa – aquela garota calada e sinistra do cobertor ou a imbecil da mina gay que se acha tão durona, ou Atrius, de preferência. Mas Jaden encontrou Sydney; que seja Sydney, então.

Ele observa abrigado em uma construção que, um dia, serviu de banheiro, e agora serve de local de procriação para aranhas. Sydney sobe por uma escadinha, atravessa, rastejando, uma das asas e entra em um avião em miniatura, suspenso no ar. Ela tem mais colhões do que Jaden imaginava.

Sydney se enche de filtro solar em *spray* e, depois, se enfia dentro do avião, ficando invisível.

Jaden se acomoda, dando aos procuradores tempo suficiente para chegar àquele ponto, bem no interior do parque.

Em algum momento, depois de o sol ficar a pino e ir se arrastando em direção ao horizonte do lado oeste, Mack ouve aquilo de novo.

Tira lentamente o cobertor do rosto, com todo o cuidado, para não incomodar Ava. Não pode se dar ao luxo de Ava levar um susto e fazer o telhado crepitar.

Bem ali perto, aquele farejar. Uma respiração chiada e faminta. Um ruído que parece de algo raspando as patas no chão. Mack não tem como ter certeza, mas parece que está vindo do local onde ela fez xixi, atrás da cabana do palhaço, no dia anterior. Fica com a pele arrepiada de alívio por não ter ido bem ao lado do local onde se escondeu.

O ruído – uma bufada, seguida de pisadas leves, em círculos – lhe dá vontade de gritar, de terror e tensão. “Estou sendo caçada.”

Mack pode se convencer do contrário, mas conhece muito bem a sensação de ser perseguida feito uma presa. “Ele morreu, ele morreu, ele nunca vai conseguir me encontrar.” Outra coisa tomou para si a tarefa dele.

A coisa raspa na lateral do local onde Mack está, criando um tremor que percorre toda aquela construção, direto até o teto. Direto, até os ossos de Mack. Ela abre a boca para lamentar, para chorar, para soltar aquela terrível tensão e deixar que a coisa a encontre, deixar que a coisa ponha um fim àquilo.

Uma mão se fecha em volta da mão de Mack, aperta-a, prende-a ali. O cobertor tapa seu rosto, centímetro por centímetro, isolando-a naquela escuridão abafada com Ava. Ava, que acordou sem fazer nenhum ruído. Ava, que está com Mack.

“Três, dois, um: lá vou eu!”, cantarola ele, na memória de Mack. Ela aperta a mão de Ava com força, força demais, mas Ava não se mexe. Um único pato de borracha, lá embaixo, no chão, solta um grasnado agonizante, de morte lenta.

E aí um grito distante, de metal enferrujado, ecoa pelos ares feito uma

sirene. Passos largos e determinados começam a ir em direção ao ruído.

Mack solta um suspiro trêmulo, de alívio. Ava muda de posição, devagar, com cuidado, e Mack encosta a cabeça no ombro da outra mulher. Está abafado debaixo do cobertor, mas ela não tem dúvidas de que Ava consegue, mesmo assim, sentir as lágrimas que vazam dos olhos de Mack e vão parar na camiseta dela.

– É só uma competição – sussurra Mack. Mas sabe que não foi o medo de perder que a preencheu com um terror existencial. Foi o medo de ser encontrada.

E depois morrer.

– Seu filho da puta! – grita Sydney, ao ver Jaden correr para o meio das árvores, afastando-se do ruído que fez para levar os procuradores até ela. Se for eliminada, vai levar esse canalha junto. Ela sai do avião se arrastando, quase quebra o pescoço descendo de lá. Corre atrás de Jaden e se enfia no meio dos galhos. A lata de filtro solar cai de seu bolso, fazendo barulho.

Sydney grita porque seu cabelo ficou preso em um galho, puxando-a para trás. As árvores ao seu redor ficam em silêncio. E aí ela ouve um passo pesado. Depois mais um. Algo naquele ritmo lento e deliberado dissipa toda a sua raiva, substituindo-a pelo medo. Sydney vai se abaixando até ficar agachada. Fecha os olhos, numa lógica infantil. Se ela não consegue vê-los, eles não conseguem vê-la.

Está enganada, claro.

Mack e Ava ficam no telhado por mais alguns minutos depois que o holofote anuncia o fim do dia. As mãos das duas tremem quando bebem água e enfiam barrinhas de granola na boca.

Ava cutuca Mack com o ombro.

– Valeu. Estou toda dolorida, morrendo de fome e com medo de ter uma infecção renal, mas não estou mais cansada.

Mack não pode falar a verdade – que, sem a mão de Ava para segurá-la, teria perdido a cabeça. Sendo assim, finge que foi um dia normal, tão normal quanto um dia passado se escondendo dentro de um parque temático abandonado pode ser.

– Não foi nada.

As duas descem, ajudando-se. Mack vai direto para a cabana do palhaço pianista. Quer – precisa – ver pegadas. Pegadas normais, tediosas, de sapato. Ou até de animais. A terra parece ter sido remexida, mas Mack não consegue lembrar com clareza em que estado o chão estava no dia anterior. E, na luz fraca do luar, só consegue ter certeza de que não vê pegadas de sapato evidentes.

– Amanhã, a gente devia se esconder em outro lugar – diz Ava. Simples assim, uniu as duas. São uma equipe. Mack deveria argumentar, deveria recusar. Mas...

– Tem alguma ideia?

Ava faz que sim, e as duas voltam caminhando para o acampamento.

– Acho que subir em algum lugar é, de novo, nossa melhor opção. Vi uma área onde tinha um brinquedo de bate-bate. A treliça que o cobre parece ser bem estável, aguenta nós duas. Está completamente coberta pelo mato. Então, se ficarmos deitadas de costas, provavelmente, quem olhar do chão não vai nos ver. – Ela fica em silêncio por alguns instantes. – E dá para espiar, se ouvirmos alguma coisa de novo.

– Ver o que é – sussurra Mack.

– Quem é – corrige Ava. Mas não diz isso do modo confiante que Mack gostaria que tivesse dito. As duas param no limite do acampamento.

– Oi, Linda! – Ava abana para a mulher, que está terminando de repor os suprimentos na mesa.

– Sim, querida? – Linda parece exausta. Até seu batom se espalhou, entrando nas rugas finas em torno dos lábios, fazendo-os parecer borrados e sem forma.

– Aqui tem animais selvagens?

Linda pisca várias vezes.

– A fauna local pode ter passado pela cerca. Mas nada grande nem perigoso.

– Tipo porcos-do-mato, talvez?

Linda solta uma risada surpresa.

– Nunca vi um porco-do-mato. Mas, em um parque desse tamanho, vai saber...

– Quantos procuradores ficam atrás de nós?

Linda sacode a cabeça, e seu sorriso vaza do contorno, igualzinho ao batom.

– Isso faz diferença? Ser pego ainda é ser pego. – Ela vai logo se afastando para pegar mais suprimentos do quadriciclo, antes que Ava e Mack possam fazer mais perguntas sobre os procuradores e quem foi eliminado naquele dia.

– Faz muita diferença – resmunga Ava, olhando para Mack. Mack dá de ombros. Faz diferença e não faz. Um procurador ou uma centena de procuradores, a quantidade não muda sua estratégia na competição.

O que elas ouviram poderia ser um porco. Um porco grande. Ou poderia ser um dos misteriosos procuradores. De volta ao acampamento, o pavor de estar sendo caçada lhe parece mais transtorno do estresse pós-traumático do que algo real. Mesmo assim, Ava não sai do seu lado. As duas se sentam juntas e comem, ainda sem vontade de tomar banho. Parece importante observar todos voltarem. Conferir quem ainda está no páreo.

Jaden e Ava bonita voltam juntos.

Christian, da prancheta, chega logo em seguida.

Depois, o escritor, Ian.

LeGrand.

Rebecca, a propaganda de creme dental ambulante.

– Brandon, Atrius, Sydney, Rosiee – elenca Ava, contabilizando quem ainda não voltou. Mack percebe que está segurando a respiração, se esforçando para ver no escuro. Não deveria ligar para quem é eliminado. Isso só significa que ela não foi. Mas quer agradecer Rosiee por tê-la defendido de manhã. E o sorriso de Brandon vai aliviar um pouco do medo e do pânico que permanecem em seu peito. Ele é a pessoa mais feliz de estar ali. Mack quer ter isso por perto. Quer tentar pegar emprestado um pouco da ternura do garoto.

Numa altura da noite, ela ouve o suave mas inconfundível som sibilante de uma lata de tinta *spray*.

– Atrius ainda está no páreo – diz. Seus sentimentos a respeito disso são ambivalentes, só que isso significa que uma das duas pessoas de quem

Mack realmente gosta foi eliminada. Ou ambas.

Brandon entra trotando no acampamento, com um sorrisinho no rosto.

– Ah, cara, hoje foi uma loucura. Ou chato. Não sei dizer.

– Sydney e Rosiee – diz Ava.

Linda faz que sim, distraída. Não para de mudar a posição das comidas na mesa.

– Bem, boa noite, então. – E sai correndo. Mack imagina por que Linda não gosta de ficar com eles, como fez na primeira noite, e por que é a única pessoa que interage com o grupo. A mulher parece uma representante improvável para uma empresa de produtos esportivos.

Brandon começa a empilhar lenha dentro de uma lareira externa de pedra, fora da área do pavilhão.

– Alguém se incomoda se eu fizer uma fogueira? Já que não temos direito a uma despedida, deveríamos comemorar o fato de ainda estarmos aqui, pelo menos. Achei um saco de *marshmallows*!

Ava bonita se aproxima dele. Depois de algumas tentativas frustradas, conseguem fazer a madeira pegar fogo. Todos se reúnem em volta da fogueira. Até o escritor antissocial e LeGrand ficam por perto. Rebecca ri, mostrando todos os seus dentes brancos e alinhados, quando seu *marshmallow* cai do graveto e vai parar na fogueira.

– Colgate ou Oral-B? – sussurra Ava, no ouvido de Mack, e Mack tenta disfarçar sua gargalhada.

– Que tal um jogo? – pergunta Brandon.

– Duas verdades e uma mentira! – declara Ava bonita, imediatamente.

– Meu Deus, não. – Ava levanta e vai para o chuveiro. Mack também quer ir, mas seguir a mulher até os chuveiros lhe parece algo íntimo demais. Vai esperar até Ava sair do banho.

Jaden inclina o corpo para a frente, e seu rosto fica iluminado, dourado e reluzente.

– Vamos contar histórias de terror. Eu começo. Alguém aqui já ouviu falar do famigerado Massacre do Esconde-Esconde?

O fogo está tão quente no rosto de Mack, mas ela sente frio nas costas. É capaz de sentir a noite ali, toda aquela escuridão ficando em silêncio, aproximando-se para ouvir melhor, como todos que estão em volta da

fogueira. Isso não pode ser verdade. Nada daquilo é verdade.

– Essa você inventou – diz Ava bonita, fazendo careta.

– Não inventei, não. Minha ex-namorada era obcecada por *podcasts* de crimes.

– O que é um *podcast*? – pergunta LeGrand, baixinho.

– De onde você veio, de Marte? Cala a boca e me deixa contar a história.

Ele conta a história quase correta.

Então, tem esse cara. Tem mulher, duas filhas, mais uma a caminho. Não consegue parar num emprego por muito tempo nem por decreto. Uma baita pedra no sapato dele. Bêbado. Ruim.

(Ele fazia as melhores panquecas, levinhas e fofas, com carinhas felizes de gotas de chocolate.)

É mandado embora de novo, e isso é a gota-d'água para a esposa. Ela fala que, se o cara não for capaz de engolir o orgulho e ficar num emprego, vai embora. Volta para a casa dos pais dela.

(A casa do vovô e da vovó sempre foi quente demais, o ar era seco e pinicava. A fazia espirrar. Um dia, o nariz dela sangrou por tanto tempo que quase a levaram para o pronto-socorro.)

Aí o cara fala para a mulher que conseguiu um emprego novo. Convida a família toda para comemorar. Os adultos ainda estão na sala. E o cara fala para as filhas irem brincar de esconde-esconde e manda elas se esconderem até ele encontrar as duas.

(Era a brincadeira preferida deles. Não brincavam com ele havia tanto tempo. Todo mundo parecia estar mais feliz. Mais relaxado. Uma sensação tipo... de que talvez não corressem perigo. Mack riu alto demais e ficou correndo em círculos atrás de Maddie. Quando ele mandou as duas irem se esconder mais uma vez, sua voz tinha aquele tom de censura, então elas foram.)

Assim que ele terminou de contar...

(Especulação. Ninguém teria como saber exatamente o que aconteceu.)

... ele pegou uma faca e cortou a garganta do sogro. Apunhalou a sogra no peito. E aí, depois que a mulher viu os pais morrerem, o cara esfaqueou a

barriga dela. Os gritos fizeram a filha mais nova sair do esconderijo. O cara matou a menina. Cortou todinha. E aí começou a procurar a filha que faltava. Mas se atrapalhou. A mulher não tinha morrido, só estava morrendo. Ela saiu da casa, rastejando, mas só conseguiu chegar até a varanda e, aí, finalmente, morreu. Aí o pai passa a noite – a noite inteira – procurando a filha que falta. Finalmente, quando o sol nasce, um cara que estava correndo vê a mulher morta na varanda e liga para a polícia. Quando ouve as sirenes, o pai corta a própria garganta e sangra até morrer no chão, a menos de dois metros do esconderijo da menininha. A polícia já estava na cena do crime há duas horas quando ela finalmente apareceu e perguntou se a brincadeira tinha acabado. A única que teve a sorte de sobreviver.

(Não foi sorte. E Maddie não saiu do esconderijo por causa dos gritos. As duas sabiam que deviam ficar quietinhas quando papai e mamãe estavam gritando. Não, Maddie foi encontrada. Mack viu essa parte. Foi o resto que ela só ouviu.)

– Por que você contou isso? – Rebecca abraça o próprio corpo. – Que horrível.

LeGrand está se balançando para a frente e para trás. O escritor emburrado está mexendo no caderno. Mack está calada. Deveria ter ido tomar banho com Ava.

Jaden se reclina, cruzando os braços.

– Conte para vocês entenderem a dimensão da porra que é ter a única sobrevivente do Massacre do Esconde-Esconde competindo em um torneiro de esconde-esconde. Não é mesmo, Mackenzie Black? Eu sabia que esse nome não me era estranho.

Todo mundo exclama ao mesmo tempo, Mack levanta e vai para a cama dela. Está pronta para dormir.

Consegue ouvir Ava bonita e Rebecca e até o tal escritor massacrando Jaden de perguntas. O prancheta e Brandon murmuram. As vozes se erguem quando Ava sai do banho. Ela também vai ficar sabendo. Todos vão ficar sabendo.

Pelo menos a competição vai ficar fácil de novo.

Alguém se ajoelha ao lado da cama dela. Brandon joga uma montanha

dos suprimentos preferidos de Mack na sacola dela.

– Espero que você vença – sussurra.

Mack não espera mais nada. Quando fecha os olhos, está de novo naquele lugar. Encolhida. Olhando para Maddie, lá embaixo, que olha para ela, lá em cima, com uma expressão lacrimante, de acusação, nos olhos.

Atrius não se incomoda com a escuridão. É onde ele normalmente costuma trabalhar. Mas é isso que está imaginando: passou dois dias indo para lá e para cá, pintando, pichando e tentando entender a planta daquele lugar. E não viu ninguém no parque com eles. Subiu até o topo da roda-gigante hoje, e o que viu confirmou suas suspeitas. É um labirinto. E isso o faz pensar que o jogo pode ter mais a ver com achar do que com ser achado. Linda falou aquele negócio esquisito sobre um livro. Mas e se esse for o verdadeiro objetivo? Em qualquer esconde-esconde, sempre tem um que procura todo mundo, afinal de contas. Talvez esse seja o verdadeiro desafio-surpresa: eles têm que fazer as duas coisas.

Atrius está quase ficando sem tinta, mas marca o caminho que percorre ao longo do labirinto. Viu uma casa – branca, com pilares, igual ao *spa* – bem no meio. Ele vai chegar lá. Antes de todo mundo.

De vez em quando, contudo, fica cansado demais e com fome demais. Está chegando perto, sabe que está. Vai encontrar a casa e o livro amanhã. Sua tinta, feito migalhas de pão ao luar, vai levá-lo de volta até lá.

Com os olhos fixos no chão, Atrius não vê o sapato de criança, mas percebe, sim, os saltos confortáveis descartados debaixo de um arbusto. Que esquisito.

Ele volta para o acampamento e encontra uma fogueira já se apagando. A cama de Jaden tem dois ocupantes. Só que essa não é a única dupla esquisita que se junta para dormir. Aquela mina sinistra, que tem olhos grandes demais para o tamanho da cara, está dormindo na cama dela, mas, ao seu lado, encolhida no chão, está deitada a mina-soldado.

O caderno do escritor chorão caiu da cama dele. Atrius o pega só para ter certeza de que não é o livro que procura. Mas não. É só um caderno. E, além disso, está em branco. Ian estava fingindo que escreve esse tempo todo.

Entediado, Atrius toma banho, come e aí escolhe uma cama vazia para dormir por umas duas horas. Vai chegar à casa pela manhã.

TERCEIRO DIA

A trius sai do acampamento antes do amanhecer.
Ele encontra o templo.
E o templo o encontra.

Mack fica surpresa quando acorda, de manhã, e encontra Ava dormindo no chão, ao lado da cama dela.

A luz ainda é suave, de logo antes do amanhecer, e ainda dá tempo de encontrar um bom esconderijo. Um novo esconderijo. Ela não vai se esconder no mesmo lugar de ontem, muito menos depois de ouvir aquela coisa farejando. Aquela coisa procurando. Mack tenta improvisar, imaginar a pessoa que podia estar fazendo aquilo, mas seu cérebro nunca se decide por uma pessoa, e ela se encolhe de medo daquele vulto monstruoso, esperando para tomar forma, assim que Mack olhar diretamente para ele.

Mack não vai olhar. Ela sabe muito bem tapar os olhos e os ouvidos e fingir que o horror está longe.

Está tão distraída que só percebe que Ava a acompanha quando sai do acampamento e adentra uma das abundantes trilhas do parque. Ava caminha rápido, com passos mancos e confiantes.

– Anda – diz Ava, como se não soubesse que Mack está perturbada, arrasada, assombrada, desde a noite anterior. – Vi esse lugar no primeiro dia. Vai ser perfeito. A gente vai ficar escondida, mas dá para ver o chão, se quisermos. Se ouvirmos alguma coisa de novo.

Não passa despercebido por Mack o fato de Ava ter dito “alguma coisa”, não “alguém”. Talvez, a imaginação dela também esteja achando difícil

preencher as lacunas.

Mack tem vontade de perguntar. Tem vontade de perguntar por que Ava ainda está com ela. Mas, mais perturbador do que qualquer uma dessas coisas, é o puro alívio que Mack sente quando Ava está com ela. Não deveria sentir alívio. Não deveria sentir nada. E não deveria ter que resistir ao impulso de pegar a mão de Ava e andar de mãos dadas com ela por aquela trilha.

Mack pisa em falso de propósito, para que os passos das duas não fiquem tão sincronizados.

Mas é tarde demais para procurar um lugar melhor para se esconder sozinha. É por isso que fica com Ava, Mack tenta se convencer. Só mais esse dia. E aí, vai ficar sozinha de novo, e vai ser melhor. E, se não for melhor, bom, pelo menos vai ser mais seguro. Para qual das duas, Mack não sabe ao certo.

Ava vai na frente, guiando o caminho pelas voltas e emaranhados dos arbustos, contornando algumas atrações antigas e testando estruturas que definitivamente não parecem seguras. Aponta para uma torre larga e atarracada, rodeada por vários tobogãs. Pedacos enormes estão faltando em todos eles, pontos onde uma parte inteira caiu, e cada um cospe quem desce por ele em um caminho diferente.

– Eu me escondi aqui no primeiro dia. Foi uma merda subir. É chamada de *helter-skelter*, como a canção dos Beatles. Dizem que é bem popular nos parques da Inglaterra.

– A música dos Beatles é sobre um tobogã? – pergunta Mack, desconcertada. – Por acaso a família Manson não falou que foi essa música que inspirou todos os assassinatos cometidos por eles? – Mack se encolhe toda. Não devia ter falado de assassinato. É uma porta que abre caminho para o passado dela, um caminho que Ava vai percorrer. É por isso que Mack nunca fala nada, é por isso que Ava oferece ameaça, não só por ser uma oponente na competição. Mack desvia para o lado. Vai embora. Fácil.

Ava dá o braço para Mack, prende-a, impede-a de seguir em frente.

– Esquisito, né? Mas, para ser sincera, esses tobogãs parecem mesmo assassinos. – E, simples assim, Ava fecha a porta, deixando o passado de Mack lacrado, em segurança, enquanto as duas caminham em silêncio.

Enfim elas chegam ao que parece um lago raso, de concreto. Como tudo ali, é uma ruína de seu antigo estado, a superfície lisa agora está esburacada, rachada, com mato se infiltrando nas brechas, subindo em direção ao sol, apossando-se de tudo novamente, de uma forma lenta, mas definitiva. Há uma espécie de toldo cobrindo a uniformidade enferrujada dos carrinhos de bate-bate e, apesar de estar afundado no meio, como o teto que Mack escolhera, parece bastante firme. Melhor do que isso: a treliça de metal é densamente bordada pelo mato. Ava tem razão. Se ficarem lá em cima, poderão ver o que está embaixo, mas ninguém conseguirá enxergar o que está lá em cima. Se alguma coisa aparecer de novo, procurando, com aquela fungada chiada e horrorosa, pisando leve, com pés cujo som não se parece com o de nenhum outro pé que Mack tenha ouvido na vida, vai ser apenas uma questão de virar a cabeça e espiar por um vão no mato.

Ou não. Ela poderia decidir não olhar. Ela poderia ocupar a cabeça imaginando o que está fazendo aqueles sons, viver com isso todos os dias e todas as noites pelo resto da vida, sem nunca poder ter certeza. Nisso, pelo menos, Mack tem experiência.

Mack ajuda Ava a subir primeiro. E, enquanto Ava some no alto da estrutura, ela fica, por um instante, com o estômago embrulhado. Ava pode abandoná-la. Se acomodar lá dentro, em segurança, obrigando Mack a se virar para encontrar outro esconderijo.

Se ela fosse esperta, era exatamente isso que faria. Mack está meio de costas, já resignada, quando o rosto de Ava aparece no meio da treliça.

– Acho que é bem estável. – E estende a mão.

Mack segura a mão dela.

Ava tem razão. A estrutura range, reclamando, e as duas vão ter de tomar cuidado e ficar bem imóveis, mas o colapso não parece iminente. Elas se acomodam perto da base, onde há mais apoios. De qualquer modo, o esconderijo é melhor do que aquele que Mack escolheu. Tem árvores enormes, que tapam tudo, aliviando a agressão do sol, prestes a acontecer. Não vão nem precisar se tapar com o cobertor.

Mack dispõe cuidadosamente, de forma meticulosa, tudo de que poderá precisar, deixando ao alcance da mão. Não tomou banho ontem, depois do que aconteceu na fogueira, e se arrepende, porque consegue sentir de leve

os odores do próprio corpo e da fumaça. Mas, àquela altura do chão, com a brisa agradável, duvida que haja um humano capaz de perceber.

Ava se acomoda ao lado de Mack, tão perto que, entre o corpo das duas, mal sobra um rumor de espaço. Quando o sol rompe o horizonte, dando início ao tedioso dia que teriam pela frente, Ava sussurra:

– Se Jaden não for eliminado hoje, vou encher ele de porrada à noite.

Não é uma crítica a Mack ou ao seu passado. Não é uma pergunta nem uma exigência. É uma oferta. Uma intimidade. Ava vai protegê-la.

Mack se afasta sutilmente.

Ainda não é dia quando Rebecca encontra o antigo carrossel. Há algo de desconcertante naqueles animais fantásticos, que um dia foram pintados com cores vivas e agora estão lascados e desbotados, tanto que só sobrou a madeira debaixo da tinta. Ela sabe que é madeira – ela sabe – mas, com a dupla degradação pelo apodrecimento e pela exposição ao sol, que desbota as cores, o cérebro de Rebecca diz que ela está olhando para ossos, torturados e empalados, presos no mesmo lugar para sempre, tenebrosos horrores de vida.

Na verdade, Rebecca meio que adora. Parece um *set* de filmagem. Consegue *sentir* as câmeras atrás dela, absorvendo aquela paisagem com ela, deixando a plateia chegar às próprias conclusões a respeito do que está à espreita no meio do carrossel, escondendo-se nas sombras. “Não entra aí”, Rebecca quase ouve o público falar.

Ela sente um arrepio na nuca e esfrega os braços, apesar de o discreto frio do início da manhã já estar se evaporando. Não. Não é um filme de terror. Sem dúvidas, com as alergias alimentares que tem, em um filme de terror haveria uma maneira realmente terrível e traumática de matá-la. Até parece que Rebecca não se imaginou morrendo asfixiada, quase todos os dias de sua vida. Até parece que suas alergias são um recurso narrativo, e não uma fonte constante e muito real de tudo, de inconveniência a medo, passando por uma dor incrível.

Terror, não. Uma comédia romântica. Herdou um parque de diversões velho e dilapidado de um tio distante. Não. De um parente com o qual

cortara contato, para ter mais complicações emocionais. Esta é a primeira vez que visita o local, e está perplexa com o estado do lugar. O que vai fazer com um parque de diversões caindo aos pedaços? E daí que suas lembranças de infância mais queridas tiveram lugar ali, como a última vez que passou um verão feliz com o pai. (Mãe? Pai. Cortar relações com o pai é menos doloroso do que com a mãe. Pelo menos, para o público. Rebecca acha ambos os casos bastante dolorosos. Mas voltemos ao filme.)

Agora, ela vai se virar para trás e dar de cara com um homem de camisa de flanela. Calça *jeans*, contornando a bunda perfeita. Botas grossas, barba por fazer há três dias, voz rouca, olhos vibrantes. Um empreiteiro! Contratado pelo pai, antes de falecer! Mas por que Rebecca investiria naquele parque? A menos que fosse para passar mais tempo com aqueles olhos vibrantes...

Uma brisa furtiva geme ao passar pelo carrossel, como se fosse o último suspiro saído de pulmões moribundos. Não. Este não é o *set* de uma comédia romântica. É o *set* de um filme de zumbi.

“Se concentra, Rebecca.” Ela entra no carrossel. Parece que os painéis do meio se separaram. Se forçar um pouco, consegue se espremer ali. Um bônus por ainda não ter colocado silicone no peito. O que, definitivamente, iria atrapalhar.

Mas, ao colocar uma perna lá dentro, olha para baixo e vê um leve brilho prateado. Conhece aquele colar. Ficava tão bonito em Rosiee. Rebecca teve inveja da autoconfiança e da personalidade que Rosiee transmitia com suas pesadas joias de prata. Agacha-se e pega o colar. O fecho está quebrado.

Rebecca olha mais de perto. Tem uma mancha preta no fecho. Grudenta e, na verdade, não é bem preta. Um vermelho bem escuro. Se o colar tivesse ficado preso e machucado a garota a ponto de sangrar, com certeza Rosiee teria notado.

Rebecca tira a perna lentamente. Olha a abertura com mais atenção.

Há um pedaço de pano, rasgado. Reconhece que é um pedaço da camisa de Rosiee. Alguns passos para trás, batendo em um dos esqueletos de cavalo, que sorriem, cegos, para Rebecca. Ali, uma bota. Rosiee teria que estar se debatendo muito para perder uma bota, não? Não é um *scarpin*, nem uma sapatilha. A bota também tem marcas profundas, arranhões,

provavelmente porque foi arrastada pelo chão. Tentando se firmar.

Rebecca sai cambaleando da plataforma do carrossel, com o coração disparado, olhando em volta loucamente. Aquilo não é uma comédia romântica...

Aquilo não é uma comédia romântica.

O sol atravessa a copa das árvores, inundando o carrossel de luz. Há manchas escuras que poderiam ser de ferrugem. Óleo. Esgoto. Sangue.

– Foda-se essa merda de zumbi – sussurra Rebecca. – Ei! – grita, dirigindo-se à trilha mais próxima. – Ei! Socorro! Preciso de ajuda! Acho que algo ruim aconteceu com Rosiee! Se alguém estiver assistindo, não ligo se for eliminada! Tem alguma coisa errada! Tem alguma coisa muito errada!

Rebecca corre para o meio das cercas vivas e vai abrindo caminho, em direção ao acampamento. Com seus gritos estridentes abafados pela vegetação ávida, é como se o carrossel jamais tivesse sido tocado. Exceto por aqueles brilhos de prata deixada para trás, que piscam, transmitindo um código sob a luz do sol, sem que ninguém esteja ali para decifrá-lo.

Mack sente a tensão porque Ava também ouve. Se a pessoa está gritando perto ou longe, é difícil dizer, com as atrações e as árvores e o caos do parque em geral abafando os ruídos, atirando-os aleatoriamente pelos ares.

Ava muda de posição e gruda os olhos no mato. Mack faz a mesma coisa, só porque não aguenta não fazer isso.

Elas não veem nada.

– Parece a voz da Rebecca – sussurra Ava.

Mack faz *psiu*. Armaram para alguém ser eliminado ontem. Aquele tilintar de metal só pode ter sido isso. E isso provavelmente deve ser outra armação.

Os gritos são interrompidos abruptamente, e Mack quase solta um suspiro de alívio, mas ele fica preso em suas costelas, estático e terrível, porque um único grito ecoa pelo parque, reverbera e é despedaçado enquanto tenta se firmar nos ouvidos delas. Nos ouvidos de qualquer um.

Ava se mexe. Mack estende a mão de repente, agarra o braço dela.

– Não – sussurra. – É uma armação.

Passos, então. Uma corrida desajeitada e descoordenada. LeGrand passa

correndo pelas duas, indo na direção dos gritos. Ele é um imbecil.

Ele não é um imbecil. Mack sabe disso. Sabe a diferença entre um grito de filme de terror, um grito com o objetivo de *imitar* o desespero humano, e um grito de verdade.

Mack se vira e vê uma única lágrima escorrer pelo rosto de Ava, que fecha bem os olhos e vira a cabeça, para não ver mais o que tem lá embaixo. Ava também sabe a diferença.

– Jaden – sussurra Ava, tentando se tranquilizar ou tranquilizar Mack, ou nenhuma das duas alternativas. – Aposto que é ele, tentando enganar todo mundo.

Elas ficam onde estão, encurraladas na prisão de silêncio deixada por aquele grito que não foi respondido.

O absoluto e vazio tédio da passagem do sol, escrita no corpo das duas com segredos salpicados, parece estar debochando do pânico e do medo que o início do dia trouxe. Mack não pode fazer nada a não ser esperar, imaginar, e repassar o grito na cabeça sem parar, até ele se fundir e se confundir com aqueles outros gritos, que têm sido a trilha sonora constante de sua vida.

Até conseguir se convencer de que estava ouvindo o que queria ouvir. O que não queria ouvir. Qualquer uma das alternativas. Não foi um grito de verdade. Mack está predisposta a esperar pelo pavor, a ouvir dor. Só isso.

Ava está em silêncio, ainda ao seu lado, e sejam quais forem os pensamentos que a acometem, Mack não fica sabendo. E fica feliz por isso também. Prefere ficar sozinha, dentro da própria cabeça. Muda de posição, movimentos infinitesimais para não sacudir a treliça nem fazer o mato sussurrar, denunciando sua presença. Pressiona o olho em um vão entre as folhas e olha para baixo, para o parque.

Não está procurando nada, não está esperando nada, está completamente desinteressada. Mas um borrão em tom de neon chama a sua atenção. Tudo o mais no parque é desbotado pelo tempo, descolorido pelo sol, corroído pela ferrugem, tomado pelo mofo. Aquela faixa de tinta mais parece um sinal piscante de Las Vegas.

Atrius. Mack segue a linha de tinta e, no limite de seu campo de visão, enxerga outra, que tem forma de flecha. Uma trilha. Mas uma trilha para

quê? O que Atrius está fazendo? Tentando registrar aonde estava indo ou aonde foi? Tentando fazê-las cair em uma armadilha? Ou apenas sendo um cuzão que empunha uma lata de tinta *spray*, marcando presença em um lugar que é completamente indiferente a essa presença? Por que alguém iria querer deixar rastros de si mesmo por onde passa é algo que Mack não consegue compreender.

Mas aí, cai a ficha. “É um labirinto”, disse Atrius, e Mack presumiu que ele estava sendo um artista pretensioso. Mas ele estava falando do parque em si. Mack vira a cabeça para sussurrar essa revelação para Ava, mas os olhos dela estão fechados e, mesmo tão perto, Ava parece estar absurdamente distante. Então Mack faz o que faz de melhor:

Nada.

Enfim, o sol se põe. Mack deixa Ava descer primeiro. Tem que se inclinar perigosamente, bem depois do limite da treliça; só assim Ava consegue ficar segurando seu corpo com uma das mãos, para que Mack não perca o equilíbrio. Depois, é a sua vez. As duas não conversam durante todo o trajeto de volta para o acampamento, mas Ava se movimenta com uma pressa que não tinha ontem. Está nervosa. Quer saber o que foi que aconteceu.

Mack resolve que prefere não saber. Diminui o passo de propósito, permitindo que Ava a deixe para trás. Mas, para sua frustração, Ava não para de diminuir o passo e de se virar.

– Anda logo, Mack – bufa. – Quero fazer xixi em um banheiro.

Mack não tem como discutir com isso, então acompanha o ritmo de Ava, seguindo com os olhos a trilha deixada por Atrius. O neon se apegava ao último brilho de crepúsculo.

Mack imagina o que poderia acontecer se seguisse a trilha. Se ela se permitisse ser engolida pela noite, pelo labirinto. Será que as setas a fariam se embrenhar cada vez mais no parque, até não ter mais volta? Ou desapareceriam, deixando-a sozinha, sem rumo, sem objetivo. Perdida.

Não parece ser uma alternativa tão terrível. Parece algo bem conhecido.

Chegam ao acampamento depois de uns bons vinte minutos caminhando em direção ao holofote. Ava tem um senso de direção impressionante, o que é útil, por ora, mas, no geral, péssimo para Mack. Ela precisa se lembrar

disso. Ava não é sua amiga, é sua oponente. O dinheiro parece nebuloso. Até a natureza da competição se desfez, de certa maneira, queimada pelo sol que se arrasta no céu. Parece que Mack sempre esteve ali, como se fosse predestinada a estar ali. A ideia de haver um final, um objetivo, é uma gaze que flutua no ar, cintilante e efêmera.

Será que alguma coisa nisso tudo é real? Será que ela ainda está lá nas vigas do teto, olhando para o abrigo, lá embaixo?

Será que ainda está lá em cima da despensa, olhando para uma poça de escuridão, lá embaixo, que se alastra lentamente pelo chão?

Mack estica o braço e deixa as pontas de seus dedos roçarem nas costas da camiseta de Ava. Pressiona a ponta dos dedos contra o próprio coração. O único fôlego que ouve é o dela mesma. Não aqueles sons chiados e ofegantes de uma vida que se esvai.

Fecha os olhos. Sua cabeça dói. Pode estar com insolação, apesar de ter ficado na sombra. Não importa.

Ava entra no acampamento a passos largos, vai ao encontro do escritor emburrado e de Brandon, os únicos que voltaram até agora, e ignora os banheiros, contradizendo o que havia dito.

A mesa está absolutamente farta, cheia de comida e água. Quatro ou cinco vezes mais do que nos dias anteriores. Por quê?

Não importa. Banheiro. Mack quase grita de dor de tanto alívio.

Quando sai do banheiro, Ava está parada no limite do acampamento, de braços cruzados, olhos semicerrados.

– Eles não ouviram nada – diz, como se Mack tivesse perguntado. Mack não perguntou. Mack não quer perguntar.

– Vocês acham que tem alguma coisa muito errada acontecendo? – Brandon se aproxima de Ava, o nariz sardento e simpático enrugado de preocupação. – Talvez ela tenha se machucado. Devia ser Rebecca, né?

– Ou a outra Ava – diz Ava.

– Não sou a outra Ava – dispara uma voz, vinda da escuridão. – Você é a outra Ava. – Ava bonita entra no acampamento se arrastando e se atira sobre a mesa, bebendo uma garrafinha d'água tão rápido que o líquido escorre por seu pescoço. A maquiagem dos olhos escorreu e borrou, deixando-a com olheiras fundas. Linhas que podem ser de suor ou de lágrimas criaram um

estranho efeito de listras na cobertura de base que aplicou no rosto. Jaden vem se esgueirando logo depois dela, suado, sujo, esforçando-se para manter a expressão de sou-mais-descolado-que-vocês.

– O que foi que você fez com ela? – Ava cruza os braços sobre o peito. O que acentua seus bíceps nada insignificantes, quer ela tenha essa intenção, quer não.

Mack se afasta. Não precisa saber. Não quer saber. Quer dormir.

Jaden dá um sorriso.

– Escuta aqui, cuzão, se Rebecca não voltar...

– Espera aí, Rebecca? – interrompe Ava bonita. – Achei que estávamos falando de Sydney.

– Você está ajudando esse cara? – pergunta Ava, sacudindo a cabeça, enojada.

– Por que estaríamos falando de Sydney? – pergunta Brandon, confuso em sua inocência.

– Porque foram esses dois que fizeram ela ser eliminada – responde Ava.

Jaden dá de ombros, e uma máscara pretensiosa desce sobre seu rosto.

– Vale tudo etc., etc. – O jeito que pronuncia “et cetera” faz Mack cerrar os dentes. E faz Ava cerrar os punhos. – Achei que vocês saberiam pelo menos a parte da guerra – continua Jaden –, se não conhecem a parte do amor.

Ava dá risada. Isso pega Jaden de surpresa, desfazendo sua expressão calculadamente falsa. Então Ava vai para cima dele tão rápido que ele cambaleia para trás e bate na mesa.

– Não se mete comigo, porra. Ou você vai se arrepender de ter me conhecido.

Jaden tenta se recuperar, rindo, mas é uma risada tão vazia quanto a garrafa d’água que Ava bonita jogou no lixo.

– Agora já foi.

Ava se vira para Mack, mas Mack já está indo tomar banho. Não está do lado de Ava. Não está do lado de ninguém. Esqueceu-se disso hoje. Não pode esquecer de novo.

Ava ainda está zanzando pelo acampamento. Todos voltaram, menos Atrius, LeGrand e Rebecca. O escritor – Ian, que Ava, sinceramente, não consegue acreditar que ainda está no páreo – está com seu caderno, comendo, nervoso. Christian está menos tagarela hoje, todo queimado de sol e mal-humorado. Jaden e Ava Dois se retiraram para um canto da área coberta, levando as camas, que ficam lado a lado. A risada dos dois é forçada, fingida. Cochicham, sem ter necessidade, para enfatizar que não querem ninguém ouvindo sobre o que estão conversando. Como se Ava fosse dar bola para o que possam estar dizendo.

– Vocês acham que hoje foram eliminadas três pessoas? – pergunta Brandon, pigarreando, nervoso. Olha, envergonhado, para Mack. – Fico feliz por você ainda estar aqui. – Mack não responde, e Brandon se sente culpado por saber o que agora sabe a respeito dela. Gostaria de não saber, porque isso o deixa triste, e também o deixa um pouco amedrontado, e ele não gosta de sentir nenhuma dessas duas coisas.

Um galho se parte. Até Mack, determinada a não dar bola, se vira e observa, como se seus olhos tivessem sido fígados por um fio de *nylon*, que a prende ao que quer que esteja prestes a acontecer.

LeGrand surge no acampamento.

– Você encontrou ela? – indaga Ava. Nem sequer dá tempo de ficar feliz porque Atrius foi eliminado, e não LeGrand. Precisa saber o que foi que aconteceu.

LeGrand sacode a cabeça. Suas mãos tremem quando pega uma garrafa d'água. Não diz mais nada, porque não tem mais nada a dizer. Não pergunta como Ava sabe que ele estava procurando. Procurou e não encontrou. E tem quase certeza de que não é assim que a competição devia funcionar, não mesmo.

Mack imagina quem é LeGrand, por que o garoto é do jeito que é. Não sabe nada a respeito dele, mas sabe que, quando alguém grita, LeGrand corre na direção dos gritos. E ela não. Do que mais alguém precisaria para provar seu valor?

– Nada de Rebecca e nada de Atrius – diz Ava. E franze o cenho. – E nada da senhora branca e chique para resumir o dia para nós ou contar quem foi eliminado.

Será que ninguém mais prestou atenção na quantidade de comida com o mesmo pânico de Mack? Ela não consegue acreditar que os demais não repararam nisso. Há comida suficiente para durar até o fim do jogo. Linda largou a comida, ligou o holofote e foi embora. Não vai mais voltar.

– Linda nunca disse que viria todos os dias. – Ian fecha o caderno com força, irado. – Por que estão fingindo que ligam para quem é eliminado? Desde que seja outra pessoa, não é bom? – Ele odeia aquelas pessoas por levarem a competição a sério. É tudo tão imaturo, tão sem sentido. Mas, hoje, Ian fez xixi em um pote e não se arriscou a sair do esconderijo, uma parede caída que encontrou. Então ele odeia aquelas pessoas, e se odeia também, e odeia as pessoas que organizaram a competição. Tem muito ódio para continuar no páreo. Fica mexendo no seu isqueiro de prata chique, abrindo e fechando o presente que deu a si mesmo quando terminou o mestrado em Literatura. – Vocês precisam mesmo que Linda fale o óbvio? Duas pessoas por dia. Duas pessoas não voltaram. Atrius e Rebecca foram eliminados. Não entendo por que estão chateados. Até ontem não davam nenhuma bola para isso.

– Eu dava – murmura Christian. O espectro do futuro imaginado e agora perdido com Rosiee paira sobre seus ombros. Não pode substituí-la por ninguém que ficou. Rebecca já era e, de qualquer modo, não fazia o tipo dele. Ava bonita obviamente está com Jaden (Christian não é páreo para isso), e ele tem quase certeza de que as outras duas não gostam de homem. Tenta ter a cabeça aberta para esse tipo de coisa, mas fica irado. Não há nada de errado com ele. É um bom partido. Não é culpa dele as duas terem nascido com um fio desencapado e não serem capazes de enxergar aquilo. Talvez uma festa seja dada ao fim da competição. Ele se imagina saindo vencedor. Reencontrando-se com Rosiee, que foi eliminada tão no início que nem vai ficar com inveja de Christian, porque sabe que não tinha chance de vencer. Rosiee só vai ficar feliz por Christian, feliz pelo melhor ter vencido. E aí...

Ele está cansado demais para terminar. Volta a deitar em sua cama.

– É óbvio que Jaden e Ava Dois estão sabotando outros competidores – declara Ava, sem rodeios, diante de Brandon, Mack e LeGrand. Seu tom de voz é calmo, mas ela não fala baixo. Não liga se a outra Ava ou Jaden

ouvirem. – E, eles podem dizer o que quiserem, mas alguém fodeu sério com a Rebecca hoje.

– O que foi que você disse? – fala Ava bonita, indignada.

– Então a gente vai eliminar os dois. – Ava dá de ombros.

– Você está ligada que a gente consegue ouvir, né? – diz Jaden, ficando de pé para exibir sua plumagem e ficar o mais ameaçador possível. Ava sabe exatamente como ele é, conhece exatamente o tipo, sabe exatamente o que vai acontecer se Jaden, um dia, encarar algo amedrontador de verdade. Uma dor de verdade.

– Eu sei – responde Ava. – E quero que vocês saibam que não ligo nem um pouco para isso, porra. Vou eliminar vocês. Eu sei, vocês sabem, vão cuidar da sua vida.

Jaden revira os olhos e sacode a cabeça. Odeia essa vagabunda. Ela se acha muito durona, com aquela cabeça raspada e aqueles músculos esquisitos. Mulheres não deveriam ser musculosas assim. E essa só tem uma perna que presta, caralho. Será que Ava acha mesmo que consegue ser melhor do que Jaden em qualquer aspecto que realmente seja relevante?

– Se você diz... – fala, mas sua voz sai um tanto aguda demais. Jaden gostaria de poder voltar e fazer de novo. Dizer algo mais durão, mais descolado. Mas não tem importância. Foi a Ava dele quem deu a ideia, mas foi ele quem fez Sydney ser eliminada. Não sabe o que aconteceu com Rebecca, mas deixa os outros pensarem que foi ele também. Deixa-os irem para o parque paranoicos, determinados a derrotá-lo. Isso fará com que fiquem descuidados, e ele vai vencer. Vai vencer, consegue sentir. É o único vencedor naquele recinto.

– Estou na sua equipe, Ava – diz Brandon, apontando para a Ava certa. Ele não gosta daquela tensão, mas gosta de Ava. Nunca gostou de Jaden. Jaden é o tipo de cara que anda pelo mundo pedindo para ser desafiado pelos outros, que desafia os outros a desmascararem suas mentiras, sabendo que a maioria das pessoas jamais fará isso.

Desta vez, com Ava forte ao seu lado, Brandon pode desmascará-lo. É empolgante fazer parte de uma equipe. Talvez seja por isso que os homens gostam tanto de esportes.

LeGrand faz que sim, em silêncio. Passou a tarde inteira sem se esconder,

procurando por Rebecca, e não viu nem ouviu nada. Ninguém procurando. E nada de Rebecca também. Está com um mau pressentimento. Mas está com um mau pressentimento desde que foi expulso de casa. O mundo inteiro é um único – e enorme – mau pressentimento.

Ele sabe que Ava é uma pecadora, é suja, é errada, mas também tem a sensação de que ela o ajudaria a voltar para casa. Teria escolhido o mesmo caminho que ele. Se Ava é uma pessoa perdida, LeGrand também é, e, bom, pelo menos Ava é o tipo de pessoa perdida que fica acordada com os outros, fazendo companhia para quem chora durante a noite.

– Por mim, vocês podem se eliminar quanto quiserem – resmunga Ian, pondo um travesseiro em cima da cabeça. – Só façam isso logo.

Christian ergue as mãos.

– Sou a Suécia.

– Suíça – corrige a outra Ava, sem ter consciência de que até o insignificante vendedor de painéis solares a vê como *a outra* Ava. Se soubesse, ficaria furiosa.

– Como? – pergunta Christian.

– A Suíça é que é neutra, não a Suécia.

– Valeu, professora. – Christian tenta falar isso de um jeito sedutor (talvez tenha, sim, uma chance de ficar com ela), mas Ava Dois vira o rosto, roendo uma das unhas. Não parece nada feliz.

Não está. Jaden lhe parecia ser a melhor alternativa. Mas, ao olhar para a outra Ava, forte, furiosa e ladeada pelos únicos caras legais dali, Ava bonita fica em dúvida. Não, não fica em dúvida. Tem certeza. Já namorou uma dúzia de caras como Jaden, e todos são iguais, e a história sempre termina do mesmo jeito. Jaden vai trair a confiança de Ava bonita lá no parque, perto do fim da competição, quando não conseguir eliminar mais ninguém.

Ela sabe disso. Pode prever. Mas dar as costas para Jaden agora não vai mudar nada. Então Ava bonita dá risada.

– É só uma brincadeira, lembra, pessoal?

– Mack, você está na nossa equipe, né? – pergunta Brandon, esperançoso.

Mack deita de lado, encolhe-se em seu próprio vazio, e cai no sono como quem cai de um precipício.

Ava bonita não estava cem por cento certa no primeiro dia, mas podemos perdoá-la por não ter visto o que certamente não deveria ver.

Há câmeras. Uma na casa que fica bem no meio do parque, apesar de ninguém conferir essas imagens, a menos que seja obrigado. Uma em cada uma das torres. Mas, a partir de amanhã, a cerca vai ser ligada, e haverá guardas nas torres, o que torna as câmeras inúteis. Tem outra filmando o acampamento, a discussão capturada em imagens granuladas, esverdeadas, de visão noturna. Linda tinha razão ao presumir que não deveria voltar lá hoje. Logo, vão se dar conta do que está acontecendo. Talvez alguns já até consigam sentir, mas ainda estão se apegando à esperança de não *saber* que tem alguma coisa de errado.

E então chegará a hora em que fingimento algum poderá escondê-los da verdade. É um momento de horror, desespero e caos, e ela prefere observar a distância daqui em diante.

Ela faz biquinho com os lábios finos e profundamente enrugados para passar batom de novo e se aprontar para a reunião. Só faltam mais alguns dias. Abaixa o volume da tela, deixa a discussão dos competidores se tornar um ruído de fundo. Linda pode ser grata a eles, passar esse tempo como testemunha, em respeito ao que estão fazendo, sem precisar ouvi-los de fato. Aquela é a única câmera que Linda costuma olhar. Foi ela quem trouxe os competidores – ainda pensa neles como competidores, porque é uma palavra mais fácil de pronunciar, de engolir e digerir – e, sendo assim, vai assistir ao desaparecimento de todos. Mas não precisa ser macabra. As outras câmeras não são para Linda.

Seu rosto não vai ficar melhor do que isso. Ela é velha e odeia o fato de fazerem essas reuniões à noite. Mas também entende. A noite é mais calma. A noite é mais segura. A tensão durante o dia – saber o que há lá fora, o que está acontecendo – torna as reuniões tensas demais.

Entra no carro e o manobra como se fosse um barco, pelo rio de escuridão até o *spa*. É a primeira a chegar. Claro que é. Destranca a porta, vai direto para a sala de reuniões, passa reto pelo retrato pretensioso de Tommy Callas e pelo cofre vazio que ele esconde.

Senta-se na cadeira ao lado da cabeceira da mesa, olhando feio para os assentos vazios. Foi a família *dela* que criou o portão. Foi a mãe *dela* quem

criou o Parque de Fascinações. E foi *Linda* quem deu um jeito de as coisas continuarem funcionando depois que o parque fechou. Como organizar aquela competição imbecil. Mas, claro que sim, pode guardar os lugares de honra para os herdeiros de Callas.

Como se tivessem sido invocados pelo ressentimento de Linda, Ray e o primo Gary entram na sala, devagar. Ray coloca uma garrafa térmica de café no meio da mesa. O aroma é escuro e amargo. Linda franze o nariz. Quem toma café a uma hora dessas? O mínimo que os dois poderiam ter feito é trazer algo gostoso. Mas o mínimo que poderiam ter feito é sempre mais do que acabam fazendo.

Ray e Gary sentam-se em seus lugares, na cabeceira da mesa.

– Chuck está chegando – grunhe Ray.

Linda reúne suas forças para responder com algo parecido com um sorriso.

– Que bom – diz ela, entredentes. Claro que sim. Mais um Callas. Linda olha de relance para a cadeira ao lado da sua, a que está reservada para outro representante da família Nicely. Continuará vazia. A filha não retorna suas ligações há meses.

Os demais chegam. A chorona da Karen Stratton, a única pessoa da família que se ofereceu para fazer as tarefas do *spa*, coloca diversos *tablets* diante das cadeiras vazias, para os representantes das famílias Frye, Pulsipher e Young. Linda percebe que está rangendo os dentes, lembra que o dentista falou para não desgastar o pouco esmalte que lhe resta, nos dentes que ainda tem. Para de fazer isso e estampa um sorriso no rosto.

– Podemos começar? – pergunta, ao ver que Chuck usurpa a cadeira reservada à família Nicely, do lado dela, um retrato do que está por vir.

– Por que eles podem participar a distância? – Chuck faz sinal com a cabeça para os *tablets*.

– Não consegui chegar a tempo – diz Leon Frye, de sua tela, sorrindo de orelha a orelha. – Mas minha equipe me contou que o aplicativo está funcionando exatamente como deveria.

– Que ótimo, é, você tem uma equipe para criar um aplicativo e um banco de dados genealógico. Enquanto isso, nós temos que ficar aqui e fazer tudo sozinhos – resmunga Chuck, irritado. Tem cerca de quarenta anos, o

maxilar pronunciado já foi suavizado pela idade, o cabelo está abandonando sua testa, assim como suas esperanças de ter uma vida melhor fora de Asterion o abandonaram quando ele assumiu seu cargo na cúpula.

– E serem herdeiros da fortuna de uma cadeia internacional de lanchonetes – retruca Linda, com tom animado. Ela sempre fala “lanchonete” no lugar de “restaurante”, por mais que Ray e Gary a corrijam. – Além do mais, Asterion é o seu lar. Nosso lar.

– É. – Chuck se recosta na cadeira e cruza os braços. Linda não consegue acreditar que pensem que Chuck pode assumir o papel dela. Mal foi treinado para a liderança. Passa todos os verões em um iate, os invernos esquiando em Aspen, fazendo qualquer coisa para fingir que não está preso ali para sempre, qualquer coisa para fugir de suas responsabilidades. – Só estou dizendo que tenho a sensação de que algumas famílias trabalham muito mais do que outras.

As mãos de Linda se repuxam, formando garras que poderiam estrangular alguém, e ela as coloca no colo, onde não podem ser vistas. Chuck dirigiu o *ônibus*. Um ônibus! Ela, enquanto isso, encontrou os competidores, enviou os convites, planejou toda a logística e até se arriscou a entrar no parque em plena temporada!

Rulon Pulsipher fica observando por trás dos óculos. Sua *webcam* está torta e, apesar de estar em um *tablet* em cima da mesa, passa a sensação de que está olhando para os demais de cima para baixo.

– Você realmente quer elencar as contribuições de cada um? – Seu tom de voz é cheio de maldade e significado. Todos ali sabem que ele tem a liberdade que tem por causa de suas (francamente, repulsivas) ações, capazes de garantir que Asterion conte com mais competidores em potencial no futuro.

– Tenho uma pergunta – diz Karen, levantando a mão. O gesto enche Linda de nojo. Não estão no jardim da infância. Karen precisa crescer. Ela nunca fez nada, aliás. Cuida do próprio jardim e reforma a casa de tantos em tantos anos, tirando proveito do trabalho duro dos demais depois de ter cumprido sua *única* tarefa, vinte anos atrás. – Por que você pediu para os competidores procurarem um livro?

Linda sente a pergunta feito uma lufada de ar gelado, que a deixa

congelada na própria cadeira.

– Como assim? – pergunta, enrolando, o pânico tomando conta de seu cérebro, como aquela neve em preto e branco no fim de um dia de programação televisiva.

– Na manhã do primeiro dia, você falou para eles procurarem um livro, de bônus. O que foi isso?

Linda dá risada, torcendo para que pareça uma risada cansada e de desdém, não forçada.

– Não acredito que você assiste mesmo às imagens. – Como Karen não diz nada, Linda continua: – Sempre tento dar algo a mais, para eles ficarem encafifados. Para mantê-los concentrados na competição. Isso torna as coisas mais empolgantes para eles. Amplia a esperança. Da última vez, falei que havia três moedas douradas “da imunidade” escondidas pelo parque. – Então cruza os dedos retorcidos, desejando que Karen não estivesse assistindo às imagens ao vivo, sete anos atrás, para saber que Linda não fez isso. Naquela ocasião, Linda também mandou procurarem um livro.

– Hummm. – Karen balança a cabeça, concordando, mas não parece estar convencida. É claro que a vaca é quem faria a pergunta, já que a culpa é da mãe dela. Só que Karen não tem como saber que o livro de Tommy foi perdido. Já teria dito alguma coisa, a essa altura.

Linda precisa mudar de assunto, e rápido.

– O revezamento dos guardas já foi definido? – pergunta, apesar de ter sido ela mesma que fez a escala.

Chuck solta outro grunhido, mas desta vez é de concordância. Os homens começam a falar sobre as novas aquisições para a coleção de rifles, o que os leva a falar do desenvolvimento de revólveres, munição e armas, e dos investimentos de Frye em um novo deputado que faz parte de uma espécie de comitê de segurança.

Linda serve café para todos em volta da mesa, aliviada por tudo ter voltado ao normal. Em outro momento, ficaria furiosa por terem roubado sua reunião para falar de outros assuntos que não suas obrigações solenes e de como as coisas estão progredindo no parque, mas hoje fica aliviada. Quando a temporada terminar (mais quatro dias), dará um jeito de substituir o livro.

Ou, talvez, não. A filha de Karen ainda não tem idade para o rito de passagem de ler as cuidadosas traduções de Tommy, o método pelo qual tudo isso começou. Linda, provavelmente, estará morta antes de ela ter idade para isso. E aí, os outros que lidem com o problema sem ela, façam o que quiserem.

Linda derrama café de propósito na cadeira de Chuck, para obrigá-lo a mudar de lugar. Chuck não merece se sentar em um lugar reservado à família Nicely. Callas ou não, aquela cidade não é dele. A organização de uma temporada perfeita não é responsabilidade de Chuck, nem um fardo que ele carrega, nem um privilégio dele. É *de Linda*.

QUARTO DIA

É a aranha que faz Mack se decidir.

Ava, Brandon e LeGrand estão reunidos perto da mesa farta, traçando um plano para o dia. Ava bonita e Jaden estão do outro lado do acampamento, continuam a cochichar em um tom ríspido. Ian e Christian estão de pé, debatendo, exaltados, se estão ou não se sentindo excluídos a ponto de superar a desconfiança inerente que têm um do outro.

Uma aranha solitária cai do telhado do pavilhão, quase invisível na fraca luz alaranjada, bem diante de Mack. Fica pendurada, as patas acariciam o fio, entre a garota e os demais.

Maddie odiava aranhas. Gritava até não poder mais toda vez que encontrava uma. Mas, como Mack não gostava de matar aranhas – o jeito como se encolhiam, curvando as pernas, a beleza sinistra reduzida a um pequeno emaranhado de lixo –, tinha que as capturar com todo o cuidado, levá-las para fora de casa e soltá-las. Chegou ao ponto em que Mack, assim que ouvia o primeiro grito estridente de Maddie, ia imediatamente pegar um pote de vidro e um pedaço de papel.

Só que, da única vez que Maddie gritou quando realmente era preciso, deu um grito igualzinho ao grito de ontem. Mack continuou escondida, e a irmã foi reduzida a um pequeno emaranhado de lixo.

Mack olha para a aranha, olha mais adiante, para Ava, e aí se embrenha nas árvores. Sozinha. É melhor que Ava fique sabendo agora que não pode contar com ela. Que não pode confiar nela. Ontem à noite, de novo, Ava dormiu ao lado de Mack, como se isso fosse garantir sua segurança. Depois do que Ava viu na treliça – com que facilidade Mack simplesmente ficou

quietinha, em vez de tentar ajudar –, como era capaz de dormir?

Não importa. Mack não é uma pessoa mística, de modo algum, mas vai vencer. Isso lhe parece inevitável. Só que não tem uma sensação de triunfo. Tem uma sensação pesada e monstruosa.

Conhecida.

Desta vez, pelo menos, seu pecado é o do abandono passivo, não o da traição ativa.

– O que você acha, cara? Quer, tipo, fazer uma aliança? – Christian olha, desconfiado, para o local onde os dois bonitos estão discutindo se é melhor ir para o parque antes ou depois dos outros, e os esquisitos estão pegando suprimentos tranquilamente.

Ian não está em nenhum desses dois grupos e não quer estar. Definitivamente não quer estar. Ele tenta se convencer disso diversas vezes enquanto revira a sacola pela quinta vez. Não consegue encontrar a caneta. Como vai escrever sem sua caneta? Toda aquela inspiração, e Ian não consegue nem sequer – sua nuca já está grudada de suor, e ele já sente várias picadas de inseto, isso para não falar das bolhas de queimadura do sol na parte do braço em que não passou filtro solar, ontem, e não, não está se sentindo inspirado, está se sentindo esgotado, exausto e irritado, e cadê a caneta, *caramba*?

Toda essa inspiração, e ele não consegue nem sequer escrever porque está sem sua caneta. É por isso que está com bloqueio. Tem que ser por isso que está com bloqueio, porque, se não houver uma fórmula mágica para escrever, uma combinação mística dos objetos, do clima, do ambiente e da música certos, quer dizer que não tem como Ian descobrir o jeito certo de fazer isso. Quer dizer que escrever é só... escrever. E é difícil. Tão difícil. Ele não termina um texto desde que se formou. E se nunca mais terminar?

– E aí? – insiste Christian.

– Você acha mesmo que vai ganhar? – pergunta Ian, encarando com um pouco mais de maldade do que pretendia. Christian não vai ganhar, e Ian tampouco. Nunca ganhou nada, nunca mesmo.

Por que concordou em fazer aquilo? Aquele exame imbecil de dna que fez para descobrir mais sobre os antepassados, na esperança de encontrar

uma conexão desconhecida com alguma cultura que pudesse explorar. Com algo que poderia infundir em Ian um propósito, uma história. Mas, em vez disso, só conseguiu que uma mulher aleatória, prima de segundo grau, ou um oitavo de prima, cujo ancestral em comum com Ian viveu há quatorze gerações ou algo do tipo, entrasse em contato com ele e falasse daquela competição. Por que Ian achou que aquilo seria bom? Quando alguma coisa foi boa na sua vida?

Christian bufa, bravo, e se afasta, pisando firme na escuridão do início da manhã. Dá na mesma. Ian não está nem um pouco a fim de ter um aliado, não tem a menor intenção de participar da brincadeira na qual os outros resolveram transformar aquela competição, seja lá qual for. Já não era uma brincadeira imbecil o suficiente, sem torná-la *mais* complicada? Estão brincando de esconde-esconde, porra, pelo amor de Deus.

Desanimado, sem caneta e sabendo que, mesmo que estivesse com a caneta não escreveria nada naquele dia, Ian abandona sua sacola pesada e sai do acampamento, em direção aos arbustos mais altos, que formam um arco. Anda a esmo, de ombros encolhidos, mãos enfiadas nos bolsos. Como pode estar com frio e suando ao mesmo tempo? Odeia aquele lugar. Odeia qualquer lugar.

Se fosse outra pessoa, sem dúvida encontraria uma história em tudo aquilo, mas não quer ser um daqueles escritores de *best-sellers* baratos, que vomitam lixo em forma de palavras para as massas ignaras. Ele é mestre em Literatura. Quer fazer arte. Quer escrever coisas que tenham *relevância*. Quer dar entrevistas em um escritório bem masculino, de rico, mas casual, cercado de clássicos – que não serão nenhum dos livros que possui, claro, porque não vai precisar fazer algo tão deselegante quanto exhibi-los. Obviamente, quem o entrevistar notará a ausência de autopropaganda ostensiva. Ian não vai precisar se promover. Sua obra vai falar por si só. Terá uma foto dele, sem sorrir, olhando para a câmera de forma ousada, o que vai deixar seu rosto bonito, de alguma forma. E Ian vai fumar durante a entrevista, sem se desculpar por isso, em um cachimbo que vai acender com seu isqueiro elegante e caro.

Caramba. Ele deixou o isqueiro na sacola.

Seu escritório com paredes de painéis de madeira desaparece, some de

seus pensamentos, porque um galho perdido deu um tapa na sua cara.

Soltando palavrões e suando, Ian passa pela entrada de uma atração cavernosa, que tem uma placa desbotada e enferrujada, com cupidos dementes pendurados – literalmente, em um dos casos, pelo pescoço. esconderijo dos apaixonados. Sabe-se lá que brinquedo era esse, mas era todo fechado. Provavelmente, devia ser uma atração com água e barquinhos, o que o faz lembrar de bolor, podridão e mofo. Ian imagina tudo isso se infiltrando em seus pulmões, se instalando, povoando seu corpo com milhões de minúsculos esporos de mofo, disparados feito flechas do arco do Cupido. Nem pensar.

Um pouco mais adiante, seguindo pela trilha tortuosa em que está, ele vê uma atração que combina com seu estado de espírito. A entrada se abre debaixo de um demônio gigante. Um dia, deve ter sido coberto de gesso, mas a chuva foi derretendo-o com o tempo, até só restar o esqueleto de metal: um crânio com chifres, um peito inchado, de enfisema, asas esqueléticas. E apesar disso, não é tão pavoroso quanto os querubins, sério. Um túnel do amor e um trem-fantasma do inferno tão perto um do outro. Provavelmente, seria melhor se fossem uma coisa só.

Aí está uma ideia inteligente. Ou, no mínimo, o esboço de uma ideia inteligente, se ao menos Ian estivesse com a porra da sua caneta para anotá-la.

Ele para na bilheteria. Como os preços listados na lateral foram gravados em uma placa de metal, ainda consegue lê-los. Alguém tinha senso de humor. Os visitantes do parque tinham que comprar um pecado para entrar: Luxúria, Inveja, Avareza, Preguiça, Gula, Soberba, Ira. Estranhamente, alguém arranhou a placa e escreveu “Asterion” debaixo dos pecados capitais. Por acaso não é o nome da cidade?

Isso despertou o interesse de Ian. E, como ele está ficando sem tempo, passa por baixo do demônio e entra na atração. Cometeu o mesmo erro que queria evitar passando reto pelo túnel do amor. Metade do teto cedeu: o brinquedo também tinha um rio artificial para movimentar os barquinhos ao longo do trajeto. É claro, já secou há muito tempo, deixando apenas bolor e uma depressão no meio do caminho. Bolor e depressão: dois estados que Ian conhece muito bem.

Outra piada boa, e ele sem ter como anotar nem para quem contar.

O brinquedo infernal o faz lembrar de algo, e Ian sente uma onda de vergonha, que chega antes de ele se dar conta do porquê aquele local o faz se sentir tão humilhado. E aí Ian se lembra: Gorky. Maksim Gorky. Ian desenvolveu uma estranha obsessão pelo escritor russo dissidente durante a faculdade. Nas festas, sua cantada era uma citação de Gorky sobre como achava repulsivo os excessos norte-americanos. Ian tentou muitas vezes, mas nunca conseguiu convencer ninguém a sair com ele. Na última vez que usou a frase, a garota com quem ele estava conversando sabia quem era Gorky. Ian pensou que, finalmente, tinha encontrado uma boa parceira em potencial, até que a garota deu risada e falou: “Sim, ele era gato, é por isso que se safava, apesar de ser um cuzão pretensioso. Como você acha que vai se safar?”.

Ian abafa o reflexo de vergonha residual. Gorky escreveu a respeito dos parques de diversão de Coney Island, não foi? Escreveu, sim! Como Ian não pensou nisso até agora? Gorky conseguia enfiar mais descrições emocionais exageradas em um único parágrafo do que a maioria das pessoas consegue enfiar em um texto inteiro. Não era um cuzão pretensioso, era um gênio. Visitou Coney Island, odiou cada momento que passou lá e escreveu lindamente a respeito de quão horrível era. Tinha algo sobre um macaco, algo sobre um trem-fantasma banal como aquele, algo sobre incubadoras de recém-nascidos. Inicialmente, Ian imaginou que essas incubadoras eram uma atração estranha, tipo com carrinhos de bebê para adultos. Mas, no fim, era um prédio que havia sido, literalmente, construído para abrigar bebês prematuros em incubadoras. Houve uma época em que parques de diversão eram bem mais estranhos. Talvez até houvesse um desses prédios ali, mas o parque não parecia ser tão velho assim.

Ian tenta se lembrar do que mais Gorky escreveu. Sublinhou tantos trechos daquele ensaio... Mas não consegue se lembrar de nenhum detalhe, a não ser que Gorky só se sentiu feliz de verdade quando imaginou aquele lugar inteiro pegando fogo.

Talvez Ian *consiga* encontrar inspiração ali. Se Gorky, o gênio russo dissidente, foi capaz de escrever um texto pingando do mais belo ódio, daquele que faz a gente rever todos os nossos conceitos, sobre a porra de

Coney Island, Ian é capaz de escrever sobre o Parque de Fascinações. Mas, se realmente quiser fazer isso, precisa passar mais tempo ali.

Ele pega o celular. Como o desligou assim que ficou claro que não havia sinal, ainda tem bateria. Liga o celular e, em seguida, a lanterna do aparelho. O sol ainda não nasceu, e Ian precisa ter uma noção melhor do que aquela atração tem a oferecer antes de escolher seu esconderijo. Como não tem dúvidas de que os procuradores vão trapacear usando luzes, não pode confiar apenas na escuridão para se esconder. Além do mais, o teto cedeu, e sabe-se lá quanta luz não vai entrar ali.

Ian balança o facho para a frente e para trás. Há alguns barquinhos podres encostados na parede, um deles está ilhado no meio do rio que secou. Ele poderia se esconder embaixo do barquinho, talvez. Mas, só pensar em ficar ali, tão perto do cheiro de bolor, lhe dá ânsia de vômito. Talvez tenha um quartinho. Um armário. Qualquer coisa. A lanterna ilumina uma dentadura e ele pula para trás, com o coração acelerado.

Os dentes não se movem. Não podem se mover. São pintados. Irritado com o suor nas axilas, que pinica e foi induzido pelo pânico, Ian segue em frente, encara seu inimigo artístico. Aquela parede, a que fica mais distante da parte do teto que cedeu, protegida dos elementos, foi pintada. Ele acha que não faz parte do desenho original. Não faz sentido, porque não daria para ver dos barcos.

Há um grupo de homens e mulheres vestidos de branco, em volta de uma fogueira. A próxima imagem mostra homens e mulheres, sentados, cada um em um trono, no alto de uma montanha rochosa.

Não. Não é uma montanha rochosa. É uma montanha de cadáveres. Encantador. A próxima imagem tem mais homens e mulheres, desta vez vestidos de vermelho, formando um círculo. Sete de cada. Ian fica parado. Sete homens e sete mulheres. Ele corre a lanterna pela parede até encontrar a próxima cena. Parece um labirinto visto de cima e, no meio, há uma camada de tinta preta tão espessa que chega a enganar seus olhos, fazendo-os pensar que existe um buraco na parede.

A próxima imagem é dos dentes. Os que Ian viu há pouco. Mas ele se enganou: não são dentes, porque estão todos na mesma direção, apontados para cima, compridos, curvados e afiados. Não dá para ver direito o que está

atrás deles, está borrado, de propósito ou de tão velho. Mas, debaixo disso, pintado com capricho, com tantos detalhes que quase chega a ser respeitável, há quatorze crânios.

Quatorze. De novo.

Ian não gosta desse número. Nem dessas imagens. Quem foi que as pintou? Por que se dar ao trabalho de pintar murais sinistros dentro de uma atração em um parque de diversões abandonado há décadas, pela possibilidade remota de alguém tentar se esconder ali e vê-los?

O mural de Tchekhov. Se um monstro aparece em um mural no primeiro ato, deve necessariamente comer alguém no último ato. Tchekhov era outro russo, um dramaturgo. Por que os ancestrais de Ian não poderiam ser russos? Ele poderia estar embarcando em uma viagem de autoconhecimento para Moscou neste exato momento, em vez de estar preso em um parque de diversões abandonado.

Aquilo é ridículo. É tudo tão ridículo. Ian fica sussurrando essa palavra com seus botões – ridículo, *ridículo*, ridículo –, em um esforço para combater o pavor que não para de encontrar novas profundezas e embrulhar seu estômago. Ele não gosta disso. Não gosta daquele local, daquela atração, daquele parque, daquela competição. Dá as costas, para ir embora, mas tropeça em latas de tinta velhas, abandonadas ali. Devem ter sido usadas para pintar o mural.

Ian volta para o buraco negro no meio da cena do labirinto, e aponta o facho bem em cima dele. E... tinha razão: *é* um buraco! Alguém deixou aquilo ali de propósito, depois de terminar o mural. Ou seja: faz parte da competição. Ou seja...

Ian respira fundo e põe a mão dentro do buraco, pronto para ter o braço arrancado, mutilado ou algo assim. Mas seus dedos pousam num objeto empoeirado e retangular. Ele sabe reconhecer um livro quando põe a mão em um.

– *Há!* – grita, e se encolhe todo em seguida, porque seu grito ecoa pelas paredes e pelo teto. – *Há* – repete, bem mais baixo. Encontrou o livro. Encontrou a porra do livro. Mas não dá mais tempo de voltar correndo para o acampamento. Ian se acomoda no canto mais escuro da atração, debaixo de uma pilha de entulho que caiu do teto, capaz de escondê-lo de quem

entrar ali para olhar, e examina seu prêmio.

A capa é velha, o couro está rachado e gasto. As páginas parecem frágeis, e ele não consegue acreditar que conseguiram sobreviver à ação do tempo. Quando abre o livro, várias páginas caem, e Ian as coloca no colo com todo o cuidado.

Seu triunfo é ainda maior quando ele lê uma anotação, feita com esferográfica azul, na guarda daquele livro antigo.

Ela devia saber que eu estava contra ela, porque me jogou aqui dentro com o monstro. Mas não sabia que eu já estava com o livro. Entretanto, talvez todos estejam no livro. Fico escondido, de medo deles e do monstro. São uma coisa só, na verdade. Não faz diferença.

Estou ficando sem tempo para encontrar uma solução nestas páginas, para encontrar um fim para esse pesadelo. Não posso detê-lo e serei devorado.

Eu mereço. Todos merecemos. Sinto muito. Que você consiga fazer o que eu não consegui. E, se estiver lendo isso, Linda, espero que você apodreça no inferno. Estarei lá esperando por você.

Linda! Então este é o livro. É claro que é o livro, e Ian vai ganhar o bônus. Torce para ser em dinheiro, mas se contentaria até com uma vantagem na competição. Talvez ele consiga mesmo vencer.

Afoito, Ian vira as páginas. A letra muda imediatamente, é velha e desbotada, com curvas inclinadas, escrita com mais capricho do que qualquer escritor moderno poderia escrever. Tudo é grego para ele – literalmente. Disso Ian tem quase certeza, pelo menos. Alguém fez anotações detalhadas, traduzindo nas margens. Ian vai folheando, cada vez mais rápido. Aqui, um diagrama com os mesmos padrões e símbolos que viu no portão de entrada. Aqui, plantas de um prédio. Meio que parece um templo em miniatura, com mais diagramas de símbolos e padrões. E então, no fim, mais grego, páginas e mais páginas de grego.

Ian não gosta do livro. Não é engraçado, não é atrevido, nem inspirador, nem, francamente, útil. Será que deve fazer alguma coisa com ele? Será que há mais alguma tarefa além de encontrá-lo?

Ian deveria ler a tradução. Deveria. Talvez tenha alguma pista.

Mas aquilo não lhe parece um objeto cenográfico. Não é algo feito por uma empresa de produtos esportivos. Ian entende de livros – é a única coisa de que entende, na verdade –, e aquele livro é velho. Antigo. Não deveria estar no meio de uma brincadeira de esconde-esconde ridícula. Ian se detém no último desenho, um retrato de algo monstruoso, algo que não deveria estar em *lugar nenhum*.

Tremendo, pega os papéis que caíram do livro. Talvez essas sejam as pistas.

Ele lê e se arrepende de ter lido.

5 de julho de 1925

Os métodos pelos quais pretendemos fazer o sacrifício e os métodos que descobrimos estão detalhados no livro de Tommy, mas não têm relevância neste exato momento.

Apenas queremos que nossas famílias compreendam: sobrevivemos à grande guerra, tememos que outras espreitem no horizonte e nos recusamos a ficar apenas observando nossos filhos sofrerem, quererem, lutarem e morrerem do mesmo modo que assistimos a nossos irmãos, irmãs e pais fazerem tudo isso. Se fazer esta escolha significa que vamos proteger nossa cidade e nossos filhos – nosso sangue, nosso povo – e garantir que nossa linhagem continue, fortalecida, nossos sobrenomes seguindo em frente, crescendo, construindo e tornando nossos sonhos realidade, então ficamos satisfeitos, e nosso sacrifício vai valer a pena. Quem não sacrificaria tudo pelos filhos?

Fiquem sabendo disso: estamos fazendo o pacto e não sabemos qual será o preço a pagar, mas pagaremos e mandaremos nosso amor para vocês através das futuras gerações.

Deixamos Hobart Keck como testemunha e como responsável pela administração. Bilhetes individuais de cada casal a seguir. Por favor, providenciem para que nossos filhos os recebam e cuidem dos nossos pequeninos como cuidariam de seus próprios filhos, tendo ciência do que fizemos.

Solenemente,
Tommy e Mary Callas
George e Alice Pulsipher
Orville e Ethel Nicely
Willie e Ruth Stratton
Joel e Mary Young
Robert e Rose Harrell
Samuel e Irene Frye

10 de julho de 1925

Terminamos o templo planejado por Tommy semana passada, e o portão, hoje pela manhã, construído, instalado, lacrado e protegido como detalhado nas extensas anotações de Tommy, apesar de eu não conseguir ver sentido em nada disso. Eles me designaram como testemunha, e não sei o que pretendem que eu testemunhe, além de quatorze tolos desesperados se embrenharem na floresta e fazerem papel de bobos, entoando cânticos e feitiços.

Ainda assim, Tommy é meu irmão, não de sangue, mas por escolha, então vou fazer o que me pedem e anotar tudo. E, no final, voltarão vermelhos de vergonha e humilhados, e eu já estarei com o uísque pronto, só esperando.

13 de julho de 1925

Amanhã é o dia. Tenho ordens estritas de não interferir, não importa o que veja, ouça ou quanto demore.

Os pequeninos foram distribuídos entre os parentes. Mary, que já chorou rios e mais rios de lágrimas por causa de Tommy Júnior e de seus pulmões fracos, não derramou uma lágrima, o que me faz suspeitar que eles não acham que isso irá funcionar, e, se funcionar, acham que o preço a pagar não será tão alto. Hoje, estão tomando banho juntos, purificando-se. E, como não consigo olhar para nenhum deles sem dar risada, vou me sentar no canto e fingir que estou fazendo anotações sérias para a posteridade deles.

Tommy nunca vai conseguir me fazer esquecer disso. Faço questão de não esquecer. Seremos velhos, e perguntarei a ele se está se preparando para invocar um poder ancestral toda vez que entrar em uma piscina.

14 de julho de 1925

Bem, despachei-os para a floresta e fechei o portão. Sete dias, disseram-me. Talvez queiram tirar umas férias dos filhos. Há maneiras mais fáceis de fazer isso do que criando uma cerimônia elaborada baseada em escritos secretos encontrados no meio de uma igreja destruída pelo fogo, no meio do nada.

Organizei um belo acampamento para mim perto do portão. Não ligo de dormir ao relento quando não há ninguém jogando bombas ou atirando gás em mim. Beberei café e dormirei sob as estrelas por uma semana e, quando saírem de lá se arrastando, só zombarei um pouco deles.

Mas não posso deixar de notar o seguinte: levaram uma vaca. Por que levaram uma vaca? Tommy sacudiu a cabeça e falou para eu não pensar nisso quando passaram por mim levando a vaca.

Não consigo pensar em mais nada agora. Por que levaram uma vaca?

15 de julho de 1925

Eu não consigo...

Preciso organizar meus pensamentos, mas meus dedos estão tremendo.

Ouvi um barulho.

Não um barulho, o oposto de um barulho, como aquela vibração de ausência, quando uma bomba estoura por perto e todos os sons são interrompidos e não sabemos se vão voltar ou se existiremos para sempre naquele vazio vibrante e pulsante, desconectados do mundo ao redor.

16 de julho de 1925

Ouvi um barulho. Irei chamar de barulho. E, em seguida, uma pressão, uma pressão insuportável que me fez achar que ia desmaiar ou morrer. Quando a pressão finalmente passou, meus ouvidos estavam sangrando.

Posso atribuir o ruído e a pressão e o que aconteceu aos meus ouvidos a lembranças, a uma tempestade iminente, a qualquer coisa, na verdade. Não permitirei que as malditas bobagens e superstições deles me contaminem. Estou bravo com Tommy. E com Mary. Ela deveria ser mais sensata. Os demais, mal conheço, mas estou bravo com todos eles.

17 de julho de 1925

O portão está me incomodando. É apenas um portão. Cercado de árvores. Não se conecta a nenhuma cerca. É só um portão, erguido sozinho, no meio da floresta.

Por que sou incapaz de criar coragem para encostar nele?

Movi meu acampamento para mais adiante na trilha de terra. Ainda consigo ver o portão. O uísque já quase acabou, e quero ir até a cidade comprar mais, mas prometi para Tommy que ficaria aqui. Depois disso, acho que vou tirar minhas próprias férias, bem longe de Tommy e deste portão.

18 de julho de 1925

Esta manhã, quando o sol despontou no horizonte, ouvi gritos. Eu já ia correr para o meio das árvores, na direção dos gritos, mas aí as risadas começaram.

Já matei homens com minhas próprias mãos. Já me escondi debaixo de cadáveres para me proteger de balas e estilhaços. Já vi todos os horrores que a guerra tem a oferecer e nunca tive tanto medo quanto tive daquelas risadas.

Sou um covarde. E não me importo. Se tivesse ouvido apenas os gritos, teria entrado na floresta. Mas não quis ver o que poderia fazer alguém rir daquele jeito.

Não entrei na floresta e não quero entrar na floresta, irei permanecer deste lado do portão. Se algo terrível tiver acontecido, bem, já aconteceu, e eu não interferei e fiz o que Tommy me pediu para fazer. Ficarei aqui fora, a semana inteira.

E, aí, darei um soco bem na cara de Tommy e irei embora.

22 de julho de 1925

Se eu soubesse o que realmente me pediram para fazer o fardo que estavam colocando sobre os meus ombros os fantasmas que eles acorrentaram a mim com o horror que teria que enfrentar quando me deixaram aqui eu teria dito que não. Eu gostaria de ter sido informado que estavam me pedindo para me sacrificar junto com eles.

Maldito seja, Tommy. Malditos sejam vocês todos.

Mas suponho que já tenham sido.

Estou cansado. Terminarei meu relato amanhã.

25 de julho de 1925

Tomei todo o uísque que havia em minha casa e todo o uísque que havia na casa de Tommy, só por garantia. Não basta.

Esprei até a manhã do oitavo dia, porque sou covarde. Poderia ter entrado na floresta na sétima noite, mas minha alma se encolheu de medo só de pensar em atravessar o limite daquele portão em meio à escuridão. O portão se tornou uma barreira intransponível em minha mente, a única coisa que me separa de seja lá o que for que aconteceu no meio daquelas árvores.

Gritos. Choro.

Risadas.

Na manhã do oitavo dia, destranquei o portão e ultrapassei o limite da nova terra sem dono de Tommy. Esperava que fosse me sentir de outra maneira – que meus ouvidos explodissem e sangrassem mais uma vez, que minha pele ficasse arrepiada, que algo me dissesse o que havia transcorrido ali, antes de ser obrigado a ver com meus próprios olhos –; na verdade, esperava uma desculpa para virar as costas e fugir.

Mas só vi árvores como qualquer outra árvore, lentamente criando vida com o zumbido dos pássaros e insetos e as coisas naturais do mundo que ou não sabiam ou não se importavam com o que estava à minha espera.

Penso nele, naquela pessoa, naquele tal de Hobart, dirigindo-se lentamente ao seu objetivo, sem ter consciência do que ia encontrar.

Talvez, se eu tivesse dado meia-volta, talvez, se eu tivesse me permitido

manter o portão fechado, talvez então eu pudesse

Mas não. Tommy era meu irmão. Eu precisava saber. Devia isso a ele. Ou achava que devia. Agora sei que o fardo que colocaram sobre meus ombros me livra de todas as minhas dívidas, e os faz ficar em dívida comigo, uma dívida que jamais pagarão, uma dívida que nunca tiveram intenção de pagar porque eu não estava incluído na sua blasfema amaldiçoada maldita merda merda merda maldito seja Tommy maldito seja

Embrenhei-me na floresta. Andei com cuidado, como se estivesse caçando ou sendo caçado. Consegui chegar ao centro, onde cortaram um círculo de árvores ao redor do templo de Tommy, abrindo uma clareira, onde uma grande fogueira queimou naquela primeira noite.

Encontrei a vaca, ou o que restou dela, apodrecendo e pútrida, a barriga inteira explodiu de uma maneira que não consegui entender. Foi pior do que qualquer coisa que eu tivesse imaginado para a pobre vaca, e vomitei e me preparei para ver o destino das quatorze pessoas, se aquele foi o destino da vaca.

Havia resquícios da fogueira. Um círculo de pedras, cinzas, o cheiro residual da fumaça.

E havia resquícios mostrando que pessoas estiveram ali. Pegadas, alguns sulcos na terra. Uma fileira perfeita de quatorze pares de sapatos. Algumas das roupas, dobradas ao lado dos sapatos, outras rasgadas e descartadas. O acampamento contava uma história de ordem que se transformava em caos, e era uma história que eu não queria ler.

Mas a parte da história que eu mais queria ver não estava em lugar algum. Não havia resquícios de Tommy, não havia resquícios de Mary, não havia resquícios do casal Pulsipher nem do casal Nicely nem do casal Stratton nem daquele imbecil cara de bolacha do Robert que não tinha o direito de se casar com a encantadora Rose, nem de nenhum deles. Todas as quatorze pessoas que se embrenharam nessa floresta. Haviam sumido. Vi uns papéis dobrados em cima do livro de Tommy e os peguei e enfiei no bolso. Não queria abri-los ali. Ainda não quero abri-los.

Senti um cheiro. E não era da vaca: o vento soprava em outra direção.

Já estive em trincheiras. Já me arrastei na lama suja de entranhas dos vivos que se tornaram mortos. Conheço o cheiro de morte. Estava por todos os lados.

No fundo, queria acreditar que aquilo era uma grande troça, a piada mais elaborada do mundo, às minhas custas. Que Tommy e os demais estavam escondidos dentro do templo ou saíram de fininho, evitando passar por mim, e estavam desfrutando da segurança e do calor de suas próprias casas, esperando para rir de mim quando eu voltar.

Mas eu não podia negar o cheiro de morte, e o fato de saber que Tommy e os demais treze tolos jamais iriam voltar.

O templo estava me esperando. Eu vacilei, eu tremi, eu não tenho vergonha de dizer que chorei. Mas, enfim, pus os pés lá dentro e não encontrei nada – ou, pelo menos, foi isso que pensei. O local estava vazio; o chão, sem nada, a não ser os desenhos que Tommy fez, meticulosamente, com as pedras brancas e pretas. Apesar de estar vazio, não senti alívio. Não senti consolo. Por causa daquele cheiro.

E foi aí que eu percebi. Um suave inalar e exalar, o ritmo constante da respiração adormecida.

Havia algo lá dentro, e eu não conseguia ver o que era. Algo estava dormindo, respirando profundamente, exalando o ar de forma suave e chiada. Meus olhos insistiam que não havia nada ali, mas eu conseguia ouvir, eu conseguia sentir o cheiro daquilo. E foi aí que saí correndo, do templo e da floresta, depois fechei e tranquei o portão atrás de mim, assombrado e perseguido.

Tommy, Mary e os demais sumiram. Seja lá o que tenham feito, deixaram algo para trás.

30 de julho de 1925

Eu os odeio. Eu odeio todos eles.

15 de agosto de 1925

A seguir, transcrevi as instruções que ele me deixou. Não tenho o livro dele, o livro que ele encontrou e trouxe para cá, o livro do qual ele tirou

suas terríveis instruções. O irmão dele o pegou, e eu estava chocado demais para impedi-lo. Só lamento não estar com o livro porque, assim, não posso queimá-lo. Só lamento não ter pegado minha faca e estripado Tommy quando ele tentou se embrenhar no meio das árvores. Só lamento tê-lo conhecido, ter convivido com ele, tê-lo amado. Ele tem o direito de estar morto e eu sou obrigado a viver com o que ele fez, com o que ele cometeu.

O fardo agora é meu. Tommy se encarregou disso. Ele devia me odiar, acho eu. Ou não sabia, não suspeitava, não se deu conta. Mas não posso ser generoso com ele ou com sua memória. Não depois do que ele fez.

Ficarei vigiando perto do portão. Ficarei de guarda do horror que eles deixaram para trás. E, a cada momento, pelo resto de minha vida, serei assombrado pelo som daquela respiração, chiada, lenta e à espreita, e exalarei meu próprio ódio pelo meu amigo e seus treze tolos.

Não, não suportarei isso sozinho. Os filhos deles ficarão sabendo e carregarão esse fardo e se lembrarão do que seus pais fizeram por eles. Com eles.

Com todos nós.

21 de julho de 1925

Instruções deixadas por Tommy Callas em nome das famílias Callas, Pulsipher, Nicely, Stratton, Young, Harrell e Frye, para serem seguidas estritamente:

Pagamos o preço e garantimos nosso prêmio. Não é o que estávamos esperando, mas temos fé Deus devemos ter fé temos que ter fé a fé é tudo que nos resta temos fé que a transação será honrada. Prosperidade e proteção para todos de nosso sangue a partir deste momento através de todas as gerações ao longo do tempo.

Pagamos este primeiro preço e, quando os últimos de nós tiverem sido devorados eu, serei eu, sou testemunha de todos eles menos de minha amada Mary e de mim mesmo somos tudo o que restou e Mary se senta como se já tivesse sido devorada, está aqui mas é inalcançável para mim mesmo assim, eu a amei e isso nos trouxe até aqui então preciso ter fé e

terei fé.

Quando eu for devorado, a coisa irá dormir e irá nos proteger e nós teremos lhe dado o que nossos pais não conseguiram nos dar o que nosso país não conseguiu, teremos assegurado o destino de todos e sua prosperidade.

Prosperere.

Prosperere.

É o seu direito. Já foi pago.

Fique de olho. Quando a coisa acordar, se acordar, precisará ser alimentada. Este pacto foi selado com nosso sangue e continuará com nosso sangue. Alimente a coisa e prospere e sinta nosso amor. Minha Mary foi uma mulher criada a partir do amor ardia de amor impulsionada pelo amor e agora virou cinzas.

Fique no aguardo.

Não deixe o portão aberto.

Não deixe a coisa ficar faminta.

Não esqueça que nós amamos vocês e que vocês merecem este presente.

A coisa acorda. Nosso tempo chegou ao fim. Seremos devorados por nossos filhos e pelos filhos de nossos filhos e pelos filhos dos filhos de nossos filhos.

O preço é pago de livre e espontânea vontade e com fé no futuro que o futuro manterá a fé conosco e iremos perdurar através de vocês eu tenho fé eu tenho fé eu tenho fé eu tenho fé mas, ai, meu Deus, há estrelas além da bocarra da coisa e são estrelas que não conheço e minha Mary se dirigiu a elas e agora eu também irei me dirigir.

Adeus.

15 de julho de 1926

Eles não acreditaram em mim, não quiseram acreditar em mim, esses irmãos, irmãs e filhos, até que entramos no templo e os gritos começaram. Para mim, não é um monstro, e, apesar disso, é o meu monstro. Não recebi as bênçãos de Tommy, mas ainda pago o preço.

Organizamos uma guarda. Que o monstro possa dormir para sempre em seu templo sepulcral, e que os quatorze tolos que o trouxeram para cá jamais encontrem a paz.

15 de julho de 1930

A coisa dorme, eu bebo, o país morre de fome, mas nós, não.

15 de julho de 1932

O monstro acordou. Não fizemos nada, nada mudou, não houve uma nova cerimônia, e, mesmo assim, o monstro acordou. E Tommy disse que ele precisa comer.

22 de julho de 1932

Eu pensei que o pior momento de minha vida já havia ficado para trás, mas ainda há muitos momentos mais por vir. No fim, fiquei parado no templo, chorando, implorando para ser liberto e, mesmo assim, não vi nada, e o monstro não me comeu.

Não estávamos preparados. Oferecemos uma vaca, e ele comeu os dois homens, irmãos da família Frye, que levaram a vaca até lá. Depois disso, decidimos a sorte tirando palitinhos. Fizemos os azarados marcharem em direção à morte, de dois em dois. Dois por dia, durante sete dias e, no fim, não adiantou mandá-los marchar, tivemos que arrastá-los. Eu tive que os arrastar, porque não sou amaldiçoado como eles, eu sou amaldiçoado pelas minhas próprias mãos.

Sete anos. Eles só compraram sete anos para nós. Seis meses para cada vida ofertada. Valeu a pena, Tommy? O que foi que a sua fé infligiu a nós todos?

Eu agora sou o carrasco.

Sete anos para nos prepararmos. Faremos melhor da próxima vez. Precisamos fazer melhor.

22 de julho de 1939

O doutor disse que, se eu não parar de beber, irei me matar. Há modos mais rápidos de ser devorado pelo esquecimento, falei, mas não são para mim. Não são para mim. O esquecimento não me quer.

Nossa aposta não deu certo.

Tentamos, no primeiro dia, com Doreen, empregada da irmã de Rose Harrell, mas o monstro nem encostou nela e se esgueirou até o portão.

Em pânico, atiramos a própria irmã de Rose e o irmão de Orville lá dentro. Não poderíamos permitir que o monstro saísse. Doreen assistiu aos dois serem devorados até não sobrar nada, mas isso não tem importância. Quem iria acreditar nela? Monstros invisíveis que devoram gente por inteiro no meio da floresta. Imagine.

Imagine.

Quatorze anos depois dos quatorze sacrifícios originais. Os familiares dessas pessoas hoje são policiais, senadores, juízes. Não haverá consequências. Deixamos Doreen fugir, porque ela não importa, e é por isso que é tão enlouquecedor o fato de ela não poder ser o sacrifício.

Mas isso responde à pergunta. Apenas o sangue daqueles que fizeram o monstro ganhar vida pode sustentá-lo.

Conseguimos um dia a mais com nossos sacrifícios apressados e espalhamos o recado. Cada uma das famílias escolheu dois nomes, em envelopes lacrados – com exceção das famílias de Rose e Orville, que agora só tiveram que dar um nome. Não deram seus próprios nomes, claro. Seus pais e irmãos se sacrificaram por eles – não para que eles fossem sacrificados, mas para que pudessem desabrochar. Mas o monstro precisava ser alimentado.

Doze parentes distantes, filhos bastardos, primos débeis, segredos vergonhosos que não são mais escondidos. De dois em dois, foram convidados para visitar as casas em que nunca foram bem-vindos e, de dois em dois, foram acompanhados até o templo. Por mim, já que não posso ser devorado.

É demais. Com certeza, deve haver uma morte mais rápida do que a bebida e mais disposta do que o monstro. Irei encontrá-la. Deixar que Asterion guarde sua própria vigília amaldiçoada. Procuro a paz do inferno, feliz com o fato de até mesmo o inferno ser bom demais para

Tommy Callas e de que jamais iremos nos reencontrar.

Maldita seja Asterion e tudo o que ela tocar, para sempre. Amém.

Ian desliga a lanterna e guarda os papéis soltos no livro com todo o cuidado, como se alguém fosse perceber caso ele não os tratasse bem. Como se estivesse sendo observado.

O texto meticulosamente traduzido, os diagramas, aquele último desenho terrível. Tudo faz sentido agora, e Ian não quer que faça.

Gosta de ser cético. Envolver-se em um manto de cinismo é o jeito mais fácil de proteger seu coração enquanto se movimenta em um mundo absolutamente indiferente a ele e aos seus sonhos. Lá no fundo, está com vergonha – sabe quanto se sentirá humilhado depois, quando olhar para trás –, mas, na superfície, não dá a mínima.

Ian sai correndo da atração, voltando pelo caminho tortuoso, cheio de voltas, que leva ao acampamento. Chega lá ao nascer do sol. Ofegante, mas, enfim, tem certeza do que quer fazer: dar o fora dali, caramba. Talvez o bônus por achar o livro seja um prêmio em dinheiro. Talvez não. Não importa.

Ele enfia o livro amaldiçoado dentro da sacola, que está à sua espera, joga suas coisas lá dentro, dá uma última procurada pela caneta imbecil do caralho. Até procura nas coisas de Jaden, porque não seria nenhuma surpresa o cuzão ter pegado. Mas não está lá. Não está em lugar nenhum.

Um ruído forte de algo se partindo ecoa no ar, e Ian leva um susto. Vira de um lado para o outro, loucamente, mas não vê nada.

Deixa para lá. Hora de ir embora. Ele não quer o prêmio em dinheiro, de qualquer modo. O dinheiro estragaria sua criatividade. Traria conforto demais. Artistas precisam sofrer, certo? Gorky aprovaria sua decisão.

Ian solta uma risada abafada, do absurdo de seu medo, da certeza que sente. Do conhecimento que quer negar, mas que simplesmente não consegue, de que há algo de muito, muito errado. É tentador deitar na cama, enfiar-se debaixo do cobertor, tapando-se até a cabeça, e voltar a dormir. Deixar que o encontrem ali.

Mas não. Vai percorrer a estrada que os trouxe até o parque e chegar ao portão, entregar o livro para Linda e nunca mais pensar em nada daquilo. Vai desistir. Não quer mais brincar. Só que precisa ir embora *já*. Se deitar na cama, vai ficar marinando nas próprias dúvidas e no próprio suor, vai se convencer de que seus sentimentos não existem. É melhor perder abertamente. Ser ridicularizado e compreender o próprio ridículo, a própria fraqueza. Ser capaz de olhar para trás não com pavor, mas apenas com vergonha.

A vergonha ele compreende. Com a vergonha, ele se sente à vontade.

Quando coloca a sacola no ombro, Ian ouve. De início, seu cérebro ignora aquele farejar chiado, mas há algo de errado com o ruído. Os pássaros da vegetação mais rasteira fazem barulhos exagerados. Seja lá o que estiver se aproximando quase não faz barulho, só aquela respiração. Não existe animal pequeno que respire desse jeito.

Ian se lembra daquele terrível buraco negro e da imagem dos chifres iluminados no meio da escuridão. Ele se lembra da descrição que Hobart fez, do som de respirações adormecidas e invisíveis. Ele se lembra do desenho no fim do livro, e o pavor o congela. Segura a respiração com todo o seu corpo.

Uma coisa vem do meio dos arbustos, arrancando-os, do outro lado do acampamento, coberta de sangue e com olhos vidrados.

– Que foi isso, caramba? – grita Ian.

Mack demora demais. Está distraída. Nenhum dos esconderijos lhe parece bom. O tempo está se esvaindo pelos dedos, e a proximidade do amanhecer lhe causa um pânico que a surpreende.

A culpa é de Ava. Mack não pode se dar ao luxo de ter distrações, pensamentos, sentimentos. Um carrossel logo adiante chama a sua atenção. Com certeza, deve haver algum lugar inesperado para se esconder ali. Não deveria – o trajeto dali até o acampamento é uma linha reta demais, o que torna o local um esconderijo óbvio. Mas Mack está sem tempo. Corre até o carrossel.

Vê imediatamente o que Rebecca levou tempo demais para perceber. As joias de prata. A bota. Os sinais de uma luta violenta.

A abertura no meio do carrossel está escancarada, paciente e fria como um mausoléu. Esperando para engoli-la, para colocá-la em seu devido lugar. No lugar onde Mack deveria ter estado todos esses anos, pelo menos. Por mais que ela seja silenciosa, invisível, pequena. Por menos que se permita desejar.

A morte a deixou escapar naquela noite, e agora sente falta de Mack. E, francamente, Mack não sente falta da morte também?

Ela pisa, com todo o cuidado, na plataforma do carrossel, pega cada uma das criativas joias de prata de Rosiee. A escuridão gelada da parte central palpita, esperando para abraçá-la.

Mack se lembra da escuridão quente da parte de baixo do cobertor. A mão de Ava segurando a sua, ajudando-a a permanecer em silêncio. Ajudando-a a permanecer escondida. *Querendo* que ela permanecesse escondida. Que permanecesse em segurança.

Está raiando o dia, e ela dá as costas para o terrível fim que a espreita ali. Uma das setas de cor neon de Atrius brilha, na parte de trás de uma antiga barraca de jogos. “Por aqui”, aponta. Por aqui para quê?

Qualquer lugar é melhor do que esse.

Mack segue a seta.

Christian não tinha a intenção de chegar aos limites do parque. É impossível saber em que direção realmente está indo. Achou que estava indo para o leste, embrenhando-se no parque. Mas, agora que o sol está nascendo, ele vê que deu meia-volta, sabe-se lá como, e acabou indo para o oeste e encontrando os limites do local. Dá de cara com a enorme cerca de tela, a única coisa nova – ou, pelo menos, bem-cuidada – que viu, tirando o acampamento.

Há uma espécie de torre perto da cerca que, tecnicamente, não fica fora do parque, já que faz parte da cerca. Se Christian conseguir subir nela, terá uma boa visão do parque inteiro. Talvez até consiga ver onde todos os demais estão escondidos, e aí Ian vai se arrepender de não ter aceitado sua proposta de aliança. Todos vão se arrepender. Mas vai ser um bom vencedor. Vai parabenizar a todos, e a Pique Esportes vai ficar tão impressionada com ele que vai lhe oferecer o emprego de Linda na mesma

hora.

A festa de despedida vai ser incrível. Ninguém falou em festa de despedida, mas Christian já consegue sentir o gosto da champanhe, consegue imaginar o vestido que Rosiee vai usar.

Cantarolando alegremente, com seus botões, ele não percebe o rumor grave no ar. Basta colocar a mão na cerca. É jogado para trás, um segundo que dura uma eternidade, as correntes elétricas atravessam seu corpo em uma repetição sem fim, branca e reluzente.

Christian desmaia, ou não. O tempo passa, ou não. Eletrificada. A cerca é eletrificada. Por que a cerca é eletrificada? Ele tem vontade de dar risada. Sempre achou que morreria instalando painéis solares. Talvez a eletricidade estivesse *mesmo* querendo pegá-lo.

Lágrimas de alívio escorrem pelo seu rosto quando ele olha para cima. Tem alguém dentro da torre. Viram o que aconteceu. A pessoa se debruça, olhando para Christian, de tão longe que ele não consegue ver direito o rosto de quem está olhando.

E aí a pessoa volta a se esconder na sombra da torre. Por que ninguém veio ajudá-lo? Talvez estejam ligando, pedindo ajuda. Mas, minutos depois, quando ele finalmente consegue controlar o próprio corpo a ponto de conseguir se mexer de novo, ninguém apareceu. Ninguém gritou perguntando se Christian precisa de ajuda, se ele está bem.

Por que a cerca é eletrificada? Não há nenhuma placa avisando. Pode esquecer vencer a competição, Christian vai *processá-los*. Conseguir seu dinheiro desse jeito. Começar a própria empresa. Puto da vida e trêmulo, ele examina a torre. Parece uma torre de vigilância, agora que parou para pensar.

Talvez não tenha visto ninguém lá dentro, na verdade. Talvez tenha sido seu cérebro, acionado pelo choque elétrico, enviando imagens aleatórias. É arriscado, Christian sabe disso, mas estica a mão e encosta na base da torre, mesmo assim.

Não é eletrificada.

– Vou atirar aquele filho da puta lá de cima – resmunga, com seus botões, e começa a subir. Ele sobe com facilidade e, mesmo com os espasmos musculares que ainda sente, chega na metade sem precisar parar para

descansar. Olha para cima.

Tinha razão. Tem uma pessoa dentro da torre.

Antes que seu cérebro consiga processar o que a pessoa está segurando, o barulho do tiro ecoa. Christian cai no chão, e a dor da queda não consegue um lugar ao sol em seu cérebro, porque o buraco em seu ombro exige toda a sua atenção.

Tiro.

Ele levou um *tiro*.

Ele levanta, cambaleando, pressionando a mão contra o buraco de bala. Não há tempo para raiva, para perguntas, para qualquer outra coisa que não seja a necessidade de sair correndo. Christian volta cambaleando para o parque, um urro animalesco, de terror e dor, sai de sua boca.

Christian segue em linha reta, ignorando as trilhas. Todas aquelas trilhas são mentirosas. Ele tropeça e quase perde o equilíbrio. Mas, sabe-se lá como, seu senso está melhor do que pela manhã. Se conseguir chegar ao acampamento, se conseguir chegar até lá, vai conseguir ajuda. Vai ficar bem.

Vai ficar bem porque tem que ficar bem.

Tem que.

Enfim, consegue se libertar dos galhos que tentam agarrá-lo e dá de cara com Ian, apavorado e em estado de choque.

– O que foi isso, caramba? – grita Ian.

Christian cai no chão. Ian se agacha perto dele, dizendo algo que Christian não consegue entender. Uma sombra surge atrás de Ian. Tapa o sol, e Christian é atingindo em cheio pela súbita clareza de que seria melhor morrer pela eletricidade, afinal de contas.

O sol se põe, cobrindo o mundo com uma escuridão que pouco contribui para suavizá-lo. O holofote não é ligado. Ava, LeGrand e Brandon confiam no senso de direção de Ava e voltam ao acampamento antes de todo mundo.

– Senhor, que porra é essa? – sussurra Ava, como se estivesse rezando. Seu coração dispara, tentando fugir de sua frágil gaiola feita de ossos e músculos. Ela liga o holofote, iluminando o caminho, depois se vira e fica observando a trilha que deixaram para trás, esperando. Torcendo.

Recusando-se a olhar para a mesa virada, as camas espalhadas, o sangue.

O sangue.

– Anda logo, Mack – sussurra Ava. – Por favor.

Ava, que não se sente nada bonita, está exausta. Consegue sentir o ressentimento irradiando de Jaden, enquanto voltam se arrastando para o acampamento, feito uma borrifada agressiva de desodorante Axe, que faz seu nariz arder e seu coração ficar sobressaltado de ansiedade. Os planos que os dois tinham para o dia – de seguir os outros e descobrir um jeito de eliminá-los, como Jaden fez com Sydney – não resultaram em nada. Pelo contrário: acabaram sem tempo para procurar um bom esconderijo. Os galhos de uma daquelas topiarias torturadas haviam crescido em volta de um centro vazio, e os dois se espremeram lá dentro. Em outras circunstâncias, poderia ter sido romântico. Ardente, até.

Foi ardente, mas não no bom sentido. Ava bonita está farta de Jaden, farta de Jaden andar sempre um pouco à frente dela, farta de Jaden nem sequer ter se afastado o suficiente para que ela não precisasse ouvi-lo nem sentir o cheiro do mijo de Jaden, assim que escureceu o suficiente para descer da árvore. Farta por Jaden não ter deixado que ela mijasse antes de voltarem para o acampamento.

Farta de si mesma por o ter escolhido.

Ela tinha alternativas. Poderia continuar sendo amiga de Mack e da outra Ava. Poderia ter conversado com o querido do Brandon ou até com o irritante do Christian. Mas não com LeGrand. LeGrand lhe dá arrepios. Mas Ava bonita fez a cama – uma cama dobrável, no caso – e agora tem que dormir nela. Escolheu algo conhecido, porque o conhecido lhe pareceu seguro, mas esse “seguro” não lhe traz nenhuma segurança.

Perdida em sua própria infelicidade, nem sequer repara no estado do acampamento. Só que nem tem chance de reparar, porque a outra Ava vai para cima de Jaden, socando-o e gritando sem parar, feito um redemoinho.

– Que porra você fez? – indaga a outra Ava quando Jaden já está no chão, de braços levantados para proteger o rosto. A outra Ava está em cima dele, impedindo que Jaden levante.

– Sai de cima dele! – Ava tenta separá-los, mas Brandon, o querido do

Brandon, segura o braço dela com força e a obriga a se virar.

– Ai – sussurra Ava.

Parece cena de crime. A mesa dos suprimentos foi derrubada, o que havia em cima está esparramado no chão, algumas das coisas foram pisoteadas e esmagadas. Metade das camas está jogada para o lado. E, bem no meio, há uma poça escura. Uma trilha de pingos de acusação leva até a poça, e manchas de horror levam para longe dela.

Tem uma sacola no chão e um caderno no meio da poça, as páginas sendo lentamente preenchidas pela primeira e última vez.

A outra Ava está gritando.

– Não foi ele – diz, anestesiada. – A gente passou o dia inteiro juntos. Tentamos encontrar vocês, mas não conseguimos, e aí nos escondemos. Não foi ele. Não fomos nós – corrige. Porque, se estão acusando Jaden, a estão acusando também.

– Vaca do caralho – dispara Jaden, baixando os braços, agora que a outra Ava parou de bater nele. – Do que você está me acusando? Acha que eu matei os dois para vencer o jogo? Como pensa que eu gastaria o dinheiro se fosse parar na cadeia?

– Ouvi um barulho. – Ava não consegue tirar os olhos daquela poça bem no meio do acampamento. E agora sente o cheiro dela, um odor forte de ferro com algo pior, mais antigo. – De manhã. Achei que era o escapamento de algum carro. Mas não tem nenhum carro por aqui.

A outra Ava se afasta para trás, levanta-se em seguida. Jaden fica de pé, o rosto roxo de raiva, os lábios já ficando inchados.

Pelo jeito, a outra Ava não tem medo de ser agredida. E, com o alto do Brandon e o calado do LeGrand, com seu olhar perdido, um de cada lado dela, não precisa ter medo. Jaden aponta para o grupo, com a mão trêmula.

– Vocês são todos uns imbecis. Imbecis do caralho. É uma competição. Não entenderam isso ainda? Faz parte da competição! É tipo uma estratégia para ganhar audiência! Querem que a gente se convença de que isso é verdade ou de que é perigoso, para cada um eliminar a si mesmo! Meu Deus. – Ele dá risada, uma risada aguda e ríspida. – Eu nem deveria estar dizendo isso para vocês. Eu deveria é deixar vocês entrarem em pânico e saírem correndo para o portão. Mas, pelo jeito, preciso dizer que estamos no

meio de uma *competição*, senão a Barbie do Iraque aqui vai entrar em modo Rambo e me matar.

A outra Ava se vira para ela, com os olhos castanho-escuros superarregalados.

– Você jura que passou o dia inteiro com ele?

Ava faz que sim, balançando loucamente a cabeça.

– E Jaden, na verdade, não eliminou ninguém, só Sydney.

– Cala a porra dessa boca – diz Jaden. – Não fala nada para eles. – O garoto empurra Ava quando passa por ela e entra nos banheiros. Todos ouvem o chuveiro ser aberto.

– Juro – sussurra Ava.

A outra Ava balança a cabeça, inexpressiva. Olha para a escuridão.

– Eu também ouvi. O tiro. Achei que estava ficando louca.

– Ele deve ter razão. Quando disse que isso faz parte da competição.

– Talvez. – A outra Ava se remexe e põe a mão em uma das pernas. – Talvez. Eu posso... eu posso estar vendo perigo onde não tem.

– É uma competição bem sinistra – comenta Brandon, franzindo o cenho e olhando para o acampamento. – Não sinistra tipo legal. Sinistra tipo nojenta. Não gosto disso. Perdeu a graça. – Ele olha para cima, examinando a expressão de ambas as Avas. – O que vamos fazer agora?

– Preciso do dinheiro – resmunga Ava. – Preciso muito.

– Todo mundo aqui precisa da porra do dinheiro – diz a outra Ava, mas sem maldade.

– Olha, talvez tenham mesmo nos enganado. Talvez seja uma competição mais perversa do que a gente achou que era. Mas qual é a alternativa? Vocês acham que Linda nos trouxe até aqui para o quê? Matar a gente de dois em dois? – Parece ridículo quando Ava diz isso com todas as letras. *É* ridículo. Jaden tem razão. Só pode ter razão. Aquilo é mais uma estratégia para ganhar audiência, como o desafio-surpresa. Ava franze o cenho, acometida por uma ideia súbita. – Vocês chegaram aqui no acampamento antes de mim e de Jaden.

Brandon inclina a cabeça, confuso. A outra Ava entende na mesma hora.

– Você acha que a gente fez isso para assustar vocês dois. Quem me dera. Meu Deus, seria uma ótima estratégia. – Ela dá alguns passos em direção à

escuridão que se assoma ao redor do grupo. – Christian ou Ian poderiam ter feito isso, de brincadeira.

– Ou Mack. – Ava se encolhe, na defensiva, porque a outra Ava lhe lança um olhar de repreensão. – Olha, só estou falando que, depois de tudo pelo que ela passou, deve ser meio perturbada.

– Não tem ninguém procurando – fala LeGrand, em voz baixa, voltando os olhos chorosos para o chão. Ava acha que os olhos de LeGrand são de um azul-pálido. Mas, naquela luz alaranjada, estão todos sem cor. Até aquela poça grudada bem no meio do acampamento. Talvez não seja do tom de vermelho mais fechado, virando preto. Talvez seja roxo, azul ou...

Sim. Talvez alguém tenha derretido uma caixa de isopor inteira cheia de picolés com aroma de sangue. Com certeza. Ava sacode a cabeça, sabendo o que está vendo e o cheiro que está sentido, mas ainda assim querendo negar, afinal, como poderia ser verdade?

– Do que você está falando? – pergunta Brandon, para LeGrand.

– Lá fora. – LeGrand dá de ombros, e seus ombros curvados o fazem parecer menor do que é. – Não tem ninguém procurando pela gente.

– Só porque você não foi encontrado não quer dizer que não tem ninguém procurando – retruca Ava. – Você deve ter dado sorte: já eliminaram duas pessoas hoje. É o padrão, certo? Dois por dia. Então, se já encontraram dois, você está salvo.

– Ainda faltam chegar três pessoas.

– A outra Ava se senta em uma das camas, baixa a cabeça e massageia a própria nuca.

Ava se senta com todo o cuidado ao lado dela, em estado de alerta, tentando ver quem a noite vai trazer de volta para eles. Desejando, com uma pontada súbita de tristeza, que Jaden tivesse sido eliminado naquele dia.

Ava bonita cometeu um erro. Não consegue ver que Jaden está atrás delas, espiando, lá do banheiro, e que aperta os olhos porque acabou de decidir quem vai ludibriar e eliminar no dia seguinte.

Brandon está com medo. Não está mais se divertindo, nem um pouco. Ele nem se importa com o dinheiro. Se não fosse pelos amigos, iria embora agora mesmo. Mas não quer deixar os amigos na mão.

LeGrand está resignado. Estão sendo punidos, o inferno existe, e estão nele, vão morrer ou não vão. Não faz muita diferença porque, na verdade, ele se encontra em um inferno sem cor e sem esperança desde o dia em que foi banido.

E Ava fica olhando fixamente para a escuridão, a escuridão de seus pensamentos e de seu coração, sentindo o cheiro imaginário de fumaça e de carne humana chamuscada, enquanto espera para ver quem vai voltar.

QUINTO DIA

O holofote está ligado. Alguém está chamando Mack, querendo que ela volte, esperando por ela.

Mack se senta, abraça os próprios joelhos. A cadeira – cabine, seja lá como se chama a parte da roda-gigante onde as pessoas sobem para ficar rodando, desafiando a gravidade – balança delicadamente na brisa da noite, e ela quase conseguiu pegar no sono. Ficar encolhida ali no chão, junto com a terra, o entulho, e dormir para sempre.

As setas de Atrius a levaram até ali e continuavam, mas Mack não continuou. Acha que ele encontrou a saída do labirinto. Se isso quer dizer que Atrius saiu ou que entrou, Mack não sabe. Ele já era.

Mack esfrega a prata pesada de um dos anéis de Rosiee, que enfiou no dedo para não perder. Já era.

Ela está com fome, está com sede, está cansada. Não quer voltar para o acampamento, não quer ver quem não está mais lá, não quer pensar no que isso pode significar. É uma competição, sim. Uma competição. Uma competição organizada por pessoas, e Mack entende perfeitamente como as pessoas podem ser monstruosas.

Mas precisa saber se Ava ainda está no páreo. Mesmo que resolva abandoná-la. Precisa saber.

Mack desce da roda-gigante e vai para o acampamento.

Ava está sentada em uma das camas, com o rosto encovado. Ava bonita está sentada do lado dela. Brandon arruma a mesa, que, a julgar pela bagunça, alguém derrubou. LeGrand está em outra cama. Há uma poça escura no meio do cimento, que parece exercer um magnetismo reverso. Todo mundo se afasta dela.

Mack não gosta do que seu coração faz quando vê Ava. Ou Brandon e

LeGrand, com menos intensidade. Porque ela está aliviada – “meu Deus, está tão aliada” – por os três estarem ali. Ou seja: vai doer quando não estiverem mais. E ela não pode ajudá-los, não pode protegê-los, não pode fazer nada para mantê-los ali.

Alguém segura seu braço com força e a arrasta até a luz. Jaden mostra a mão dela, triunfante.

– Querem saber quem aprontou essa merda para nos assustar? Talvez seja a pessoa que está usando o anel de Rosiee, como se fosse um troféu!

Mack olha para Ava. Ava não levanta da cama. Olha para Mack como se Mack fosse um fantasma, como se Mack já tivesse morrido e ainda não soubesse disso.

– Eu achei – diz Mack. – E também achei a bota dela. E um pouco de sangue.

– Mentirosa. – Jaden solta a mão de Mack, fazendo cara de nojo. – Eu deveria ter adivinhado que, sendo tão esquisita, você ia jogar baixo. Escuta aqui: se você tiver os genes do seu pai e resolver brincar com facas, mata eles primeiro. – Jaden ignora o grito ultrajado de Brandon e vai até uma cama mais afastada, pisando firme, e dispara: – Você vem?

Ava bonita fica de pé, lentamente. Dá um sorriso fraco para Mack.

– Que bom que você não foi eliminada. – E aí vai atrás de Jaden.

– Onde você achou isso? – pergunta Ava.

Mack se livra lentamente do fardo de prata, que parece mais pesado do que deveria. Coloca com cuidado cada uma das joias na mesa recém-arrumada. Um anel gravado com arabescos. Um bracelete largo com formato de cobra. O colar de coração, com aquela ponta tão fina que chega a ser afiada, Mack deixa no pescoço, por baixo da camiseta.

– No carrossel.

Ava se abaixa, olha para as próprias botas, passa as mãos na nuca e na cabeça raspada.

– Não sei. Não sei. Não sei – repete, sem parar, um mantra.

– A gente poderia ir embora – sugere Brandon.

LeGrand e Mack se entreolham. Ambos sabem que não podem ir embora. Ainda não acabou, não podem ir. Simples assim. Mack põe a sacola no chão e seleciona, cuidadosamente, alguns dos suprimentos que não estragaram e

os quais Brandon acabou de colocar de volta na mesa e pega o suficiente para mais três dias. A sensação de segurança que tinha ali, de luz na escuridão e de descanso naqueles dias longos e exaustivos, passou. Agora, o acampamento está escancarado, o parque o encurrala com avidez, todos aqueles olhos que piscam na escuridão observam quem está ali.

LeGrand se aproxima dela, enche sua sacola.

– Vocês estão fazendo as malas para ir embora? – pergunta Brandon, esperançoso. Sem dúvida, se os dois desistirem, ele se sentirá melhor em fazer isso também. Mas Mack não consegue lhe oferecer isso.

Ela faz que não.

– Não vou voltar para o acampamento.

Ava fica de pé, os olhos arregalados, as mãos trêmulas como se ela estivesse com abstinência de alguma coisa. Cerra os punhos.

– Das duas, uma: ou é uma competição ou não é; é real ou não é, de qualquer maneira, sim. Sim. Não deveríamos ficar onde eles esperam que a gente fique, nunca.

– Quem são *eles*? – questiona Brandon.

– Aí é que está. – Ava pega sua sacola e enfia coisas aleatórias lá dentro.
– Se for mesmo uma competição, quero que Jaden seja eliminado antes de nós. E, se não for, bom, a gente se une. Todos nós – enfatiza, olhando para Mack. Será que está brava por Mack não ter ficado com o grupo ou quer que Mack fique onde ela possa enxergar? Será que suspeita que Mack fez alguma coisa, alguma coisa ruim, alguma coisa com Rosiee?

É a suspeita errada, mas parece merecida. Todo mundo deveria suspeitar de Mack, o tempo todo. Mas dói, porque Mack quer que Ava acredite nela.

Não.

Quer se livrar de todos eles. Deixar Ava livre para se atirar na noite, dar as costas, cortar os laços, não ser nada nem ninguém e só... se esconder. Se esconder e nunca mais parar de se esconder. Como o passarinho do abrigo, lá em cima, nas vigas empoeiradas, isolado, escondido, livre de perigo. Ela quer essa vida.

– Eu sei onde podemos nos esconder – diz Brandon, obviamente se sentindo melhor, já que tem um plano e amigos.

– Ei – grita Ava. – Ava Dois. Pode vir com a gente, se quiser.

– Ela não quer – responde Jaden.

Ava espera alguns segundos para que Ava Dois responda e depois dá de ombros. Sua expressão é de pesar.

– Certo. Vai na frente, Brandon. Bora se esconder. – Ela segura o braço de Mack. – Preciso da sua ajuda no escuro – diz, e Mack acha que não é verdade, mas adentra aquele breu vazio e lúgubre da madrugada, presa por Ava, porque, envolvida por Ava, Mack não consegue se esconder.

Brandon leva todo mundo até o Esconderijo dos Apaixonados. Demoram um tempo para encontrar a atração no escuro – demora um tempo para encontrar qualquer coisa naquele parque –, mas conseguem. Mais adiante, há um demônio esfolado pendurado, em eterna vigília por seu reino.

– E se Jaden nos seguiu? – pergunta Brandon, em alerta. Aquilo foi ideia dele, era o esconderijo dele, e agora ele se sente responsável por todos. Apesar de a competição ter perdido a graça, é empolgante, de um modo diferente. Depois da formatura do Ensino Médio, todos os amigos que tinha se tocaram da cidade e tocaram a vida, e Brandon não tinha um relacionamento próximo com ninguém desde que vovó morreu. Lá fora, no escuro, cheio de adrenalina e de perguntas, Brandon se sente próximo de Ava, de LeGrand e até de Mack.

Apesar de agora também ter um pouco de medo de Mack.

– Se eu vir aquele filho da puta, vou acabar com ele – declara Ava. Seu tom é de tensão e exaustão. Brandon se pergunta se ela não está com dor na perna. Tem tantas perguntas. A garota não apenas é a única lésbica que Brandon conheceu na vida (isso se Ava for mesmo lésbica, ele não quer tirar conclusões precipitadas, mas tem que ser, né?), mas também é veterana de guerra. Brandon torce para que os dois se aproximem a ponto de ele poder perguntar o que aconteceu com a perna dela e se ela conhece outros amputados. Brandon sempre teve curiosidade a respeito dos amputados, se a tal da síndrome do membro-fantasma existe mesmo. Membro-fantasma? Membro assombrado? Algo assim. Ava deve saber.

Brandon também quer conversar com Mack. Perguntar o que aconteceu com a família dela. Mas não, não quer. Quer que Mack queira contar para ele. Quer provar para todos que é digno de sua amizade. Talvez, depois

disso, seja lá o que *isso* for, continuarão a se ver. Talvez, todos vão morar em Idaho, onde podem trabalhar no posto de gasolina juntos e, depois do trabalho, podem se sentar na calçada, vendo o nascer do sol, dando risada de todas as piadas internas que terão para contar.

Mas primeiro a obrigação: Brandon precisa cuidar de todos, para que saibam que grande amigo ele é.

Perdeu a graça, mas agora é *importante*, e Brandon gosta disso.

LeGrand se pergunta se, por acaso, já não morreu. Se aquela é a escuridão exterior da doutrina mórmon, o tal inferno para o qual sabia que iria caso pecasse. Ou se Deus lhe abriu uma exceção e o está punindo neste exato momento, em vez de esperar sua morte.

Mack troca um olhar com ele na escuridão, o luar é suficiente para enxergarem um pouco. Balança sutilmente a cabeça para LeGrand. Ela entende. *Estão* sendo punidos e, pela primeira vez desde que LeGrand foi excomungado e banido, uma ideia vem à tona, ardendo, luminosa e sagrada, como a sarça ardente que Moisés viu na lateral da montanha:

“Não mereço isso.”

E, pela primeira vez desde que se conhece por gente, muito antes de ter sido banido para aquele mundo frio e desconcertante, LeGrand não está mais com medo.

Está com raiva.

– E aí, quais são os planos? – pergunta Brandon, depois que todos se encolheram dentro do embolorado Esconderijo dos Apaixonados. O interior da antiga atração é um vazio sem luz, fica impossível enxergar o que há pouco depois da entrada. Quando estiver mais perto de amanhecer, aí vão conseguir enxergar direito e escolher um esconderijo. Mas Mack já não gostou. O local é escancarado demais. Tem gente demais. Tem possibilidades de serem encontrados demais.

– Vamos montar um acampamento aqui. – Ava se senta no chão, estendendo a perna ruim. Mack não consegue enxergar a careta de dor, mas consegue sentir sua feição, pelo modo como Ava se movimenta e pelo modo como ela fala. – Não vamos mais voltar para o outro acampamento, para

nada. A gente vai encarar Jaden e a outra Ava como inimigos, porque, se isso for só uma competição, eles são inimigos. E, se não for, continuam sendo. – Ela fica em silêncio por alguns instantes, e sua voz, normalmente forte, se torna receosa. – Por acaso estou louca? – sussurra. – Tem alguma coisa de errado nisso, né? Porque eu sei que tenho merda, hectares e mais hectares de merda, na cabeça, mas... – Ava deixa a frase morrer no ar.

Mack fica parada perto da entrada escancarada, observa a noite lá fora. E quem é ela para dizer se alguém é ou não louco?

E quem é ela para dizer se o que está acontecendo ali é mais errado do que qualquer outra coisa? Mack sabia que estava sendo caçada desde o instante em que pôs os pés naquela sala, lá no abrigo. Sabia e veio mesmo assim. E, agora, a única coisa que pode fazer é o que sempre fez:

Continuar se escondendo.

– Mack, não se atreva – dispara Ava. Mack para, com os pés no limiar envergado e irregular entre as tábuas apodrecidas do túnel do amor e o caminho que a leva para fora dele, para o anonimato, onde a única coisa que tem a esconder e proteger é a única coisa em que acredita que pode esconder e proteger.

– Vamos ficar todos juntos – declara Ava, e suas palavras prendem Mack com a mesma força que sua mão a tinha segurado.

LeGrand atira sua sacola no chão, ao lado de Ava.

– Vou subir em uma árvore – diz, com o mesmo tom que alguém diria “Vou correr no mercado para pegar leite”. LeGrand, sabe-se lá como, está encarando aquilo melhor do que ninguém. Ou talvez ele saiba o que Mack sabe (que algo ali sempre esteve errado), e não está surpreso com o potencial que aquela situação tem de descambar para a violência e a morte. Até aí, nenhuma novidade. – Não vou me afastar muito.

Ava faz que sim.

– Bom. Assim, vamos ter uma visão melhor. Assovie se vir alguém se aproximando.

– Não sei assoviar.

– Nunca ninguém lhe ensinou a assoviar? – Ava parece ter ficado triste com isso, pelo tom de voz.

LeGrand estala a língua. O ruído é bem audível no ar noturno.

– Serve – fala Ava, dando permissão para ele se afastar.

Ava olha para a própria mão, os dedos dobrados no formato de um revólver imaginário.

– Brandon, procure armas.

– Armas? – Brandon repete a palavra como se alguém o estivesse estrangulando.

– Qualquer coisa afiada, que possa servir de faca. Pedacos de concreto que a gente possa segurar com facilidade. Barras de metal.

– Professor Black, no túnel do amor, com um cano de ferro – sussurra Mack. Uma lembrança, abafada pelo gorgolejar dos pulmões que tentam respirar enquanto se engasgam no próprio sangue, vem à tona, completa, na cabeça de Mack, como se estivesse só esperando ser convidada.

A mãe dá risada. Mack havia perdido essa risada, tinha cortado essa lembrança de seu ser com tanta precisão, como se a faca tivesse encontrado sua própria garganta. *Mack olha feio, mas sua mãe faz caretas até ela ceder e revirar os olhos para a irmã, que sempre rouba descaradamente quando jogam Detetive. Maddie sempre roubava. Pelo menos, Mack pôde escolher seu peão favorito dessa vez, a Srta. Rosa. Apesar de os peões serem peças de plástico, iguais e sem rosto, a Srta. Rosa é a mais bonita da caixa e, por isso, ela e a irmã sempre brigam para ver quem jogar com ela. Há um balde de pipoca, e um jogo que não significa nada, e a risada da mãe.*

É isso. É só isso. Mack não se lembra de quem ganhou, se é que alguém ganhou. Não se lembra do que estavam fazendo antes disso nem do que fizeram depois. Não se lembra se o pai estava presente nessa lembrança. Mas a risada da mãe... Mack fica apavorada de relembrá-la, apavorada com a possibilidade de gastá-la, enfraquecê-la, apesar de querer se enrolar nessa risada como se fosse um cobertor.

Toda a sua vida foi *depois*. Mas houve um antes, não houve? Será que está vivendo em outro antes neste exato momento ou será que ficará presa para sempre em um depois infinito?

– Mas não achamos que precisamos mesmo de armas. Achamos? – A vida de Brandon tem sido silenciosa e consistentemente triste, nunca despedaçada nem cortada pela violência. A ideia de que a realidade, a sua

realidade, aquela realidade, poderia fazer uma curva fechada em direção ao terror, ao sangue e à morte. Lhe é tão estranha que ele não é capaz de entender.

Essa é uma língua que tanto Mack quanto Ava falam. E isso faz Ava se perguntar se não estão interpretando errado, procurando um sentido onde não há sentido algum. Talvez algo ali – por mais que essa situação não seja nada parecida com a temporada que passou no Afeganistão – tenha trazido seu transtorno de estresse pós-traumático à tona, tenha ligado a parte de seu cérebro que ainda está lá, ainda está no deserto, ainda está deitada no chão com a perna esmigalhada e o coração destruído. Aquilo *poderia* ser apenas uma competição. Ava não pode dizer ao certo. Pode ser, pode não ser, mas ela tem que levar a sério.

E cometeu um erro enorme.

– *Merda*. Destruição mútua assegurada.

– Como? – Brandon olha para Mack, em busca de uma explicação. Mack não tem nada a oferecer, não sabe que Ava está falando de uma estratégia de guerra.

Ava sacode a cabeça.

– A gente deveria ter obrigado aqueles dois a virem conosco. Jaden e Ava. Dois, quer dizer. A gente se esconde todo mundo, e é encontrado todo mundo junto.

– Tipo, fazê-los de reféns? – Brandon sacode a cabeça. Ele não vê problema em ajudar Ava, feliz em poder se esconder com os amigos em vez de ficar sozinho. Mas não acredita, de fato, que haja algo de tão errado assim. Definitivamente, não há nada de errado, não a ponto de Brandon se tornar agressivo e fazer mal a outra pessoa. Deveria ter contido Ava quando ela socou Jaden. Sente-se mal por não ter feito isso. Pode até não gostar de Jaden, mas não é certo sair por aí batendo nas pessoas. Mesmo quando se está chateado. – Acho que não daria certo – fala, torcendo para que Ava não resolva fazer isso neste exato momento.

– Não, você tem razão. É logisticamente impossível, com nossos recursos atuais.

Brandon pega um pedaço de concreto, o levanta com um cuidado dubio. Conseguiram reunir um pequeno arsenal. Alguns canos. Uma tábua com

pregos enferrujados. Pedacos de concreto mais fáceis de levantar, para atacar alguém como se fosse um punho cerrado. Brandon está chateado por causa de tudo isso.

– Além disso – completa, ainda perturbado –, não vai ser bom se eles estiverem conosco. Duas pessoas precisam ser eliminadas por dia.

– Mas por quê? – pergunta Ava.

– Por que tudo isso? – Mack se embrenha nos confins escuros do túnel do amor. A lua saiu de trás das nuvens, e há bastante luz ambiente vindo da entrada e dos buracos do teto para conseguir se movimentar ali dentro. Ela não gosta daquele lugar, não gosta do fato de terem trazido Brandon, duvida que LeGrand seja inteligente a ponto de ter saído para se esgueirar pela noite, longe deles. Longe dela.

Será que, para Mack, traçar sempre uma estratégia inteligente para se esconder é como um instinto, ou seria algo enraizado em seu trauma? O fantasma da irmã, incitando-a a subir mais? Ou será que Mack sobe para tentar escapar dela? Para chegar a um lugar onde não precise pensar em Maddie nem no pai nem em nada. Onde não tenha mais amarras que a prendam na terra.

Seja qual for o motivo, funcionou até agora, e Mack não vai parar. Avista a curva do teto, a caverna artificial que cobre todos eles. Foi feita de gesso, mas grandes pedacos caíram, deixando à mostra as vigas e o telhado barato de metal corrugado que há por cima. Será que consegue subir até lá? Não parece ser fácil. Duvida que Ava seja capaz de escalar. Então, para sua própria surpresa, ela para de procurar um jeito de subir e passa a procurar um lugar que Ava também consiga alcançar.

“Não é justo”, choraminga Maddie, em sua lembrança daquela noite.

Brandon se aproxima de Mack, fazendo-a voltar ao presente, de supetão.

– Eu me escondi ali. – Ele aponta para a fileira de barquinhos congelados para sempre no meio do túnel, para um cisne que paira, ameaçador, com uma das asas abertas e a outra partida e caída no chão. A estrutura da atração é dividida em dois, para que os trilhos fiquem atrás da parede, mas boa parte da parede caiu, revelando por inteiro a curva patética. E revelando que não há nenhum lugar bom para se esconder.

– Óbvio – diz Mack. Como ninguém encontrou Brandon? Se ela estivesse

procurando, aquele seria um dos primeiros lugares onde entraria.

– É. – Brandon coça a cabeça, franzindo o cenho. Não parece estar magoado nem bravo por Mack ter dispensado sua sugestão. Parece culpado, como se se sentisse mal por não ter nada melhor a oferecer. – Desculpe. Não quero decepcionar você. Não deveria ter dado a entender que sabia de um bom esconderijo.

Mack se encolhe toda, emocionalmente. Não quer estender a mão para Brandon, consolá-lo e tranquilizá-lo. Criar mais um laço com aquela competição, com aquele mundo. Mas... o “espero que você vença”, que Brandon falou baixinho, permanece, feito um abraço, em seus pensamentos, em segundo plano. Como um contrato emocional.

– Não, aqui está bom. É melhor, cabem mais pessoas. Olha, ali. – Mack aponta para a parte da parede que fica perto da entrada. Há um buraco que parece ser intencional ali, com vários metros de largura, um metro, um metro e meio de altura. Não é um pedaço da parede que cedeu nem uma falha estrutural, até onde ela consegue distinguir no escuro. Ou seja: pode haver um vão entre o teto e a entrada do túnel.

Mack não tem como saber que o buraco era usado para acessar a marquise da entrada e mudar as decorações – as delicadas fitas de papel apodreciam rápido, como a maioria das coisas delicadas –, mas ele atende às suas exigências no quesito campos de visão inesperados. E também é difícil de acessar. Então, se alguém tentar subir para eliminá-los, terão tempo para...

Tempo para fazer o quê?

Mack não sabe.

Mas Brandon fica empolgado.

– Então escolhi um bom esconderijo? – pergunta, esperançoso e feliz.

Mack resiste à tentação de fazer cafuné nele. Não conseguiria alcançar a cabeça do garoto, de todo modo.

– É, Brandon. Escolheu, sim.

Toda essa emoção, toda essa *necessidade* que fica cutucando Mack. Está cansada. Faz tanto tempo que está cansada. Entra no vão de acesso. É exatamente o que esperava, perfeito para as necessidades do grupo. Só que, em vez de sair e chamar os demais, Mack se encolhe e fecha os olhos.

Mais três dias. É isso? Só mais três dias mesmo ou é ter que se esconder para sempre, com medo do que sabe e do que não sabe, sentindo-se mais segura no espaço nebuloso espremido entre ambos? Não seria melhor ainda estar no alto da despensa, morrendo de medo do que aconteceu, suspeitando do que estava sendo feito, do que foi feito, mas ainda sem ter certeza?

Ela poderia ter ficado lá em cima para sempre.

Em algum momento, outro corpo entra ali e se aninha perto, de frente para Mack. Ela não precisa abrir os olhos para saber que é Ava. A sua Ava. Sem saber por quê, naquele espaço escuro que fede a poeira e decomposição, com uma tábua perdida pinicando sua cintura, com o pavor de saber que, quando amanhecer, alguém – algo? – virá procurar por eles, sem saber por quê, Mack está feliz como nunca esteve, com a cabeça raspada de Ava fazendo cócegas em seu queixo, o corpo firme de Ava uma presença inegável, a mão de Ava na cintura de Mack, prendendo-a ali.

Isso lhe dá vontade de gritar, esse sentimento, essa *esperança*, que lhe parece mais perigosa do que qualquer coisa que pudesse estar rondando o grupo. Porque a esperança já encontrou Mack, já apanhou Mack, já afundou suas garras e, com certeza, essas garras vão estripar Mack quando soltarem seu corpo.

– Eu matei Maddie – diz Mack, sem rodeiros.

Ava não diz nada.

– Naquela noite. Era o esconderijo *dela*. Era o melhor esconderijo da casa, o único que nosso pai jamais tinha conseguido encontrar quando Maddie se escondia lá. Eu nunca ganhei no esconde-esconde. Mas ela tinha me mostrado o esconderijo algumas semanas antes, depois que eu tirei uma aranha do quarto dela, para me agradecer. Maddie me mostrou o tampo em cima da porta da despensa, onde cabia apenas um corpo pequeno, onde ninguém jamais pensaria em procurar. E, naquela noite, eu roubei o lugar. Eu roubei o esconderijo de Maddie. Ela chorou e olhou feio para mim e me implorou para abrir espaço. Mas, como não tinha espaço, ela se escondeu na prateleira de baixo. E ele a encontrou, e eu fiquei observando nosso pai a arrancar dali. E escapei do perigo.

Mack jamais havia contado isso a ninguém. Agora Ava sabe. Sabe que Mack está viva porque a irmã está morta, e a irmã está morta porque Mack

não está. Ava sabe que, na hora de arriscar a pele, Mack continuará escondida e deixará que outra pessoa seja encontrada no lugar dela.

Ava balança a cabeça. Continua com o braço na cintura de Mack e balança a cabeça e não diz que não foi culpa de Mack nem que tem certeza de que Maddie não a culparia por isso nem tenta fazer Mack se sentir melhor. Diz apenas:

– Lamento que isso tenha acontecido.

E então algo *se rompe* dentro de Mack. Ela fica sem ar, abraça Ava, a puxa para perto.

– Quando Maria morreu – sussurra Ava, conforme a escuridão que as cerca começa a se suavizar, pouco a pouco –, perdi tudo o que definia os limites de quem sou. Perdi Maria, perdi meus amigos, perdi meu emprego e meu propósito. E eu não podia nem ficar puta, porque, deitada, lá no hospital, esperando para ver se eu também ia perder minha perna, tentei imaginar o que o homem que fez isso deveria estar pensando, deveria estar sentindo. E eu sabia, sem sombra de dúvida, que se eu fosse esse homem, faria a mesma coisa. Aí não consegui mais odiar o cara nem consegui mais sentir nenhum tipo de propósito, e não podia mais amar Maria, e não havia nada que me segurasse. Eu estava evaporando, me tornando cada vez menos palpável, até nem saber mais quem eu era. *Se eu era alguma coisa*. Isso faz sentido?

Não faz sentido, não para Mack, porque Ava sempre lhe pareceu tão forte, tão firme: ela fica apavorada só de pensar que nem sequer o corpo de Ava seria capaz de contê-la.

Mack sentia exatamente o contrário. Pegou o próprio ser e apertou quem foi, quem poderia ter sido, tão fundo, com tanta força, que se tornou algo supercompacto, um poço de gravidade que atrai tudo – felicidade, tristeza, alegria, medo – para dentro de si, para que Mack não precisasse sentir mais nada. Para que fosse capaz de andar por aí, continuar sobrevivendo como um autômato, uma cápsula cavernosa e protetora, contendo um núcleo atômico absurdamente pesado.

Ava pode até ter necessidade de sentir que os limites de seu ser são reais, mas Mack precisava justamente do contrário. Precisava que rompessem sua cápsula. E Ava acabou de fazer exatamente isso.

Só que Mack não quer. Isso faz seu coração disparar de pânico, tem medo de que as rachaduras provocadas por esse rompimento permitam que toda aquela culpa vil, aquela vergonha e aquele pavor vazem. Será que realmente quer se lembrar da risada da mãe, se isso significa que vai se lembrar de todo o resto? Se isso significa que vai se lembrar da expressão brava de Maddie, olhando para cima e acusando-a de ter roubado seu esconderijo? Se significa que vai se lembrar do que viu de relance quando os policiais a tiraram, apressados, de casa?

Mas será que Mack não *deveria* se lembrar de todas essas coisas? E das coisas que vieram antes do sangue e dos pontos-finais? Dizem que as pessoas que amamos vivem dentro de nós depois que morrem, mas Mack as manteve enterradas e é incapaz de pensar nisso, é incapaz de imaginar o que isso quer dizer a respeito de si mesma, o fato de que o pai pode até ter matado toda a família, mas Mack a enterrou repetidas vezes, a cada momento de cada dia de sua vida.

– Com Maria, não tive escolha – sussurra Ava. – Não ligo se você quiser ir embora. Com você, tenho escolha, e não vou deixar você ir embora. – A mão dela se remexe, segura a camiseta de Mack, retorce-a. E aí Ava dá um longo e trêmulo suspiro, solta Mack em seguida. – Não. Desculpa. Pode ir, se quiser. Ainda dá tempo de você se esconder sozinha. Mas, Mack... Por favor. Estou *pedindo* para não fazer isso. Estou pedindo para você ficar comigo. Para me lembrar de que ainda existo. Porque estou me cagando de medo de que nada disso seja real, ou que tudo seja real, e eu... Não posso... – A voz de Ava se esvai.

Ava está com medo, e Mack quer se esconder desse medo, porque segurar a onda do medo de outra pessoa significa romper ainda mais sua cápsula. Deixar que o próprio medo vaze.

Mas ela recuperou a risada da mãe, e o jeito que Maddie torceu o nariz feito um *pug* quando estava tentando fazer uma cara de *muito* brava, e isso é algo precioso e devastador, e Mack quer sentir. Quer sentir qualquer coisa, pela primeira vez, em anos. E saber que Ava – a forte e corajosa Ava – precisa de ajuda faz Mack se sentir um pouco menos sozinha. Ela põe a mão no rosto de Ava, encosta a própria testa na dela. Imagina se a explosão, se liberar toda a dor, a culpa que tem em seu núcleo, vai render um pouco

de felicidade, um pouco de alegria.

– Sim? – pergunta Ava, e nenhuma das duas sabe exatamente o que ela está perguntando, mas não precisam saber.

Mack roça os lábios nos de Ava. É o primeiro beijo das duas, e é um beijo delicado, amedrontado e esperançoso, cercado pela escuridão e imbuído dela.

Com o prazo do amanhecer se aproximando, Brandon sai do túnel. Mack e Ava já estão no esconderijo há algumas horas, e ele não tem certeza, mas tem quase certeza de que as duas agora estão namorando. Brandon fica feliz por elas, mas também se sente um pouco excluído. Não quer que o grupo forme pares, criando laços que o excluem.

Em relação a LeGrand, pelo menos, ele não precisa se preocupar. Talvez LeGrand se torne seu melhor amigo. Parece pouco provável – LeGrand não tem sido muito amigável, ainda que, tampouco, tenha sido não amigável –, mas a possibilidade existe. Brandon consegue imaginar. LeGrand morando com ele. Ficando acordado até tarde, jogando no seu Xbox comprado usado. Juntando dinheiro para comprarem novos jogos juntos. Convidando garotas para comer pizza na casa dos dois. Dividindo os salgadinhos vencidos que Brandon traz do posto de gasolina.

– LeGrand? – sussurra, no meio da noite.

Um clique responde, e Brandon segue o som. Sabe que não deveria estar ao ar livre, que talvez Jaden esteja procurando por eles, mas se sente tão solitário esperando sozinho no Esconderijo dos Apaixonados, fazendo contagem regressiva até haver clareza suficiente para entrar no esconderijo, com Ava e Mack, sem se sentir um intruso. Ele deu uma olhada quando ajudou Ava a subir. É superapertado lá dentro. Não vai dar para entrar se arrastando: vai ter que rastejar, de barriga para baixo. E não está nem um pouco animado com isso. Nunca teve medo de altura, mas não gosta de lugares fechados.

Há uma atração à espreita, no fim da trilha em que está – aquela com o demônio apodrecido e suas asas esqueléticas. É difícil ver os detalhes à noite e, por algum motivo, isso o torna ainda mais sinistro. Se estivesse claro, pelo menos, Brandon conseguiria ver quanto a atração é boba, quanto

é velha e frágil. Ter só uma leve impressão dela, e seu cérebro completar com os detalhes, é pior do que a coisa em si.

Brandon se encosta no pé da árvore em que LeGrand está. Não sabe se quer ficar de costas para o demônio, para não conseguir enxergá-lo, ou se quer ficar de frente, para conseguir ficar de olho nele. Ambas as opções o deixam nervoso e o fazem se sentir bobo de estar nervoso por causa de um velho elemento decorativo.

– Ei – diz, olhando para cima, chegando a um meio-termo. A copa da árvore é tão densa que Brandon não saberia por onde começar a subir e não consegue sequer enxergar o outro cara. Como LeGrand conseguiu?

– Ei – responde uma voz baixa.

– Subimos em uma espécie de vão no teto do túnel. Na parede da frente, que dá para a entrada. Só para você saber onde nos encontrar. – Se Brandon está se sentindo excluído, LeGrand também pode estar, e Brandon não quer isso. Na sua cabeça, LeGrand já mora com ele. LeGrand é esquisito, claro, mas é um esquisito legal. Não um esquisito maldoso, como Atrius e Ian.

Na mesma hora, Brandon se sente culpado por ter pensado isso, porque os dois foram eliminados ou... bom, eles foram eliminados. Isso Brandon se sente à vontade para pensar. Entende por que Ava amarelou, por que todos estão com medo, porque ele também está. Mas não quer estar. E não quer pensar que algo ruim aconteceu. Só acha que alguém ali é escroto. Jaden, muito provavelmente. Não lhe parece, de verdade, algo que Linda faria. Ela lhe parece muito... *classuda* para fazer uma coisa dessas. E não tem nada a ver com a idade dela. Linda não faz Brandon se lembrar nem um pouco da vovó – vovó tinha cabelo rosa, porque uma vez tingiu errado e aí declarou “Por que não, caramba?”, e usava camisetas masculinas e *shorts* bem curtos, tinha a pele bronzeada, macia e enrugada. Vovó não tinha nada de chique, só de engraçado, carinhoso e sincero. Sempre sincera. Brandon sente tanta saudade dela. Nada mais foi igual desde que vovó morreu, o que é ainda mais triste, porque nada mudou. Brandon ainda mora na casa minúscula dela, ainda está no mesmo emprego, ainda faz as mesmas coisas, só que agora as faz sozinho.

Todos ali se preocupam tanto com dinheiro, e Brandon não tem dinheiro nenhum, mas está bem, graças à vovó. Vai convidar todos para morarem

com ele. Se quiserem.

Ele se recosta no tronco da árvore e observa os contornos do demônio. Deveria perguntar antes de fazer planos sobre LeGrand morar na casa de vovó com ele.

– Você tem família? – Pelo jeito, a maioria das pessoas que está ali ou não tem família ou não é muito próxima dos parentes.

– Sim.

Brandon sente um leve aperto no coração. Se LeGrand tem família, provavelmente não vai fazer as malas e se mudar para Idaho.

– Legal. Tem irmãos? – Brandon sempre quis ter uma irmãzinha. Às vezes, imaginava que seria um ótimo irmão, dando todo o apoio, ajudando a fazer os trabalhos da escola. Bom, aí já foi exagero. Brandon nunca foi bem na escola. Mas faria questão de que a irmã fosse. Ela, provavelmente, seria a oradora da turma na formatura, e Brandon bateria palmas bem fortes. Levantaria da cadeira, instigando a plateia a ovacioná-la de pé.

– Trinta e sete – diz LeGrand, mas parece estranhamente em dúvida, como se houvesse um tom de ponto de interrogação depois do numeral.

– Como? – exclama Brandon. Então se dá conta de que falou muito alto e fala mais baixo. – Como? – repete, em um volume mais apropriado.

LeGrand não se explica.

– Uau. Certo. Bom, você já sabe onde estamos escondidos, se quiser nos procurar. – Brandon fica esperando, torcendo para que LeGrand ache graça de sua piada idiota. Não quer ter que explicar por que tem graça, porque sabe que não tem.

– Meios – fala LeGrand, baixinho.

– Como?

– Muitos deles são meios-irmãos e meias-irmãs. Acho que é assim que vocês chamam. Mães diferentes. Minha irmã preferida se chama Almera.

– Legal! – diz Brandon, e está sendo absolutamente sincero, apesar de a informação ser estranha, na melhor das hipóteses. Realmente acha legal que LeGrand tenha tantos irmãos e uma irmã favorita. – Aposto que você também é o irmão preferido dela.

– Eu fui banido por eles.

Brandon sabe o que “banido” significa (tem quase certeza), mas parece

uma palavra estranhamente formal para ser usada por uma família. Não sabe como reagir. Mas aí se anima, porque essa é a chance.

– Você pode vir morar comigo. Depois da competição, quer dizer. Tenho uma casa própria. É pequena e velha, mas bem legal.

O silêncio se estende por tanto tempo que Brandon tem certeza de que fez besteira. Mas aí LeGrand diz:

– Certo.

– Certo. Certo! Legal. Bom, até mais! – Como o céu está começando a clarear, está na hora de atrapalhar Ava e Mack. Mas, com essa injeção de confiança (LeGrand vai continuar sendo seu amigo!), Brandon está pronto para estender o convite para Ava e Mack também, e então se preparar para um longo dia de espera e torcer para que absolutamente nada aconteça.

Tudo lhe parece menos assustador e menos estranho. Brandon tem uma equipe. Amigos. E um futuro com eles.

LeGrand fica observando Brandon voltar para o local onde as garotas estão se escondendo, observa o modo insólito com que ele vai saltitando, alegremente. Que tinha desaparecido, no trajeto do acampamento até ali. Mas, pelo jeito, o otimismo de Brandon foi ressuscitado.

LeGrand não sente nada em relação a isso. “Almera.” Nunca mais havia dito aquele nome em voz alta, desde que saiu escondido do complexo, foi até a cidade mais próxima e tentou contar a situação dela para o médico. Foi expulso do consultório, sem ajuda, sem causar preocupações, sem nada.

Por que o médico não o ajudou?

Por que *ninguém* o ajudou?

“É uma questão de números”, disse, com um suspiro, a mulher do serviço de orientação para ex-integrantes, que os ajudava a se ajustarem ao “mundo real”. “Se deixarem todos os homens ficarem na comunidade, não sobram mulheres suficientes para ter mais de uma esposa. Precisavam inventar um motivo para se livrarem de você. Você não fez nada de errado.”

Na ocasião, de coração partido e em estado de choque, LeGrand ficou imediatamente na defensiva. Era pecado falar do profeta, dos élderes, desse jeito. Tinha feito algo de errado, *sim*. Aquilo era culpa de LeGrand, não deles.

Agora LeGrand se sente meio mal por ter odiado tanto aquela mulher, em segredo. Ela realmente tentou ajudá-lo. Inclusive preencheu a ficha para ele participar daquela competição empolgante, da qual ficara sabendo por meio do amigo de um amigo. Só queria que aqueles pobres garotos perdidos, sem estudo, analfabetos funcionais, criados para um único mundo e depois abandonados em outro, tivessem uma chance.

LeGrand jamais teria uma chance. Seu pai se encarregou disso. Mesmo agora LeGrand se surpreende, por reflexo, com a intimidade que fala dele. O “profeta”, seus pensamentos o corrigem. Não seu pai.

Ele se acomoda no tronco da árvore, de olho no demônio que abre as asas esqueléticas sobre seus domínios. Se LeGrand é uma pessoa má por ter tentado conseguir ajuda, então o médico e o *pai* e a mãe e todas as tias e todos os primos e irmãos e os élderes e o prefeito da cidade vizinha, que finge que não vê nada, e a polícia, que aceita o dinheiro do pai e permite que ele governe o Monte Zion como se fosse seu país particular, e o governo, que não se dá ao trabalho de se importar com o que está acontecendo dentro dos limites da cidade, e todos – todos, *todos* – são maus por não ajudarem. Por saberem do que Almera precisava e não lhe darem isso. E, se todos são maus, então ninguém é, e ele não vai mais ficar se perguntando se é ou não pecador.

LeGrand é pecador, e isso não faz a menor diferença. Aconteça o que acontecer vai ajudar quem precisar de ajuda. Igualzinho àquela mulher do serviço de orientação. Igualzinho a Brandon, que lhe ofereceu um lugar para morar sem nenhum motivo a não ser o fato de, sabe-se lá como, saber que LeGrand precisava de um lugar para morar. Igualzinho a Ava, que fez de LeGrand seu protegido, apesar de ninguém mais estar disposto a isso.

Se tudo o que há no mundo é o inferno, e a maldade está por todos os lados, o que mais podem fazer a não ser tentar ajudar uns aos outros?

Brandon entra no esconderijo. Mack e Ava cabem melhor ali dentro – ele bate a cabeça nas vigas baixas três vezes, tentando se acomodar. Mas parte da tensão em seu peito se esvai, porque Mack – não Ava, Mack! – muda de posição, abrindo espaço para ele, e Ava, meio dormindo, rola para o lado, com a cabeça encostada no ombro de Mack. Brandon segura a empolgação

de ter acertado que as duas estão namorando, não quer bancar o esquisito. Ele pode levar na boa. Ava e Mack vão saber que Brandon pode levar na boa porque ele não esboça nenhuma reação.

Mack tateia o chão do lado livre, e Brandon se espicha com cuidado, encantado com o fato de as duas ainda estarem, literalmente, abrindo espaço para ele. Aconteça o que acontecer, tudo vai ficar bem. Vão continuar sendo amigos. Um deles vai vencer, e todos vão continuar juntos. Disso ele tem certeza.

– Vocês querem ir morar comigo depois que a competição terminar? – pergunta. E vai logo esclarecendo: – O LeGrand também vai. Tenho uma casa própria. É pequena. Mas é minha. Poderia ser nossa.

Mack solta o ar, e Brandon tem quase certeza de que foi uma risada.

– Claro – responde ela, e Brandon se pergunta, por um instante, se Mack está tirando sarro dele, mas Mack não faria isso. Ela completa com um: – Seria legal. – Brandon pode perceber, pelo tom suave e sonolento da voz dela, que Mack está sendo sincera.

– É, por que não, caramba? – diz Ava. – Onde você mora?

– Idaho.

– Certo, talvez esse seja o “por que não”, caramba. – Mas Ava dá risada. Não *dele*. Está convidando Brandon a dar risada com ela.

E Brandon dá risada e está feliz e nem tudo é tão ruim, afinal de contas. Podem até conseguir se divertir de novo, talvez.

– O que a gente vai fazer no fim do dia? Encontrar outro esconderijo ou continuar aqui?

– É um labirinto – diz Mack. – O parque. Atrius descobriu isso.

– Então, à noite, vamos tentar encontrar uma saída? – Ava parece intrigada. – Faz tanto sentido quanto qualquer outra coisa. – Não diz que, para ela, é bom ter um objetivo, um propósito. Que precisa manter todos focados. Organizados. *Juntos*.

Ava passa o braço ao redor da cintura de Mack. Mack concordou em ficar ali, mas Ava não quer correr nenhum risco. Quer prender Mack ali, mantê-la ao seu lado, ter alguém em quem se encostar para se lembrar de seus próprios limites. De sua própria realidade.

Ela ainda acha que alguma merda do caralho está acontecendo, mas pode

garantir a segurança de Mack, e Mack pode garantir a segurança dela também. E as duas garantirão a segurança de Brandon, esse ser humano que mais parece um filhotinho gigante de cachorro, e também vão garantir a segurança do triste e perdido LeGrand. Um novo pelotão. Uma nova família.

Mack não consegue decidir se sente ou não claustrofobia por estar com Ava de um lado e Brandon do outro. Todo esse carinho, toda essa afeição, todo esse companheirismo e o mais estranho de tudo: toda essa esperança em relação ao futuro, coisas que faltaram completamente em sua vida, por anos e anos, e agora estão hiperconcentradas. A pressão está se assomando em seu peito e, se Mack abrir a boca, não sabe se vai deixar escapar uma risada ou um grito. Então passa a mão no cabelo macio de Ava, fecha os olhos e tenta simplesmente existir.

Sim, ela não está sozinha. Mas isso não significa que não esteja mais escondida. Só significa que, agora, tem ajuda.

LeGrand em sua árvore.

Ava, Mack e Brandon em seu útero de madeira.

Ava bonita e Jaden do outro lado do parque, Ava andando alguns passos atrás de Jaden, que procura o melhor lugar para enganá-la.

E, no meio de tudo isso, respirações trêmulas e chiadas, cada vez mais curtas e erráticas, à medida que o amanhecer se aproxima, e a fome chega ao auge.

Jaden não é um cara ruim.

Ele será o primeiro a dizer isso e *disse* isso, várias e várias vezes, tantas que está se tornando uma espécie de bordão.

– Não sou um cara ruim – diz ele, com os braços bem abertos, um sorrisinho ao mesmo tempo inocente e sarcástico no rosto, que quase é até que bonito.

Certo dia, uma de suas ex-namoradas disse que Jaden parecia um cara cuja foto colocam para vender um porta-retratos. Mais ou menos atraente, um substituto qualquer, até que o porta-retratos receba algo que realmente importe. “Não!”, a amiga dela exclamou, e todos já tinham bebido várias.

“Jaden parece aqueles modelos especializados em campanha de meias!”

Ele deu risada. Mas, sempre que calçava meias ou passava por uma prateleira de porta-retratos em alguma loja, se lembrava das críticas das duas, e isso o deixava possesso. Mas Jaden não era um cara ruim. Tinha *nudes* dessa ex e nunca compartilhou as fotos com ninguém.

Essa ex-namorada vem à sua cabeça quando Jaden se afasta para observar a atual futura ex da sua vida, que examina um antigo trilho de montanha-russa. Um trilho que se ergue até sumir no meio das árvores, apenas um contorno do que costumava ser, sufocado pelo mato.

Jaden só quer uma, uma só, mulher companheira na vida. Que seja bonita, engraçada e que viva para ele. Que não o decepcione. Que não dê risada da sua cara. Que olhe para ele e o faça se sentir especial, como Jaden gostaria de ser. Até a própria mãe mal pôde esperar ele se formar no Ensino Médio para declarar sua aposentadoria da maternidade e se mudar para a Flórida. Jaden, certa vez, resolveu testar quanto tempo a mãe levaria para ligar, se ele não fizesse a ligação mensal. Sete meses depois, à beira das lágrimas, Jaden não aguentou e entrou em contato. Ela, sinceramente, não fazia ideia de quanto tempo havia se passado. Não sentia a menor falta de Jaden e não pensava no filho quando ele não estava presente.

A tal da permanência do objeto não existe quando se trata de Jaden. O que os olhos não veem, o coração não sente.

Foi assim com todas as namoradas, com todas as mulheres de sua vida. Sempre chegam a um certo ponto e aí mal podem esperar para se livrar dele. Sendo assim, agora Jaden se livra delas primeiro.

– A gente poderia subir, seguindo os trilhos – sugere Ava. Ela não quer tentar encontrar os demais. “A gente deveria vencer por mérito próprio”, disse, pouco antes, como se sabotar os demais não tivesse sido ideia dela, como se não tivesse se afastado dos outros para impressionar Jaden e fazê-lo ficar atraído por ela. Como se os dois ainda pudessem vencer. Como se não soubessem que só haverá um vencedor.

Sobre o que Ava estava conversando com aquelas aberrações? Estavam debochando dele? Tramando algo? Será que Ava o convenceu a desistir de procurar o outro grupo porque tem segundas intenções? Todos sabem que Jaden é a maior ameaça. Ele é que vai vencer. Não importa o que façam, ele

é que vai vencer.

Jaden olha para os trilhos. Poderia escalá-los, sem problemas. Está em sua melhor forma. Quando tinha quatorze anos, era gorducho, deprimido. Debochavam dele na escola e o ignoravam em casa. Foi aí que descobriu os programas de corrida de obstáculos na tevê. Adorava assistir, mas, mais do que isso, adorava as entrevistas. Toda aquela gente, que tinha uma vida triste como a dele, que esteve perdida e não era amada, transformava isso em estímulo e desenvolvia o próprio corpo, até se tornar uma máquina perfeita. Uma máquina capaz de fazer coisas incríveis. Uma máquina que funcionava tão bem que essas pessoas não eram mais capazes de ficar tristes, magoadas ou de se sentirem solitárias.

Jaden tentou entrar no programa por sete temporadas seguidas e nunca passou da fase de recrutamento. O que isso queria dizer, então, o fato de ele ter passado tantos anos fazendo exatamente o que aquelas pessoas faziam, fazendo exatamente o que aquelas pessoas lhe disseram para fazer, superando tudo em sua vida, ensaiando contar a própria história diante do espelho para transmitir a imagem de “não sou um cara ruim, não sou um cara ruim mesmo”, e jamais terem permitido que ele participasse do programa?

Jaden flexiona os músculos, por reflexo. Conseguiu entrar nesta competição e vai ganhar. E depois?

Um reencontro com a mãe. Que ficará tão orgulhosa do filho, lamentará tanto por todos os anos que desperdiçou, não tendo orgulho dele.

Um reencontro com aquela namorada, que finalmente saberá que Jaden é digno de ser colocado em um porta-retratos. Meias de presente para a vaca da amiga dela.

Um reencontro com aquela competição do caralho, como convidado especial, celebridade, ou quem sabe ele recuse o convite. Estará ocupado, cuidando de sua própria academia, um grupo dedicado de adoradores de sua igreja do corpo, implorando que Jaden lhes mostre o caminho, que os salve de si mesmos, assim como Jaden salvou a si mesmo. Todos vão admirá-lo, e ele não vai desistir dessas pessoas, não vai se cansar delas, não vai abandoná-las.

Ava não faz parte desse futuro.

– Não me parece estável – fala ele. – Não quero que você se machuque.

Os ombros de Ava relaxam um pouco e, quando ela se vira, Jaden consegue enxergar seu sorriso. Enxergar o alívio que Ava sente ao ter essa prova de como Jaden se preocupa com ela. Jaden lembra que a garota ficou de braços cruzados e deixou a Barbie do Iraque bater nele. Imagina o que não deveria ter falado para aquele bando de aberrações em seguida, imagina como deram risada dele.

– Vem – diz Jaden, passando o braço ao redor dos ombros de Ava. – Tive uma ideia.

Ava está aliviada.

Jaden queria tentar encontrar os demais para sabotá-los. E, na verdade, Ava tem quase certeza de que sabe exatamente onde estão. Na segunda manhã da competição, viu Brandon entrar naquele túnel do amor esquisito. São poucos os lugares disponíveis para esconder tantas pessoas ao mesmo tempo. Ava seria capaz de apostar dinheiro, tamanha sua certeza de que os outros estão ali. De certo modo, *está* apostando dinheiro – cinquenta mil dólares –, mas aposta contra si mesma ao decidir *não* trair a confiança deles. Mesmo assim. Arrepende-se de ter dado a Jaden a ideia de eliminar os outros.

Além do mais, ela foi convidada para ir com eles, para se unir ao grupo, mesmo depois de ter escolhido outra pessoa e, por isso, Ava levou Jaden para longe deles.

Mas agora que está de volta àquele parque sinistro e chato, acha que Jaden deve ter razão. Aquela bagunça que destruiu o acampamento foi forjada. Só que Ava não acha que tenha sido outro competidor. Acha que foi a própria competição.

É por isso que não avistou nenhuma câmera. Não é um *reality show* tradicional. É um *reality show de terror*.

Já assistiu a algo meio parecido. Levaram um bando de universitários para uma casa, contaram que ali ocorreram assassinatos brutais, falaram de assombrações passadas, depois levaram os universitários para o ponto mais assombrado da floresta e pediram que relatassem como se sentiam. Quase todos sentiram algo – um frio intenso, uma presença inexplicável, um medo

avassalador.

Só depois que todos compartilharam suas experiências, os cineastas explicaram que a casa havia sido construída há apenas dez anos e que ali não houve nenhuma história de violência, assombração nem nada, nada mesmo.

A maioria deu risada, envergonhada. Alguns poucos ainda insistiram que algo que ninguém sabia devia ter acontecido, porque sabiam o que sentiram e não queriam negar. O objetivo era mostrar como nos enganamos e nos convencemos a sentir coisas. Mas, na verdade, o programa mostrou que enganamos *os outros* e *os* convencemos a sentir coisas.

Ava está puta. É uma *grosseria* do caralho terem levado todos eles até aquele parque com segundas intenções. Terem mentido. Dado a entender outra coisa. Talvez os competidores das primeiras edições estivessem envolvidos. Colocando coisas para os outros encontrarem, como aquelas joias perdidas. Caramba, com a sua história convenientemente horripilante, talvez Mack fosse uma infiltrada, alguém pago. Poderia muito bem ser uma atriz.

Ava tropeça, e Jaden a abraça para ela não cair no chão. Se Mack for uma infiltrada, e foi Jaden que contou a história dela, então Jaden também está envolvido. Isso seria superantiético, né? Começar um relacionamento íntimo com ela – com o pouco de intimidade que conseguiram, em uma cama dobrável, no meio de todo mundo... mas, ainda assim... –, sendo um ator, considerando que Ava não estava envolvida na farsa? Com certeza, isso é contra a lei. Será que havia algo no Termo de Confidencialidade que ela assinou que permitia isso?

Não. De jeito nenhum. Além do mais, para representar o papel de Mack, a atriz teria que ser muito boa. Ava tem um sexto sentido para enganação – já trabalhou tanto servindo os outros que é capaz de enganar, com um sorriso no rosto, nas situações mais desagradáveis – e não viu nada em Mack que parecesse falso ou uma encenação.

Não faz nenhum sentido.

Mas nada daquilo faz sentido, e pensar que a competição como um todo é uma variação de mau gosto do que lhe foi informado é mais reconfortante do que pensar que realmente aconteceu algo de violento no acampamento.

Talvez Jaden tivesse razão. Talvez Ava e o sinistro do LeGrand tenham armado aquilo para assustar os outros. Conseguia imaginar Ava sendo impiedosa a esse ponto, inteligente a esse ponto. E quase a admira por isso.

Ou talvez Mack realmente tenha feito aquilo, ou para vencer ou porque é tão absolutamente perturbada, por conta do que aconteceu com ela, que quer destruir todos à sua volta. De novo, não parece algo que Mack faria. Mas Ava não conhece Mack direito, conhece? Não conhece nenhum deles direito. A não ser Jaden, e ela não o conhece, só conhece o tipo.

Apesar de tudo, Jaden tem sido legal naquela manhã, e Ava consegue sentir o término iminente, mas vai aceitar a calmaria antes da tempestade. Talvez, à noite, os dois se separarem. Ava vai terminar com Jaden. Mas de um jeito amigável, para não sofrer retaliações por parte dele. “Não quero te atrapalhar.” Ou “Eu não quero que você se sinta na obrigação de se preocupar comigo. Você deveria se concentrar em vencer”. Ambas são boas opções. Dar a entender que é óbvio que Jaden vai vencer e que ela fica feliz com isso. Enganação com um sorriso no rosto.

Ava imagina o que a outra Ava, Brandon, Mack e LeGrand devem estar fazendo naquele exato momento. Se estão surtando ainda mais ou rindo às custas dela. Torce para que não. É melhor que estejam com medo do que rindo dela. Não sabe que essa é a principal coisa que tem em comum com Jaden.

Um jorro discreto, mas muito óbvio, entre as pernas de Ava a faz voltar para o presente. Ela solta um palavrão baixinho.

– Que foi? – dispara Jaden.

– Nada. – Ficou menstruada, neste exato momento, que não poderia ser pior. Outro motivo para se arrepender de não ter ido com os demais. Mack e a outra Ava, pelo menos, poderiam ter algo na bolsa. Ela duvida muito que Jaden tenha pensado em pegar absorventes no banheiro antes de os dois saírem do acampamento.

Rezando para não estar menstruada ou para que fosse só aquele pingaço do primeiro dia, que antecede o costumeiro sangramento apocalíptico, Ava corre para alcançar Jaden.

– Já está quase de dia – diz, ao perceber que a noite está ficando cada vez mais suave, o céu está mudando de cor, de índigo para um tom mais fraco,

diluído.

– Tudo bem – responde Jaden. – Estamos quase chegando.

Os trilhos seriam um bom esconderijo e pareciam ser estáveis, mas foi legal da parte de Jaden ter se preocupado com ela. Talvez Ava estivesse enganada a respeito dele. Talvez, por baixo de seus músculos e de sua postura, o garoto não seja igual a todas as outras versões dele que Ava já namorou. Ela deveria lhe dar uma chance de provar o contrário. Ela é quem está sendo injusta.

Os dois continuam andando, e Ava tem vontade de perguntar de novo quando vão chegar ao esconderijo. Definitivamente já está amanhecendo. Deveriam ter se acomodado em algum lugar há meia hora. Mas, se perguntar, vai parecer uma chata resmungona, e nada brocha mais os homens do que uma chata resmungona. Uma chata resmungona que, definitivamente, ficou menstruada, neste exato momento. E ela nem está de calça *jeans*, está usando uma saínda fofa e esportiva. Meu Deus. Aquilo é o fim da picada, e não tinha como ser pior.

Se Ava não vencer a competição, o que vai fazer da vida? Perdeu uma semana de postagem, uma semana de conteúdo. E, sim, ela não tem como impulsionar o Insta, não tem patrocinadores, quase ninguém curte suas fotos e vídeos, mas é importante postar regularmente. Só que vai sair caro refazer as unhas, que agora estão todas feias. E vai ter que dar um jeito no cabelo também. Sabe que está danificado por causa do xampu e do condicionador baratos que lhes deram ali e de tanto fazer rabos de cavalo.

Talvez Ava devesse desistir. Arrumar um emprego de verdade. Mas nenhum emprego “de verdade” que consiga arranjar pagaria o suficiente para sustentá-la. Sua chance – sua única chance – é se dar bem de alguma maneira. Ganhar uma herança inesperada, arrancar dinheiro do mundo à sua volta, do jeito que for possível.

Talvez as coisas deem mesmo certo com Jaden, e Ava possa ficar encarregada das mídias sociais da academia dele. É uma boa ideia.

Quem ela acha que engana? É uma péssima ideia. Mas o que mais pode fazer? Trabalhar por doze dólares a hora pelo resto da vida? Voltar a estudar e arrumar uma dívida, se matar de trabalhar para pagar essa dívida, pelo resto da vida? Ou grudar em Jaden e torcer para que um dos dois consiga

tirar a sorte grande?

Obviamente, Ava já escolheu a última opção.

Por fim, o céu está quase completamente claro, e Jaden para no destino dos dois. Nessa parte comprida e curva do caminho, não há nada ao redor deles além daqueles terríveis arbustos que viraram mato, nenhuma atração que ela consiga enxergar, nenhum outro esconderijo. Mas Ava não consegue entender como Jaden acha que podem se esconder ali. Na época em que o parque estava aberto, aquilo devia ser um daqueles grandes chapéus mexicanos, com um pilar central e barras que se estendem para fora, com balanços pendurados nas duas pontas e que giram em círculos, em arcos cada vez mais amplos. Ava sempre adorou esse tipo de brinquedo, adorava o frio na barriga que sentia, sem ter que enfrentar aquelas enervantes subidas, descidas e voltas das montanhas-russas.

Mas não é mais um chapéu mexicano. As correntes dos balanços estão penduradas feito mechas de cabelo sujo, emaranhadas em certas partes, quebradas em outras. Umas poucas correntes ainda têm balanços pendurados, ou o que restou deles, de todo modo. O grosso pilar central parece estável o suficiente, erguendo-se em linha reta até o ponto em que o sistema de braços com assentos se abre. A coisa toda é sólida e deprimente, feito uma sombrinha gigante e sem pano.

– E onde vamos nos esconder? – pergunta Ava, sinceramente perplexa. A plataforma é aberta; o pilar central, sólido. Ela não consegue enxergar nenhum lugar óbvio (e também nenhum não óbvio) para se esconder.

Jaden vira de leve a cabeça e olha para ela, dá um sorrisinho.

– *Nós* não vamos nos esconder em lugar nenhum. Boa sorte, Ava. – Então pula, agarra uma das correntes dos balanços e vai escalando até chegar lá em cima, desaparecendo no alto do poste central. Se é oco por dentro ou tem espaço suficiente para Jaden se acomodar lá dentro sem ser visto do chão, não importa.

O que importa é que Jaden está escondido e Ava não está, e já amanheceu completamente.

Ava pensa em gritar com Jaden. Mas isso entregaria sua localização. Seu choque e sua raiva minguam, deixando-a vermelha de vergonha. Os outros já sabiam só de olhar para Jaden. Eles enxergaram. E ela enxergou também,

e escolheu ele mesmo assim, porque a vista era melhor. E aí Ava insistiu no erro, em vez de admitir que tinha errado.

Ava não está surpresa, não muito. Mas está decepcionada. Desde o momento em que a outra Ava se apresentou, ficou com medo de ser dispensável. E agora vai ser, porque vai ser eliminada hoje.

Deveria ser um alívio, de certa forma. Pôr fim naquela merda toda, voltar para a merda toda que ela conhece e com a qual se sente à vontade.

Mas, ao olhar em volta, com o sol raiando sem uma nuvem ou brisa, o ar pesado e carregado de expectativa, não consegue parar de pensar naquela poça escura no meio do acampamento, nas manchas que se espalhavam a partir dessa mancha.

Sem Jaden ao seu lado para falar o tempo todo, com desdém, que aquilo é apenas uma competição, fica muito mais fácil questionar se talvez, quem sabe, não seja.

Ava dá as costas e sai correndo. É capaz de encontrar um esconderijo. Precisa encontrar.

Como se tivesse sido invocado pelo medo que Ava tem de sangue, sente um fluxo quente entre as pernas, que encharca sua calcinha bonitinha e escorre por sua pele. Pelo menos, Jaden traiu sua confiança logo cedo. Pelo menos, Ava não vai ter que ficar sentada ao lado dele, encharcada na própria humilhação. E, pelo menos, Ava sabe que a repulsa à menstruação é tão forte no país que essas cenas jamais vão ao ar, mesmo que seja uma competição maligna, mesmo que seja um *reality show* de terror manipulador.

Havia absorventes no banheiro. As pessoas podem até ter abandonado o acampamento, mas isso não quer dizer que o acampamento não esteja mais lá.

Só que Ava não sabe onde *ela* está. Jaden fodeu com Ava muito bem, de verdade, de tantas maneiras que ele nem sabe quantas. O senso de direção de Ava nunca foi lá grandes coisas. E, por mais que ela seja capaz de apontar o leste, já que o sol está nascendo, saber onde está o leste não lhe adianta nada, porque Ava não faz ideia de como chegar ao acampamento a partir de onde está.

Ela para, recupera o fôlego, tenta entender sua localização. Não merece

isso. Não merece aquela traição, não merece aquela humilhação e não merece aquela sensação, que não para de crescer, de que há algo de errado, de pavor, de medo, que arrepiava sua nuca.

Um galho se parte em algum ponto atrás dela, e Ava sai correndo feito um coelho assustado, certa de que, seja lá o que for, é algo que não quer ver.

Como já é dia, Mack está acordada, mas sente como se estivesse dormindo. Está com aquela sensação de estar flutuando que tanto deseja, que dorme só para poder ter: pairando entre a consciência e a inconsciência, sem peso, aquecida e livre.

Talvez seja porque Ava está encolhida ao lado dela e tem a presença alegre de Brandon, do outro lado. Talvez seja pelo fato de aquele realmente ser um bom esconderijo. De, pelo menos por aquele dia, achar que estão fora de perigo. Mack só pensa naquele dia. Naquela hora, naquele minuto, naquele segundo, naquele instante. Pode flutuar aqui, existir aqui. Está fora de perigo, neste momento.

Um barulho de tique-taque atravessa a madeira seca e frágil que os separa da luz do dia. E arrasta Mack de volta para a realidade, de volta para a passagem do tempo. Tique, taque, está quase na hora.

Não. Não é um tique-taque. É um *clique*. LeGrand. Ava também ouve. Fica tensa e aí muda de posição, arrasta-se até a parede exterior. Mack e Brandon fazem a mesma coisa. O lado bom de estar no interior de uma estrutura que pode se despedaçar com uma brisa mais forte é que há muitas rachaduras e buracos por onde enfiar o olho para enxergar do lado de fora sem ser visto.

– Que... – sussurra Brandon, mas Mack dá uma cotovelada forte nele, e ele deixa a pergunta no ar.

Mack prende a respiração e fica olhando fixamente para a trilha logo abaixo deles. Não sabe o que está esperando, mas vai ser algo ruim. Ela sabe que vai ser, porque estava feliz, e que direito Mack tem de se sentir assim?

Ela meio que esperava gritos, como aconteceu com Rebecca, então fica intrigada quando vê que é só Ava bonita, que passa, cambaleando em silêncio. Então Ava bonita olha de relance para trás, revelando um rosto

contorcido, que forma uma máscara de pavor silencioso. De um medo absoluto, devastador, tão completo que não há som capaz de contê-lo, não há ar que, inalado, seja capaz de se expandir para preencher o vazio do terror que rasga a alma de uma pessoa.

Seu rosto está sangrando, as linhas escuras que escorreram já empapam sua camiseta, e há sangue escorrendo pela parte interna de sua perna também. Ava bonita continua andando depois de passar pelo esconderijo deles, sem ter consciência de que está sendo observada pelos três.

– Merda – resmunga Ava.

– Pode ser uma armadilha – sussurra Brandon, mas sem muita convicção. Ele *não deveria* ter convicção.

Ava agarra o braço de Mack com tanta força que dói. Mack põe os próprios dedos por cima dos de Ava. Não para tirá-los de seu braço, mas para aumentar a pressão. Para prender Ava ali, para ser aquela que obriga Ava a ficar desta vez.

– Se for uma competição, vença – diz Ava, com uma voz feroz. – E, se não for, sobreviva. – Ava se vira naquele espaço minúsculo, e seu ombro faz Mack encostar em Brandon.

– Não – sussurra Mack.

– Cuide dela – ordena Ava, dirigindo-se a Brandon. E então sai do esconderijo, se esgueirando. Mack está petrificada. Quer ir atrás de Ava. Não para ajudar Ava bonita, mas para ficar com sua própria Ava. Aconteça o que acontecer, ficar com Ava, não ser deixada para trás de novo, escondida, fora de perigo e sozinha.

Mack já sobreviveu sozinha uma vez e não é tudo isso que falam por aí.

Ela se vira para se arrastar até a saída do útero de madeira dos três. Fica mais difícil manobrar com a presença de Brandon, esparramado, bloqueando sua saída sem ter essa intenção. Ele ainda tem o olho grudado na rachadura da parede.

– Fiquem onde estão! – grita Ava, já do lado de fora, para LeGrand ou para Mack e Brandon ou, talvez, para os três. Mack se aproxima da beirada da plataforma, mas a mão de Brandon segura seu tornozelo, com a força de um torniquete.

– Solta – sussurra Mack, mas ele aperta com tanta força que a mão dele

treme. Não. *Brandon* treme, o corpo inteiro dele treme. Com o rosto ainda grudado na parede, seu corpo inteiro é acometido por espasmos, por conta do que está testemunhando.

– Não se mexe – sussurra *Brandon*. – Ai, meu Deus, por favor, por favor, não se mexe. Ai, meu Deus. Ai, meu Deus. Ai, meu Deus.

O tom de sua voz transmite exatamente o que Mack sentiu quando ouviu o que estava acontecendo na sala, escondida, na segurança do esconderijo de Maddie. Parece o de alguém que sabe que a morte está bem ali e reza para, de alguma maneira, de algum modo, passar despercebido por ela.

Mack não se mexe.

Ava segura um cano grosso. Os contornos cabem direitinho na palma de sua mão, o formato e o peso são reconfortantes. Preferia ter uma arma de fogo, mas o cano também funciona.

– Fique onde está! – grita, sacudindo o cano, meio na direção onde pensa que *LeGrand* está escondido, um grupo de árvores muito altas. Se for eliminada agora, tudo bem, mas um de seus amigos vai vencer.

“Mack.”

Ava quer que Mack vença. Ou sobreviva. E sabe que Mack também quer isso.

– Ava! – grita, correndo atrás da outra mulher. *Ava Dois* está mais adiante, na trilha, tentando correr, aos tropeções, feito alguém que foi mordido por um zumbi e ainda acha que é possível ser mais rápido do que a infecção que se alastra. Sangue escorre por sua perna, mas em menor quantidade do que o que escorre da sua cabeça e empapa sua camiseta com tanta intensidade que, agora, Ava consegue ver o sangue na parte de trás também.

Ava *Dois* se remexe ao ouvir o próprio nome, uma marionete da qual puxaram o fio errado, mas que não para de se movimentar.

– Não – geme. – Foge! Vai se esconder!

Ava olha para trás. Não há nada. Nada. Mas *ali* – o som de uma folha seca sendo esmagada. E lá, um remexer na terra, por cima do asfalto rachado e esburacado.

Os cabelos minúsculos que restaram em sua nuca se arrepiam e, pela

primeira vez em anos, Ava gostaria de ainda ter mechas naquele lugar; anseia, de maneira irracional, pela falsa sensação de proteção que longas madeixas dariam à base de seu crânio, à pele de sua nuca, cobrindo aquela sensação súbita e avassaladora de sua própria e absoluta fragilidade, de sua própria e absoluta vulnerabilidade.

Sua mão aperta o cano. Foda-se. Ava não é vulnerável. Ava é uma porra de uma guerreira, e quem tentar feri-la, ferir Ava Dois ou ferir qualquer um vai descobrir isso da pior maneira possível. Da pior maneira possível estilo cano-na-cara.

Ava corre o mais rápido que pode, e sua perna grita, protestando. Como o joelho não dobra mais tanto, e o tornozelo está basicamente soldado, correr não é uma opção de verdade. Por sorte, Ava Dois não está indo muito rápido, e Ava a alcança, põe a mão em seu ombro.

Ava Dois para tão subitamente que Ava perde o equilíbrio e cai de bunda no chão. Estica a mão para a outra mulher, pedindo ajuda para levantar, mas parece que Ava Dois nem sequer a enxerga.

Ava Dois está olhando fixamente para trás, para a trilha de onde as duas vieram. Um gemido grave, um ruído animal de pavor, escapa de seus lábios, e Ava tem vontade de vomitar. Conhece esse ruído. Ela o fez quando olhou para baixo e viu a própria perna esmigalhada, quando olhou para o lado e viu Maria *sem vida*, o corpo ainda estava ali, mas os olhos estavam vazios, e Ava nunca mais veria a si mesma refletida neles, com amor.

Ava não quer olhar para o que a outra Ava está vendo, mas olha mesmo assim.

Não há *nada*.

Não há nada ali.

A calçada tortuosa detrás das duas, que faz uma curva, camuflando o Esconderijo dos Apaixonados, está deserta.

Ainda assim.

Ava vai para trás, arrastando a bunda no chão, os dedos firmes no cano, que raspa e arranha o solo, os olhos fixos na calçada. As trepadeiras que caem do alto de uma árvore se enroscam em algo, dobrando-se como se estivessem suspensas pelo vento ou tivessem sido separadas feito uma cortina.

Mas não há nada ali.

– Ai, meu Deus. Ai, meu Deus. Ai, meu Deus – sussurra Ava Dois.

– O que foi? – indaga Ava, com a voz aguda e embargada pelo pânico. – Não estou vendo nada. Não estou vendo. Você consegue ver?

O rosto pintado de sangue da outra mulher se vira em direção a Ava, que está no chão, como se só agora se desse conta de que não está sozinha.

– Desculpa – sussurra Ava Dois. – Não queria que vocês fossem encontrados.

E então o mundo de Ava se parte bem no meio, arrebatando-a para fora da realidade e para dentro de algo novo, algo pior.

Nada segura a outra Ava.

Nada esfaляlha seu tronco, que floresce de sangue, e a outra Ava grita, um grito de quem está sendo esfaляlhado.

E aí a cabeça da outra mulher desaparece.

A mente de Ava se rebela contra isso, dizendo que ela não está vendo o que está vendo. Mas a cabeça da outra Ava *sumiu*, seus gritos foram interrompidos, seu pescoço jorra sangue, todo o seu corpo ainda está, sabe-se lá como, suspenso no ar, sem cabeça, sem cabeça, sem nada.

Ava fica de pé com dificuldade, observa o restante da outra mulher desaparecer. E, apesar disso, não há nada. Nada ali e nada de corpo, tampouco. Apenas o sangue da outra Ava no chão, fresco e quente, tão abundante que Ava consegue sentir o cheiro.

Mas este não é o único cheiro que consegue sentir. Há um odor almiscarado, de algo muito anterior ao sangue fresco. Que foi largado ali para apodrecer, dia após dia, uma camada de putrefação sob o cheiro do mundo ao redor.

Ava se agarra ao cano. Sabe muito bem que cheiro tem a morte, e a morte está ali, enfim atrás dela de novo.

Ela abre a boca e solta um grito desafiador, então ataca *nada* com o cano.

Eles ouvem os gritos das duas Avas.

Não há dúvidas de qual Ava é qual.

E, na verdade, não há mais dúvidas. Pelo menos não a respeito da natureza da competição.

Mack consegue se soltar de Brandon, sai do esconderijo e surge em meio à luz do sol. Já tem a sensação de que é errado andar por aí, ao ar livre, durante o dia. Como o treinamento surtiu efeito rápido.

Brandon vai atrás dela. Há algo estranho na expressão dele. Falta algo, que antes existia, mas agora sumiu, e Mack não consegue dizer o que era.

– Para que lado? – indaga Mack.

Brandon sacode a cabeça.

– É tarde demais – sussurra.

– Não, a gente pode...

LeGrand se aproxima dos dois, com uma expressão resignada e resoluta, alguma verdade foi confirmada. Ele não é mais assombrado. Sabe-se lá o que viram, Brandon foi destruído por isso, e LeGrand ou ganhou forças ou foi tão completamente destruído que saiu do esconderijo transformado.

– O que foi aquilo? – pergunta Mack. Porque LeGrand já correu para ajudar antes. E, se não está correndo agora, significa que acha que não tem como ajudar. Mack se encolhe, abraça a própria barriga, com vontade de chorar ou de gritar, de correr atrás de Ava. De ficar com Ava de qualquer maneira possível, seja lá o que isso signifique. Mack não pode deixar de pensar: se ela não estivesse ali, será que Ava ainda estaria? Será que Mack provocou aquilo? Abriu sua cápsula, sua cápsula protetora, deixou a esperança entrar, deixou Ava entrar, e agora isso.

Agora isso.

– O que foi aquilo? – repete Mack.

LeGrand dá de ombros e sacode a lateral do corpo, como se quisesse se livrar de algo preso em seu ombro.

– Não sei.

– Foi o demônio. – A voz de Brandon fica embargada, à beira das lágrimas. Não para de sacudir a cabeça, de olhar para a outra atração que está perto deles, tentando se certificar de que aquela estrutura velha e enferrujada do demônio ainda está onde deveria estar. Com os olhos arregalados, arregalados demais, como se não fosse capaz de fechá-los. O que quer que tenha visto abriu seus olhos para algo que nunca consideraram antes, e Brandon nunca mais poderá fechá-los, nunca mais poderá piscá-los, para afugentar a realidade.

– O que você quer dizer com isso? – indaga Mack. Brandon precisa que ela seja delicada, mas Mack precisa obter respostas.

– Foram duas. – A expressão receosa de LeGrand mudou, uma mudança sutil, que muda todos os seus traços. Ele ainda tem cara de bebê, mas a expressão de criança perdida já era. – Então, a gente tem até amanhã de manhã. Precisamos sair daqui.

– O que você quis dizer com “o demônio”? – insiste Mack.

Brandon esfrega os olhos, como se tentasse remover, à força, uma imagem gravada neles.

– É um monstro. O demônio. Não sei o que mais posso falar.

Mack olha para LeGrand. Ele balança a cabeça, concordando silenciosamente.

O que os garotos dizem não faz nenhum sentido, mas Mack não pode ficar ruminando isso. Não faz diferença. *Ava* faz diferença.

– Precisamos procurar Ava.

LeGrand não discute. Brandon sacode a cabeça.

– Não vai adiantar – diz, mas vai andando, mesmo assim, na direção para a qual viu Ava correr.

Não é difícil seguir a trilha, mesmo para três pessoas sem experiência nesse tipo de coisa. As gotas de sangue de Ava bonita estão tão frescas que refletem a luz, uma trilha de violência que se abre para levá-los até o que precisam ver. Até o último destino, o fim da esperança recém-nascida de Mack. Uma coisa nova, tão frágil, afogada na poça de morte onde eles param.

– Dá para sobreviver depois de ter perdido tanto sangue? – A voz grave de LeGrand é baixa, mas pragmática. Não está perguntando como se fosse algo hipotético ou como se ainda tivesse alguma esperança. Está perguntando se devem continuar procurando. Está permitindo que Mack tome essa decisão.

Mack olha para a única evidência restante de que, há poucos minutos, estava feliz. Não há nada em volta do sangue. Não há marcas de que alguém foi arrastado. Nem um traço de que alguém correu, de que as duas Avas conseguiram escapar, de que qualquer outra coisa aconteceu ali além de dois finais violentos e definitivos. É um ponto de exclamação de sangue,

não são reticências. E, com certeza, não é um ponto de interrogação. A história chegou ao fim.

Não há mais nada.

Ava bonita já era. E a Ava de Mack também. A primeira pessoa que se tornou uma pessoa para Mack desde que sua família morreu, a primeira pessoa que fez Mack se perguntar se poderia haver algo mais em sua vida. Se poderia haver *vida* em sua vida.

Agora acabou. Para Mack, pelo menos.

Ela olha para LeGrand. O triste e assombrado LeGrand, a quem Ava queria proteger e ajudar.

– Por que você está aqui?

Pelo jeito, ele não considera o questionamento de Mack estranho, dadas as circunstâncias. Talvez, ninguém ali vai julgar algo como estranho de novo, pelo resto da vida.

O cheiro de sangue e de algo mais antigo, mais deteriorado, *mais errado*, é avassalador. “Pelo resto da vida”, ao que parece, não vai demorar muito.

– Fui banido pela minha família, por tentar levar um médico para ver minha irmã. É proibido sair do complexo.

– Como assim, complexo? – pergunta Brandon.

– Meu pai é o profeta – responde LeGrand.

O que não responde à pergunta de Brandon – levanta muitas outras –, mas Mack entende o que precisa entender. LeGrand era um prisioneiro. Desobedeceu às regras para ajudar alguém. Faz sentido, combina com o tipo de pessoa que sai correndo quando alguém está gritando, vai ao encontro dos gritos. LeGrand está ali porque estava tentando salvar a vida da irmã. Mack está ali porque não tentou salvar a vida da irmã. Porque se escondeu e não fez nada, enquanto seu mundo era destruído a facadas.

– Se conseguirem sair – diz LeGrand, olhando para as árvores, onde a cerca está à espreita, em algum ponto daquela vegetação impenetrável e tortuosa, mais além dos muros de pedra das trilhas onipresentes –, vocês podem ajudá-la? Sou de Monte Zion Mountain, no sudeste do Colorado. O nome dela é Almera. Minha irmã não fala nem anda, mas gosta de bolhas de sabão e de amarelo. Lá, não vão dar a ela os cuidados de que precisa. Vocês vão ter que sequestrá-la. – LeGrand balança a cabeça, como se tivesse

tomado uma decisão. – É o único jeito. Eu deveria ter feito isso.

Mack olha para Brandon. Os olhos dele estão cheios de lágrimas, e ela não consegue imaginá-lo sequestrando ninguém.

– Passa os detalhes de como entrar no complexo e encontrar Almera, em todo caso. Mas quem vai vencer é LeGrand – diz Mack, para Brandon. – Se for possível vencer. E, se não for, é ele quem vai escapar. – Mack fica com receio de que Brandon discorde, que insista que não é justo decidir a favor de LeGrand sem discutir o assunto.

Brandon engole em seco e faz que sim.

– Qualquer um, menos Jaden. – Sua voz fica embargada, e Mack não consegue se controlar. Dá risada. Qualquer um, menos Jaden.

A risada de Mack quebra o feitiço do sangue, libertando os três. Eles continuam andando, como Ava gostaria que fizessem, como Mack quer que façam. Agora, ela tem um objetivo, um único objetivo: tirar LeGrand dali. Deixar que ele vá salvar a vida da irmã, porque LeGrand ainda tem uma irmã, e ainda pode salvar a vida dela.

Tirar LeGrand dali. O que quer que aconteça depois, desta vez Mack vai receber de braços abertos.

Está quase acabando. Mais dois dias, e Linda poderá fechar o diário da família, e só vai ter que abrir de novo dali a sete anos. Bom, seis. Essas coisas têm que ser planejadas com muita antecedência, para tudo dar certo. E ela não deveria ter que abrir o diário de novo, mas vai abrir. Sabe que vai.

Linda tamborila os dedos de unhas feitas – um coral cáustico que ela acha jovial, mas que faz sua pele parecer morta – na capa de couro do diário da família. Há quanto tempo ela o guarda? Há quanto tempo as mulheres da família Nicely cuidam para que tudo funcione como deveria? E será que realmente confia em Chuck Callas, justo Chuck, para assumir o comando quando seu fim chegar?

Linda prefere pensar em “chegada do fim” do que em “morte”, zombando de si mesma e dos outros com planos de se aposentar, de ir morar na Flórida e deixar tudo aquilo para trás. Mas sabe que não vai fazer isso. Mesmo que Chuck, teoricamente, assuma o comando. Não acredita que ele possa fazer isso sozinho. É algo importante demais, e Linda gosta disso. Gosta de ser

importante, gosta da sensação de carregar o peso das gerações que dependem dela, gosta de ter assumido a responsabilidade dos pais e dos pais deles. Gosta de pensar que seus avós ficariam muito orgulhosos dela, que sua família podia até não ter sido a dos venerados *Callas*, que deram início a tudo aquilo, mas que foi a filha *do casal Nicely* e depois a neta *do casal Nicely* que salvaguardaram a dádiva que receberam.

O diário grosso e pesado, maior do que o *outro* livro, que foi roubado e agora está perdido, fica na sua mesinha de centro, ao lado de uma pilha de revistas femininas. Ninguém o lê. Afinal de contas, Linda sabe as histórias de cor, os representantes das outras famílias sabem as histórias de ouvir falar e o restante da cidadezinha e todos que são alimentados pelo conteúdo daquele livro não as conhecem nem querem conhecer. A própria filha de Linda não quer ter nada a ver com aquilo. É isso que mais magoa – a falta de gratidão, a falta de respeito. O fato de sua filha ser tão egoísta quanto os demais. Ficando brava só de pensar, Linda pega a história da família e a coloca na prateleira especial escondida de sua cristaleira. É tão preciosa quanto as porcelanas que guarda ali, e muito mais sagrada.

Seu *walkie-talkie* chia. Linda pensa que a filha debocharia dela por usar um *walkie-talkie* em vez de um *smartphone*. Mas, às vezes, as coisas da antiga são melhores. Ainda mais porque o sinal de celular está bloqueado, só para garantir. O que faz Linda lembrar que precisa cobrar Leon Frye, garantir que o homem faça o trabalho dele – ou melhor: que a *equipe* de Leon faça o trabalho dele –, postando nas redes sociais dos diversos competidores ao longo das próximas semanas, mantendo as contas ativas, só para garantir. Linda não consegue acreditar que algo será feito, que nem um único “só para garantir” seja feito, a menos que ela mesma o faça.

Mas, justiça seja feita, Linda não faz a menor ideia de como o aplicativo desenvolvido por Leon, instalado nos celulares dos competidores, permite a ele que se faça passar pelos participantes, em todas as redes sociais. Na verdade, Linda nem sabe o que é um aplicativo. Mas, pelo menos, a família Frye deu um jeito de contribuir *com algo* para que as últimas duas temporadas ocorressem sem incidentes.

Linda aproxima o *walkie-talkie* da boca.

– Que foi?

– Três deles estão se aproximando da cerca – urra Chuck, de seu aparelho. Está no alto da torre Mary, que tem esse nome em homenagem à bisavó dele.

– Quais três? – pergunta Linda, mas não faz muita diferença. Ter curiosidade lhe parece macabro, mas isso não contém seu impulso natural de querer saber. Quem ainda está vivo?

– Não lembro os nomes – urra Chuck, e ele parece bravo. Como quer assumir o controle se nem mesmo se digna a saber o nome ou reconhecer a cara das pessoas? Que privilégio não ter que carregar esse peso. Que privilégio ter o sobrenome Callas, mas deixar que a família Nicely continue fazendo tudo que realmente dá trabalho.

Só que Linda é forte. Ela se preocupa a ponto de saber cada um dos nomes, de tomar conhecimento de cada um dos sacrifícios. Ergue o queixo, com orgulho, sabendo que faz bem ao nome da família Nicely.

– Bom, atira neles quando se aproximarem muito. Mas só nos braços ou nas pernas.

– Certo. – Chuck conhece as regras. Todos conhecem. Mas, quando perguntam para Linda o que fazer, têm a sensação de que a decisão foi dela, não deles. Estão apenas obedecendo ordens. *Fracos*.

Linda fecha a porta de vidro da cristaleira e vai até a cozinha, fazer um chá. Está quase na hora da sua novela. Resolveu, finalmente, não se preocupar mais com o livro perdido. Não é culpa dela que Susan o levou para o parque, quando Linda deu um jeito em Susan. E, além do mais, a essa altura, é só um documento histórico. Não precisam dele. A temporada vem e a temporada vai, como um relógio, não importa o que aconteça. Só precisam estar preparados. E, graças a Linda, sempre estão.

Ao contrário de Christian, Brandon reconhece imediatamente o rumor da cerca eletrificada e ergue a mão. Os três param de repente, quando o primeiro tiro acerta a árvore bem ao lado de Mack, fazendo voar lascas do tronco, estilhaços com aroma refrescante de floresta. Mack se abaixa e rola pelo chão até ficar atrás da árvore mais próxima. Brandon fica parado ali, olhando, em choque.

Ele sabe que aquele lugar é violento – não pode negar –, mas uma coisa é

ver um monstro e outra, bem diferente, é levar um tiro de um ser humano. Treze anos de treinamento contra massacres na escola, e Brandon só consegue pensar que ali não há porta para ser fechada. Não há carteiras para se esconder atrás delas. Não há professores para se colocarem entre ele e a bala.

LeGrand lhe dá um empurrão, e os dois vão para trás da árvore, junto com Mack.

– Será que vão nos matar agora? – pergunta Brandon, segurando as lágrimas.

– Estão tentando nos impedir de sair daqui. – LeGrand cresceu atrás de uma cerca que, segundo lhe disseram, impedia o mundo exterior de entrar. Mas, na verdade, era feita para impedi-los de sair. E, depois, impedir LeGrand de entrar.

Mack concorda. Seja lá quem estiver no comando daquilo, colocou todos ali dentro e não vai permitir que saiam antes da hora. Ela fica de pé, tirando as lascas de madeira que penetraram em seu rosto e deixam minúsculas manchas de sangue quando são arrancadas.

Os três amigos se afastam da cerca com todo o cuidado, esgueirando-se por trás das árvores. Uma hora, encontram uma trilha que leva para o interior do parque. Mack sai de baixo das árvores, esperando um tiro. Nada acontece. Como não estão mais tentando sair, ninguém precisa fazer nada para impedi-los.

– A cerca é eletrificada, com certeza. – As mãos de Brandon se repuxam, como se ele também tivesse uma corrente elétrica passando pelo corpo, enchendo-o de energia. – Tem um monte de fazendas onde eu moro.

– Então a gente precisa descobrir outro jeito de tirar LeGrand daqui – diz Mack.

– E se ele vencer? – pergunta Brandon.

– Acho que não vai ter vencedor. – LeGrand não fala isso com um tom exagerado de preocupação, mas tampouco fala de modo rude. Está sendo gentil com Brandon, assim como Ava foi com ele.

Ava. Ava, Ava, Ava. Mack anda a esmo pela trilha, embrenha-se no parque.

Brandon está desesperado e vai falando mais alto.

– Não, eles falaram. Vai ter um vencedor. O vencedor pode sair do parque. Então, vamos dar um jeito de LeGrand vencer. É assim que vamos conseguir sair. Certo, Mack? Certo?

Mack faz que sim com a cabeça. Talvez, haja mesmo um vencedor. E Linda omitiu o preço permanente a pagar por ser eliminado.

Ava.

Ela quer ver Ava de novo.

Mack esfrega os olhos, cheios de remelas de exaustão ou estilhaços de árvore, ela não sabe ao certo, nem quer saber.

– Então, vamos dar um jeito de LeGrand vencer e, nesse meio-tempo, vamos tentar encontrar uma saída.

– Não, uma coisa de cada vez – diz Brandon, olhando em volta, distraído, como se estivesse vendo tudo aquilo pela primeira vez. Com os olhos arregalados de maravilhamento ou de horror, absorve as árvores altíssimas, o mato que se alastra, os destroços enferrujados de um carrinho de montanha-russa infantil atirado, sozinho e abandonado, no meio do caminho, adiante deles. – Primeiro vamos encontrar Jaden.

– Sei onde ele está. – LeGrand dá as costas e vai andando por outra trilha.

– Conta mais da sua irmã – diz Brandon, que está distante e distraído, mas mantém o passo.

– Ela é... ela... – LeGrand tem dificuldade de encontrar as palavras. Almera não teve oxigênio suficiente no parto e, como sua mãe não podia ir para o hospital e foi ajudada apenas pelas outras esposas, Almera quase morreu. LeGrand ouviu, certa vez, uma tia cochichar que Almera deveria ser completamente saudável, e pensar nisso o deixa triste. Triste por quem Almera poderia ter sido, se seu pai tivesse permitido cuidados médicos de verdade. E triste por imaginar isso, como se estivesse traindo quem Almera é, o maravilhoso raio de sol e de felicidade que ela é, por desejar que Almera pudesse ser outra pessoa.

Todos disseram para a mãe dele, disseram para ele, que Almera era uma menina de sorte. Incapaz de pecar. Que iria direto para o mais alto patamar de glória. Ignoravam quem Almera era no plano terreno, concentrando-se em quem ela seria depois.

Mas, no plano terreno, Almera é uma menina que sofre e não pode fazer

nada contra isso sozinha. No plano terreno, Almera é uma menina que sofre, não pode fazer nada contra isso sozinha e está presa dentro de um complexo onde ninguém vai ajudá-la tampouco, porque sua salvação já está garantida. Então, que importância tem sofrer um pouco nesse meio-tempo?

Se a salvação de Almera já está garantida, por que ela precisa sofrer para seguir as regras do pai de ambos, o profeta?

– Ela gosta de amarelo e de bolhas de sabão – repete LeGrand. – Ela tem treze anos. Não anda nem fala. – De que outra maneira LeGrand poderia resumir a única pessoa na vida que o amou, com certeza? – Ela não é muito pesada. Vocês vão conseguir carregá-la. Entrem no complexo à noite. A casa da minha mãe fica em um canto do terreno, na direção sudeste. Pulem o muro ali. Vocês vão saber que estão na casa certa porque tem um carrinho de mão na horta, com espumas dentro, para levar Almera para lá e para cá. O barracão das armas fica bem perto, e vocês podem pegar algumas delas antes de entrar na casa.

Brandon quase tropeça, mas Mack balança a cabeça. E, em seguida, completa:

– Só que é você quem vai buscar a sua irmã. – Mack quer que LeGrand saiba que ela está ouvindo, mas que não tem nenhuma intenção de fazer nada daquilo. LeGrand é quem vai fazer. Ela vai se encarregar disso.

– Eu vou buscar a minha irmã – repete LeGrand, baixinho. Então muda de rumo, segue por uma bifurcação da trilha, de forma aparentemente aleatória.

– Como você sabe onde Jaden está? – pergunta Mack.

– Pela direção de onde a outra Ava veio.

Mack sente uma pontada de culpa e de tristeza. Não se abalou nem um pouco com a morte de Ava bonita, porque LeGrand tem razão: ela era a *outra* Ava. Não a Ava que importava.

Todas essas pessoas presas ali, juntas, e nenhuma delas importava para Mack. Ela tentou não decorar os nomes. Tratou algumas como se fossem inimigas, quando, na verdade, todas estavam apenas tentando vencer. Agora estão mortas. Logo Mack também estará, e ninguém vai se lembrar de seu nome. E tudo bem. É isso que ela merece, é isso que mais ou menos esperava e queria da vida. Desaparecer. Mack torcia para desaparecer

enquanto ainda estivesse viva, mas algo em tudo aquilo lhe parece inevitável. O fim de uma brincadeira que começou há tantos anos, quando roubou o esconderijo de Maddie.

Ela estava predestinada a ser encontrada por algo terrível.

LeGrand põe a mão no seu braço e a leva até um minúsculo trecho da trilha, uma bifurcação do caminho que estavam seguindo. LeGrand vai se lembrar de Mack. E vai se lembrar de Ava também. Vai se lembrar de todos, disse Mack tem certeza. E Brandon também vai se lembrar.

– Ela fugiu dessa direção? – pergunta Brandon, olhando para cima, para um ponto entre os galhos onde o sol se espicha na direção deles. Uma cabeça de palhaço enorme, que um dia foi pintada com cores vivas, mas agora está lascada, enlameada e sem nariz, lança um olhar de soslaio para eles, com a boca escancarada, fazendo um convite desconcertante.

– Um brinquedo – responde LeGrand. – Eu vi Jaden se esconder lá no primeiro dia. É um bom esconderijo.

– Que tipo de brinquedo? – pergunta Mack.

LeGrand dá de ombros.

– Sei lá. Nunca estive em um lugar como esse.

– Ninguém nunca esteve em um lugar como esse. – Brandon dá risada. É uma risada estraçalhada, escancarada, um convite, como o que o palhaço atrás deles fez, para explorar a escuridão que há lá dentro. – Sempre quis ir à Disneylândia. Ou ao Lagoon, em Utah. Vocês já foram? Só que meu pai nunca me levou quando vinha me visitar. A gente só pescava, uma vez por ano. Às vezes, nem isso. Será que ele é parente do Ray?

– Que Ray? – pergunta Mack. Ela não está acompanhando o raciocínio de Brandon. Talvez não haja nada para acompanhar: o raciocínio saiu dos trilhos, feito um trem desgovernado, como os pensamentos da própria Mack.

– Ray, da lanchonete. O sobrenome dele é Callas. Que nem o do meu pai. Achei que era uma coincidência engraçada, mas ele não quis comentar o assunto. – Brandon diminui o passo e para diante dos trilhos de uma montanha-russa em miniatura. Há vários carrinhos com formato de inseto enfileirados, esperando para dar a partida. Todos carregam décadas de estações do ano, camadas de folhas que vão do verde ao marrom até chegar

a um pó fino, no fundo, uma água turva, um lodo, na altura em que os pezinhos das crianças ficariam balançando.

Brandon enfia as mãos nos bolsos e continua andando até alcançar LeGrand. Seu raciocínio continua desgovernado, descendo o morro a toda velocidade, o motor em chamas.

– Jaden provocou a morte dela. De Ava. Das duas Avas, na verdade. E de Sydney também.

– Ele não sabia. – Mack gostaria de poder pôr a culpa em Jaden, mas ele achava que aquilo era uma competição. Estava competindo.

Mas, até aí, Mack sabia. Assim como sabia que a brincadeira de esconde-esconde do pai envolvia consequências mais graves do que simplesmente vencer ou perder, quando roubou o esconderijo de Maddie. Dava para sentir na voz dele. Mack podia até ter esquecido a risada da mãe, mas não tinha esquecido a voz do pai naquela noite.

As pessoas fingem que não há nada de errado, mesmo quando podem sentir a verdade, porque têm tanto medo do que significa olhar bem para o horror, olhar bem para o errado, encarar a verdade em toda a sua terrível glória. Como criancinhas, brincando de esconde-esconde. Se não conseguem ver o monstro, o monstro não pode pegá-las. Mas ele pode. Sempre pode. E, enquanto não há ninguém olhando, o monstro devora todos à sua volta.

Então. Mack sabia, naquela ocasião, assim como sabia nesta. E, se Mack tem culpa da morte da irmã, então Jaden tem culpa da morte de, pelo menos, três mulheres ali.

E Mack *tem* culpa, não tem?

– Aqui – diz LeGrand. Já andaram bastante. Estão longe da cerca, longe da arma que ficou à espreita. Será que há guardas por toda a cerca? Tem que haver. A probabilidade de haver um guarda vigiando exatamente no ponto onde eles surgiram é pequena demais. LeGrand fica imaginando como vão fazer para escapar, por que estão perdendo tempo com Jaden. Mas, se Mack quer procurar Ava, e Brandon quer encontrar Jaden, quem é ele para discutir?

Os três olham para cima, para o esqueleto da atração até a qual LeGrand os guiou. As correntes dos balanços pendem, pesadas, nada se mexe, nada

balança. Talvez isso seja o mais desconcertante. Uma atração que foi construída para se movimentar, para trazer alegria, enferrujada e dilapidada, até emperrar.

– Ele está lá em cima? – Brandon ergue a cabeça, aperta os olhos. – Como?

– Subiu pelas correntes. – LeGrand também fica olhando para cima. Sabe subir em árvores muito bem, mas aquilo requer uma habilidade muito diferente. Mack, com certeza, não consegue. Não é nada parecido com trepar no aquecedor de água e ir subindo até as vigas. Brandon agarra uma das correntes, e o brinquedo inteiro se sacode e solta guinchos metálicos conforme ele sobe cerca de um metro, solta a corrente e pula de novo no chão.

– Então, esperamos anoitecer? Até ele descer? – pergunta LeGrand. – *Precisamos* esperar por ele? – Estão perdendo tempo, e LeGrand não quer ser indelicado, não quer pressioná-los, mas só têm esse dia e essa noite antes que a manhã venha e comece tudo de novo.

– Não – responde Brandon, e há um tom estranho e novo em sua voz, uma espécie de ausência de sentimentos meio sonhadora. Talvez, o trem desgovernado de seu raciocínio tenha, finalmente, parado. – Não, não podemos esperar.

O pai de Brandon tinha outra família.

Como vovó acreditava em falar a verdade, nunca mentiu para Brandon. A mãe dele era uma adolescente que tinha largado os estudos, e o pai sempre a visitava quando estava na região, a negócios. Quando a mãe de Brandon ficou grávida, o pai do garoto insistiu para que ela tivesse a criança. A mãe de Brandon achou, claro, que isso queria dizer que aquele homem a amava e queria formar uma família com ela. Vovó não concordava. Sabia que homens como aquele não formavam família com garotas como a filha dela.

Mas a mãe de Brandon encarou a situação como um recomeço. O início de uma nova vida. Então, teve a criança e arrumou um emprego no posto de gasolina local, um jeito de passar o tempo até que seu verdadeiro amor largasse a outra família e viesse morar com eles.

O pai de Brandon nunca veio, claro. Mas dava notícias, perguntava como

estavam, entrava em contato, aparecia, só o suficiente para que a mãe do garoto jamais investisse em outro relacionamento, jamais abrisse mão da esperança de ficar com ele.

Brandon tinha seis anos quando a mãe morreu. Ele seguiu os passos e manteve o espírito de espera infinita da mãe. O pai vinha uma vez por ano, passava um dia com ele, sumia de novo. Brandon vivia para essas visitas.

Mas, entre uma visita e outra, ele tinha a vovó. Uma mulher boa, pragmática, criada em uma fazenda, contundente como as ferramentas que usava para ajudar a família, rachando a terra dura e arrancando batatas.

Quando Brandon tinha doze anos, logo depois de o pai largá-lo na porta da avó após passar o dia pescando com ele, e como Brandon estava arrasado, porque sabia que demoraria pelo menos um ano até poder passar as próximas poucas horas radiantes e iluminadas com o pai, vovó lhe deu um tapinha no ombro.

– Ele não te ama – disse, muito franca. – E tampouco amava sua mãe, e eu não quero que você passe a vida inteira esperando por algo que ele não tem a oferecer. Para homens assim, as pessoas são coisas. É por isso que seu pai é capaz de pegar você e trazer de volta com a mesma facilidade. Mas você não é uma coisa, Brandon. Você é maravilhoso. E, se seu pai não é capaz de enxergar isso, *ele* é que tem um defeito. Não você. Jamais se esqueça disso.

Doeu ouvir as palavras da vovó. Brandon saiu correndo e chorou sozinho no quarto. Mas, depois de chorar, sentiu-se... aliviado. Como se alguém tivesse tirado um peso de seus ombros. Não precisava mais tentar fazer o pai ficar, não precisava mais tentar conquistar o amor dele, porque não era possível.

Então Brandon continuou indo para a escola, tirando notas baixas, porque seu cérebro não funcionava direito para as coisas da escola. Ficou com o antigo emprego da mãe no posto de gasolina, e assistia tevê com a vovó à noite, e tudo bem, sério, porque ele não precisava fazer nada para conquistar o amor da vovó. Simplesmente o tinha. Mesmo depois que ela morreu, Brandon tinha a lembrança desse amor, pelo menos. Mas isso não bastava. Então, quando recebeu uma ligação do pai, não pôde evitar sentir aquela velha sedução da felicidade, aquele velha pontada de esperança.

Esse anzol caiu na água, fisingando Brandon.

E, por causa daquele telefonema, Brandon sabe de algo que LeGrand, Mack e Jaden não sabem.

Brandon sabe *exatamente* de onde veio o convite para participar da competição.

Brandon compreende que Jaden não é seu pai. Óbvio que, de certa forma, isso é bem claro. Mas Jaden provocou a morte de outras pessoas. De Sydney, talvez de Rebecca e, com certeza, de Ava bonita e da Ava amiga de Brandon.

Da Ava amiga de Brandon, que o amava. E Jaden vai permitir que Mack e LeGrand também morram, e não vai estar nem aí. Porque, para Jaden, todos eles são apenas coisas.

Brandon se sente uma *coisa* pela primeira vez na vida, como se vovó estivesse errada quando negou aquilo, há tantos anos. Brandon é uma coisa a ser usada e descartada, e é isso. Aquela é sua última morada, o lixão onde as coisas indesejadas são descartadas. Está preso ali com o demônio, seus amigos estão morrendo, e ele não pode... ele não pode... Ele não pode.

Ele não pode.

E aí Brandon pula, se agarra a uma das correntes e sobe.

Sobe por Ava. Por Mack e LeGrand. Pelos próprios sonhos de ter com quem dividir a casa e comer *pizza*, de uma vida em comum. E, inexplicavelmente, o frentista mais gentil de Pocatello, Idaho, que nunca pôs os pés em uma academia, consegue subir pela corrente até chegar ao topo do brinquedo. Brandon tem dificuldade para se segurar e, ao contrário de uma pessoa normal, que ficaria apavorada, com medo de cair, Brandon fica calmo, até que encontra uma borda na plataforma circular, logo acima dele. É só o que precisa para conseguir levantar a perna e rolar o corpo para o alto do chapéu mexicano.

– Que porra é essa? – dispara Jaden, que está encolhido, em posição fetal, no meio da plataforma, suando, queimado de sol e perfeitamente fora de perigo. Ele fica de quatro, com o rosto vermelho e contorcido de fúria.

– Você matou as duas. – Brandon vira a cabeça de lado, olha bem para Jaden. Só que não o vê direito. Vê um sorriso branco, um gole de cerveja, uma sedução jogada na água, feito um anzol.

– Do que você está falando? Por que está aqui? Esse esconderijo é meu! – Jaden tem dificuldade de estufar o peito para parecer ameaçador, sem ficar de pé. Está em uma posição meio agachada, meio sem jeito, equilibra-se nos calcanhares.

Brandon olha para cima. Ali, no alto, estão acima das árvores que os cercam, e não há mais nada além do céu. De um azul límpido, tão azul que faz seus olhos lacrimejarem e tudo ficar borrado. É um belo azul. Um bom azul. Um azul honesto.

Fecha os olhos para bloquear a claridade. Existem monstros, monstros de verdade, nesse mundo. Seus amigos estão morrendo. Todos vão morrer. E seu pai sabia, disso ele tem certeza. E, quando Mack e LeGrand morrerem, não restará mais ninguém no mundo que se importe com ele. Mas, se um de seus amigos vencer, de certo modo, Brandon também vai vencer, não é mesmo?

Dar um jeito para que um dos amigos vença é o mínimo que ele pode fazer. É a única coisa que pode fazer. A única coisa que faz sentido naquela realidade absolutamente distorcida.

– Você matou as duas – repete Brandon, sem abrir os olhos. – Tem um monstro andando por aí. E você provocou a morte das duas Avas.

– Não seja cuzão – debocha Jaden, dando risada. – Foi aquela vagabunda que pediu para você fazer isso? Escuta, é só uma competição e, se elas foram eliminadas, então...

Brandon agarra o tornozelo de Jaden. O outro rapaz perde o equilíbrio e, quando ele vacila, Brandon rola, usando o impulso do corpo de Jaden para atirá-lo lá embaixo, ao lado da plataforma.

– Um – grita Brandon, para os seus amigos, que estão lá em baixo.

Duas pessoas são eliminadas por dia. Então, duas pessoas precisam ser eliminadas amanhã, e não serão Mack e LeGrand. Brandon tem isso a oferecer para os dois. Porque Brandon não é só uma coisa. Nenhum deles é. Brandon é uma pessoa, como a vovó lhe ensinou a ser. Uma pessoa boa e um bom amigo. Não quer viver em um mundo onde ele é uma coisa nem um mau amigo, nem em um mundo onde monstros são reais.

Brandon fica de pé, respira fundo. Vai até a beirada e olha para baixo. Mack e LeGrand estão acenando e gritando. Ele também acena e então dá

uma última e longa olhada para o azul perfeito do céu.

– *Dois* – fala, alto, para os amigos ouvirem. E pula da plataforma.

Mack olha para aquele amontoado. Ela acha insensível, de sua parte, pensar em duas pessoas – uma de quem gostava, outra de quem não gostava – como um amontoado, mas é o único jeito de descrever. Talvez haja algo de errado com Mack também, mas ela não desvia o olhar. Acha importante testemunhar aquilo.

Brandon está obviamente morto. Seu corpo virou durante a queda, o pescoço quebrou com o impacto. Mack não consegue entender por que ele fez isso.

– Dois por dia – diz LeGrand, resolvendo o mistério. Ele não está olhando para o amontoado, mas para as árvores, vigilante.

– Brandon quer ter certeza de que vai ser fácil encontrá-los. – Mack finalmente fecha os olhos, bloqueando a imagem do olhar vazio de Brandon. – Está nos dando um dia a mais. – Mack sabe que está falando de Brandon no presente, como se ele já não estivesse no passado, para sempre. Mas é melhor pensar em Brandon assim, como se ainda estivesse participando da competição, ainda estivesse jogando com os amigos, ainda fosse o mesmo cara fofo que convidou três desconhecidos para morar com ele só porque tinha uma casa própria, porque *podia* ajudar.

E, agora, também deu um jeito de ajudar. Mack não pediria isso para Brandon. E jamais faria algo assim. Ela sabe que a morte está vindo buscá-la, tem certeza disso. Já passou da hora. Mas Mack vai deixar a morte encontrá-la, não vai correr ao encontro dela.

Além do mais, ainda tem que descobrir um jeito de LeGrand vencer. Agora, graças a Brandon, tem mais um dia para fazer isso.

Um som gorgolejante terrível a obriga a abrir os olhos, e ela se vira para o amontoado de ossos, pele queimada e sangue que um dia foi Jaden. Ainda é Jaden. Ele não está morto. Os dedos dele se retorcem, ele arranha o chão, seu objetivo não é claro. Bolhas sangrentas saem de sua boca, e Mack tem certeza de que isso significa algo em termos médicos, mas não faz ideia do que seja.

– Droga – sussurra Mack. Porque Jaden provocou a morte de sua Ava,

mas sem saber. Não a fundo. E, mesmo que soubesse, ela acha que aquilo é algo mais cruel do que o universo deveria permitir que acontecesse. Nesse estado, provavelmente Jaden não vai sobreviver nem até amanhã. Não há esperança de que chegue alguma ajuda, não há um resgate em potencial. A possibilidade de cuidados médicos. Mesmo que houvesse, Mack acha que não adiantaria nada.

Ela olha para LeGrand, que está igualmente horrorizado. Jaden começou a gemer, em um tom grave, um refrão agonizante.

Mack sabe que, se falar em voz alta, estará pedindo permissão. E não deveria obrigar LeGrand a ser seu cúmplice. Ele tem direito de escapar, afinal de contas, e salvar a vida da irmã. Precisarás estar inteiro para isso. Mack não precisa estar inteira e, além do mais, será que um dia chegou a ser?

Ela procura uma pedra grande no chão. A área em que estão é repleta de pedras pequenas e de entulho que não dá para identificar, mas nada tão pesado quanto Mack precisa. Provavelmente, vai ter que encontrar um pedaço de muro caído. Pegar um pedaço bem grande.

– Vai para o meio das árvores – diz para LeGrand. – Eu já vou.

– Mack – diz LeGrand.

Mack não quer discutir com LeGrand. Aquele é o único gesto de bondade que ela tem a oferecer para Jaden, o único...

– Mack! – Desta vez, a voz de LeGrand tem um tom de alerta silencioso, uma espécie de medo que a faz ficar completamente parada.

E é aí que ela ouve. As pisadas leves e sutis de algo que se aproxima, os ruídos longos e lentos de algo respirando profundamente. De algo farejando. LeGrand se afasta, funde-se com as árvores, e Mack olha para Jaden, que está sofrendo. E aí dá um passo para trás, mais um, mais outro, com os olhos fixos na trilha que os levou até ali.

A calçada murada faz uma curva fechada, omitindo sua distância de Mack. Mas os ruídos estão se aproximando, e ela se pergunta como pôde chegar a atribuí-los a uma pessoa, ou até mesmo a um animal. Mack dá mais um passo para trás.

Mais um.

Mais outro.

Deveria estar correndo, mas não consegue reunir forças para fazer mais do que retroceder, se esgueirando em sincronia com o farfalhar de passos que ouve, cada vez mais perto. Um passo para a frente, um passo para trás, uma coreografia cautelosa.

E então seu par naquela dança é revelado.

– Oh – suspira Mack, porque, assim que enxerga o que está se aproximando, se dá conta do que esperava que fosse revelado. Esperava uma pessoa. Mas não qualquer pessoa. Lá no fundo, esperava ver o pai fazendo aquela curva, com a faca na mão, os lábios finos apertados, formando uma linha sinistra, os olhos vazios e sem emoção, finalmente diante dela, para pôr fim à sua vida.

E é por isso que Mack não consegue entender direito o que, de fato, está encarando.

Ela fica imóvel, observando, enquanto aquilo segue em frente, virando a cabeça de um lado para o outro, enquanto aquele farejar chiado continua, enquanto aquele focinho largo e chato continua procurando, com as duas narinas em forma de lágrimas bem abertas. Acima disso, onde, talvez, um dia existissem olhos, há uma colcha de retalhos que eclode de cicatrizes mal fechadas, em tons de rosa e cinza, uma história de violência.

Também há violência nas mãos da coisa, quase humanas, mas grandes demais. Cada dedo é um instrumento grosso e contundente, que se afila perto das garras, que são pontiagudas, quebradas, com uma casca de sangue seco.

É do sangue que Mack não consegue tirar os olhos. É aquilo que sobrou de Ava, de *sua* Ava, que está secando e formando aquela casca, soltando lascas, nas pontas das mãos do monstro?

A coisa para, vira a cabeça para o lado. Expande mais as narinas e respira fundo, bem fundo. Os olhos de Mack se erguem até os chifres enormes que brotam da cabeça da coisa, cinco chifres, quase elegantes, em comparação ao restante. Cinzentos na base, no ponto onde brotam da cabeça, então se curvam para trás, em direção uns aos outros, e vão se afilando até formar as pontas brancas, que quase se encontram em um mesmo ponto, uns quarenta e cinco centímetros acima do crânio.

“Marfim”, pensa Mack, lembrando-se de um programa que ela e Maddie

assistiram, sobre caçadores de elefantes. O programa fez ambas caírem no choro, darem soluços desesperados e ranhentos, tanto que a mãe entrou correndo e desligou a tevê, ralhando com as duas. Mack nunca conseguiu entender por que a mãe achou ruim ela estar triste por causa da crueldade do mundo.

Talvez, já naquele momento, a mãe das duas soubesse qual seria seu destino, qual seria o destino das duas filhas, e estivesse apenas tentando poupá-las, pelo máximo de tempo possível. Mentindo para elas a respeito das coisas que o mundo permite que aconteçam. Mas nem essa proteção, nem mesmo o próprio corpo da mãe, foi uma represa suficiente para conter a violência que estava por vir.

Uma perna com casco desliza para a frente. Um longo fio de baba cai, em câmera lenta, da boca do monstro, até alcançar os pelos emaranhados e imundos de seu peito.

Uma mão agarra o ombro de Mack e a arrasta para trás. O monstro, que entrou em ação de repente, vai para cima dela, com uma velocidade surpreendente. Mas para quando chega aos restos mortais ofegantes de Jaden, deixados ali para a criatura, por Brandon.

Os movimentos da coisa são estranhamente delicados, fluidos e controlados. Estica os braços, pega o corpo alquebrado de Jaden e, em seguida, o leva até a boca.

Mack quase consegue enxergar – naquela boca, naquela bocarra escancarada, não há dentes, há...

LeGrand a puxa com força, e Mack quase cai no chão. É o que basta para arrancá-la de seu delírio. Ela recupera o equilíbrio, sai correndo pelo meio do mato, pula por cima de árvores caídas, guiada por LeGrand, deixando para trás aqueles sons de morte.

Mack entende, agora, por que Brandon decidiu pular. Sabe que deve a própria vida ao fato de Jaden ter caído entre ela e o monstro.

Mas...

– Três. – Mack agarra o braço de LeGrand. Sabe onde estão e aponta para a treliça dos carrinhos de bate-bate. Lá em cima, vão poder ver e ouvir o que está vindo pegá-los.

LeGrand assente, com uma expressão de pesar.

“Três.” Isso significa a segurança dos dois, a ideia de que eram só duas pessoas por dia era enganosa. A coisa poderia vir – e provavelmente viria – atrás deles logo mais. Talvez só estivesse pegando duas pessoas por dia porque só conseguia encontrar isso.

– Quatro – corrige LeGrand, baixinho. Porque, com certeza, o monstro não iria parar em Jaden.

Mack fica ferozmente feliz por Brandon já estar morto. Ele sabia que aquilo viria pegá-los, e escolheu como iria partir desse mundo. Mack também está fazendo essa escolha. Vai tirar LeGrand dali e depois vai até seu primeiro esconderijo – onde Ava dormiu encostada nela, onde Ava confiou nela, onde ela se lembrou de Maddie e de seu pato de lã ridículo –, vai se sentar no chão e esperar.

– Ali – Mack aponta de novo. A treliça está logo adiante. LeGrand sobe primeiro e depois ajuda Mack a subir. Os dois ficam deitados, com o rosto espremido contra o mato, o coração disparado.

Então agora Mack viu a coisa. Sabe o que está à espreita. Não faz mais sentido do que fazia antes, mas pelo menos ela pode superar o temor – o medo do desconhecido – e sentir pavor – o medo do conhecido. O pavor é quase um consolo a esta altura, um amigo de longa data.

– Vamos esperar até escurecer – sussurra Mack. – E aí vamos até a cerca.

– Mas e a eletricidade? E os guardas?

– Talvez você consiga achar uma árvore mais alta do que a cerca e subir nela. Vou distrair os guardas.

É um plano nebuloso, e Mack sente, bem lá no fundo, que é um plano inútil, mas precisa ter um objetivo, precisa ter um foco, precisa ter algo em que pensar que não seja o fato de aquele rosto sem olhos ter sido a última coisa que Ava viu. Que aquelas garras foram a última coisa que Ava sentiu.

– Você vai sair daqui – sussurra ela.

LeGrand assente, e o mato treme debaixo dele.

– Nós dois podemos sair daqui.

Mas Mack sabe que não pode. Estava predestinada a não sair dali, desde o início. Isso a acalenta, e ela sente seu coração se acalmando, diminuindo o ritmo, e algo que parece paz toma conta de seu corpo.

Os dois vão esperar anoitecer, LeGrand vai escapar, e Mack, até que

enfim, vai ter o mesmo destino das únicas pessoas que amou na vida. A morte virá buscá-la e, finalmente, ela não vai ser deixada para trás, não vai ficar escondida sozinha, no escuro.

A presença de LeGrand ao lado de Mack é tão diferente da presença de Ava. O corpo de Ava, sabe-se lá como, era tanto bem conhecido quanto uma descoberta emocionante, fonte de consolo e de empolgação ao mesmo tempo. LeGrand apenas... ocupa o espaço.

É fim de tarde, e Mack sente o sol, que se arrasta lentamente, em sua alma. A espera é apavorante, e o fato de a espera ser *chata* parece ainda mais cruel, de certa forma. O pavor não deveria ser chato, não deveria ser uma luta que se arrasta ao longo de infinitas horas desocupadas. Deveria ser agudo, rápido e definitivo.

Talvez, Maddie tenha sido mesmo a mais sortuda das duas. O pavor dela terminou rápido. Mack tem vivido com ele há tantos anos, mas está quase chegando ao fim. Agora quase terminou.

LeGrand segura o braço dela, e a força de seus dedos é um alerta. Não precisava alertá-la. Mack também está ouvindo.

Os dois grudam o rosto na treliça, encontrando um vão por onde podem olhar, mas não estão tão perto da borda. Na verdade, só conseguem enxergar diretamente para baixo, para o cimento rachado e esburacado do chão. Seja lá o que está vindo pegá-los, está se aproximando. Não se satisfaz com quatro no mesmo dia, portanto. Talvez o monstro também queira terminar logo com aquilo. Mack não o condena.

– Vamos voltar para o chão – sussurra Mack. – Vou distrair essa coisa, e você sai correndo.

Os olhos azuis e marejados de LeGrand não são marcantes nem bonitos: olhos sem graça, em um rosto sem graça, que Mack torce para que possam ver a irmã dele novamente, que estão apertados, como se LeGrand estivesse pensando em discordar.

– Almera – Mack o faz lembrar. LeGrand cede, balança a cabeça uma única vez.

Um som de folhas esmagadas sinaliza que o monstro está perto.

– No três – sussurra Mack, surpresa com a própria calma, com o bater

firme do próprio coração. Um sorriso se esboça em seu rosto, e ela sabe que isso é ridículo, mas não consegue contê-lo. “Podem sair que eu vou pegar todo mundo”, e não é a vitória que ela esperava nem a liberdade pela qual torcia, mas será que não é uma espécie de liberdade, mesmo assim? – Um... dois... três. – Mack rola e fica perto da borda da treliça, segura-se nela para não cair e pula no chão em seguida. Os tornozelos protestam ao absorver o impacto, mas Mack não precisará deles por muito tempo. LeGrand cai com tudo ao lado dela e corre sem parar. Mack se vira para cumprimentar seu destino.

O passo que ia dar fica congelado. Seus olhos se fixam no rifle. Ela não consegue se obrigar a olhar para o rosto, não consegue aceitar.

– Você morreu – sussurra Mack.

Com os olhos fixos em Mack, Ava tem vontade de contar o que aconteceu nas últimas horas. Vontade de explicar. Mas só consegue lembrar, porque mesmo lembrar levanta tantas questões, que ela não sabe como traduzir em palavras.

A morte veio buscar Ava, incognoscível, invisível, um mistério, e um que cheira mal.

Enquanto a outra Ava foi consumida até não sobrar nada, Ava soltou gritos, de desafio e de raiva, pelo fato de isso ter que acontecer agora, bem quando ela tinha motivos para ter esperança de novo, bem quando encontrou algo com o qual se importava nessa droga de mundo.

Ava balançou o cano e não encostou em nada.

Girando-o loucamente em círculos, perdendo o equilíbrio de tanto desespero, ela golpeou, golpeou, e só atingiu o ar.

No exército, aprendeu a transformar o mecanismo de luta ou fuga em um mecanismo de luta ou luta. Só que até Ava, tão bem treinada, sabia que, desta vez, a única opção era fugir. Virou as costas para aquela coisa que comeu Ava Dois e saiu correndo, na direção contrária. A perna, que não foi feita para correr, gritava, mas ela conhecia os limites do próprio corpo melhor do que tudo, e podia ultrapassá-los.

Apesar de seus passos descompassados terem sido dolorosamente

ruidosos, Ava aguçou os ouvidos, prestou atenção nos barulhos de perseguição, nos pavorosos sons de respiração chiada, esperou ser atacada por aquele cheiro de podridão e de morte. Mas desviou do caminho perto da cerca e não ouviu mais nada. Não sentiu cheiro de mais nada. Agachou-se, escondeu-se no mato e recuperou o fôlego.

– Filhos da puta – soltou, ofegante. Tinha reparado que a cerca era feita de um material estranho na primeira noite, mas não ligou os pontos do motivo pelo qual era feita de tela. Conseguiu ouvir o zumbido da eletricidade, aquele discreto crepitar no ar. Isso também explicava as torres que avistava em intervalos regulares. Não eram um vestígio do velho parque. Eram algo novo. Torres de vigilância.

Precisava voltar até onde Mack, Brandon e LeGrand estavam. Para alertá-los. Esticou a perna na frente do corpo, desejando poder arrancar aquela coisa maldita. Desejando poder correr como costumava. Desejando um monte de coisas. Três minutos. Daria a si mesma três minutos para recuperar o fôlego e aí...

Ouviu um tiro sendo disparado, ali perto. Não estavam atirando nela, mas atirando em alguém não muito longe dali. Uma voz embargada e confusa pairou no ar. Brandon. Com toda a certeza, ele não sairia do esconderijo sem os demais. Ou seja: estavam se movimentando. Ava poderia encontrá-los.

Mas...

Havia alguém armado em algum ponto da cerca.

Ava fez um levantamento rápido do que estava ao seu alcance, do que poderia pegar, do que poderia usar. Delicadamente, silenciou o pânico que gritava em seus pensamentos e o enterrou, porque não iria ganhar nada com ele. Tinha uma missão a cumprir.

Mack não se atira nos braços de Ava. Não consegue acreditar no que – em quem – está vendo. Fica parada, observando, passando os olhos pelo rosto de Ava como se fossem dedos, tentando memorizar os contornos, as sardas, cicatrizes e rugas de um rosto que acreditava que tinha desaparecido para sempre. Sabe com que facilidade se esquece das coisas e se pergunta o que já teria esquecido durante aquelas poucas horas.

LeGrand está menos abalado emocionalmente.

– Você está viva – diz, saindo de sua rota de fuga abortada.

– É. Vamos nessa. – Ava pendura o rifle no ombro e entrega um saco cheio de patos de borracha para LeGrand.

– Não, precisamos nos esconder. – Mack se sente lerda e confusa, seu cérebro ainda não absorveu esse novo desenrolar dos acontecimentos, esse novo movimento tectônico em sua realidade. Por que Ava está carregando patos de borracha? – Até escurecer.

– A coisa está devorando mais do que duas pessoas por dia – completa LeGrand. E aí franze o cenho. – Ah, só que... não devorou você. Deve ser por isso que engoliu Jaden.

– Como você conseguiu escapar? – Mack está com cara de quem está vendo um fantasma. Não imaginou esse reencontro, nunca pensou na possibilidade de que algo que lhe foi roubado poderia ser devolvido e não sabe como processar essa informação. Outra pessoa talvez teria gritado, abraçado sua amada, sentido felicidade ou alívio.

Mack se sente anestesiada. Estava, finalmente, chegando ao fim, e agora... não sabe o que esperar. Tinha certeza de que ia vencer, depois teve certeza de que ia morrer, e talvez, em sua cabeça, as duas coisas tenham se tornado uma só.

Ava dá de ombros, repassa suas lembranças, relata o que aconteceu como se estivesse digitando aquilo depois do ocorrido, removendo sua participação e suas emoções. Substantivos, verbos, desprovidos de sentimentos.

– Alguma coisa comeu Ava Dois. Eu tentei bater nessa coisa com o cano, mas não acertei nada e, como não conseguia enxergar, eu...

– Você não conseguia enxergar a coisa? – pergunta LeGrand.

Ava inclina a cabeça, intrigada.

– Você conseguiu?

Mack faz que sim.

– Como assim? Por que eu não consigo enxergar? Como era essa coisa?

Mack agora entende por que Brandon não conseguia descrevê-la. Acaba dando de ombros também, ecoando o gesto de LeGrand. O monstro é um peso em seus ombros, uma ferida psíquica que, ela teme, jamais vai

cicatrizar.

Ava está frustrada, irritada porque os dois não estão ajudando, e está se sentindo estranhamente excluída. Mas está sem tempo. Não há tempo.

– Tudo bem. Não importa. Vocês podem me dizer o que atacar se dermos de cara com a coisa. Cadê Brandon? – Ava olha em volta, com uma expressão de expectativa. Ainda não estão fora de perigo, nem de longe, e ela não vai parar até estarem. Não vai *sentir* até estarem fora de perigo.

LeGrand sacode a cabeça.

Isso dói, apesar da determinação de Ava.

– Foi o monstro? – Ava também está preocupada agora. Talvez a coisa esteja mesmo comendo mais do que duas pessoas por dia e, nesse caso, esperar até anoitecer faz mais sentido.

– Não – responde Mack, que não se estende no assunto.

A raiva se assoma no coração de Ava. O que quer que tenha acontecido não precisava acontecer. Talvez, se ela tivesse voltado imediatamente para o local onde os três estavam. Mas, aí, não teriam uma arma, não teriam um plano. Ava tomou a decisão tática correta. O imbecil e querido do Brandon. Só precisava ter esperado. Todos só precisavam ter esperado e acreditado que Ava... que Ava o quê? Acreditado que Ava voltaria?

Nenhum dos quatro jamais foi recompensado por acreditar em algo. Ah, Brandon... Ava reúne a raiva e a tristeza e as enterra junto com o pânico e a dor. Agora não.

– Onde você encontrou essa arma? – pergunta LeGrand.

Ava está morrendo de vontade de sair correndo, precisa que todos se movimentem mais rápido, que andem *mais rápido*, mas não consegue exigir mais de si mesma ou de sua perna, além do que já fez. Começa a andar, e os demais a seguem.

– Na torre de vigilância. Me lembrei dos patos porque me escondi lá com Mack. – Ela se vira e pisca para Mack, tentando chamar a atenção dela. Precisa que todos estejam ali, presentes. – Já salvaram a minha vida duas vezes.

Pelo jeito, Mack está mal. Voltou a ser a Mack que se afastou, a Mack que os abandonou. Vazia. O que será que eles viram que Ava, sabe-se lá por quê, não viu? Mas esta Mack, pelo menos, anda perto dos dois, estende o

braço para Ava, para que Ava possa se apoiar nela e aliviar um pouco da pressão que sente no tornozelo e no joelho. Mack está bem ali, mas não está, e Ava não pode aguentar isso, não pode permitir que seu pelotão fique distraído, devaneando. Precisam se concentrar. Ela precisa tirá-los dali.

– Então... – diz, como se não estivesse com medo, para mostrar a eles que não faz diferença se cochicham ou falam alto, porque estão fora de perigo, ela está no controle, ela voltou, e eles vão ficar bem. – Encontrei um trecho da cerca que não é visível de nenhuma torre de vigilância. Provavelmente, acharam que só a eletricidade já estava bom o bastante. Fiz luvas de patinhos para mim. As botas já têm solado de borracha, graças ao meu clínico geral, o Doutor Marten – brinca, fazendo um trocadilho com o nome da marca de seus sapatos. – Subi na cerca, pulei para o outro lado e fui voltando, até uma das torres. Os guardas mudaram de turno há umas duas horas. O guarda novo ficou no chão, fumando por alguns minutos. Tem um gancho de direita dos bons. – Ava se encolhe de dor, sentindo um hematoma se formando no rosto. Não menciona o fato de ter sido socada por alguém que eles conhecem, o homem da lanchonete. Não aquele bem horrível. O outro. Não importa quem foi. – Ganhei a briga, peguei a arma dele e o rádio. Ninguém tentou entrar em contato ainda, mas é só uma questão de tempo até perceberem que o cara já era.

– Já era? – pergunta Mack.

– Era ele ou nós. Escolhi a gente.

E Mack se dá conta de que Ava *escolheu mesmo*. Ela já estava fora. Encarou a morte, a derrotou e escapou. Fora do parque, fora da cerca, livre, leve e solta. E aí subiu a cerca, voltou para o parque e os encontrou.

Mack se sente mais anestesiada do que nunca. Ava deveria ter continuado correndo.

– Por aí, não – avisa LeGrand, quando vê o caminho que Ava tomou. – Foi aí que deixamos Brandon e Jaden. – LeGrand não quer ir para lá de novo. Não porque tem medo de que o monstro ainda esteja à espreita, mas porque não quer ver o local em que tudo aconteceu, não quer pensar nisso.

Ava franze o cenho. Naquele parque maldito cheio de reviravoltas, é a rota mais direta até o trecho da cerca aonde precisam chegar.

– Não tem problema. Eles já eram, certo? – Não quer deixar nem

LeGrand nem Mack mais chateados do que já estão, mas não podem correr o risco de andar a esmo, saindo da rota, como aquelas calçadas querem que aconteça.

– É – responde Mack. Já era. Brandon já era. Será que poderia ter salvado a vida dele? Talvez, se soubesse que Ava iria voltar. Ou talvez, se ela é que tivesse ido atrás de Ava bonita, tivesse sido a mais corajosa das duas. Tem certeza de que Ava teria percebido o que estava acontecendo com Brandon, teria sido capaz de salvar a vida dele ou de convencê-lo a não pular.

Mack sacode a cabeça para tentar se livrar da lembrança do ruído – de todas aquelas partes do corpo, as duras e as moles, batendo no chão – e se concentra em caminhar, em servir de apoio para Ava. Tenta não pensar aonde estão indo nem no que farão quando chegarem lá. Ela se sente zozza, desorientada, estranhamente decepcionada. Como se tivessem lhe roubado a primeira decisão acertada que já tomou na vida.

– Ai, que merda – fala Ava, parando. Chegaram aos balanços.

Jaden já era, sim. Mas Brandon está ali, estirado, todo quebrado e imóvel, exatamente do mesmo jeito que estava quando o deixaram ali.

– A coisa não comeu ele. – LeGrand declara o óbvio, mas o óbvio é a única coisa que seu cérebro tem para se agarrar. Existe um monstro. Que não comeu Ava. Ava vai salvar a vida deles. O monstro comeu Jaden, mas deixou Brandon. Suicidas não têm o direito de viver com suas famílias no mais alto patamar de glória nem de estar com Jesus, é o que o seu cérebro lhe diz, mas ele ignora. Não é um fato. É o que lhe ensinaram, mas agora LeGrand sabe que ninguém que lhe ensinou sabe como o mundo realmente funciona. Ele acha que Jesus é parecido com Brandon, entenderia que Brandon tomou aquela decisão para salvar a vida dos outros. Os dois têm muito em comum, muito mesmo.

LeGrand fica aliviado, de várias maneiras, com o fato de Ava ter voltado. Porque, com Ava ao seu lado, ele tem uma chance verdadeira de escapar, sim, mas também de sequestrar a irmã. Salvá-la dos monstros, que são os homens que a mantêm prisioneira, deixando-a sofrer, quando todos poderiam ajudá-la, se quisessem. Se decidissem ajudá-la.

Ava significa que LeGrand vai sobreviver. Ava significa que Almera vai sobreviver. Ava é a soma de tudo que os élderes diziam que era perigoso, e

LeGrand entende, enfim, por que os élderes têm medo de pessoas como ela.

– Sinto muito – sussurra Ava, sem fechar os olhos de Brandon. A vista das árvores, lá em cima, é bonita, afinal de contas. Por que tirar isso dele? Os três continuam andando.

O dia está quente e úmido; o fim de tarde, pesado, com risco de chuva. Nuvens tomaram conta do céu azul de Brandon, acumulando-se rapidamente por causa da brisa, empilhando-se umas em cima das outras. O parque, com suas reviravoltas, obriga os três a irem na direção errada várias vezes. Mas, com o senso de direção de Ava e a habilidade de LeGrand de subir em árvores e reorientá-los, conseguem chegar ao trecho da cerca que Ava encontrou.

Ava levanta o punho cerrado e, apesar de Mack ser a única que assistiu programas de tevê o suficiente para saber que esse é o gesto do movimento *black power*, LeGrand entende por que Ava fica parada, tensa, pronta para atacar. Ela pega o rádio, uma espécie de *walkie-talkie*, e ouve. Mas não há ninguém mandando alertas, ninguém usando os aparelhos. Ninguém chamando Ray. Dentro do parque, Brandon Callas está estirado, com os olhos abertos para o céu nublado. E, do lado de fora do parque, Ray Callas está estirado, com os olhos contra a terra, debaixo do arbusto onde Ava o escondeu.

– Chegamos. – Ava vai mancando, acompanhando o limite da cerca, levando-os até a torre de vigilância vazia, onde Ray estava. – Se subirem só pela torre, não serão eletrocutados. Mas não encostem na cerca. – Ela está aliviada por não ter que subir na cerca de novo. A cerca cede, balança, o que torna subir nela um pesadelo. Ava levou uma eternidade, posicionando cada mão com cuidado, manobrando a perna. Subir na torre também dói. Mas, pelo menos, a torre é estável. Ava obriga Mack a subir primeiro, incitada pelo medo irracional de que, se deixar Mack por último, ela vai sumir de novo, embrenhar-se no parque.

Lá em cima, Mack se vira e examina o que deixaram para trás, enquanto Ava e LeGrand sobem. Na verdade, não consegue enxergar muita coisa do alto da torre. Desmataram todo aquele trecho em volta da cerca, um escudo sem vegetação que circunda o parque inteiro. Só que, mais adiante, há apenas árvores e uma ou outra atração que se ergue ao longe, servindo de

ponto de referência. A roda-gigante. O ponto mais alto da estrutura de uma montanha-russa. O chapéu mexicano. As outras torres de vigilância ficam escondidas pelas árvores e pela paisagem, nenhuma delas tem altura suficiente para ser vista a partir da torre em que Mack está. Se os guardas quisessem mesmo ver o que está acontecendo no parque ou enxergar o labirinto e aonde ele leva, precisariam de torres muito mais altas.

Não querem enxergar. Querem que tudo aconteça sem que precisem olhar.

Ava chega ao topo, fazendo uma careta de dor e arrumando as calças. Como se isso, sabe-se lá de que jeito, fosse trazer algum alívio à sua perna. Consegue imaginar a expressão preocupada do médico, pedindo para não abusar muito dela. No joelho, o osso encosta direto no osso, não há cartilagem, assim como no tornozelo, onde há mais metal do que osso. “Você precisa ter cuidado, senão vai perder a perna toda”, alertaria o doutor, lembrando Ava de que ela é *sortuda* para caralho. Que sortuda, que sortuda.

– Certo – diz, tentando se distrair da agonia pulsante que atravessa seu tornozelo e irradia pela perna. – Agora precisamos tomar uma decisão. Ray entrou aqui em um quadriciclo igual ao de Linda. Se a gente usar o quadriciclo, vai fazer mais barulho, mas iremos mais rápido. Mas também teremos que ficar só na estrada. A gente vai ficar mais vulnerável.

– Se formos a pé, vamos ganhar tempo, porque eles vão demorar mais para descobrir que a gente foi embora – diz LeGrand.

– A menos que o turno dos guardas se encerre de novo logo mais. Nesse caso, vão descobrir de qualquer jeito. – Ava sabe que sair de fininho do parque é a melhor opção, mas a dor é tanta que ela não vai conseguir ignorar por muito mais tempo, e Ava sabe que, nesse caso, não estará em condições de lutar.

Mack aponta para uma folha de papel presa por uma tachinha na pilastra da torre de vigilância. É uma escala, escrita com capricho, com caneta esferográfica azul. Em letra cursiva, até.

– Só vão mandar outro guarda à meia-noite.

– Droga – diz Ava, encolhendo-se de dor. Os delírios que tinha, de sair dali motorizada, com um motor roncando atrás de si, a perna livre de qualquer peso, se dissipam. Se ainda têm uma chance de sair em segredo, precisam aproveitá-la. – Certo. Vamos andando. Chegamos na cidade sem

chamar atenção. Não temos como saber quem está envolvido, então vamos encarar como se fosse todo mundo. A gente rouba um carro e se manda daqui. De qualquer jeito, um carro vai chamar menos atenção do que um quadriciclo. – Mesmo lembrando que o trajeto de ônibus até chegarem ao parque foi longo e com a perna doendo, Ava sabe que eles conseguem chegar à cidade e pegar um carro bem antes da meia-noite. É a opção mais segura.

A opção mais segura e agonizante para caralho. Ela cerra os dentes.

– Então vamos nessa.

Quando descem da torre e vão para o meio das árvores, caminhando junto à estrada, Ava nem sequer olha de relance para o homem morto que abandonou ali. Seu único arrependimento é não o ter matado mais rápido, em tempo de salvar a vida de Brandon. Acha injusto ambos precisarem ter morrido, ela não ter sido capaz de trocar uma vida pela outra.

LeGrand se sente mais leve. Sabe que conseguiram escapar de algo terrível, mas esse não é o principal motivo para ter a sensação de ser capaz de correr, de ser capaz de voar. Está voltando para casa, enfim e por fim. E está fazendo isso com Ava, com Mack e com uma arma.

Mack caminha de braço dado com Ava e sabe que estão do lado de fora do parque, que estão avançando em direção à liberdade, mas não consegue se livrar da sensação de que estão indo na direção errada.

O fim de tarde se alastra infinitamente diante deles, o dia odeia ir embora e permanece grudado na pele deles, com seu calor abafado e pesado e com o zumbido dos insetos, permanecendo na alma e na mente de Mack, com a pura enormidade e impossibilidade de tudo que esse dia conteve.

Não podem fazer nada além de caminhar. LeGrand vai na frente e Mack vai escorando Ava, para diminuir o fardo da perna dela. LeGrand mantém o grupo paralelo à estrada, dá para ver o asfalto através das árvores e do mato, que tudo obscurecem. É mais difícil seguir por ali do que pela estrada – o que não é bom para Ava –, mas isso significa que conseguem enxergar todo mundo que vem ou que vai. E ninguém veio nem foi, ou seja: a fuga dos três ainda não foi descoberta.

– Seus metidos desgraçados – resmunga Ava, dando um tapa na própria nuca, em resposta ao inseto que a picou. O movimento agressivo muda seu centro de equilíbrio, e Mack geme porque o peso que suporta aumentou, até que Ava ajusta sua posição. – Uma cerca eletrificada e meia dúzia de velhos armados. É isso. Isso é tudo que eles achavam que precisavam.

Mack não compartilha desse sentimento. Foi mais do que suficiente para manter todos eles lá dentro. Todos menos Ava. A sedução do dinheiro e o medo de passar vergonha por terem medo foi o que os manteve lá dentro, para início de conversa. E aí, depois de ver o monstro, o que poderiam fazer, a não ser fugir e se esconder? O pavor era barulhento demais, iminente demais, para deixar espaço para qualquer coisa que se assemelhasse a um plano.

Talvez seja por isso que Ava foi capaz de fazer algo, de assumir a liderança. Por que não conseguiu vê-lo? Mack se sente quase solitária, sabendo que Ava não tem o mesmo conhecimento do pavor que ela. Não foi transformada por esse conhecimento como Mack foi, como LeGrand foi e como Brandon foi.

Mack fica surpresa ao perceber que pensar no querido do Brandon, de pescoço quebrado, olhos abertos em direção ao céu, não perturba tanto sua mente. Gostaria que Brandon tivesse esperado, que as coisas tivessem sido diferentes, mas, sério, ele *escolheu* fazer aquilo. E fez essa escolha para salvar a vida de outras pessoas. Brandon também era melhor do que Mack. Todos ali são. Brandon morreu para dar aos demais uma chance de sobreviver. LeGrand, que foi banido por tentar salvar a vida da irmã. E Ava, que teve a oportunidade de se ver livre, leve e solta e, de livre e espontânea vontade, voltou para o inferno, para tirar eles dali.

Mack imagina outras circunstâncias, em que é mais parecida com os amigos. Um passado, no qual cede o esconderijo bom para Maddie. Ou, melhor ainda, chama Maddie para se esconder lá em cima, com ela, encontrando, sabe-se lá como, espaço para as duas ficarem sobre a porta. Ou, melhor de tudo, se dá conta do que o pai vai fazer e avisa todo mundo, salva a vida de todos. Porque ela não sabia, no fundo? Por acaso o tom de voz do pai não a convenceu a se esconder, não a fez sair correndo para a escuridão?

Mas as outras pessoas ali no parque sabiam que havia algo de errado – é claro que sabiam, como poderiam não saber? – e ignoraram, continuaram seguindo em frente, como se o mundo não fosse permeado pela violência, como se todos já não fossem cadáveres ambulantes. Disseram para o grupo que estava tudo bem, e aí se agarraram a essa promessa, até que morreram.

Ava tropeça, e Mack a segura, um reflexo.

– Estamos quase chegando – diz LeGrand, apesar de não saber se estão chegando ou não. A sensação é de que vão caminhar por aquela floresta para sempre e, depois de uma eternidade, darão de cara, mais uma vez, com o portão do parque. O labirinto atrás deles vai dar um jeito de crescer para enredá-los mais uma vez, vai segui-los pelo resto da vida. LeGrand não consegue parar de pensar que estão sendo castigados, mesmo que, de quando em quando, esse pensamento bata em retirada, graças à raiva que sente.

LeGrand segue em frente, quase rezando, mas aí se obriga a parar. Foi ensinado a identificar a presença do Espírito Santo. Foi ensinado que, se rezasse, Deus diria que seu pai tinha razão a respeito de tudo. É para isso que servem as orações. Para que as partes malignas do coração, essas dúvidas, essas perguntas, possam ser queimadas por Deus e substituídas por fé. Por conhecimento.

LeGrand rezou tanto na vida, mas, ainda assim, sempre teve medo, e sempre achou que o medo não seria algo que Deus lhe daria, algo que o Espírito Santo faria. Era apavorante o fato de o profeta ser seu próprio pai. Saber de quem e do que veio, a quem e a que jamais faria jus, quem e o que o julgaria por seu fracasso.

Só que o pai de LeGrand nunca se dignou a dar as caras para excomungá-lo. Deixou que um élder de menor importância fizesse isso. O fracasso de LeGrand, o fim da vida que ele conhecia, não era importante a ponto de merecer a atenção do profeta Rulon Pulsipher.

Talvez LeGrand já estivesse morto, e aquela fosse a tal da escuridão exterior. Mais um motivo para encontrar Almera. Se reencontrar Almera, vai saber que não está morto. Porque, se estivesse morto, não estaria com a irmã. Almera conquista o ponto mais alto dos céus, e LeGrand conquista...

bom, LeGrand não liga para isso. Ele quer *esta* vida. Quer esta vida para si mesmo e para Almera. Pode estar condenado ao inferno ou não, pode estar morto ou não, e nada disso importa, desde que seja capaz de ajudá-la.

Além disso, se os élderes *tiverem* razão, a salvação de Almera está garantida, aconteça o que acontecer. Então, se LeGrand passar a vida aliviando a dor dela e for parar na escuridão exterior por isso, bom, Almera ainda vai alcançar a exaltação, a salvação no Reino Celestial, o mais alto dos reinos. E ele ficará feliz por todas essas eternidades solitárias, porque terá poupado Almera de uma vida inteira de dor e sofrimento, que ela não precisaria suportar, em nome do fervor com que outras pessoas querem provar seu comprometimento com Deus.

A presença de um monstro de verdade, vindo atrás deles, não entra no cômputo do tormento interno de LeGrand. Ele foi criado em um mundo de anjos e demônios, de deuses, profetas e milagres. E por que não haveria de ter monstros também?

A perna de Ava executa um crescendo de agonia, o osso que raspa no outro osso e o metal que raspa no osso fornecem a melodia; e os palavrões que ela solta, a percussão. A caixa que criou dentro da cabeça, para guardar tudo de ruim, se desintegrou, arrebentou nas dobradiças, de tanta coisa que Ava tentou enfiar nela hoje.

A cidade, um carro, fugir. Ava repete essas palavras mentalmente, repassando cada um dos elementos, como se fossem contas do rosário de sua mãe.

A cidade.

Um carro.

Fugir.

Eles quase não percebem quando a vegetação da floresta começa a rarear. LeGrand mal os faz parar antes que a floresta termine abruptamente, cuspidos os três em um gramado cuidadosamente aparado, que leva a uma casa branca, de estilo grego, que bloqueia, de um jeito pomposo, a visão do bairro que a cerca. Estão na lateral da casa, mas conseguem enxergar os contornos dos pilares da fachada, que, aparentemente, não têm nenhuma função.

Depois de terem passado aquele tempo no caos selvagem do parque, os canteiros de flores limitados por pedras, com roseiras bem-cuidadas, entremeadas por versões em miniatura de estátuas antigas, parecem tão irreais quanto tudo aquilo que deixaram para trás. LeGrand não compreende aqueles jardins ornamentais. No Monte Zion, todo o esforço de jardinagem era voltado para hortas, cuidadas pelas mulheres, para fornecer comida. Qual é o sentido daquilo?

Ava pega uma pedra lisa de uma pilha que está em uma fonte para pássaros espalhafatosa, onde um querubim rechonchudo solta água. Teoricamente, quer dizer. Está seca.

– Viva, ame, dê risada – lê Ava. A frase de autoajuda foi gravada na pedra artificial. É quase impossível resistir ao impulso de atirá-la em uma das janelas da casa.

– Não tem nenhuma luz acesa – fala Mack. Casas como aquela sempre lhe passam uma vaga sensação acusatória. Cada contorno perfeito, cada objeto bem escolhido diz “Aqui não é o seu lugar”, como o *spa*. As janelas observam Mack, fazendo questão de que ela saiba que está sendo observada.

Mas agora o sol já se pôs, e não há nenhuma luz acesa. Os olhares das janelas estão vazios.

– Vamos nessa. – Ava cruza a grama em linha reta, mancando, pisando de propósito em cada canteiro de flor que encontra no caminho. A porta dos fundos está destrancada. Ela verifica se há algum sistema de alarme, mas parece que não.

– É uma cidade boa. – Mack entra na casa, lembrando-se do motorista de ônibus que não olhava nos seus olhos de jeito nenhum. – Uma cidade segura.

– Procurem chaves de carro. – Ava suja de terra o chão impecável, de lajotas. Mack está com medo de deixar rastros, mas Ava está determinada a enlamear a porra toda daquele lugar. É difícil, porém, enxergar esses rastros, porque a cozinha é toda em tons de marrom e laranja, uma relíquia de outra década, bem-cuidada, de um jeito meticuloso, mas fora de moda, de um jeito triste. Na geladeira, há diversos desenhos de criança, presos com ímãs. Mack passa os dedos neles: estão se desfazendo, de tão velhos. Um deles

cai quando ela encosta e vai pairando até o chão, feito uma folha de árvore. Onde estava o ímã, ficou um único círculo absolutamente limpo, intocado pelo sol, protegido da ação do tempo. Mack não recolhe o desenho.

Ava abre a porta da cozinha que dá na garagem. Lá dentro, só há um quadriciclo e um espaço vazio onde, sem dúvida, fica estacionado um carro.

– Droga. – Ela volta para a cozinha e passa reto pela sala de jantar espalhafatosa, onde uma mesa grande, de madeira polida, domina o espaço e os jogos americanos redondos, de renda amarelada, pouco fazem para suavizar a imponência da mesa. Ao contrário de Mack e LeGrand, Ava tem referências do que seja uma casa legal. E, esta, definitivamente, era uma, só que não é reformada há décadas. É uma cápsula do tempo do mau gosto por objetos caros.

Mack e LeGrand vão atrás dela, sem saber muito o que fazer. Ava encontra a sala de estar da família – mas falta ao cômodo o aconchego e a bagunça típicos de uma família de verdade – e se joga em um sofá floral, de tecido brilhante, que deveria ser chique, mas que torna o móvel escorregadio e desconfortável. Ava estende a perna diante do corpo, soltando um suspiro. Não quer admitir, mas não consegue fazer muito mais do que isso. Está no limite de sua tolerância à dor, com um medo genuíno de estar causando danos permanentes à perna.

– Temos duas alternativas – declara. – Seguimos em frente, procuramos outra casa, outro carro. O que aumenta as chances de sermos descobertos. Ou esperamos. Não parece que seja alguém jovem que mora aqui, e gente velha não fica fora de casa até tarde, certo? Além do mais, o quadriciclo me faz pensar que o dono desta casa está envolvido com tudo. Então, esperamos e, quando voltarem, roubamos o carro.

LeGrand quer seguir em frente, está se sentindo quase tão pouco à vontade naquela casa quanto Mack, mas consegue perceber que Ava está sentindo muita dor. Não quer pedir para ela andar mais. Olha para Mack, para que ela tome a decisão, mas Mack não está prestando atenção. Está examinando uma cristaleira repleta de bibelôs de porcelana.

Imagina só, ter dinheiro suficiente para comprar tudo o que precisa e resolver que o próximo item que quer é uma coleção de menininhos e meninhas, com expressões inocentes espalhafatosas, em diversas poses e

trajes. A inocência exagerada das menininhas de vestido cor-de-rosa cheios de babados, olhando para trás, com os lábios formando um círculo, quase lhe parece obscena.

Mack também olha para trás. Ava e LeGrand a observam, esperam pela sua decisão. Ninguém deveria obrigá-la a decidir nada. Ela ainda tem a sensação de que está se esquecendo de algo, que deixou alguma coisa crucial para trás. O parque a chama, como se Mack fosse uma bússola, e ele, o verdadeiro polo magnético. Pensar em se afastar de tudo aquilo, simplesmente... ir embora? Parece mais surreal e absurdo do que o monstro que os aguarda dentro do labirinto.

Só que Ava está sentindo dor. Deu mais detalhes da alternativa que incluir ali, o que faz Mack suspeitar que esse seja o plano que Ava prefere.

– Vamos esperar – diz Mack. Em seguida, vai até a cozinha, dar uma olhada na geladeira. Perdeu a sacola com todas aquelas barrinhas de proteína, que acumulou com tanto cuidado. Deixou para trás, no parque. Talvez seja isso que a faça querer voltar para lá. Ela ri baixinho, com seus botões, ao pensar em voltar para pegar a sacola e, como recompensa pelo seu esforço, ser, literalmente, engolida pelo monstro, feito o Jonas da Bíblia.

Ava não sabe se estão tomando a decisão correta, mas tem vontade de chorar de alívio por não ter que se levantar novamente. Tem que fazer algo a respeito daquela dor. A dor a está deixando distraída. Vai fazer dela uma líder ruim e vai fazer alguém se machucar ou ser assassinado.

– Você sabe atirar? – pergunta para LeGrand, que responde balançando a cabeça. Ele põe o saco de patos de borracha no chão. Ava não tinha reparado que LeGrand estava com eles. São inúteis agora. Mas é claro que LeGrand carregaria aqueles patos até que alguém lhe dissesse que não era necessário, no caso de Ava precisar deles. No caso de LeGrand poder ajudar.

Ava passa o rifle para ele e se recosta, querendo muito poder dormir, sabendo que não vai dormir de novo até que estejam bem longe daquele pesadelo, caramba. Já viu um monte de merda estranha na vida, mas monstros invisíveis que comem mulheres provavelmente vão ficar para sempre no primeiro lugar da lista.

Meu Deus, Ava torce para que fique mesmo. O que mais pode existir no mundo que ela não saiba, que ela não tenha visto? Só que, tecnicamente, Ava tampouco *viu* o monstro. Por que LeGrand e Mack conseguiram ver e ela não?

Mack lambe a colher até deixá-la limpa, acabando rapidinho com um pudim de copinho. Pega mais um e vai para a sala de jantar. Outra cristaleira enorme, desta vez não repleta de bibelôs, mas de pratos delicados, que, pelo jeito, nunca foram usados, apenas exibidos. Desconcertante. Um guardanapo dobrado bordado à mão – lenço? –, na base da cristaleira, chama a sua atenção. Tem o nome “Nicely” bordado delicadamente na barra do tecido. Nicely era um dos sobrenomes com o qual seu pai foi batizado, para que transmitisse o sobrenome de solteira da mãe. O que um dos sobrenomes do pai dela está fazendo ali?

Mack põe o pudim pela metade em cima da mesa e abre a cristaleira. Pega o lenço, e é aí que repara que existe um pequeno compartimento embaixo dele. Enfia o lenço no bolso, pega a tábua que fecha o compartimento e tira lá de dentro um livro grande, encadernado em couro.

Tem o sobrenome nicely gravado na capa. Pela primeira vez, Mack encontra algo em uma casa que a faz sentir que ali é o seu lugar.

Ela não gosta disso.

Ela leva o livro até a sala de estar, senta-se ao lado de Ava e o abre.

1º de julho de 1946

Eu, Lillian Nicely, comecei esse registro do tempo que passei encarregada da temporada.

Estudei os registros – tanto os de Tommy Callas quanto os daquele velho bêbado e safado do Hobart Keck (não sabemos se ele morreu ou simplesmente foi embora. Qualquer uma das alternativas está bem para mim. Por que chegamos a permitir que ele participasse da supervisão da temporada escapa à minha compreensão. A visão negativa e lúgubre que Hobart tem de nossos pais e do sacrifício que fizeram por nós – o dote divino, de prosperidade e responsabilidade que nos legaram – não é compartilhada pelo restante de nós. Encaramos nossa herança não como um fardo ou uma maldição, mas como uma grande dádiva e um dever solene. Hobart já vai tarde).

É claro que não fiquei com quase nada, no que toca à preparação, o que não me surpreende nem um pouco. É isso que acontece quando se colocam tarefas importantes nas mãos de quem não dá para confiar nem é digno delas, nas mãos de alguém que não pertence às sete famílias. Mas justiça seja feita: Tommy Jr. tampouco ajudou. Quando convoquei uma reunião para discutir o desaparecimento de Keck e revelar meus planos para a próxima temporada, Tommy mal abriu a boca. Nem sequer queria ler o diário do pai dele, insistiu que o colocássemos dentro de um cofre, na casa de reuniões. E, para que a “justiça” continue a ser feita, apenas a família Stratton sabe a combinação. O papel deles será ler o livro uma vez a cada geração. Certamente, é uma tarefa mais fácil do que todas as demais, e mal basta para fazer valer o prestígio e a fortuna que a família tem graças a essa cidade.

Mas não faz diferença. Eu li tudo. E manterei meu próprio diário.

Apresentei um novo plano, que não exigirá que ninguém das famílias ultrapasse a barreira do portão durante os sete dias da temporada. E, como aprendemos, com os erros crassos de Hobart, mesmo que alguém não seja o sacrifício pretendido, ainda pode ser devorado, por engano.

Nosso primeiro passo foi o mais perigoso, mas o ato foi consumado.

Dizer que estávamos com medo é um grande eufemismo, mas completamos nossa tarefa, e sem contratempo algum! Como sempre, a besta permanece dormindo tão profundamente que parece quase morta – pelo menos, até o início da próxima temporada. Entramos de fininho em seu templo e apagamos seus grandes olhos ardentes.

Digo “nós”. Quero dizer, é claro, os mais jovens membros das famílias Callas e Pulsipher, que precisam aprender a cumprir com sua parte da responsabilidade. Mas ambos voltaram incólumes, fazendo estardalhaço, empolgados com o sucesso de sua missão.

Veremos se, agora que está privada da visão, a besta será tão exigente em relação a quem vai devorar.

Selecionamos quatorze parentes distantes e uma mulher que não pertence a nenhuma das famílias, é assolada pela loucura e foi tirada de um hospício, a três estados de distância. É uma pena o fato de termos que convocar pessoas que não sabem no que estão embarcando, mas não podemos negar o poder nem tudo de bom que o sacrifício continua a trazer para todos nós – e para o mundo, por conseguinte! – e temos certeza de que essas pessoas viriam de bom grado, se realmente compreendessem o sacrifício que nossos pais fizeram e a incrível corrente de dádivas altruístas da qual fazem parte.

Agora, vamos aos detalhes:

Na noite do dia 14, essas pessoas serão dopadas, com uma mistura formulada por Joel Young Jr., e depois serão levadas até a clareira do templo. Despejamos concreto em volta do templo no ano passado. E, nesse concreto, afixamos correntes, bem fortes, e cada uma das pessoas ficará presa nelas, junto com comida e água suficiente para passar sete dias (apesar de, obviamente, nem todo mundo precisar de tanto. Ainda assim, é melhor desperdiçar comida e água do que permitir que eles sofram sem necessidade, já que não temos como prever a ordem em que serão devorados). Vamos acorrentar a mulher louca o mais perto possível do templo, para que seja a primeira a tentar a besta.

Com esse método, não precisamos nos aventurar, entrando e saindo das instalações. O portão continuará fechado e, assim que passarem os sete dias, poderemos entrar em segurança para limpar tudo e fazer os ajustes

necessários para a próxima temporada, bem como determinar se, agora que perdeu a visão, a besta será capaz de distinguir quem pertence de quem não pertence às sete famílias.

Seria errado dizer que estou empolgada – é claro que não estou empolgada, isso seria macabro –, mas estou mais do que disposta a fazer minha parte para garantir que a corrente de prosperidade, comprada a um preço tão alto, não seja rompida.

Eu até decidi que, como forma de agradecimento pela contribuição que os sacrifícios inadvertidamente fizeram por nós e como uma homenagem aos nossos pais, antes de levarmos os quatorze sacrifícios para as instalações, passaremos a véspera mimando e preparando essas pessoas. Acho que nossos pais gostariam disso.

22 de julho de 1946

Desastre. Quem poderia adivinhar que, assim que descobrissem qual seria o seu destino, as pessoas resolveriam pôr fim à própria vida em vez de esperar? A morte delas não serviu a nenhum propósito, não teve nenhum significado, não adiantou de nada. Egoístas. Tolos. E só ficamos sabendo disso porque a besta veio até o portão, gemendo e se refestelando, procurando, sem enxergar nada, por nós. Achei que nada poderia ser pior do que aquelas duas chamuscas gêmeas, mas acho que há coisa pior, sim.

Felizmente, eu estava preparada para contingências. Já havia duas pessoas a mais na cidade, trabalhando em minha casa. Ambas foram oferecidas em sacrifício, e ganhamos tempo para selecionar e encontrar mais gente. Mandamos os substitutos “trabalharem” na casa que está sendo construída no meio da floresta, de dois em dois. Quando estavam perto o suficiente para entender que havia algo de errado, já era tarde demais.

Um desperdício e uma vergonha, e a besta nem sequer devorou a louca nem os cadáveres. Passados os sete dias, ela estava sentada em meio aos cadáveres restantes, imunda e chorando. Foi algo horrível de se ver, e eu gostaria que outra pessoa tivesse cuidado de tudo, para que eu não precisasse ter presenciado aquilo.

Estou com vergonha da minha arrogância, de ter presumido que tinha desenvolvido um sistema perfeito, mas quem poderia ter previsto isso? Comentaram que Tommy Callas Junior deveria ter assumido a liderança, mas ele não se ofereceu. E por que deveria? Não tem mais direito a liderar do que eu. As quatorze famílias são iguais, não importa quem teve a ideia de fazer o sacrifício.

Ainda assim... Serei mais humilde daqui para frente, e muito mais inteligente. Chega de desperdício.

Mas também fico imaginando se Hobart de fato se esforçou para encontrar outras opções de alimento para a besta. Agora sabemos que ela não vai devorar coisas mortas e que não depende da visão, e ambas as coisas são uma pena.

Vou pensar nisso e traçar um sistema perfeito. Sei que é possível desenvolver um. Um sistema que mantenha a besta longe do portão, que mantenha a besta alimentada e que nos mantenha fora de perigo.

15 de julho de 1947

Sinto o peso de julho com a mais profunda intensidade. Apesar de eu ainda ter seis anos para me planejar, sinto cada mês de julho como uma garra que segura e pressiona meus ombros. Não ajuda em nada o fato de eu ter minhas próprias filhas, que exigem atenção, e um marido que não entende por que preciso me encontrar com as outras famílias, que “segredos” mantemos.

Às vezes, enquanto ele dorme ao meu lado, roncando baixinho, tenho vontade de sufocá-lo em sua própria ignorância.

Sammy Frye choraminga, reclama que está ficando cansado de localizar parentes distantes, de bancar o detetive para encontrar primos de enésimo grau, como se a tarefa dele fosse a mais difícil. Nossos homens são viris. Não impedimos que plantem sementes daninhas em mulheres de baixo nível. É um sacrifício simples, que os homens podem fazer pela nossa comunidade. Somando essa prole aos irmãos de nossos pais, há um monte de sacrifícios à disposição, um monte de pessoas que não sabem o que guardamos na floresta nos arredores de Asterion. Um monte de gente

que não sabe quais foram os meios utilizados para seus filhos ficarem a salvo durante a guerra, qual foi o milagre que protegeu o dinheiro deles quando os bancos faliram, durante a Grande Depressão, que vento secreto alçou todos a patamares cada vez maiores. Mas, quanto mais ralo o sangue, mais reles são as pessoas, e há muitas delas que são descartáveis.

É de mau gosto ficar ruminando tudo isso. Terei um plano melhor na próxima temporada.

23 de maio de 1948

Meu marido voltou de Nova York e visitou Coney Island com as meninas. Eu não saio de Asterion – sou a guardiã da cidade e levo essa responsabilidade muito a sério –, mas os relatos ofegantes que as meninas fizeram de montanhas-russas, brincadeiras e brinquedos, de como passaram o dia inteiro lá dentro sem nem perceber, inspiraram um novo plano brilhante. Um plano que significa que os sacrifícios vão felizes para o abate, que poderemos deixá-los serem devorados sem ter que explicar nada! Um mínimo de sofrimento. Uma solução alegre e bem popular.

Um parque de diversões! Diversão baixa para as classes baixas, perfeito para as nossas necessidades.

O planejamento é elaborado, sim. Tommy Jr. reclamou incessantemente, o que não foi surpresa para ninguém. Mas os integrantes das famílias Pulsipher, Young, Harrell e Frye estão do meu lado. Além do mais, não estou fazendo isso por capricho. A estrutura de labirinto do parque serve a um propósito, fazendo a besta andar em círculos, perto do centro, longe do portão. E, como os sacrifícios que vamos atrair serão dirigidos cada vez mais para dentro do parque, com a promessa de prazer, diversão e emoção, irão de encontro ao massacre pelas próprias pernas.

O lado ruim, claro, é que todos os sacrifícios precisam atravessar o portão de Tommy. Sendo assim, durante a temporada, teremos que deixá-lo aberto. Em épocas normais, podemos deixar os convidados entrarem e saírem através de um portão lateral sem sentido. Mas não quando isso fizer diferença. Todos ficamos receosos com esse detalhe. Só que, com a arquitetura engenhosa do parque e a abundância de potenciais sacrifícios,

a besta jamais se afastará do centro. Iremos, é claro, vigiar o portão de todo modo, mas estou confiante e acredito que não precisaremos temer que alguém descubra algo ou fuja. É um sistema perfeito. Todo mundo será alimentado, e também criaremos novos empregos e prosperidade para a região, o que, sem dúvida, aliviará um pouco do ressentimento que as cidades vizinhas sempre tiveram em relação a nós.

Há muito o que fazer, o que preparar. Estou incluindo minha filha mais nova, Linda, nos planos, apesar de ela mal ter idade suficiente para ler. Nunca é cedo demais para preparar a próxima geração para assumir suas responsabilidades. Temo já ter esperado demais para fazer isso com sua irmã mais velha.

22 de julho de 1953

O Parque de Fascinações é um sucesso! A temporada deste ano não só passou sem um único contratempo, como também o parque em si é encantador e muito popular durante todo o verão. Que bom que podemos usar o local mais do que uma vez a cada sete anos.

É claro que nenhum de *nós* entra lá. Só por garantia. Mas já li resenhas muito elogiosas, em todos os jornais locais.

Já fizemos uma lista das pessoas que iremos convidar para visitar o parque durante a próxima temporada. O que, de início, acreditávamos que era uma maldição – o fato de só nós sermos capazes de enxergar a besta – se revelou uma dádiva inesperada. A besta anda entre as pessoas, e ninguém a vê, com exceção daqueles que precisam ser devorados.

E, se alguém testemunhar um sacrifício desaparecendo – como em um passe de mágica! –, bom, é um parque de diversões, repleto de coisas fascinantes. Um primo distante da família Harrell viu o irmão ser comido e saiu correndo, gritando, mas é claro que ele fugiu para a casa da família Harrell. Foi levado de volta ao parque sob o manto da noite e deixado, inconsciente, do lado de fora do templo. Esses representantes da escória de nossas famílias desaparecem ou fogem com tanta frequência que não é difícil limpar quaisquer evidências que possam deixar.

Suspeito que poderemos usar esse sistema por muito, muito tempo.

Estou muito orgulhosa de ver como Linda acolheu nossa tradição de braços abertos e sei que meus pais também ficariam orgulhosos dela.

22 de julho de 1974

Lamento o fato de ter que escrever pela primeira vez no diário de minha mãe para relatar um desastre. Eu deveria ter arrancado o controle da operação das mãos senis dela há anos. Talvez, então, as coisas não tivessem chegado a esse ponto. Eu me sinto humilhada, apesar de nada ter sido culpa minha. E, mesmo assim, tive que dar um jeito na bagunça!

Se quiséssemos que a família do sr. Jones viesse visitar o parque, a teríamos convidado! Óbvio que a família dele não serve para o tipo de sacrifício que fazemos. E é claro que a família Stratton está transtornada, porque a menininha pertencia à linhagem deles. Susan Stratton até chorou porque a menininha morreu por causa deles.

Não! A menininha foi devorada porque permitimos que tantas pessoas permaneçam na ignorância, sem saber a que devem sua prosperidade. Briguei com minha mãe e com as outras famílias, argumentando que deveríamos revelar a verdade para as pessoas que trazemos, mas disseram que isso seria demais, que outras pessoas talvez não se sentissem à vontade com essa situação. Que poderiam tentar impedir.

Mas será que tentariam mesmo? Se soubessem que, sem a coisa que habita o centro do parque, perderiam tudo? Acho que não tentariam! Acho que entenderiam o sentido disso, a necessidade, a honra da responsabilidade. Acho que é o segredo que afasta as pessoas, como aconteceu com meu pai e minha irmã mais velha. De fato, apenas aqueles que pertencem à linhagem direta das sete famílias originais continuam morando em Asterion, ao que parece. Todos os demais ganham o mundo, deixando-nos para trás, sustentados pela força e pelo apoio daquilo que nós fazemos.

Meu parque está fechado. Pelo menos, aquele tolo perdeu a filha no último dia da temporada, e não fomos obrigados a procurar outro sacrifício. É a única coisa boa que podemos tirar da morte daquela menininha.

Terei que voltar à prancheta. Tantos anos de temporadas sem incidentes, e agora teremos que começar tudo de novo. Minha mãe está velha demais para carregar essa responsabilidade, e ninguém mais está à altura. Agora, ela é minha.

1º de julho de 1981

Antes, quando podíamos trazer dúzias de nossos parentes indesejados para o Parque de Fascinações e deixar que a besta escolhesse entre eles, nos sentíamos seguros para deixar o portão aberto, sabendo que, em qualquer dia da temporada, havia mais do que dois parentes de sangue entre nós e a besta.

Mas, agora, nossas opções estão mais uma vez limitadas, e temos que encarar o seguinte dilema: mandamos quatorze pessoas lá para dentro juntas ou as enviamos em duplas?

Não gosto de manter o portão aberto por mais tempo do que o absolutamente necessário. Temos algo especial, algo precioso, tanto dentro quanto fora do portão. Precisamos proteger isso de todas as maneiras que estiverem ao nosso alcance.

Contratei quatorze pessoas – nenhuma delas está ciente de sua ligação com as nossas famílias – para “limpar o parque, tendo em vista uma reabertura em potencial”. Receberam ordens estritas de trabalhar em duplas, nunca em grupos de mais de duas pessoas. Dormirão lá dentro. Minha esperança é que, com o nosso labirinto de muros, árvores e calçadas, elas só irão se dar conta do que está acontecendo quando for tarde demais. Também reforçamos a cerca ao redor dos limites do parque e construímos quatorze torres de vigilância. Uma para cada um dos sacrifícios originais. É o espírito deles que ainda olha por nós e nos protege. Às vezes, subo na torre batizada com o nome de minha avó e olho para o parque, sentindo-me conectada a ela, e torço para que as árvores e arbustos cresçam mais rápido, fiquem mais altos, mais densos, para que eu não seja capaz de enxergar o templo e possa simplesmente desfrutar da vista lá de cima.

22 de julho de 1981

Tudo saiu como o esperado. Pelo menos, Ray sabe atirar para ferir e não para matar, garantindo que ninguém escapasse nem fosse desperdiçado.

Vou me casar no outono. Não sei o que contarei para Dick, se é que direi alguma coisa a respeito de minha família ou razão pela qual teremos que morar em Asterion. Quanto será que ele realmente precisa saber? Afinal de contas, estou dando a Dick e aos nossos futuros filhos as dádivas de meus avós. Vamos nos mudar para a casa da minha mãe. Ele me perguntou de onde estou tirando o dinheiro para reformá-la, e eu dei risada. O dinheiro é meu.

Fiz por merecê-lo.

22 de julho de 1988

Este ano, o maior desafio foi encontrar quatorze pessoas que aceitassem o emprego. Sabemos que todas elas são indignas, pedintes, que não contribuem com nada. Ralos por onde escoa a sociedade que ajudamos a construir e a consolidar. Será que são boas demais para uma semana de trabalho digno?

Isso me deixa com tanta raiva, a soberba, a preguiça. Talvez seja preciso pensar em uma tática diferente de agora em diante, já que essas novas gerações resistem tanto ao bom e velho trabalho duro.

Não raro, fico me perguntando até onde se estende a rede de dádivas. Nossa geração é tão bem-sucedida, assim como nossos filhos, nossos primos, nossas sobrinhas e nossos sobrinhos. Mas sempre conseguimos encontrar alguém desesperado, que está à margem de tudo isso. Talvez, as dádivas do sacrifício sejam mais poderosas para os descendentes mais diretos. Ainda bem que a besta, pelo jeito, não liga se o sangue for ralo.

Hoje, eu estava repassando quanto fizemos, quanto construímos, quanto doamos para nossa própria comunidade, sim, mas para o mundo como um todo também! Ai, se as pessoas pudessem saber, se nossos pais e avós pudessem ver... Trabalhamos tanto e fizemos tanto com o que eles nos deram. De fato, somos a realização dos sonhos deles. Tenho vontade de rir quando penso que minha mãe escreveu contando que Joel Young Jr.

fez um preparo para adormecer os sacrifícios. Agora a Farmacêutica Young é líder absoluta no segmento. De um início aparentemente pequeno, as dádivas de nossos pais resultam em feitos verdadeiramente impressionantes.

Só que ninguém perceberia isso se falasse com alguns dos demais. Susan Stratton apareceu na minha porta ontem, bêbada que só. Age como se fosse um enorme fardo ter que ler o livro de Tommy Callas, ter que mostrar para a filha dela. É um privilégio. Eu daria tudo para ler o livro, para entender melhor o que os nossos avós fizeram por nós.

Mas não, ela apareceu chorando, questionando se o preço vale a pena, se temos ou não o direito a isso, falando daquela menininha que nunca viu na vida, nem chegou a conhecer.

Se não tivéssemos o direito, não teríamos essa responsabilidade. Fiz Susan se lembrar dos diplomas que os filhos dela têm, dos cargos importantes em grandes empresas, tribunais, no Congresso. Merecemos esses cargos, conquistamos essas posições e fazemos bom uso delas.

Será que, fazendo as contas, uma vida por cada seis meses é mesmo um sacrifício tão grande no cômputo geral das coisas? Eu acho que não é pedir demais, e foi isso que disse para Susan. Além do mais, quando ela fez algo além de comparecer às reuniões, emburrada e fazendo cara de reprovação?

Ainda assim... Isso me faz lembrar que me enganei sobre achar que devia contar para todo mundo. É melhor divulgar as informações apenas para a cúpula. Controlar quem sabe o quê. Sabe-se lá o que outras pessoas fariam se soubessem, que decisões tomariam. Vi Dick tentando pôr as mãos neste diário. Perguntando, como quem não quer nada, o que faço quando me reúno com as famílias. Como se fosse da conta dele, caramba, o que faço com o meu tempo, na minha casa, na minha cidade. Dick tem sorte de eu permitir que ele continue aqui.

Vou ficar de olho em Susan.

22 de julho de 1995

Houve tragédia esse ano, porque Susan, sabe-se lá por quê, atravessou o

portão e entrou no parque em plena temporada. Ninguém a viu entrar. Só ficamos sabendo quando a filha dela, Karen, informou o desaparecimento da mãe, e nos demos conta de que as refeições da besta estavam atrasadas – ou seja: devorou outra pessoa. Susan é a única candidata.

É um mistério e uma tragédia. Eu já falei que é uma tragédia. Olhem só para mim: tão chateada que estou me repetindo.

Bem. Não há nada a fazer, só seguir em frente. Tudo o mais saiu como deveria.

1º de fevereiro de 2000

Aquela vaca. Aquela baita vaca. Finalmente, consegui descobrir a combinação do cofre – uma tarefa que levei anos para completar! –, para poder ler o restante de minha tradição, de minha herança, e havia sumido. O livro sumiu. Aquela noite, Susan deveria estar com ele. Deve tê-lo levado consigo para dentro do parque. Eu deveria ter adivinhado quando a vi sair de fininho do *spa*. Que outro motivo ela teria para estar ali? Mas não posso contar isso para ninguém sem admitir que fui eu que joguei Susan dentro do parque. Fiz isso por nós, por Asterion, para proteger a todos nós, mas será que eles vão encarar dessa maneira? É claro que não.

Ninguém pode saber que o livro sumiu. Se ficarem sabendo, farão perguntas a respeito de Susan. Ou entrarão no parque para procurar o livro. E sabe-se lá o que mais ela pode ter deixado para trás, que evidências vão encontrar.

Felizmente, Karen já deu uma olhadinha no livro. E a filha da própria Karen ainda é uma criança. Ainda tenho alguns anos para dar um jeito de substituir o livro antes que o cofre seja aberto de novo.

1º de janeiro de 2002

Descobri os *reality shows*. Que pesadelo. Que exemplo memorável de tudo que há de errado com as novas gerações. Mas... que oportunidade para nós. Acho que, finalmente, resolvi a questão de como convencer as pessoas a virem para cá de bom grado, a ficarem no parque de livre e espontânea vontade e permanecerem lá o tempo todo, apesar do que

possam suspeitar do que está acontecendo.

A questão de quem vai herdar a responsabilidade é mais premente. Tive que comandar as últimas duas temporadas apenas com a ajuda de Ray e de Gary, mas os filhos deles sempre prestam para ficar de vigia. Só que não enxergo verdadeiras qualidades de liderança ou de inovação em nenhum dos dois. Tommy Callas ficaria com vergonha, acho eu. Ele, pelo menos, era um visionário. Nenhum de seus descendentes é igual. Certamente, não posso depender de nenhum dos filhos de Rulon Pulsipher. Ele se encarregou disso.

Minhas próprias filhas, claro, têm vidas muito felizes e bem-sucedidas fora da cidade. Dick me atingiu da única maneira que foi capaz, envenenando-as contra mim. Eu sacrifiquei tudo pela minha família, e eles só me abandonaram. Às vezes, acho que meus avós tiveram sorte, por não terem sido obrigados a ver isso acontecer. O sacrifício que fizeram foi instantâneo e absoluto.

Sem dúvida, Chuck Callas será treinado para assumir o poder. Sei que as famílias querem me expulsar do cargo há décadas. Eu gostaria de ver como Chuck cuidaria das coisas. Um toque feminino ficará faltando, e muito.

22 de julho de 2002

Tentarei não ficar exultante com minha própria esperteza, mas eu tinha razão. A “competição” atraiu os sacrifícios com muito mais facilidade e de forma muito mais permanente do que a promessa de um trabalho digno. Todos querem algo em troca de nada.

22 de julho de 2009

Outra temporada perfeita. Acho que finalmente consegui fazer o que ninguém mais conseguiu: criar as circunstâncias ideais para o sacrifício. De nada, Asterion.

12 de julho de 2016

Mais um ano planejado com sucesso, mas por acaso alguém me parabeniza por isso?

Eu costumava pensar que, talvez, devêssemos procurar pessoas mais velhas, poupar a juventude, na esperança de que os jovens ainda pudessem fazer alguma coisa da vida, mas olho para este grupo, para seus rostos jovens, sua pele lisinha e seu mais completo desrespeito pela experiência e pelo trabalho duro, e vejo todos esses anos que têm pela frente já desperdiçados. Não contribuem com nada para a sociedade e reclamam quando lhes pedem para trabalhar, como nós trabalhamos, quando lhes pedem para construir o próprio caminho, como nós construímos. E, sinceramente, acho que estou fazendo um favor a esses jovens. Estou lhes dando um propósito. Estou me certificando de que a vida deles tenha algum significado.

10 de julho de 2023

A nova temporada está quase chegando. Deve ser a minha última. Será que é estranho eu estar tão emocionada? Tenho o nome e as fotos dos meus últimos quatorze sacrifícios diante de mim. Tão jovens. Sem fazer ideia de quão importante e nobre é o que estão prestes a fazer.

Eu gostaria de estar passando o bastão para minha própria filha. Gostaria que ela tivesse trabalhado ao meu lado, como eu trabalhei ao lado de minha mãe. Gostaria que fosse grata pelo que lhe demos, em vez de fazer pouco caso disso e de mim. Foi o veneno do pai dela. Eu deveria ter me casado com algum maldito da família Harrell ou da Young, mantido tudo dentro das linhagens originais.

Arrependimentos. Mas não me arrependo do que fiz para proteger esse legado e do que farei pela última vez. Meu legado seria perfeito, se a imbecil da Susan não tivesse roubado o livro. Mas, talvez, eu morra antes que descubram que ele sumiu. Seria bem feito para eles. Uma confusão tremenda, e estão sem Linda para salvar a pele deles! Eles que se virem, pela primeira vez na vida.

Não há necessidade de pensar nisso neste exato momento. Mais uma temporada. Mais uma semana sagrada para lembrar daqueles que vieram

antes de nós, para sermos gratos pelo que temos, para termos consciência do sacrifício que isso exige. O trabalho da minha vida inteira, pronto para ser passado adiante, para ser herdado por aqueles que continuarão vivos depois que eu partir, que vão proteger o templo e as nossas dádivas.

Ah, quem eu acho que estou enganando? Eles são todos uns idiotas. Deixa Chuck Callas tentar fazer melhor do que eu fiz. Tenho pena de quem estiver trabalhando na primeira temporada dele. Meus competidores jamais saberão a sorte que tiveram por eu ter tornado o sacrifício deles mais fácil. Não têm a menor ideia. Ninguém reconhece tudo o que eu faço pelos outros.

O entardecer solta suas garras da cidade, deixando que a noite traga um manto de escuridão. As famílias soltam um suspiro de alívio, um suspiro de tensão aplacada. Está quase acabando. Faltam mais dois dias. Ninguém sai muito de casa durante os sete dias da temporada, o medo paira no ar, por mais que exista o portão, por mais que a besta seja alimentada. No fim da semana, sem precisar combinar, darão uma grande festa ao ar livre, cada um vai trazer um prato, todos vão rir alto e beber demais, é o fim de mais uma temporada, é uma promessa de que, para as famílias, tudo continuará como sempre foi, sem dificuldades, sem interrupções, o sacrifício em nome delas terminado, em um local onde não precisam ouvi-lo, nem vê-lo, nem fazê-lo.

E o *aspic* que Linda faz é divino.

Enquanto isso, na casa de Linda, três pessoas perplexas estão sentadas no sofá, com os olhos fixos na última entrada do diário.

– Rulon Pulsipher é meu pai – diz LeGrand.

– Meu pai era da família Nicely. – Mack fecha o livro, passa os dedos no nome gravado na capa. – E Brandon, da família Callas.

– Quantas pessoas eles já sacrificaram? – pergunta Ava, embasbacada. Em seguida, fecha os olhos e sacode a cabeça dolorida. – E quem é esse tal de Hobart Keck, *porra*?

A porta da garagem range, anunciando a chegada de alguém.

A caminho da cozinha, Mack pega o copinho vazio de pudim, lambe bem a colher e a coloca na pia. Abre a gaveta cheia de tranqueiras que descobriu enquanto procurava a colher e tira dela um rolo pesado de *silver tape*.

Ava entra na cozinha mancando, seguida por LeGrand, de rifle a postos. A dor que Ava sente na perna está tingindo o restante de seu corpo, invadindo e se acomodando em lugares onde não tem direito de estar – a cabeça, o pescoço, o ombro esquerdo. Seu último fisioterapeuta, antes que um erro na papelada cancelasse seu plano de saúde, e ela ficasse sem ter

como pagar pelas consultas, aconselhou Ava a evitar o estresse e a aliviar a tensão do corpo de um jeito mais ativo. É por isso que Ava entregou a arma para LeGrand. Seria um grande alívio apertar o gatilho, mas ela acredita que LeGrand não vai tomar essa decisão motivado apenas por tensão.

A porta da garagem se abre. Linda está de cabeça baixa, remexendo em sua enorme bolsa de couro sintético que imita couro de jacaré. Linda, que deu as boas-vindas a eles com um sorriso no rosto. Linda, que fez cafuné em Isabella, com uma ternura maternal, uma noite antes de Isabella virar comida de monstro. Linda, que planejou e gerenciou aquela coisa toda com *orgulho*.

Ava se arrepende de ter entregado a arma. Solta um rosário de palavras tão ofensivas que ficam pairando no ar, quase palpáveis, e vai em direção a Linda, percorre o piso de linóleo e acerta um soco no maxilar dela.

Para sorte de Linda, a dor faz Ava perder o equilíbrio, e o soco que deu passa de raspão, em vez de pulverizar o maxilar da outra. Mesmo assim, Linda fica tão chocada pela realidade avassaladora e viva da dor que vai cambaleando para trás e bate o quadril no balcão, adicionando mais uma explosão de desnorteamento ao seu estado.

Mack segura Linda pelo pulso e a leva, com delicadeza, até uma das cadeiras rebuscadas da sala de jantar, obriga Linda a se sentar e vai logo prendendo os braços dela com a fita nos arabescos entalhados na madeira. É a maior utilidade que essa cadeira teve em mais de uma década, algo bem distante dos jantares que a recém-casada Linda imaginou que daria, quando se apossou da casa da mãe e a reformou, quarenta anos atrás.

Mack, por um instante, receia que, quando remover a fita, vai arrancar a pele de Linda, que é fina feito papel. Puxa as mangas do casaco da mulher – outro *blazer*, desta vez, de um azul tão vivo que quase cega – para baixo, mas o tecido é rígido e não estica. Pelo menos, Linda é tão velha que ainda usa meia-calça, que a fita vai rasgar, no lugar da pele de suas pernas.

Assim, tão de perto, enquanto prende os tornozelos da mulher às pernas da cadeira, Mack consegue enxergar a descoloração, as teias de veias fininhas, roxas e azuladas, que se desviaram de seu propósito inicial e flutuam na superfície da pele, sem fazer circular nada.

Como será que é ficar velho? Mack jamais imaginou aquilo, nunca viu

isso acontecer com a própria mãe, não consegue se lembrar dos avós tão bem, a ponto de conseguir imaginá-los. Será que eram assim, tão frágeis, quando seu pai os esfaqueou? Mack está tão distraída que não se dá conta de que Linda estava falando com ela nem de que Ava e LeGrand ainda estão na cozinha, discutindo em voz baixa.

– Você ouviu pelo menos uma palavra do que eu acabei de dizer? – sussurra Linda, com o batom mais chamativo do que nunca, em contraste com as bochechas pálidas. As olheiras azuladas, que aparecem apesar da grossa camada de base, têm um tom mais bonito do que os olhos esbranquiçados de Linda.

– Não. – Mack se afasta da cadeira para conferir o que fez. Ela não conseguiria se soltar e duvida que Linda seja capaz de fazer isso.

Ava surge na sala de jantar e atira a bolsa de Linda em cima da mesa. Batons em embalagens dourada saem rolando, assim como uma carteira enorme, de couro cor-de-rosa, uma agenda de endereços, um *walkie-talkie* igual ao que Ava guardou em um de seus muitos bolsos, pastilhas para a garganta, uma pequena pistola com cabo rosa-claro perolado, lenços umedecidos, lenços de papel e, finalmente, as chaves do carro.

– Como vocês conseguiram sair? – indaga Linda, enquanto Ava abre a carteira, tira todas as notas de dinheiro que há nela e as enfia em outro de seus bolsos.

– Dá para pôr gasolina suficiente para a gente atravessar alguns estados, ir para bem longe daqui, seja lá onde fique essa droga de lugar onde estamos – resmunga Ava. – Vamos precisar de comida também.

– Quantos de vocês conseguiram sair? – Linda não está pedindo que a libertem, não está tentando negociar. Existem coisas mais importantes para ela. – Por favor, Mackenzie.

Mack olha para Linda, surpresa. As únicas pessoas que a chamam assim são pessoas que leem seu nome escrito em uma lista. E isso é tudo o que ela é para Linda: um nome escrito em uma lista.

– Preciso saber – prossegue Linda. – Quantos de vocês conseguiram sair do parque? A coisa foi alimentada hoje? *A coisa foi alimentada hoje?* – Em pânico, sua voz sobe uma oitava.

Como Ava está do outro lado da mesa, não consegue alcançar a velha, o

que, provavelmente, é uma coisa boa. Ava se senta em uma das cadeiras, recosta-se e entrelaça os dedos atrás da cabeça.

– É com isso que você está preocupada neste exato momento? Com a gente aqui, armado, sabendo que você sabia *exatamente* por que nos mandou para aquele parque?

– Podem me matar, se quiserem – dispara Linda. – Mas a coisa *foi* alimentada hoje. Vocês não abandonariam amigos se eles pudessem vir também. E os guardas teriam comunicado por rádio se a coisa estivesse perto do portão. – Linda fecha os olhos e solta um suspiro de alívio. – Certo. Que bom. Ganhamos mais um tempo. Não encoste nisso!

Mack congela, com a mão encostada na cristaleira. Ia colocar o lenço de volta.

Ava dá um sorriso.

– Tranquilo, Linda, já encontramos seu diário.

Linda fica de olhos saltados, ultrajada. Suas sobrancelhas pintadas não combinam muito bem com os diversos níveis de puro emputecimento que o restante de seu rosto está transmitindo.

– Quem vocês deixaram lá no parque? Aqui só tem três pessoas.

– E desde quando isso é da sua conta, porra? – pergunta Ava.

Linda se encolhe, e sua careta fica mais pronunciada.

– Não falem palavrão na minha casa. É da minha conta porque preciso saber... – Ela fica em silêncio por alguns instantes e aí solta um suspiro. – Não, suponho que eu não precise saber de quantos substitutos precisamos, exatamente. Não é mais problema meu. Ray pode resolver isso, uma vez na vida. – Linda solta uma risada que é mais um soluço. Então esse é o fim. Todo o seu trabalho, todo o seu sacrifício, posto a perder por esses merdinhas ingratos.

– O Ray lá da lanchonete? O cozinheiro? – Ava fica girando a pistola em cima da mesa, arranhando a madeira polida.

LeGrand está parado na entrada da cozinha, com o rifle a postos, como se Linda fosse se soltar a qualquer momento, transformar-se em um monstro e devorar todos eles. Não é um medo despropositado, na verdade. Muito menos depois do que LeGrand viu, do que Mack leu para eles. LeGrand não consegue se livrar da sensação de que Linda ainda é capaz de lhe fazer mal,

que ainda *vai* lhe fazer mal, vai fazer mal a todos eles.

Linda balança a cabeça.

– Sim, esse Ray.

Ava para de girar a pistola. Está apontada bem para Linda. E aí começa a girá-la de novo, como quem não quer nada.

– Ah, ele morreu.

Linda bufa, irritada. Seu hálito é azedo, competindo pela predominância olfativa com a intensidade de seu perfume floral marcante.

– Que desperdício – resmunga.

– Desperdício? – Ava ri. – Eu sabia que você era uma vaca sem sentimentos. Mas, uau, isso é outro nível.

– Já que vocês iam se livrar de Ray, o mínimo que poderiam ter feito era tê-lo obrigado a entrar no parque. – Linda se remexe para passar a mão na testa, mas é claro que suas mãos não podem fazer isso. O mais impressionante, talvez, é o fato de seu cabelo não ter migrado nem um centímetro sequer do local onde foi cacheado e penteado com laquê, formando uma escultura loira. – Mas quem vocês deixaram para trás? Jaden?

– Já era – diz Mack, olhando para o próprio reflexo, sobreposto na delicada porcelana. Os olhos dela parecem buracos vazios, o rosto está branco; o cabelo, preto. Parece um esboço de uma pessoa feito por um artista, mas que o artista achou que não valia a pena terminar. Arrancou do caderno, começou de novo.

– Vocês não deixaram o querido do Brandon lá, né? – Linda ainda tem a audácia de falar com um tom perplexo.

Mack dá de ombros, lembrando-se do barulho de Brandon ao bater no chão.

– Jamais faríamos isso – sussurra.

Mack teria feito isso em outra vida. Mas não nesta.

– Ele também morreu. – Ava gira a pistola com tanta força que a arma escorrega da mesa e cai no chão.

Linda chupa os dentes, um hábito adquirido para limpar o batom deles, agora feito automaticamente.

– Devorado ou morto?

– Morto. – Mack se dá conta de que está feliz por ele de novo. O querido do Brandon. – O monstro pegou Jaden e a outra Ava.

– Mais um desperdício. Ele morreu em vão.

– Ao contrário dos demais? – A voz de Ava fica mais agressiva, com um quê de histeria, e seu rosto se contorce em um sorriso de incredulidade.

– Sim, ao contrário dos demais! Vocês leram meu diário. Achem que fazemos isso por *diversão*?

– Sei lá. Gente branca. Nunca dá para saber.

– Não seja racista – dispara Linda.

Mack nunca soube o motivo de o pai ter feito o que fez, seja lá o que Jaden e aquele *podcast* do caralho tenham projetado sobre ele. De repente, lhe parece urgente entender o exato motivo para a vida de tantas pessoas ter chegado ao fim dentro do parque. Por que a vida dela deveria ter chegado ao fim dentro do parque.

– Por quê? – pergunta. – Por que tantas pessoas têm que morrer?

O diário que tinham em mãos não deixava claro, mas Ava sabe o suficiente.

– Porque eles são um bando de predadores adoradores do diabo.

– Sou cristã! – Linda bufa e vai logo corrigindo a afirmação de Ava. – Não adoramos a besta. Vocês não entendem que tudo o que é importante e grandioso requer sacrifícios – completa, e sua voz fica com um tom sutilmente diferente. Ganha um brilho tão polido quanto o da mesa. Isso é algo que ela já recitou antes, a forma da frase que sai de seus lábios é bem conhecida e bem acabada. – E as sete famílias que fundaram nossa cidade mudaram o mundo de formas importantes e grandiosas. Avanços farmacêuticos, inovações cirúrgicas, titãs tecnológicos, isso para não falar da miríade de juízes, senadores, líderes locais e gigantes dos negócios que comandam nosso país e geram empregos para inúmeras pessoas.

– E *por que* isso exige dar pessoas para um monstro invisível comer? – pergunta Ava.

– Você não conseguiu vê-lo? – A voz de Linda volta ao presente de repente, desviando dos trilhos tão percorridos de seu discurso ensaiado.

– Não.

– Vocês dois conseguiram? – Linda olha para LeGrand e Mack e dá

risada. – É claro que conseguiram. Eu percebo de longe. Além do mais, nunca tivemos dúvidas a respeito da linhagem do seu pai, LeGrand, o mais prolífico integrante da família Pulsipher.

LeGrand franze o cenho, mas não diz nada.

Ava dá um chute na mesa.

– Você estava explicando por que precisam dar pessoas como alimento para um monstro invisível!

– Você, por acaso, sabe quantas das famílias que fundaram essa cidade perderam tudo durante a Grande Depressão? Quantos filhos dessas famílias foram mortos na Segunda Guerra Mundial, na Guerra da Coréia, no Vietnã?

– E como é que eu vou saber disso, caralho? – resmunga Ava, cada vez mais irritada. Aquilo não está levando a lugar nenhum. É melhor irem embora. Mas Mack está se apegando às palavras, com um olhar afoito no rosto. Ava vai permitir que Linda termine de explicar e aí vai mandar LeGrand e Mack entrarem no carro, e aí vai atirar na velha. Por Brandon. Porque ele morreu e porque Linda declarou que a morte dele foi um desperdício, porque essa morte não trouxe nenhuma vantagem pessoal para ela.

– *Nenhum.* – Linda dá um sorriso triunfante. – Ninguém perdeu tudo, nenhum filho amado morreu em solo estrangeiro. Ficamos protegidos. Somos protegidos desde a época dos meus avós. Eles fizeram o primeiro sacrifício, fizeram o pacto, deram sangue do seu sangue para proteger o sangue do seu sangue. Coisa que *você*, obviamente, não é, Ava. Eu deveria ter adivinhado. A vadia da sua mãe deve ter enganado o idiota do seu pai.

Ava se abaixa e pega a pistola que caiu no chão, coloca em cima da mesa e a acaricia.

– Conta alguma novidade sobre minha mãe. – Um sorriso louco surge no rosto de Ava. O pai dela sempre soube que a mãe engravidou pouco antes de se conhecerem, mas a registrou com o sobrenome dele mesmo assim. Nunca se importou com isso, e nunca, nem uma vez sequer, olhou para Ava de outro modo que não fosse com amor e orgulho.

É *claro* que ele não era da laia dessa gente.

– Ah, pode atirar em mim, seu animalzinho imundo. Não faz diferença. Vão descobrir que vocês escaparam e vão conseguir mais gente.

Provavelmente, com Rulon. Ele sempre está à disposição. Sem dúvida, deve haver uma ou duas filhas inúteis que ele não vai ligar de mandar para nós. – A velha lança um olhar para LeGrand, acompanhado de um sorriso sonso.

LeGrand ergue o rifle, com um único movimento fluido.

– Vou te matar.

– Se eu morrer, sabe-se lá quem vão escolher para substituir vocês. Vocês estão assinando sentenças de morte.

– Não estamos fazendo nada – dispara Ava. – Não põe a culpa na gente!

– Não estão? Vocês estão tomando a decisão de partir, sabendo que outras pessoas vão ter que tomar seu lugar. Toda a sua geração é tão egoísta que me dá nojo. Essa era a coisa mais nobre que vocês poderiam ter feito na vida, e, em vez disso, vão dar as costas e fugir, deixando outras pessoas morrerem no seu lugar.

Ava solta a pistola e ergue as mãos no ar, incrédula.

– Você está ouvindo o que está dizendo? Você é maluca. Completamente maluca para caralho.

– Dobre a língua – dispara Linda. – Não vou tolerar esse tipo de linguajar na minha casa.

– Ai, meu Deus. Se você ama o seu legado tanto assim, sacrifica a própria vida.

Linda dá uma risada debochada.

– Você bem que gostaria, não é mesmo?! Que todos nós morrêssemos. E aí não haveria ninguém no comando. Os *meus* avós se sacrificaram para que *nós* não precisássemos nos sacrificar! Fizemos por merecer nosso sucesso. Fizemos por merecer nossas vidas. Fizemos por merecer este mundo, e aí de mim se eu permitir que vocês roubem esse mundo de nós.

– Vamos embora. – Ava levanta e faz sinal para Mack e LeGrand. Aquilo é inútil. Ela meio que tem a sensação de ter voltado para o Facebook, de estar discutindo com o vô pervertido. Talvez *esteja* perdendo a cabeça, afinal de contas. O delírio causado pela dor se instalou. – Vamos nessa. Já não temos mais o que fazer aqui.

– Meu pai vai mandar alguém? – pergunta LeGrand, baixinho.

– Ah, vai – responde Linda. – Ele vai conseguir pelo menos um substituto. Chegou a comentar sobre ela quando conversamos sobre você.

Alma? Almera? Algo assim.

LeGrand sacode o rifle, e a coronha bate na têmpora de Linda. A cabeça da mulher vai para o lado, a pele se corta, e o sangue estraga, finalmente, seu cabelo.

Linda solta um suspiro de dor, pisca, ainda está viva. Ainda está consciente. É a primeira e única vez que LeGrand agrediu alguém na vida. Parece que outra pessoa fez isso. Ele consegue enxergar a evidência do seu ato, sentir o coração acelerado, mas não tomou a decisão de agredi-la. Foi automático.

– Como você sabe que esse negócio funciona? – indaga Ava.

– O que você quer dizer com isso? – Linda geme, fecha os olhos e sacode a cabeça.

– Quero dizer que como vocês sabem que é esse pacto com um demônio que garante que todos vocês sejam bem-sucedidos e tal? Vocês são brancos. São bem de vida. Tenho quase certeza de que gente como vocês se dá bem na vida sem esforço, há muitas gerações. Não precisam de nenhuma proteção mística.

– Não finja que eu tive uma vida fácil! Você não faz ideia do que fui obrigada a fazer, a encarar, a resolver para cuidar da minha família, do meu povo, da minha tradição.

Ava dá risada.

– A gente leu o seu diário. Sabemos exatamente o que você fez. Meu Deus. Não consigo. Não consigo mais falar com ela. Vamos nessa. – Ava fica de pé e estende a mão para Mack.

– O que acontece se o monstro não for alimentado? – pergunta Mack. – Ele vai sair do parque?

– Ele será alimentado, não importa o que aconteça. Eu já falei. Além do mais, o portão o mantém preso lá dentro.

– Você promete que ninguém vai encostar um dedo na irmã de LeGrand?

– *Mack* – adverte Ava.

Linda ergue a cabeça ao ouvir isso, aperta os olhos, em uma expressão ardilosa.

– Em troca do quê?

– Nós voltamos para o parque – responde Mack. – Você ganha um dia e,

aí, só vai precisar de mais uma pessoa. – Mack finalmente entendeu por que sentiu que sair do parque era errado. Não estavam fugindo. Estavam *se escondendo*, só que em um lugar diferente. Mack ia se esconder, e alguém ia morrer no lugar dela, igualzinho ao que já havia acontecido. Igualzinho ao que aconteceu com Maddie. E, desta vez, ela sabe disso.

Nunca mais.

– *Mack!* – Ava aperta o ombro dela, mas Mack não se levanta, não se mexe, não tira os olhos de Linda.

– Mais duas – corrige Linda. – A besta não vai comer essa aí. – Ela inclina o queixo para Ava, e seu tom de voz indica que a velha acha que isso é uma ofensa. A inferior da Ava, que não presta para ser devorada por um monstro.

– Certo – concorda Mack. – Mais duas. Mas não Almera. A segurança dela fica garantida para sempre.

– Para. – Ava puxa Mack pelo braço, tentando fazê-la levantar, tentando fazê-la se mexer. – Para.

Linda tem os olhos fixos em Mack, um tubarão sentindo cheiro de sangue. Consegue virar a mesa. Ainda vai vencer. É claro que vai. Vencer é seu direito divino.

– Posso garantir isso. Mas só se eu estiver viva.

– Você jura? – pergunta LeGrand. – Eu entro no parque, e a segurança de Almera fica garantida. De verdade. Você vai tirar Almera de meu pai e colocá-la em uma casa boa. Um lugar onde cuidarão bem dela.

– Juro pela vida dos meus avós. Pelo sacrifício que meus avós fizeram. Vou providenciar que sua irmã fique a salvo e seja bem- -cuidada, pelo resto da vida dela.

– Você não pode estar falando sério! – Ava solta o braço de Mack e anda de um lado para o outro. Mas a dor é demais. Tudo é demais. Ava fica sem ar, seu campo de visão vai diminuindo, e ela se joga contra a parede. – Não. Não.

– Eu nunca tive escolha. – Mack fica olhando para os veios da madeira da mesa, para os minúsculos arranhões feitos por Ava. Imagina se podem ser removidos com uma lixa, apagando até o fato de um dia esses arranhões terem estado ali. – Não. Não é verdade. Eu tinha escolha e escolhi. Deixei a

minha irmã morrer no meu lugar. Roubei o esconderijo dela e para quê? Quando foi que fiz alguma coisa da vida que roubei?

Finalmente, Mack ergue os olhos, mas não olha para Ava. Olha para o fantasma do próprio reflexo, no vidro da cristaleira. O vidro que protege a porcelana da família Nicely, uma porcelana que Mack nunca pôde tocar, nunca pôde usar, nunca pôde ter.

– Desta vez, sei o que está em jogo, e posso escolher me sacrificar. E não vou cometer o mesmo erro de novo. – Mack olha para LeGrand. Está fazendo esse trato por ele também.

Le Grand assente. Qualquer coisa para salvar Almera.

– Certo – diz ela. – Vamos voltar para o parque.

– Porra! – grita Ava, socando a parede. – Não! Não vou deixar.

LeGrand aponta o rifle para Ava, calmamente.

– Ava. Entra no carro e vai embora. Vai. Não é problema seu, não mais.

– Vocês não podem... Isso não... Meu Deus, *não*. Não. – A voz dela fica embargada, e seus olhos castanho-escuros se enchem de lágrimas.

– Você pode voltar para lá com eles – sugere Linda. – Ficar com seus amigos. Servir de testemunha. – Linda sorri, e o vermelho do sangue que escorre por seu rosto contrasta com o rosa do batom, uma confusão de cores espalhafatosas. – Você não corre nenhum perigo, e pode garantir que eu cumpra com minha palavra. Mack e LeGrand se sentirão melhor assim, certo? Ava vai me obrigar a cumprir minha promessa.

LeGrand balança a cabeça, aquiescendo com movimentos rápidos e sutis.

– Por favor – diz, ainda apontando o rifle para Ava.

– Vocês acham mesmo que eles vão deixar que eu saia viva depois de tudo isso? – A voz de Ava é entrecortada pelo esforço de segurar o choro, pelo terrível peso do desespero.

Linda voltou a falar com o tom alegre da mulher que recepcionou o grupo dentro do ônibus, há uma eternidade. Não vai permitir que Ava saia viva, de jeito nenhum, mas não tem nenhum motivo para não fingir que vai.

– Já fizemos isso antes. Com Doreen, uma empregada. Na segunda temporada de sacrifício. Na época em que ainda achávamos que poderíamos oferecer uma presa inferior para a besta. Que a rejeitou, é claro, e a deixamos ir embora. Porque quem iria acreditar em uma... – Linda deixa a

frase no ar, e fica claro que iria usar um termo diferente, um termo com que está mais acostumada, antes de se corrigir. – Em uma empregada negra, pobre e ignorante, em vez de acreditar em nós?

– E quem iria acreditar em mim em vez de acreditar em vocês? – Ava dá risada, sacudindo a cabeça. – Meu Deus, você tem razão. Você está coberta de razão. Não posso contar isso para ninguém.

Linda se contenta em dar o que, na cabeça dela, é um sorriso terno e maternal. Ava tentaria contar o que houve. E não ganharia nada com isso, mas acabaria chamando uma atenção com a qual não valeria a pena lidar. Será muito fácil matá-la depois que Mack e LeGrand forem devorados.

– Você pode ir embora quando quiser. Não vou impedi-la. Ou pode ficar de vigília com seus amigos e ir embora depois. Você decide.

– Dá o dinheiro para ela também – diz Mack.

– Quê? – Ava e Linda falam ao mesmo tempo.

– O dinheiro do prêmio.

Linda arregala os olhos e os dirige para Ava, como se quisesse confirmar que, pelo menos, alguém ali é esperto a ponto de se dar conta de que o prêmio em dinheiro nunca existiu. Não era para ninguém sair dali vivo.

– Sim, claro – responde Linda, com um tom conciliador. – Vamos dar os cinquenta mil dólares para ela.

– Certo. – Mack se sente em paz. Em paz de verdade. Não está mais se escondendo. Está no controle da situação, pela primeira vez na vida. – Só que agora. Dá o dinheiro para ela agora mesmo.

– Não tenho cinquenta mil dólares aqui!

– Dá o que tiver em casa. – Mack dá de ombros. Pode esperar. A noite é uma criança, o amanhecer e a morte que o acompanha ainda estão bem distantes.

– Ai, meu Deus. – Linda fecha os olhos, mas fala em um tom menos preocupado e mais irritado. – No meu quarto, no *closet*, tem um cofre. A senha é 7-14-7. Vocês vão encontrar dinheiro lá dentro. Não encostem nas joias. Eram da minha mãe.

– Mack – implora Ava.

– Vai buscar – diz Mack. – Vou soltar ela e, aí, vamos voltar de carro para o parque. Ninguém mais precisa saber do que aconteceu, né, Linda? Fala

que precisa de mais duas pessoas porque o monstro rejeitou Ava e Brandon morreu por acidente.

– Isso é aceitável. Como foi que você matou Ray? Vou precisar dar um jeito de minimizar o estrago.

– Esmigalhei a cabeça dele. – Ava sai da sala e vai procurar o quarto de Linda. Não sabe por que está fazendo isso. O porquê de nada daquilo. Perdeu o controle. Não está mais na liderança. Tudo aquilo é uma bosta do caralho. Ava não pode arrastar Mack para longe dali, não pode obrigar LeGrand a entrar no carro. O que está *acontecendo*? O que os dois viram que ela não viu? Ava achou que tinha chegado tarde demais para salvar a vida de Brandon. Só que, pelo jeito, chegou tarde demais para salvar a vida de todos eles.

Linda balança a cabeça, organizando os pensamentos.

– Cabeça esmigalhada. Essa é fácil. Ray caiu da torre. Estava velho demais para fazer isso, de todo modo. – Então estampa seu melhor sorriso de vamos-pôr-a-mão-na-massa, enquanto Mack vai tirando a fita com cuidado, braço por braço, perna por perna. Linda esfrega os pulsos e fica de pé. – Deixem só eu me limpar, e aí vamos levar vocês de volta para o seu devido lugar, crianças.

Mack assente, vai jogando as coisas de Linda de volta na bolsa da mulher, abaixa-se para pegar os vários batons, de maneira que Linda não consegue ver o que ela está fazendo. Mack deixa as chaves do carro de fora. Está pronta. Sabe que Ava está magoada – gostaria de poder consolá-la –, mas está tão feliz por Ava ter resolvido ir com eles e não querer ir embora agora.

Mack seria capaz de fazer isso sozinha, se preciso fosse, mas é um alívio *não* precisar. Ava abriu sua cápsula, deu início a essa coisa toda. Mack quer que Ava esteja com ela para pôr fim nisso também. Ela vai atrás de Linda, que entra na cozinha, e fica por perto.

LeGrand continua com o rifle. Está abraçado à arma, com um olhar vago, a determinação que mudou seu rosto há pouco se suavizou de novo. Ele salvou a vida de Almera. Não do jeito que queria nem do jeito que esperava, mas faz sentido. Deus está permitindo a LeGrand que salve a vida de Almera, mas só se ele pagar com a própria vida. Quando tentou ajudá-la antes, achou que isso lhe custaria tudo. E agora realmente vai custar.

Ava reaparece, com uma expressão de pesar, os bolsos cheios. Sacode um vidro de remédios na cara de Linda.

– Esta etiqueta está certa?

Linda faz careta, ofendida, pressionando com cuidado um pano úmido na lateral da cabeça.

– Por que não estaria?

Ava pega dois comprimidos, engole a seco.

– Não tenho como pagar por essa merda, e, na verdade, preciso dela.

– Não é culpa minha você ser pobre – rosna Linda.

Ava pega as chaves do carro, que estão em cima da mesa.

– Tenho que discordar de você. – Ava não olha para Mack, evita, de propósito, cruzar o olhar com o dela quando entram no enorme *sedan* de Linda, Ava no assento do motorista. Mack consegue ver a dor ao redor dos olhos de Ava, a estranha bravata que ali se instalou, agora que Ava aceitou seu destino.

Talvez, Mack deseje que Ava *tivesse* resolvido abandoná-los, que tivesse optado por entrar no carro e fugir de toda aquela loucura que não tem nada a ver com ela. Ava não viu o monstro. Não é capaz de entender, não a fundo, por que Mack precisa voltar para o parque.

Ava dá a ré sem olhar, derrubando a caixa de correio pintada com flores de Linda e destruindo vários dos canteiros floridos da mulher. Linda chia de desgosto, mas, pelo jeito, pensa duas vezes e não a censura.

Assim que chegam à estrada, contudo, Ava dirige com a mão firme, apesar da dor e dos remédios para a dor. Sabe que Linda e seus comparsas vão tentar matá-la. Mal pode esperar por isso, na verdade. Pelo menos, é um inimigo que ela pode encarar, pode machucar.

Mas como pode lutar contra a decisão de Mack, de se autodestruir? Ava entende. Quando estava no hospital, sozinha, sendo remendada com pinos, desejou, mais de uma vez, que sua vida tivesse terminado naquela estrada, ao lado de Maria. Quase sai da estrada, lembrando-se de Maria. Terá que ver Mack morrer também.

Ela corrige o curso, na estrada e no raciocínio, abruptamente. Não. Vai pensar em um plano. Em algo. Algo. Mas só vai poder ajudar se ficar com eles. Cerra os dentes por causa da dor, que já diminui, blinda a cabeça,

protegendo os pensamentos da desconexão iminente que as drogas boas de verdade causam.

De qualquer modo, Mack tem sido sozinha. Há tanto tempo. Assim como Ava. Pelo menos, as duas ainda terão mais umas poucas horas em que não vão ser sozinhas, e aí Ava vai dar um outro jeito. Vai dar porque tem que dar.

LeGrand fica olhando para a frente, para a noite, e suspira, está tão cansado... Pelo menos, desse jeito, ele vai ser devorado, não vai devorar outras pessoas. Em outra vida, LeGrand teria amadurecido. Teria se tornado um élder. Teria se tornado igual ao pai, um devorador, um deus pequeno e mesquinho, de um mundo pequeno e patético. Está no sangue dessa cidade, afinal de contas. Rulon Pulsipher apenas tomou um rumo diferente do de Linda.

Nada disso importa. Almera ficará a salvo, e isso é tudo o que LeGrand sempre quis. Mas, agora que está atravessando a noite, voltando para o parque, tem que admitir: ele também gostaria de viver.

– Por onde vocês pularam a cerca? – pergunta Linda, quando a estrada vira uma estrada de terra e fica mais acidentada.

– Pela torre de vigilância de Ray.

– E suponho que foi ali que deixaram o corpo dele também. – Linda parece brava.

– Com certeza! – responde Ava, alegre.

– Pare aqui, então, antes que o guarda do portão nos veja. Vocês podem entrar pulando a cerca de novo.

Ava para o carro abruptamente e sai dele em seguida. Guia todos pela floresta, com seu senso de direção infalível. Na base da torre de vigilância vazia, aponta para o local onde está o corpo de Ray.

– Arraste ele dali – diz Linda.

– Arrasta ele você. Você não é minha chefe.

– Deixem o rifle ali – dispara Linda. – Senão, vão perceber que alguma coisa aconteceu.

LeGrand estende a arma, mas Ava a pega antes de Linda. De rifle em mãos, ela considera, por uns poucos instantes, a possibilidade de fazer Mack e LeGrand de reféns. Obrigá-los a voltar para o carro. Mas sabe que

os dois não vão obedecer, e que ela não vai atirar neles. Deveria largar Linda dentro do parque, deixar o monstro comê-la. Mas LeGrand depende de Linda para proteger Almera. Ele não vai permitir isso.

Certo, então dá um jeito de eles não precisarem trazer novos sacrifícios. Faz Linda entrar no parque. E aí, sabe-se lá como, encontra mais três guardas e, sem levar um tiro, atrai os caras ou os atira lá dentro também, tudo isso sem ser vista pelos demais guardas e pelas pessoas da cidade. E sem poder contar com a perna, e esse crescendo de dor e, talvez, ter que lutar com LeGrand e Mack, que, pelo jeito, estão tendendo ao sacrifício pessoal, e...

É tudo inútil. Ava tira o percussor do rifle, em vez disso.

– Só no caso de você resolver atirar em mim pelas costas assim que a gente pular a cerca.

– Que menina desagradável – resmunga Linda, pegando o rifle. – O que é que vão pensar se examinarem a arma?

– Que Ray não sabia mexer nela. Não sei nem quero saber. Boa sorte com o cadáver, ele é um cara grande. – Ava cerra os dentes. Está em modo de hiperfoco, uma tarefa por vez, sem se permitir pensar no amanhã, no que vai acontecer, no que vai fazer. Está tão puta que quer estrangular todos eles. Só sabe que precisa ficar com Mack e LeGrand. É a única esperança dos dois. Então sobe até a torre e depois desce, voltando para a porra do parque do monstro assassino.

– Seus avós entendiam de pactos – diz LeGrand, com a voz grave e firme.

– Você vai cumprir o seu. – Não é uma pergunta, é uma afirmação, a afirmação mais enérgica que ele fez na vida. Tirando quando bateu na cabeça de Linda. LeGrand ainda tem a sensação de que foi outra pessoa, de que as mãos não eram dele.

– É claro. – A cabeça de Linda dói, e ela não perdoa nem se esquece disso ao observá-los escalar. Como já passaram pelo portão de Tommy uma vez, não deve ser problema. Só é preciso atravessar esse limiar uma única vez.

Mack é a última a subir. Linda fica rígida, chocada, porque Mack lhe dá um abraço.

– Obrigada – diz a garota.

Linda, com receio, dá um tapinha nas costas de Mack. E aí, algo dentro

da mulher relaxa, e ela abraça a garota também, de verdade. Linda está tão aliviada por Mack entender. Até que enfim *alguém* entende o peso dessa responsabilidade, desse dever. Linda fica surpresa ao perceber que está tomada de orgulho por essa garota estranha e desconcertante. Uma garota que entende que, às vezes, é preciso fazer sacrifícios. É claro que ela é da família Nicely. Eles sempre foram a melhor das famílias.

Tudo vai dar certo. Linda controlou a situação de novo, sabe-se lá como, contra todas as expectativas. Vai até cumprir a promessa que fez para LeGrand e levar a irmã dele para uma entidade que abriga crianças vítimas de maus-tratos, já que, assim, vai saber o tempo todo onde tem um sacrifício extra. Com toda a certeza, não vai cumprir a promessa que fez para Ava, contudo. Ava vai morrer.

– Adeus. – Mack se afasta e sobe na torre.

Quando Mack chega ao outro lado, Ava e LeGrand já estão no chão, esperando. Os ombros de Ava, tão fortes, estão curvados. Estar ali, de novo, acabou com ela. Ava não sabe o que fazer agora. Não tem ideia de contra o que lutar, nem de como lutar, nem sequer se tem forças suficientes para lutar contra alguma coisa.

LeGrand se senta no chão. Ele poderia muito bem ficar esperando ali. Não lhe parece ter muito sentido fazer qualquer outra coisa.

– Por quê? – sussurra Ava, sem tentar pegar a mão de Mack, sem vontade de encostar na pele dela enquanto ainda está quente, enquanto ainda está viva. Ava se sentiu segura com Mack, sentiu um futuro ao encostar na pele dela. – Por que fez isso?

Mack roubou o esconderijo de Maddie. Mas não sabia quais seriam as consequências. Ela não matou Maddie. Consegue enxergar isso agora, graças a Linda. Mack se agacha e tira a pistola que escondeu na meia, em vez de devolvê-la à bolsa de Linda, junto com os batons caídos.

– Eu falei que a gente ia escolher o que seria sacrificado. Nunca falei que seríamos nós.

SEXTO DIA

O sol desponta no horizonte, causando rachaduras na escuridão e inundando um parque de diversões abandonado – um labirinto – um cemitério – um lugar assombrado tanto pelos vivos quanto pelos mortos – de luz.

Há três pessoas lá dentro.

O sol atinge primeiro o topo da roda-gigante, iluminando-a por trás, com tanta intensidade que a atração quase parece estar em perfeito estado, como se, a qualquer momento, fosse começar a rodar, girando pessoas, subindo e dando voltas, uma órbita de fascínio, olhar para baixo, ver que as coisas se afastam rapidamente, e aí ficar sem ar ao se aproximar do chão, com aquela vertigem que dá um frio na barriga que culmina em um beijo roubado. Uma explosão de risadas alegres. Alguns minutos livres da gravidade.

Só que não mais. Esta órbita específica foi presa para sempre, enferrujou e ficou travada. A vista nunca mais vai mudar.

Um conjunto de trilhos de montanha-russa, antigos e apodrecidos, atapetados por tanto mato que bem poderiam ser o cadáver de alguma grande besta adormecida há muito esquecida, é iluminado em seguida. Mas é só madeira e metal. A única besta dentro deste parque não foi esquecida nem vai dormir por muito tempo.

A luz do dia atinge as árvores, o mato, os arbustos esculpido ferozes. Não consegue atravessar a parte central do carrossel, onde tanto Rosiee quanto Rebecca tiveram seu fim, cercadas pelas caretas dos rostos de animais descascados. Brilha meio de soslaio, entrando no acampamento, onde o sangue de Ian e de Christian se tornou uma mancha preta e grudenta,

uma acusação sem ninguém disposto a assumir a culpa. Pisca pelas correntes do chapéu mexicano, onde Jaden achou que estava em segurança e Brandon escolheu não estar. Detém-se no olhar de Brandon, que agora está esbranquiçado, seu cadáver não foi devorado até não sobrar mais nada. Quem será o frentista mais gentil de Pocatello, Idaho, agora?

O sol vai correndo pelo chão, passando pelos incontáveis muros tortuosos do labirinto, devorando sombras e a neblina intensa, banhando tudo no mais profundo alívio. Os arbustos onde Sydney se agachou e fechou os olhos para não ver o que a estava perseguindo. O sorriso de desdém do palhaço, onde Logan – que foi eliminado tão rápido, agora esquecido até por nossos três competidores, que não vão conseguir lembrar seu nome – caiu no sono e nunca mais de lá saiu. A poça coagulada, irmã gêmea da poça que há no acampamento, prova de que Ava bonita existiu, de que ela foi real, de que tentou. E tentou com tanto afínco...

E ali, seguindo de seta em seta, a trilha que Atrius deixou para trás. Sua marca na competição. Mack para por alguns instantes ao ver os *scarpins* confortáveis abandonados, tenta se lembrar da mulher a quem pertenciam, só consegue conjurar a imagem de um terninho e uma aura de estresse.

Isabella, a primeira vida perdida, perdida para sempre.

Mack não deixa de reparar no sapato de criança, o couro rachado e descascado, preso em um galho, que agora cresceu até a altura do seu rosto. Ela balança a cabeça; como se estivesse fazendo um trato secreto com o sapato, o tira da árvore e o guarda no bolso.

Mack continua andando, sabendo que já andou o suficiente, mas precisando ver com os próprios olhos o centro de tudo aquilo. O que uma geração muito anterior à dela invocou, pagando o preço, e pelo qual as gerações subsequentes resolveram obrigar outras a pagarem. Economia do gotejamento, que favorece os ricos e privilegiados. Eles ficaram com a economia, e o sangue gotejou ao longo de décadas.

Mack chega a uma curva, quase tropeça em uma velha argola de ferro, presa no cimento décadas atrás. Ela para, temente no sentido mais antigo da palavra, em que “temor” é tanto um medo que sacode a alma quanto um maravilhamento que confunde os pensamentos, tudo ao mesmo tempo.

Eis o templo.

E eis a besta.

Em outro ponto, em volta do parque, mal-humorados, mas sentindo pouco pesar pela perda de um membro de seu próprio grupo, o que não deixa de ser chocante, há homens sentados em suas torres, com suas armas encostadas na parede, bebendo café, felizes com o fato, de que, pelo menos, é Linda quem vai dar um jeito naquela confusão. Os menos misericordiosos entre eles têm raiva de Ray, por ter morrido, deixando um buraco na escala e os obrigando a fazer mais turnos. Os mais misericordiosos entre eles não vivem mais na cidade nem têm mais nada a ver com essas famílias, e não marcam presença nas torres.

Até mesmo Chuck, filho de Ray, não consegue sentir nada mais forte do que um desprazer vago pela morte do pai e pela “trapalhada” que aconteceu no parque, como Linda resumiu, de modo tão irritante. Vão mesmo jogar o peso de tudo aquilo nas suas costas, na próxima temporada. Ele é um homem de quarenta e cinco anos, caralho, e ainda trabalha para o pai. Ou trabalhava, até poucas horas. Mas cadê suas dádivas pelo grande sacrifício? Por que *ele* deveria ser encarregado de coordenar tudo para que outras pessoas possam se beneficiar? É uma cidade boa. Mas, às vezes, parece uma sentença de prisão.

O rádio faz barulho de estática na mesma hora que vários estouros ecoam no ar, vindos de algum ponto do parque. Chuck levanta de supetão, observa a vista limitada. Está de plantão na torre de vigilância mais próxima do portão, que recebeu o nome de Tommy, em homenagem ao bisavô, mas Chuck não vê nada.

A estática come várias das palavras, mas um dos caras – Ted, talvez? Parece a voz de Ted – está falando que levou um tiro.

Linda finalmente se acomoda na cama, com uma compressa na cabeça dolorida, quando o telefone de sua mesinha de cabeceira toca.

– Que foi? – resmunga. Só pode ser um dos homens, provavelmente querendo saber quem vai substituir Ray, como se ela não fosse capaz de dar conta de tudo aquilo sozinha, como se não estivesse dando conta de tudo aquilo sozinha há décadas! Talvez, se Linda tivesse alguns ajudantes

competentes, caramba, o fiasco da noite anterior jamais teria acontecido.

– Você não está respondendo no *walkie-talkie*. Existe a possibilidade de eles estarem com uma arma dentro do parque? – indaga Garry.

– Não, revistamos a bagagem de todos no ônibus, como eles poderiam...

– Linda solta o telefone na cama, vai correndo até o corredor, bate o cotovelo na parede. Sua bolsa está exatamente no mesmo lugar onde Mack a deixou, em cima da mesa, depois de ter guardado tudo o que havia caído dela, tão atenciosa. Linda vira a bolsa sobre a mesa, desesperada. Mas é claro que não encontra o que está procurando.

Vai até o aparelho preso na parede e o tira do gancho, a ligação ainda não foi cortada.

– Desculpa, deixei o telefone cair. Chuck não deve ter revistado direito. Deve ser aquela militar. Trate-a como se fosse extremamente perigosa.

“Aquelas vadiazinhas imundas.” Linda põe o roupão, pega as chaves e entra no carro.

– Em que torre? – indaga Chuck.

– A da montanha-russa! Vem logo! – O homem é interrompido. Chuck fica confuso por um instante, já que as torres têm nome, mas sabe de qual torre Ted está falando. Rose. O que também é estranho, porque Ted costuma ficar na Ethel, mas deve ter trocado com alguém. Azar o dele. E azar de todos eles. Como Ted é o pior atirador, vão ter que ir até ele rápido. E a roda-gigante é do outro lado do parque, a uns bons três quilômetros de distância, porque vai ter que dar toda a volta.

– Pessoal! Vai todo mundo para a Rose! – comunica Chuck. E, em seguida, desce da torre, sobe no quadriciclo e afasta-se, a toda velocidade, da torre e de toda a sua vista do portão.

LeGrand aperta o botão de transmitir do *walkie-talkie* e fica segurando, bloqueando a linha, para que ninguém consiga se comunicar. Aí, dá mais um tiro, só para garantir, mirando em coisa nenhuma, e sai correndo.

– Droga, cadê? – Ava revira a sacola de Ian, deixada no chão do pavilhão abandonado. Ela é a única que não corre perigo iminente, mas sente intensamente a ameaça sobre Mack e LeGrand, uma pressão no peito,

garras imaginárias que dilaceram suas próprias entranhas. Vão pôr um fim nisso hoje. Ava pega um livro velho, com capa de couro, e enfia em um dos muitos bolsos da calça cargo. Poderia servir de pavio. Mas só se ela encontrar o isqueiro.

– Ahá! – grita, triunfante, emergindo, mais uma vez, das profundezas da sacola de Ian com o isqueiro de prata chique do garoto. Muda de planos em relação ao livro, pega uma das camisetas da Athens Painéis Solares, que eram de Christian, depois vai para o gerador monstruoso e começa a arrastá-lo.

Suas entranhas, ainda intactas, se revoltam. Talvez deversem ter escolhido alguém com duas pernas boas para cumprir essa missão.

– Caralho caralho porra caralho. – Ava cerra os dentes de dor. Nunca deveria ter se metido naquela luta, que não é dela. Mas, por acaso, toda luta não é dela, mesmo que não ganhe nada com isso? Está tão cansada de ter que lutar...

– Mack – sussurra, com seus botões, fechando os olhos e respirando fundo. Aí se agacha o melhor que pode com aquele joelho e aquele tornozelo da perna direita que não dobram mais, enfia os braços na caixa de metal que protege o gerador (esses pães-duros da porra não podiam ter investido em umas rodinhas?) e fica de pé, urrando.

“É só pôr um pé, depois o outro”, pensa, e aí dá risada porque só tem *um* pé que funciona. Mas ela dá conta. Tem que dar.

Ela é a porra da mulher mais forte do mundo.

Na mente de Mack, que tem cicatrizes dos ferimentos daquela noite, o pai perdeu o rosto. Transformou-se em algo muito maior que ela, com o corpo todo quebrado e buracos pretos no lugar dos olhos. Ele não segurava uma faca: ele era a faca.

Só que, ao encarar a morte de frente, Mack se permite, finalmente, tentar se lembrar do pai. E, quando lembra, dá risada.

Ele tinha um barrigão de cerveja. Os braços e as pernas eram finos, os pelos tão esparsos que, em alguns pontos, não existiam. Ele não conseguia deixar a barba crescer. Os olhos eram iguais aos de Mack, grandes demais, arregalados, por isso ele sempre passava a impressão de estar distraído ou

levemente perplexo. O jeito mais rápido de acionar o temperamento explosivo do pai – o que nunca era uma tarefa difícil – era perguntar a ele se estava prestando atenção. Isso o fez ser demitido da maioria dos empregos.

Quando tentava consertar os problemas do encanamento, sempre soltava palavrões, xingava e dizia que ia dar um tempinho. E, a essa altura, ia para algum bar. A mãe de Mack assumia o lugar dele, em silêncio, e terminava a tarefa para que, quando o pai voltasse, pudesse explicar, todo convencido, que devia ter feito tudo certo, aquilo só precisava de alguns minutos para funcionar.

Ele gritava com seus programas de tevê preferidos, como se seus sentimentos tivessem alguma influência sobre o que estava acontecendo na tela.

Ele fazia panquecas com carinhas felizes, de gotas de chocolate, e assoviava as notas mais límpidas e puras.

Ele batia na mãe delas e batia nelas, não porque era forte, mas porque não era. Ninguém forte bate em criança. Ninguém forte faz *nada* do que ele fez.

E Mack não tinha dúvidas disso: ele decidiu fazer o que fez. Olhou para o mundo e sentiu que o mundo lhe devia mais do que ele já tinha e, como isso não se materializou, pôs fim à própria vida e à vida de todos que tentaram amá-lo, que poderiam ter sido mais felizes sem ele.

Finalmente, até que enfim, Mack consegue formá-lo dentro de sua cabeça, alguém pequeno, impotente, com uma raiva tóxica. Não um monstro, longe disso, mas o mais pateticamente humano dos homens.

O monstro diante dela não é humano, nem de longe, mas há vestígios em suas mãos. Não tem garras, mas unhas grossas e sulcadas, que nunca foram cortadas, quebraram, cresceram e quebraram de novo, ficando pontiagudas. O monstro se aproxima de Mack com aquelas pernas, aqueles joelhos que ficam recuados, como os das vacas. No fim dessas pernas, cobertos por uma pelagem densa e emaranhada, tingida de verde por causa do limo, cascos pesados batem no chão e não fazem um ruído alegre, de trote, mas um som de pisadas leves, cautelosas.

Os ombros são largos, largos demais. Vibram, de tanto poder, dos dois lados do peito imenso, mas que se estreita, na cintura, formando quase um cone delicado, e então se transforma em quadris que não foram feitos para

andar de pé. O monstro não tem genitália, apenas mais daquela pelagem emaranhada, tingida de verde. É corcunda, fica com a cabeça paralela ao chão. No topo de um pescoço curto e largo, o rosto é achatado, com duas narinas que se expandem quando o monstro respira profundamente, farejando algo. As terríveis cicatrizes que se formaram quando apagaram seus olhos se equilibram entre orelhas delicadas, macias como veludo, que não combinam com o restante e pendem dos dois lados da cabeça, abaixo da coroa de chifres compridos e retorcidos, com curvas sensuais.

Parecem pesados. Mack se pergunta se, depois de um dia de caçada o pescoço da coisa dói, por causa daqueles chifres.

Ao contrário do caso do pai de Mack, não há nada de pateticamente humano neste monstro, mas ela o acha patético mesmo assim, quando a coisa se aproxima, trazendo consigo o cheiro de morte, decomposição e podridão, agredindo os sentidos dela, alertando-a de que tudo chegou ao fim.

E, por mais que essa coisa, essa aberração, tenha destruído tanta gente e esteja prestes a devorá-la também, Mack não consegue odiá-la. Seja lá o que aquelas famílias tenham feito para invocá-la, para fazer seu pacto, Mack não consegue imaginar que a coisa *concordou* com aquilo. Não parece ter capacidade de consentir.

Existe para devorar. Quem pode condenar o monstro por seguir seu terrível curso, por estar em um lugar onde não deveria estar, por ser obrigado a ter uma existência deplorável, a ser sustentado e alimentado meramente para continuar existindo?

Mack segura a ponta afiada do pingente de coração de prata de Rosiee, resgatado do carrossel, e passa pelo próprio pulso. Gotas de sangue se enfileiram, o arranhão foi suficiente para cortar a pele, mas não para fazê-la sangrar demais.

O monstro para na metade do caminho, de repente. Vira a cabeça para Mack, e suas narinas se expandem, ficando bem abertas.

A missão de Mack é garantir que o monstro fique onde eles querem que fique, quando querem que fique. Mas, em vez de dar as costas e sair correndo, Mack observa. Não consegue desviar os olhos. Enganou a morte na primeira vez que ela veio buscá-la, e estava disposta – talvez até ansiosa

– para encontrá-la ali. Para aquele último, definitivo, derradeiro esconderijo, a escuridão na qual ninguém jamais vai poder encontrá-la. Nem seu pai nem a sua culpa nem a própria vergonha. Nem a fome nem o medo nem os próprios desejos.

O monstro abre a linha fina formada por seus lábios e cospe uma baba, que cai no chão. Mas não tem dentes. Dentro da boca, aniquilação. Um preto aveludado tão escuro e absoluto, como Mack nunca viu nem nunca mais vai ver. E, depois do preto, um vislumbre de algo que arde. Não um fogo quente, ávido, alaranjado, mas a fria pulsação branca de uma estrela distante.

Mack dá um passo na direção dessa promessa, que tem a força da gravidade.

Diversos tiros ecoam ao longe, e ela volta a si. Lembra-se de seu próprio ser, supercompactado, enterrado tão fundo que só restou o empuxo de sua própria infelicidade, o peso terrível de sua vergonha solitária.

Mas sua cápsula se abriu, e isso não foi seu fim. Mack não ardeu em chamas nem explodiu. Não está mais sozinha e não vai abandonar os amigos, assim como sabe – viu, sentiu e acreditaria mesmo sem ter provas – que seus amigos, sua Ava, não vão abandoná-la.

Mack dá as costas e sai correndo, e a morte a segue, veloz, atraída pelo cheiro do sangue dela e pela necessidade de mais sangue.

Ava está indo devagar demais. Sabe que está. Mas nem mesmo sua tremenda força de vontade é capaz de fazer seu corpo ir mais depressa. O gerador, que recebeu o nome de predador, sem nenhuma ironia por parte do fabricante, pesa mais de noventa quilos. Ava fica feliz por ele pesar tanto, porque isso quer dizer que ainda está abastecido de gasolina. Mas também quer dizer que Ava mal consegue tirá-lo do lugar, muito menos carregá-lo no ritmo acelerado que tinha planejado.

Os demais precisam que Ava esteja no lugar certo na hora certa. Senão não têm chance de sobreviver. Mack vai morrer, LeGrand vai morrer, e aí qual será o sentido de Ava viver? Ela finalmente reencontrou os limites de si mesma, finalmente acredita que é capaz de preencher aquele grande vazio que se apossou de boa parte de seu ser. Finalmente encontrou um propósito

e uma família, duas coisas que lhe foram roubadas, junto com uma perna que funcionava.

Agora, daria quase tudo para ter a antiga perna. O joelho estremece e quase falseia, o tornozelo de metal, encapsulado pela bota, escorrega perigosamente, indo bem mais para a frente. Ava recupera o equilíbrio com dificuldade.

Baixa a cabeça. Faz o que precisa ser feito. Ela já fez coisas mais difíceis do que isso, não fez?

Fez?

Provavelmente não. Tudo bem, essa é a coisa mais difícil que Ava já fez na vida, e aí dela se não fizer.

– Você é a mulher mais forte da face da Terra – sussurra Maria, nas lembranças de Ava, as duas espremidas na cama dela, tão espremidas que Ava sabia exatamente onde ela terminava e Maria começava, porque sentia cada centímetro desses limites.

– Mas e se eu não for? – sussurrou Ava, com medo, de repente, de não conseguir ser forte, de não conseguir ficar com Maria.

– Impossível. – Maria apertou o bíceps de Ava e deu risada quando ela flexionou esse músculo, por uma questão de orgulho. – Mesmo sem isso aí – disse Maria, dando um beliscão –, mesmo sem nenhum desses músculos, você ainda seria a mulher mais forte da face da Terra.

Ava está tão *cansada* de ser forte. Isso não salvou a vida de Maria e não salvou a própria alma, e por que ela teria que ser tão forte? O mundo exige força constante de mulheres como Ava, demonstrações de paciência e benevolência infinitas, provas do porquê merecem...

Ava tropeça de novo e, desta vez, não recupera o equilíbrio. Só consegue virar o corpo no último segundo, para não deixar que o gerador caia em cima dela, prendendo-a no chão.

– Porra! – grita, com o rosto grudado em incontáveis estações de folhas caídas. Um cheiro terroso, de sujeira e decomposição, e de vida, tudo ao mesmo tempo, inunda seu nariz e invade sua boca, tentando se apossar dela.

Ava fica deitada ali por um segundo. Dez. Trinta. Um minuto.

Só porque não deveria *ter* que ser tão forte, caramba, não significa que não *seja*. Ava levanta. Segura uma das barras da caixa do gerador e começa

a arrastá-lo.

Ela se movimenta sem pensar, sem conferir quanto avançou, sem pensar em nada a não ser em seu objetivo. Não em onde está indo neste exato momento nem no que vai ter que fazer quando chegar, mas no objetivo que se segue. Mack, LeGrand e liberdade.

O bolso que contém o caderno de Ian bate em sua perna, enquanto os demais tilintam, repletos de dinheiro e das joias de família de Linda – roubadas por vingança, pelas tantas vezes que a porra da *santa* da sua mãe foi acusada de roubar joias das casas que limpava, para mulheres como Linda –, e os músculos estremecem, e a coluna dói, e o joelho não dobra direito, e o tornozelo não funciona, e Ava segue em frente.

Ela não faz ideia de quanto está perto do portão e, de costas, não enxerga a dona daquelas joias terrivelmente cafonas parada além dele, com um rifle apontado para as costas de Ava.

Mack segue as setas feitas por Atrius, guiada pelo fantasma dele. Seu braço está sangrando, cortado pela joia de Rosiee. Talvez seja porque o monstro está tão perto, as pisadas leves dando lugar a passadas fortes, em sincronia com os passos dela, em uma terrível e voraz perseguição, mas Mack consegue sentir os demais junto com ela. Todas aquelas pessoas perdidas, que deram tão duro para encontrar um lugar onde poderiam ser bem-sucedidas, onde poderiam ser famosas, onde poderiam ter estabilidade, onde poderiam ser amadas, onde poderiam ficar em segurança.

Essas pessoas foram até ali, desesperadas, atraídas pela promessa de, finalmente, ganhar alguma coisa, ludibriadas para serem devoradas, para que pessoas que já tinham tudo continuassem tendo exatamente o que já tinham, o que poderiam ter de qualquer maneira, o que achavam que era seu por direito. E estavam dispostos a permitir que quatorze almas esperançosas pagassem o preço.

Mack não consegue se lembrar do nome de todos, mas isso não tem importância. Não são mais seus rivais. São sua equipe. Mack vai vencer não apesar deles, mas por causa deles. *Por* eles. Por Isabella e Logan e Rosiee e Sydney e Atrius e Rebecca e Ian e Christian e Ava bonita e até Jaden.

E Brandon.

E LeGrand.

E Ava. Mas Mack não corre *por* Ava. Mack corre *ao encontro* de Ava, acreditando piamente que Ava vai estar a postos.

Outro tiro ecoa pelos ares, desta vez muito mais perto e, se Mack não estivesse tão concentrada em correr, percorrendo aquele labirinto com um monstro em seu encalço, se perguntaria por que ouviu outro tiro, já que LeGrand completou sua missão e deveria estar correndo para encontrá-las.

Se ali estivesse qualquer outra pessoa que não Ava, a pessoa teria sucumbido ao tiro dado por Linda.

Mas Linda não contava com o tempo que Ava passou em um verdadeiro campo de batalha. Não contava com o fato de, mesmo de costas, com o corpo gritando e todos os pensamentos concentrados em uma tarefa específica e impossível, os instintos de Ava serem capazes de se lembrar do som de um rifle sendo engatilhado, que ela se jogaria no chão no exato momento em que o gatilho foi apertado.

O tiro passa exatamente no local onde Ava estava. Linda, além de ser uma mãe ruim, de ser uma ex-mulher esquecida e de ser as esperanças e os sonhos absolutamente realizados e absurdamente fracassados dos avós, é uma excelente atiradora.

Ava rola no chão e se agacha atrás do gerador.

– Ah, levanta, seu animal inútil – grita Linda. – Você acha que todo mundo ia cair naquela conversa e abandonar seu posto? Eu *já* jamais abandonarei o meu! É minha herança, meu legado, e ninguém vai tirar isso de mim. – Os lábios sem cor de Linda se retraem, em um sorriso feio, de desdém. Os dentes falsos, brancos e perfeitos, se destacam, contrastando com as gengivas cinzentas. – Levanta e encara isso feito homem, coisa que você bem gostaria de ser.

Ava pesa suas opções. Não tem nenhuma. Toda a vegetação da estrada que leva até o portão foi arrancada, e as árvores mais próximas não estão perto o suficiente para que ela possa alcançá-las a tempo, estando na mira de alguém que atira tão bem quanto Linda. Isso não quer dizer que o plano não deu certo, Ava tenta se convencer. Só quer dizer que sua parte no plano não deu certo. Ela pega a camiseta de Christian e o isqueiro com todo o

cuidado e coloca-os no chão, para serem encontrados por LeGrand e Mack. Uma última demonstração de amor.

Ava levanta e se vira com as duas mãos para o alto, os dedos do meio erguidos em direção aos céus.

Linda abaixa o rifle, aponta para o gerador.

– O que você ia fazer com isso? Explodir a besta? – Sua risada é dura e feia, é indolente, fraca e azeda, como o hálito que a propaga. Apesar de Linda ter feito exatamente o que esperavam dela, apesar de ter se beneficiado de todos os terríveis sacrifícios daqueles que vieram antes dela, sua vida foi absolutamente desprovida de felicidade, de carinho, de alegria. Linda tem tudo e não tem nada e, lá no fundo, sabe disso. Lá no fundo, sabe disso e precisa destruir Ava, precisa destruir qualquer esperança que Ava ainda possa ter, antes de matá-la.

Linda precisa que Ava saiba que *ela* – não Ava – é quem vai vencer. Que ela é melhor do que Ava.

– Não há como matar a besta – continua Linda, com doçura. – Você poderia ficar aí e se explodir, com ela bem em cima de você, que a coisa sairia ilesa. Não é um animal, não é uma pessoa. É um conceito. É um pacto. É um trato entre os meus avós e o universo que, desde que seja alimentado, garante nosso triunfo. E nós *já* deixaremos de alimentá-la. A besta pode até não querer comer você, mas vai devorar Mack e LeGrand e todos os outros galhos patéticos que cortamos para alimentá-la. Sempre vai estar aqui, e não há absolutamente nada que alguém como você possa fazer a respeito disso.

Ava cerra os dentes. Não quer que sua parte termine agora. Gostaria que tivesse terminado de outra maneira. Mas o universo nunca deu bola para o que Ava gostaria.

– Cala a boca e atira, sua vaca – diz.

Um tiro ecoa pelos ares.

Mais um tiro, e, desta vez, vem de tão perto que Mack repara e fica com medo. Aperta o passo, se movimenta com uma velocidade que não sabia que tinha. Para alguém que costumava se perguntar se não teria sido melhor ter morrido junto com a família, Mack toma consciência, de forma súbita e

desesperada, de como é fácil morrer e do quanto não quer que isso aconteça.

Ava sente o disparo da arma, o poder do tiro, reverberar por todo o corpo. E fica olhando Linda soltar o rifle e ir cambaleando para trás, enquanto o roupão floral desabrocha, em um tom de escarlate fresco, antes de a velha cair de costas no chão.

LeGrand sai de trás do muro onde estava escondido, chuta a pistola enfeitada de Linda para o lado.

– Acabaram-se as balas – diz, como se não fosse nada de mais. – Anda. Mack deve estar chegando.

Ele segura um dos lados da caixa de proteção do gerador e Ava, ainda sem saber direito como não foi baleada, segura o outro. Juntos, os dois arrastam o gerador até seu devido lugar.

– Está bom aqui? – pergunta LeGrand.

Ava não tem certeza, mas não dá para dizer que eles têm tempo de sobra. Mack vai chegar a qualquer momento. Tem que chegar. Mack vai conseguir.

Ava tira a tampa do tanque de gasolina e torce a camiseta de Christian, para conseguir enfiá-la dentro do tanque, até encostar no combustível. “Por favor”, reza, tomando o cuidado de dirigir a oração apenas ao deus de sua mãe e não a quaisquer outros que possam estar ouvindo naquele lugar amaldiçoado. “Por favor, que tenha gasolina o bastante.”

As setas deixadas por Atrius acabam.

Mack está em uma encruzilhada. Duas trilhas se bifurcam, em um labirinto mortal, e ela não pode se dar ao luxo de ir por uma trilha que não foi marcada.

Talvez Atrius tenha vindo de um ponto diferente. Talvez não tenha marcado aquela trilha. O parque inteiro foi planejado para conter um monstro, para confundir, distorcer e dar meia-volta, para que a besta predadora nunca se afastasse muito do labirinto, e para que suas presas também fossem engolidas por ele. O parque cumpre sua função inacreditavelmente bem.

Mack ouve o bater dos cascos logo atrás dela, todo o trajeto que percorreu

coberto em meras batidas de coração, em uma contagem regressiva até sua morte.

– Ava – sussurra, fechando os olhos.

Algo a cutuca do lado direito. Se é a força da gravidade exercida por Ava, esperança ou loucura, Mack não sabe, mas logo vai descobrir.

Linda geme. Ava sua. LeGrand fica parado de pé, perto da mureta de pedra, que bate em sua cintura e acompanha a trilha que leva para dentro do parque. Observando. Esperando.

Mack para de supetão, com o coração apertado, de tanto pavor.

Ela não escolheu a trilha que leva até o portão. Correu direto para seu primeiro esconderijo. Para a barraquinha dos patos, de teto afundado, aquela que a escondeu, onde estabeleceu seu vínculo com Ava, que forneceu a Ava as ferramentas para pular a cerca.

Mas não representa mais segurança, não representa esperança. É justamente a direção contrária da que Mack estava tentando ir. Ela está mais embrenhada no labirinto agora, indo na direção errada. Sabe como chegar ao pavilhão dali, mas isso exige dar meia-volta e ir *de encontro* às batidas de casco incessantes e pacientes, vindo na sua direção.

Mack corre para a frente, tentando corrigir o curso, tentando voltar para a direção certa. Agora está desorientada, revirada, enroscada. O coração bate acelerado e ela respira com dificuldade e vai morrer e aí LeGrand vai morrer e aí Ava vai morrer e, mais uma vez, será tudo culpa dela. Foi Mack quem decidiu voltar para o parque. Foi o seu egoísmo.

Mack tropeça e esbarra em um carrinho de montanha-russa solitário, à espreita, no meio do caminho.

Ela precisa de tempo. Precisa ganhar tempo para descobrir onde está, caramba.

O carrinho de montanha-russa olha para ela, exausto, o rosto pintado de uma vaca resignada implora para Mack olhar para o que ele está vendo.

Mack se vira. Os trilhos estão bem ao lado dela, um caminho de madeira que leva para longe da trilha traidora que escolheu, e sobe, sobe, sobe pelo

meio das árvores. Mack não consegue enxergar onde termina, por conta daquele túnel de galhos e mato. Obviamente, não é um caminho que vai levá-la até o portão. Mas, talvez, quem sabe, pode salvar sua vida.

Mack pula nos trilhos e sobe correndo, até o topo.

Quando foi construída, a Corrida do Gado era uma maravilha da engenharia. A maioria das montanhas-russas era feita para ser recolhida, algo portátil, fácil de desmontar, transportar e remontar, dependendo de onde o dinheiro entrava ou não entrava.

Para demonstrar quão cheio de dinheiro, quão seguro e permanente era o Parque de Fascinações, Lillian Nicely Smith encomendou um colosso de madeira e metal, a maior montanha-russa que já havia sido feita até então. Aquela era uma montanha-russa que jamais seria desmontada e levada para outro lugar, uma prova grandiosa, em termos de altura, subidas, descidas e curvas, de que as coisas construídas em Asterion eram feitas para durar para sempre.

Era a atração mais popular do parque, tão rápida e cheia de voltas que havia cestos exclusivos para vomitar ao final do trajeto, projetados para os desafortunados tripulantes que desciam cambaleando e perdiam o almoço pelo qual tinham pago caro demais. O revolucionário russo assolado pelo vazio existencial favorito de Ian teria escrito que aquele era um exemplo perfeito tanto da engenhosidade quanto do exagero típicos dos Estados Unidos.

Realmente, até o infeliz incidente da garotinha perdida, a Corrida do Gado era a atração mais notória e famosa de todo o parque.

Mas tudo, um dia, chega ao fim. O parque fechou. Mesmo que a montanha-russa fosse portátil, ninguém ia querê-la, porque ninguém precisava de nada daquele parque, a não ser da coisa que jamais saía dele, que dormia bem no centro, que só acordava a cada sete anos para devorar, abençoar e dormir novamente.

E acontece que essa montanha-russa não tinha sido, de fato, construída para durar para sempre. Na metade da primeira grande subida, o pé de Mack fica preso em uma tábua apodrecida.

– Merda – suspira, caindo com força de joelhos, a panturrilha fica crivada de farpas de madeira, saídas do buraco feito pelo pé de Mack. Sem se preocupar se ia machucar mais a pele, mesmo por baixo das calças que está usando, Mack puxa a perna. Sobe correndo a ladeira íngreme, com toda a velocidade e a leveza que consegue ter, com a determinação vazia aperfeiçoada pelos anos e anos que passou sem fazer nem ser nada. Mack é leve como a lembrança da risada de sua mãe, suave como a sensação de passar a mão na cabeça raspada de Ava, tênue como um pato feito por uma criança a partir de lã amarela e encardida.

Mack chega no topo dos trilhos da montanha-russa e sente um frio na barriga ao ver que o parque se esparrama à sua volta, que as árvores foram, finalmente, derrotadas.

Eis o portão! E eis um caminho que atravessa o labirinto, uma volta tortuosa até a esperança.

Ela consegue sentir aquele bafo quente e úmido da morte na nuca. Não olha para trás. Mack se atira trilho abaixo, os pés mal acompanham o impulso, e ela pula por cima de um enorme buraco, onde os trilhos desabaram por completo. Mack cai com força, rola e levanta, toda decorada de farpas. Ouve um barulho terrível, de algo caindo, logo atrás dela, e não se vira para olhar, mas espera ouvir algo – um gemido animalesco grave de dor ou pânico, alguma indicação de que o monstro caiu, diminuiu o passo –, só que não ouve nada.

Mesmo assim, conseguiu ganhar uns poucos segundos preciosos. Continua correndo, os olhos traçando os trilhos, procurando o ponto no qual precisa sair para encontrar sua rota de fuga.

Por todos os lados, trilhas dentro do parque se desdobram, dando voltas e se distanciando, prometendo segurança, mas na verdade foram feitas para servir de curral para as presas do monstro predador, para facilitar as coisas. Facilitam para o monstro, facilitam para suas presas, facilitam para quem não quer lutar, correr e ter esperança.

Ter esperança é exaustivo, e Mack está quase sem forças.

Uma descida, uma volta, um tropeço, e Mack sente um frio na barriga, receia ter saído do caminho certo. Receia ser obrigada a correr por esses trilhos para sempre, até ser pega. Um *loop* infinito e inútil, não o da

montanha-russa, mas o mesmo *loop* em que Mack sempre esteve presa.

“O sorriso de Ava”, pensa, e ganha velocidade, pula por cima de outra falha nos trilhos e mal percebe quando tropeça e a palma das mãos são varadas por pregos enferrujados. Puxa as mãos, arranca-as dos pregos, e segue em frente.

“A irmã de LeGrand”, pensa, enquanto percorre a última subida, a de que mais precisa, e olha para baixo, para o fosso d’água logo debaixo dela, que tem uma camada de lodo verde por cima, o que torna impossível avaliar sua profundidade. Do outro lado, está o acesso à sua rota de fuga.

Mack não tem tempo de descer pelos trilhos e não sabe qual é a profundidade da água. Se pular e for raso, vai quebrar alguma parte do corpo e vai ser devorada.

Se descer pelos trilhos, vai demorar demais e vai ser devorada.

Ela pensa no pássaro, vivendo para sempre escondido e sozinho na escuridão das vigas. Em segurança. Mas nunca livre.

“Eu”, pensa, “e Maddie”. Mack se atira no ar, flutua por um tempo absurdamente longo, suspensa pela esperança, pelo medo, pelo desespero e por algo, até que enfim, parecido com paz.

– Vem logo, vem logo, vem logo – sussurra Ava, agachada perto do gerador. Não podem fazer isso antes do tempo, senão tudo estará perdido. Precisa cronometrar a ação de modo preciso. LeGrand foi até uma árvore, está observando. Esperando.

Linda está do outro lado da cerca, soltando gemidos de sofrimento. Sua respiração é superficial, de pânico, parece um chiado. Ava sabe, por experiência própria, que esse som não é nada bom. Mas, hoje, sente-se bem ao ouvi-lo.

Finalmente, LeGrand grita. Ava põe fogo na ponta da camiseta, que agora está completamente ensopada de gasolina, depois de ter sido torcida e enfiada pela tampa do tanque, até encostar no que resta de combustível.

– Vai! – grita Ava, acenando para LeGrand. Ele pula da árvore e se esconde, abaixado, atrás da mureta de pedra. A camiseta de Christian agora está pegando fogo de verdade e, se tudo sair como planejado, haverá estilhaços.

Tantos estilhaços.

LeGrand se levanta rápido, ajuda Ava a pular a mureta, e os dois se agacham juntos, perto do local onde, um dia, uma menininha se sentou e bateu os calcanhares na mureta, com seus sapatos de verniz ainda novos e reluzentes.

– Vem logo, vem logo, vem logo – reza Ava, de novo.

A explosão é ensurdecadora, um *bum!* tremendo, pontuado pelos terríveis gritos do metal. Ava e LeGrand são jogados para trás, ficam atordoados, enquanto, ao redor deles, chove fragmentos de metal, torrões de terra e alguns pedaços de concreto compactado.

Os dois ficam de pé, meio trôpegos. Tentam ver se estão machucados e limpam os detritos que caíram sobre eles. Uma risada ofegante chega aos seus ouvidos. Linda, ainda deitada de costas, gorgoleja e ri novamente.

– Vocês acenderam antes do tempo. A besta nem tinha chegado.

Ava vai até os destroços do gerador que explodiu e então olha para Linda, através do portão.

– Linda, sua bobinha. A gente não estava tentando explodir o *monstro*.

A risada de Linda se transforma em uma tosse, e ela se apoia nos cotovelos para ver o que os dois fizeram.

Mack corre entre as árvores, de olhos arregalados, coberta por uma gosma verde, toda ensopada, e é a coisa mais linda que Ava já viu na vida.

Mack para de correr, ofegante, e tenta absorver aquela destruição. O portão, com seus símbolos ancestrais em ferro fundido, que foi mantido fechado por quase um século para aprisionar o monstro, pende, caído, por uma única dobradiça. Está destruído e não tem mais conserto. No alto do portão, apenas um símbolo, um labirinto – que foi soldado com todo o cuidado, quando fizeram o parque temático –, permanece de pé.

Só que o labirinto também foi derrotado, a besta foi conduzida para fora do labirinto feito para mantê-la longe do portão, para mantê-la longe das pessoas que ficavam do outro lado do portão.

LeGrand, Mack e Ava quase não se lembram de que há um horror indescritível no encalço deles, estão tão felizes por terem se reencontrado,

tão admirados com aquela destruição. Mas um bater de cascos, mais *sentido* na alma do que ouvido, os atíça. Sobem pelos destroços retorcidos do portão, um ajuda o outro. O carro de Linda espera por eles, com as chaves ainda na ignição.

– Parem – diz Linda, em um suspiro, abanando as mãos empapadas de sangue no ar, em vão, como se ainda pudesse agarrá-los, obrigá-los a ficar.
– Vocês não podem deixar a besta sair! Vocês precisam voltar lá para dentro! Se alimentarem a besta antes de ela chegar ao portão, a besta vai voltar para o meio do parque! Por favor. Vocês não sabem o que vai acontecer.

Ava, Mack e LeGrand se entreolham.

– Talvez a besta coma a quantidade que falta de pessoas da cidade e depois volte a dormir por mais sete anos – diz LeGrand. – Ou talvez, desapareça.

– Ou talvez, agora que nada mais a prende, coma todo mundo – diz Ava.
– Ou seja: uma hora, vai atrás de vocês de novo.

Mack olha para o labirinto que abrigava um monstro que se alimentava de juventude, de esperança e de sonhos postergados. Que mastigava pessoas vulneráveis, para que as pessoas que estavam no poder pudessem *continuar* a ter seu poder, pudessem continuar em segurança, pudessem continuar com tudo.

O monstro surge no meio das árvores, faminto, incontrollável e descontrolado, livre, enfim. Estica a cabeça, ergue-se até ficar completamente de pé, com uma altura terrível, o sol emoldurado em cima de sua coroa de chifres, feito um disco de ouro ardente. A coisa dá um passo na direção do portão, não funga mais, não fareja mais. Não vai ter dificuldade para encontrar sua próxima refeição.

Mack atira o rifle que Linda largou para Ava. Em seguida, faz sinal para LeGrand e Ava entrarem no carro. Então se agacha ao lado de Linda, o sangue fresco pinta a barriga da mulher, um canto de sereia, que atrai o monstro, guia seus últimos passos, até o portão destruído.

Até a liberdade.

Até sabe-se lá qual fim destrutivo.

– Por favor – sussurra Linda, o sangue pintando seus lábios pálidos. –

Você é da família Nicely. Você entende. Ajude-me, senão a besta vai nos destruir.

Mack tira o sapato e o lenço, com seu delicado bordado, do bolso. Coloca o sapato em cima do peito de Linda e põe o lenço no ferimento que a velha tem na barriga. O tecido de algodão fica empapado de sangue primeiro, um fundo carmesim para a palavra “Nicely”, antes bordada no mais puro branco, até que o nome também fica empapado.

Mack dá de ombros, levanta e se vira para o carro.

– Estou pouco me fodendo.

AGRADECIMENTOS

Quando minha filha mais velha estava no oitavo ano, o anuário da turma publicou uma reportagem sobre o projeto especial de Artes que ela havia feito: uma imitação de vitral, em papel, nas janelas da escola. O objetivo? Evitar que atiradores consigam ver o interior da sala de aula. Desde os cinco anos de idade, as crianças estadunidenses são obrigadas a realizar treinamentos para se protegerem de massacres em escolas. Aprendem a se esconder para não levar um tiro e, como proteção, permitimos que elas usem *arte*. Em uma disputa de Arma, Papel, Tesoura, qual sai ganhando?

Então... Eu também só tenho a arte e escrevi *Hide* como um grito de raiva, mas contei com muita ajuda.

O livro tirou proveito de duas trilhas sonoras: o álbum *Content*, da banda Joywave, enquanto deixei as ideias amadurecerem por uns dois anos; e a música “Eye”, do Smashing Pumpkins, que escutei várias e várias vezes enquanto escrevia e precisava dizer para o meu cérebro onde ele devia estar. Apesar de não ser uma música, o ensaio “Coney Island”, de Maksim Gorky, está à altura de qualquer canção, no quesito puro lirismo. E, além disso, ele conta com a única descrição detalhada da famigerada atração Portão do Inferno, responsável pelo incêndio que, tragicamente, em 1911 reduziu a cinzas o Dreamland – um dos parques de diversão de Coney Island, na cidade de Nova York. Também me inspirei no mito do Minotauro e no fato de que tendemos a viver repetindo sempre os mesmos ciclos.

Existe mesmo uma competição internacional de esconde-esconde, o Campeonato Mundial Nascondino. Uma das edições anuais realmente foi realizada em uma cidade abandonada, onde antes havia um *resort*, fato que, quando li a respeito, incendiou meu cérebro. Só que, como esse campeonato tem regras demais e monstros de menos, criei minha própria competição.

A editora que eu mais torcia para servir de guia para *Hide* vir ao mundo era Tricia Narwani, e me sinto muito sortuda por ela também pensar assim. Sou imensamente grata a ela e a Sam Bradbury, da Del Rey UK, a Alex Larned, Bree Gary, David Stevenson, Michelle Daniel, Angela McNally, Simon Sullivan, Ella Laytham, Pam Alders, Craig Adams e à Del Rey como um todo. Quando eu era criança, obcecada por livros de fantasia, procurava as lombadas das obras da Del Rey na livraria, e é uma tremenda honra fazer parte do time de autores dessa editora. Agora, a maioria dos meus livros mora no grupo Penguin Random House, que é uma casa muito, muito, muito boa.

Michelle Wolfson, minha agente, me acompanhou na criação de tantas histórias que ela nem imaginava quando começamos a trabalhar juntas, treze anos atrás, e sou eternamente grata por tê-la como amiga, defensora e sócia. E não peço desculpas, não mesmo, por continuar escrevendo coisas que ela é obrigada a ler com todas as luzes acesas.

Mando um agradecimento especial para os meus primeiros leitores, pelo seus incentivos e comentários inestimáveis: JS Kelley, Lindsay Eagar e Stephanie Perkins. Stephanie e Natalie Whipple me proporcionam amizade e ombro amigo constantes, e todos os dias fico feliz por tê-las em minha vida. Obrigada também a Eliza Jane Brazier, por ser um exemplo de pessoa destemida, que está sempre progredindo e trilhando novos caminhos.

Meu marido e meus três filhos são a fundação de todo o meu mundo, e tudo o que escrevo é porque meus dias são repletos de amor e de apoio. É uma tremenda honra e um prazer constante explorar a vida ao lado de todos vocês.

Por fim, um recado para todos que ainda insistem que venceram na vida sem ajuda de ninguém: façam um favor a si mesmos e se informem mais.

SUA OPINIÃO É MUITO IMPORTANTE

Mande um e-mail para **opinio@vreditoras.com.br**
com o título deste livro no campo “Assunto”.

1ª edição, set. 2022



Mensageira da sorte

Nia, Fernanda

9788592783839

426 páginas

[Compre agora e leia](#)

A SORTE É IMPREVISÍVEL ♦ Em pleno Carnaval carioca, durante uma confusão em um protesto contra a AlCorp, Sam passa a ser uma mensageira temporária no Departamento de Correção de Sorte, uma organização extranatural secreta incumbida de nivelar o azar na vida das pessoas. Para manter esse equilíbrio, os mensageiros devem distribuir presságios de sorte para alguns escolhidos. E o primeiro "cliente" de Sam é justamente o seu novo vizinho e colega de classe, Leandro. O garoto é um youtuber em ascensão e a ajuda dela, na forma de uma mensagem sobre nada menos que paçoca, o impulsiona a fazer um vídeo que o levará para o auge da fama. O que Sam não sabe é que Leandro

também é engajado nos protestos contra a corrupção da AlCorp, sem se preocupar com os riscos que possa correr ou com as chances que tem dado ao azar, e a garota se vê obrigada a usar a sorte do Destino para protegê-lo. Perdida entre seus sentimentos por Leandro e a culpa pela morte de seu pai, Sam começa a compreender a linha tênue entre o livre-arbítrio e o acaso. Com uma boa dose de sarcasmo, ela embarca na dura jornada para desmascarar o que está deteriorando o sistema da Justiça, tanto a natural quanto a extranatural. Em meio a uma rede de intriga, corrupção e poder, a mensageira da sorte precisará fazer as pazes com o passado e lutar até o fim para que a balança do Destino se equilibre outra vez. ♦ "Em Mensageira da sorte, Fernanda Nia mescla seu senso de humor característico com uma sensibilidade ímpar, criando uma história maravilhosa sobre a busca do equilíbrio em meio ao caos." – Bárbara Morais, autora da trilogia Anômalos "Ação e suspense habilmente costurados no humor que flutua entre o leve, o firme e o crítico, resultado de toda a experiência da autora com quadrinhos e outras narrativas. Na sua estreia como autora de romances, Fernanda Nia se torna a mensageira necessária de um excelente presságio, e chega para somar na fantástica cena brasileira que não se esquece de suas raízes e do momento em que vivemos." – Felipe Castilho, autor de Ordem Vermelha e da série O Legado Folclórico

[Compre agora e leia](#)



A maldição de Excalibur

White, Kiersten

9786588343265

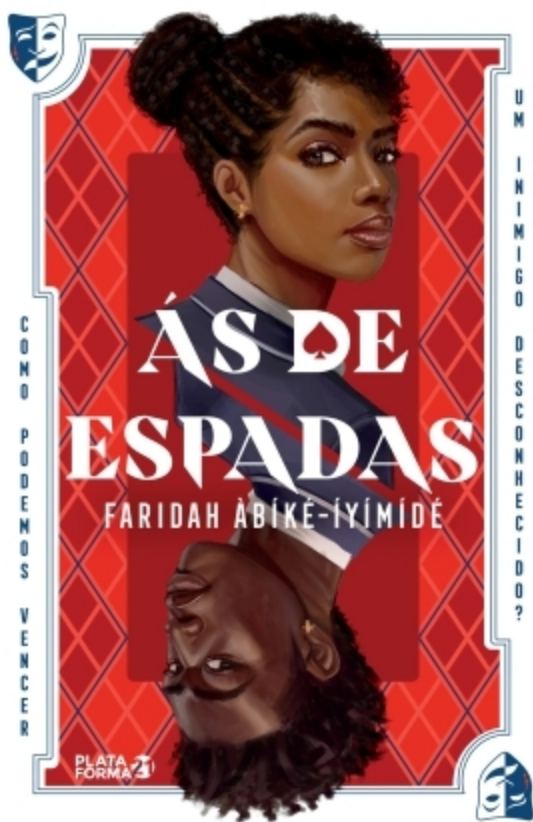
400 páginas

[Compre agora e leia](#)

Em sua viagem para o norte em direção à Rainha das Trevas, Guinevere cai nas mãos de inimigos. Como aliados, ela tem Lancelote, presa pela barreira mágica criada para proteger Camelot, e Arthur, afastado de seu reino e guiado por falsas promessas. Mas o maior perigo não é o que Guinevere poderá encontrar no caminho adiante, e sim aquilo que foi enterrado dentro dela. Jurando desvendar a verdade a respeito de seu passado, com ou sem a ajuda de Merlin, a jovem une-se à feiticeira Morgana e ao filho dela, Mordred. Com isso, Guinevere também terá de enfrentar os confusos e proibidos sentimentos que tem pelo rapaz. E Guinevere está determinada a colocar tudo em seu devido lugar, não importa o quão alto for o preço a ser pago. Ela deve enfrentar o mal crescente, deve

recuperar um reino, deve desfazer os erros cometidos no passado... mesmo se tudo isso significar destruir a si mesma. Esta é a conclusão emocionante da aclamada trilogia arturiana de Kiersten White. A jovem Guinevere já foi uma intrusa, uma bruxa e uma rainha – mas o que significa, afinal, ser simplesmente uma garota?

[Compre agora e leia](#)



Ás de espadas

Àbíké-Íyímídé, Faridah

9786588343128

448 páginas

[Compre agora e leia](#)

Quando Chiamaka e Devon, alunos da Academia Particular Niveus, são selecionados como parte da alta hierarquia escolar e passam a ser chefes de turma, parece um excelente começo de ano para os dois. Afinal, isso representa muito em seus currículos para entrar em boas universidades. Pouco tempo depois da importante nomeação, no entanto, alguém chamado "Ases" começa a enviar mensagens para todos os alunos da escola, revelando segredos dos dois jovens. São detalhes íntimos de suas vidas, ameaçando seus futuros planejados com tanto esforço. E o que parecia apenas uma brincadeira de mau gosto rapidamente transforma-se em um jogo perigoso e assustador. Com todas as cartas contra eles, Chiamaka e Devon serão capazes de parar Ases? Suspense intenso, Ás de espadas

é uma contundente crítica social que escancara o racismo, a homofobia e o preconceito de classe ainda presentes na nossa sociedade, colocando Faridah Àbíké-Íyímídé entre as mais importantes vozes da atualidade.

[Compre agora e leia](#)



Maze Runner: Correr ou morrer

Dashner, James

9788576835301

428 páginas

[Compre agora e leia](#)

Correr ou Morrer LEMBRE CORRA SOBREVIVA Ao acordar dentro de um escuro elevador em movimento, a única coisa que Thomas consegue se lembrar é de seu nome. Sua memória está completamente apagada. Mas ele não está sozinho. Quando a caixa metálica chega a seu destino e as portas se abrem, Thomas se vê rodeado por garotos. "Bem-vindo à Clareira, fedelho." A Clareira. Um espaço aberto cercado por muros gigantescos. Assim como Thomas, nenhum deles sabe como foi parar ali. Nem por quê. Sabem apenas que todas as manhãs as portas de pedra do Labirinto que os cerca se abrem, e, à noite, se fecham. E que a cada trinta dias um novo garoto é entregue pelo elevador. Porém um fato altera de forma radical a rotina do lugar: chega uma garota, a primeira

enviada à Clareira. E mais surpreendente ainda é a mensagem que ela traz consigo. Thomas será mais importante do que imagina. Mas para isso terá de descobrir os sombrios segredos guardados em sua mente e correr... correr muito! Correr ou Morrer é o primeiro volume da saga Maze Runner, uma série que já conquistou milhares de fãs em todo mundo. Escrita pelo americano James Dashner, é um thriller asfixiante, repleto de ação e suspense psicológico. Aclamado pela crítica como um dos melhores livros de 2009, chegou as telas dos cinemas em 2014 em uma adaptação da dos estúdios Fox. #Livro best-seller do New York Times #Sucesso também nos cinemas #Autor referência em livros para Jovens Leitores #Sucesso de vendas no Brasil

[Compre agora e leia](#)



Aos perdidos, com amor

Kemmerer, Brigid

9788592783372

452 páginas

[Compre agora e leia](#)

Juliet Young sempre escreveu cartas para sua mãe. Mesmo depois da morte dela, continua escrevendo – e as deixa no cemitério. É a única coisa que tem ajudado a jovem a não se perder de si mesma. Já Declan Murphy é o típico rebelde. O cara da escola de quem sempre desconfiam que fará algo errado, ou até ilegal. O que poucos sabem é que, apesar da aparência durona, ele se sente perdido. Enquanto cumpre pena prestando serviço comunitário no cemitério local, vive assombrado por fantasmas do passado. Um dia, Declan encontra uma carta anônima em um túmulo e reconhece a dor presente nela. Assim, começa a se corresponder com uma desconhecida... exceto por um detalhe:

Juliet e Declan não são completos desconhecidos um do outro. Eles estudam na mesma escola, porém são tão diferentes que sempre se repeliram. E agora, sem saber, trocam os segredos mais íntimos. Mas, aos poucos, a vida real começa a interferir no universo particular das confidências. E isso pode separá-los ou uni-los para sempre. Entre cartas, e-mails e relatos, Brigid Kemmerer constrói uma trama intensa, repleta de descobertas e narrada sob o ponto de vista dos dois personagens. Uma história de amor moderna de arrebatador o coração.

[Compre agora e leia](#)